



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Que o menor mal de todos seja a morte:
***O reino proibido*, de Jan Jacob Slauerhoff**

Daniel Lara González

CAMPINAS

2024

Daniel Lara González

**Que o menor mal de todos seja a morte:
O reino proibido, de Jan Jacob Slauerhoff**

Dissertação apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Teoria e História Literária, na área de Teoria e Crítica Literária.

Orientador: Prof. Dr. Mario Luiz Frungillo

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL
DA DISSERTAÇÃO/TESE DEFENDIDA PELO ALUNO
DANIEL LARA GONZÁLEZ E ORIENTADA PELO
PROF. DR. MARIO FRUNGILLO

**CAMPINAS
2024**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Ana Lucia Siqueira Silva - CRB 8/7956

G589q González, Daniel Lara, 1987-
Que o menor mal de todos seja a morte : O reino proibido, de Jan Jacob Slauerhoff / Daniel Lara González. – Campinas, SP : [s.n.], 2024.

Orientador: Mario Luiz Frungillo.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Slauerhoff, Jan Jacob, 1898-1936. 2. Literatura holandesa. 3. Camões, Luis de, 1524?-1580. 4. Modernismo (Literatura). I. Frungillo, Mario Luiz, 1960-. II. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações complementares

Título em outro idioma: May death be the least worst of all : The forbidden kingdom by Jan Jacob Slauerhoff

Palavras-chave em inglês:

Slauerhoff, Jan Jacob, 1898-1936

Dutch literature

Camões, Luis de, 1524?-1580

Modernism (Literature)

Área de concentração: Teoria e Crítica Literária

Titulação: Mestre em Teoria e História Literária

Banca examinadora:

Mario Luiz Frungillo [Orientador]

Patrícia da Silva Cardoso

Eduardo Sterzi de Carvalho Júnior

Data de defesa: 05-12-2024

Programa de Pós-Graduação: Teoria e História Literária

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)

Não se aplica

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0009-0007-9839-8684>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/1892676488864764>

BANCA EXAMINADORA:

Mario Luiz Frungillo

Patrícia da Silva Cardoso

Eduardo Sterzi de Carvalho Júnior

**IEL/UNICAMP
2024**

Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.

AGRADECIMENTOS:

Agradeço:

Ao meu pai, por ter me mostrado a cultura argentina

À minha mãe, por ter me mostrado a cultura brasileira

À minha irmã, por ter me mostrado a cultura norte-americana

Ao Acda & De Munnik, por ter me mostrado a cultura holandesa

Ao Carlos Freire, por ter me mostrado o mundo

Além da banca, Patrícia Cardoso e Eduardo Sterzi, que fez diversas observações pertinentes, tanto na dissertação quanto na tradução do romance.

E em especial ao meu orientador, Mario Frungillo, assim como UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas).

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), Código de Financiamento 001, e FAEPEX (Fundo de apoio ao ensino, pesquisa e extensão).

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar ao público brasileiro a vida e a obra de Jan Jacob Slauerhoff (1898-1936), o principal poeta maldito holandês e um dos precursores do modernismo em seu país, com enfoque em seu mais importante romance, *O reino proibido* (1932), sobre a vida do poeta português Luís de Camões, desde seu exílio até após a escrita de *Os Lusíadas*, no século XVI, e de um radiotelegrafista irlandês inomeado, no século XX. A vida de Slauerhoff é indissociável de sua obra, portanto, além de mostrá-la mais detalhadamente, veremos como suas inúmeras viagens mundo afora influenciaram suas obras.

Palavras-chaves: Slauerhoff, Literatura holandesa, Camões, Modernismo

ABSTRACT

The purpose of this work is to present to the Brazilian readers the life and work of Jan Jacob Slauerhoff (1898-1936), a major Dutch poète maudit and one of the precursors of modernism in his country, focusing on his most important novel, *The forbidden kingdom* (1932), about the life of the Portuguese poet Luís de Camões, from his exile until after the writing of *Os Lusíadas*, in the 16th century, and an unnamed Irish radiotelegraphist, in the 20th century. Slauerhoff's life is inseparable from his work, therefore, in addition to showing it in more detail, we will see how his numerous trips around the world influenced his works.

Keywords: Slauerhoff, Dutch literature, Camões, Modernism

SUMÁRIO

BIOGRAFIA	09
RESUMO GERAL DA OBRA LITERÁRIA.....	17
RELAÇÃO COM A AMÉRICA LATINA	22
O REINO PROIBIDO	32
1.1 .A ESCRITA DE <i>O REINO PROIBIDO</i>	32
1.2 A RECEPÇÃO NA HOLANDA E NO EXTERIOR	54
1.3. A RECEPÇÃO NO BRASIL	68
1.4. A TRADUÇÃO BRASILEIRA	78
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	81
ANEXO I: TRADUÇÃO DE <i>O REINO PROIBIDO</i>	88
ANEXO II: TRADUÇÃO DE <i>ÚLTIMA APARIÇÃO DE CAMÕES</i>	234

BIOGRAFIA

Jan Jacob Slauerhoff nasceu no dia 14 de setembro de 1898, às onze e meia da noite, em Leeuwarden, capital da Frísia, província holandesa. Foi o quinto de seis filhos de Jan Jacob Slauerhoff – ele tinha o mesmo nome do pai, que não mencionaremos mais – e Cornelia Pronker.

Desde muito pequeno Slauerhoff sofria com problemas de saúde, que carregaria pelo resto da vida. Devido à parca saúde, Jan frequentemente precisava da ajuda das irmãs ou da mãe. No jardim de infância, Slauerhoff tinha ataques de asma. (HAZEU 1995: 23) Usava óculos desde os seis anos de idade e, devido ao físico franzino, sofria intimidações no pátio da escola. (KRIJGER 2003: 22)

Durante sua vida toda Jan teve uma saúde bastante debilitada, sofreu muito com as condições climáticas de países estrangeiros que visitou, teve ataques de asma, sangramento intestinal, influenza, malária, pneumonia, tuberculose, como veremos adiante. (VAN DEN NESTE 2013: 12).

No fim da adolescência, Jan foi colega escolar de outro futuro grande escritor, Simon Vestdijk (1898-1971). Vestdijk é o autor holandês com o maior número de indicações ao Prêmio Nobel de Literatura – mais de trinta¹ – e frequentemente considerado um dos grandes escritores de seu país no século XX. O próprio Vestdijk escreveu em *Gestalten tegenover mij* (Figuras à minha frente, 1960-1961) sobre o período escolar com Jan (os trechos em colchetes são de Wim Hazeu, biógrafo de Slauerhoff):

Lembro-me de Slauerhoff, desde o início, como extraordinariamente fascinante. Entre estudantes, isso não era motivo para fazer uma amizade, especialmente quando se tem um ano [escolar] de diferença e se mora na Frísia; e percebi pela primeira vez que ele tinha algo especial quando houve rumores de que, uma noite, ele falaria sobre literatura russa na Eloquentia, a associação escolar. Isso foi em 1916 [deve ter sido 1915], um [dois] anos antes da revolução, que parece tê-lo interessado por um tempo. Parece-me muito provável que esta escolha de tema, tão estranha aos nossos olhos, tenha sido apenas um protesto contra a rotina francês-alemão-inglês e nada mais. A palestra em si, aparentemente extraída de um livro didático, sem uma nota pessoal, achei decepcionante. Foi uma palestra muito boa e sólida sobre tudo entre Púchkin e Górkki, e é isso. Um jovem estudioso!² (VESTDIJK in HAZEU 1995: 51)

¹ https://www.nobelprize.org/nomination/archive/show_people.php?id=9633 (acessado em 02/08/23)

² Tradução nossa para: “Slauerhoff herinner ik mij van het begin af aan als ongewoon fascinerend. Onder schooljongens is dat geen reden om vriendschap te zoeken, vooral niet wanneer ze een [school]jaar verschillen, en in Friesland wonen; en dat hij iets bijzonders had, maakte ik mij ook eerst bewust, toen het gerucht ging, dat hij op een avond van Eloquentia, de schoolvereniging, spreken zou over de Russische

Edgar du Perron (1899-1940), posteriormente amigo e editor de Jan e ele mesmo considerado um dos grandes escritores holandeses do século passado, graças ao seu romance *Het land van herkomst* (O país de origem, 1935), ao ver uma foto de juventude de Slauerhoff, três anos depois da morte deste, o descreveu assim no *Bataviaasch Nieuwsblad* de 7 de janeiro de 1939:

“Slauerhoff tinha um rosto curioso, não só assimétrico, mas autocontraditório. Além disso, dá para imaginar que não era tão doido o que ele dizia de si mesmo: “Às vezes me sinto um chinês reencarnado.” Pode-se também ver algo russo nele: um jovem poeta camponês russo, provavelmente com sangue mongol. [...] Rimbaud também poderia ter sido um jovem vagabundo, com nada além de um pouco de coragem e ociosidade.”³ (DU PERRON in HAZEU 1995: 52)



Slauerhoff em 1915, aos 16 ou 17 anos.
Foto: HAZEU 1995 (caderno de imagens)

Posteriormente, tanto Vestdijk quanto Slauerhoff mudaram-se para Amsterdã, pois ambos queriam cursar medicina na universidade.

A essa altura da vida, Slauerhoff só falava de literatura francesa, comprava livros franceses e tinha retratos de Rimbaud e Verlaine pendurados em seu quarto (HAZEU 1995: 55). Em 1919, diziam que “Jan tinha um gosto estranho”, pois lia Pierre Louÿs,

literatuur. Dat was in 1916 [moet zijn 1915], dus een [twee] jaar voor de revolutie, waarvoor hij een tijdlang belangstelling schijnt te hebben gehad. Het lijkt mij het waarschijnlijkst, dat deze, in onze ogen zo sonderlinge keuze van onderwerp alleen maar een protest belichaamde tegen de sleur van Frans-Duits-Engels en niet anders. De lezing zelf, kennelijk uit een leerboek geput, zonder persoonlijke noot, viel mij tegen. Het was een zeer goede, zeer degelijke lezing over alles tussen Poesjkin en Gorki, en daarmee afgelopen. Een jonge geleerde!”

³ Tradução nossa para: “Slauerhoff had een merkwaardig gezicht, niet allen asymmetries, maar in zichzelf tegenstrijdig. Bovendien kan men erbij fantaseren, dat het nog zo gek niet was wat hij van zichzelf zei: "Ik voel me soms een gereïncarneerden Chinees." Men kan er ook iets Russisch in zien: een jong Russisch boerendichter, met mongools bloed waarschijnlijk. [...] Ook Rimbaud had een jonge landloper kunnen zijn, met niets dan wat lef en loosheid.”

Stefan George, Baudelaire e os holandeses Herman Gorter e P.C. Boutens. (HAZEU 1995: 56)

Também foi nessa época que Slauerhoff teve seu primeiro contato com o espiritismo. Até então, a Holanda era um país majoritariamente protestante. O próprio Slauerhoff, numa entrevista, muitos anos depois, comentou sobre o assunto:

Não estou convencido da reencarnação como os teosofistas a imaginam, mas é muito parecida com isso. Creio que algumas características de uma vida passada passam para outra. Não acho que Camões foi reencarnado. Observe isso especialmente em conexão com *O reino proibido*. Porque na Holanda você tem que ter cuidado.⁴ (HAZEU 1995: 59)

Já cursando medicina, Slauerhoff sentia-se cada vez mais irmão dos “poètes maudits”. Sua estante dessa época consistia em: *Les roses de France* e *Les chimères*, de Gérard de Nerval; *Oeuvres complètes*, de Paul Verlaine; *Ubu roi* e *Poèmes*, de Alfred Jarry; *Alcools*, de Apollinaire; *Oeuvres complètes*, de Jules Laforgue. Décadas depois, Slauerhoff verteu para o holandês a novela *Hamlet ou les suites de la piété filiale*, de Laforgue, tradução que só seria publicada postumamente, em 1962. (HAZEU 1995: 86 e 87)

Entre fevereiro de 1917 e fevereiro de 1920, Slauerhoff publicou seus primeiros poemas e textos em prosa, muitos escritos em francês, em jornais estudantis.

Slauerhoff era um amante de idiomas: além das línguas estudadas na adolescência, francês, alemão e inglês, aos vinte e poucos anos, passou a se interessar por sânscrito, latim e grego graças a uma namorada, Truus de Ruyter, uma mulher bastante culta e estudante de literatura holandesa na universidade (anos depois, já adulto, ele também aprenderia espanhol, português e chinês). Graças a Ruyter, também, a poesia de Slauerhoff começou a ficar “séria” e sofreu influência da poesia grega. A partir de 1921 ele começou publicar poesias em revistas mais sérias, como *Het Getij*.

Em 1922 Slauerhoff decidiu fazer uma viagem de navio para Bordeaux e Porto. Essa viagem mudaria sua vida, em muitos sentidos. Chegando em Porto, visitou cafés, como A Brasileira e Café Majestic, e foi à Vila Nova de Gaia. Foi em Porto que ouviu pela primeira vez fado, música e língua desconhecidas para ele. (HAZEU 1995: 140 e 141) Portugal o impressionou muito (veremos mais sobre isso no capítulo dedicado a

⁴ Tradução nossa para: “Ik ben niet overtuigd van de reïncarnatie zoals de theosophen zich denken, maar het lijkt er wel erg veel op. Ik geloof wel dat sommige eigenschappen van een vroeger leven in een ander overgaan. Ik hou me niet voor een reïncarnatie van Camões. Noteer dat vooral in verband met *Het verboden rijk*. Want in Holland moet je voorzichtig zijn.”

como *O reino proibido* foi escrito) e o influenciou na vida pessoal e autoral. Foi nessa viagem que Slauerhoff percebeu sua conexão com o mar e viagens e decidiu se tornar médico de bordo.

Até o fim da vida, ele conheceria centenas de cidades e países, inclusive o Brasil. Para ser ter uma noção da quantidade de locais, em *Slauerhoff in zelfbeelden* (Slauerhoff em autorretratos, 2003), de Etto Krijger, há uma lista com nada menos de 30 páginas registrando todas as cidades que Slauerhoff conheceu. Aqui, falaremos apenas de algumas dessas viagens.

Em 1923 Jan Jacob Slauerhoff publicou seu primeiro livro de poesia, *Archipel* (Arquipélago) – veremos em detalhes todos os seus livros publicados no capítulo sobre as obras de Slauerhoff.

No ano seguinte, aos vinte e cinco anos, ele fez a primeira de várias grandes viagens como médico de bordo. O navio passou e/ou atracou em Southampton (Inglaterra), Cabo Finisterra (Espanha), Gibraltar, Mar Mediterrâneo, Algiers (Argélia), Porto Said (Egito), Canal de Suez, Golfo de Suez, Mar Vermelho, Península Arábica, Arquipélago Crozet, Oceano Índico, Mucala (Iêmen), Colombo (então Ceilão, atual Sri Lanka), Sabang e Batávia (então Índias Holandesas, atual Indonésia). (HAZEU 1995: 193)



Slauerhoff em sua cabine no navio Tjikembang, janeiro de 1927.

Foto: Literatuurmuseum

Entre 1925 e 1927 ele fez sua segunda grande viagem como médico de bordo, destino: extremo oriente, China e Japão. Ali, coletou material para suas chamadas obras chinesas: poemas, contos e romances, como *O reino proibido* e *Het leven op aarde* (A

vida na terra). (HAZEU 1995: 226) O crescente interesse de Slauerhoff pela China será aprofundado no capítulo sobre como *O reino proibido* foi escrito.

Em 1926 publicou seu segundo livro de poemas, *Clair-obscur* (Claro-obsuro).

O autor fez sua terceira grande viagem à América do Sul, em 1928 – sua visita ao Brasil e sua relação com o país será aprofundada no capítulo dedicado a esse assunto. Nesse mesmo ano ele publicou mais dois livros de poesia, *Eldorado* e *Oost-Azië* (Ásia Oriental), este último sob o pseudônimo de John Ravenswood.

Por causa da falta de dinheiro, em 1929, Slauerhoff permaneceu na Holanda e trabalhou num consultório em Utrecht, focando-se em dermatologia.

Em 1930 ele conheceu Darja Collin, uma professora de balé e uma das primeiras bailarinas holandesas de renome internacional. Eles se casaram nesse mesmo ano. Também em 1930 Slauerhoff publicou seus primeiros livros de contos: *Het lente-eiland* (*Kau-Lung-Seu*) (A ilha-primavera (Kau-Lung-Seu)) e *Schuim en asch* (Espuma e cinza). O autor conheceu diversos países junto de Darja, além de por meio de seu trabalho como médico de bordo.



Darja e Slauerhoff, 1934.

Foto: Literatuurmuseum

Em 1932 o casal teve o primeiro e único filho, Juan Darito, que morreu no parto. Nesse mesmo ano Jan também publicou a edição em livro de *O reino proibido*.

Het leven op aarde (A vida na terra), seu segundo romance, foi publicado em 1934. Pouco depois Slauerhoff separou-se de Darja.

Em 1935 ele fez as últimas grandes viagens como médico de bordo. Entre outros locais, circulou toda a África: Djibouti, Zanzibar, Moçambique, África do Sul, Camarões, de novo, só para mencionar alguns poucos locais. (KIJGER 2003: 63, 66 e 67)

À caminho da costa oeste africana, Slauerhoff teve muitas dores de cabeça, febre, bronquite. Suspeitava de malária. (HAZEU 1995: 686). Em Gênova, Itália, seu destino final, um médico deu um diagnóstico mais duro: uma forma pesada de malária e uma ameaçadora febre da água negra. (HAZEU 1995: 687). Slauerhoff escreveu ao amigo Terborgh, em 1936:

Se eu estiver navegando ou na Europa, minha bronquite com certeza vai se tornar crônica e já estou começando a ter enfisema. Portanto, tenho que encontrar um bom clima, onde possa fazer algum trabalho prático a longo prazo. Portanto, não na Europa, não no Marrocos. Na América Central pode dar certo, um planalto a 1000m, bem tropical, é bom.⁵ (SLAUERHOFF in HAZEU 1995: 703)

Já por essa época, ele recebeu outro diagnóstico: tuberculose. Ao ir visitá-lo, seus amigos ficaram impressionados: Slauerhoff estava muito magro, com apenas 58 quilos, pouco para um homem tão alto, os pulmões mal se enchiam e a barba arruivada e descuidada crescia rapidamente. (HAZEU 1995: 706)

Slauerhoff ainda sonhava com produtividade. Queria traduzir *Doña Bárbara*, romance do venezuelano Rómulo Gallegos, e viajar de novo. No dia em que deveria ter partido para mais um país, Costa Rica, ele escreveu a Caridad, uma amiga:

Decepção total. No momento passo quase o dia inteiro na cama. Confesso que tive algumas hesitações em janeiro. [...] Costa Rica é o país da América do Sul de que eu mais gosto, mais do que Argentina ou Brasil, Paraguai, Venezuela e Colômbia.⁶ (SLAUERHOFF in HAZEU 1995: 707)

Slauerhoff não teve condições de revisar seu último livro de poesia, *Een eerlijk zeemansgraf* (Um túmulo de marinheiro honrado, 1936). Já muitíssimo doente, Darja, sua ex-esposa, fez-lhe uma última visita. (HAZEU 1995: 725) Pesando apenas 54 quilos, Slauerhoff morreu no dia 05 de setembro de 1936, aos 38 anos.

⁵ Tradução nossa para: “Blijf ik varen of in Europa dan wordt mij bronchitis zeker cronisch, en ik begin al emphyseem te krijgen. Ik moet dus een goed klimaat zoeken waar ik op den duur wat praktijk kan doen. Dus niet in Europa, niet in Marokko. In Centraal Amerika gaat het wellicht, een hoogvlakte op 1000m., verder tropisch, is goed.”

⁶ Tradução nossa para: “Totale teleurstelling. Op dit moment lig ik vrijwel de hele dag op bed. Ik moet je bekennen dat ik in januari enige aarzelingen had. [...] Costa Rica is het land in Zuid-Amerika dat ik ontzettend graag mag, meer dan Argentinië of Brazilië, Paraguay, Venezuela en Colombia.”



Slauerhoff no leito de morte, 1936.

Foto: Literatuurmuseum

Seis meses depois, no dia 05 de março de 1937, Kees Lekkerkerker (1910-2006), um amigo de Slauerhoff, recebeu da mãe de Jan um baú. Na tampa estava escrito “LEKKERKERKER” e “CIDADE DO CABO”. O baú continha dezenas de poesias, contos, fragmentos de prosa, trechos de peças de teatro e outros documentos, nunca publicados. (HAZEU 1995: 733) A partir dali, Lekkerkerker seria o responsável pela organização de toda a obra de Slauerhoff, tanto edições críticas de obras já publicadas quanto organizações de obras inéditas.



Baú de Slauerhoff, descoberto postumamente

Foto: Literatuurmuseum

RESUMO GERAL DA OBRA LITERÁRIA

A obra de Slauerhoff pode ser dividida em livros de poesias, contos, romances, peça de teatro, textos de não ficção e traduções. Veremos gênero a gênero:

Slauerhoff tem onze livros de poesia. Destes, nove foram publicados em vida e dois postumamente, embora, como diz Van den Neste, não seja possível dar uma cronologia correta da obra poética de Slauerhoff, já que ele não datava seu poemas e sua obra não foi publicada de maneira cronológica em relação à escrita. (VAN DEN NESTE 2013: 14)

Obras como *Archipel* (Arquipélago, 1929), *Fleurs de marécage* (Flores do pântano, 1929), *Clair-obscur* (Claro-oscuro, 1926), mostram a influência que a poesia francesa teve sobre Slauerhoff, em especial poetas como Arthur Rimbaud, Charles Baudelaire, Paul Verlaine, Tristan Corbière. *Fleurs de marécage*, por exemplo, provável referência às *Flores do Mal*, de Baudelaire, contém poemas originalmente escritos em francês. Já obras como *Oost-Azië* (Ásia Oriental, 1928) e *Yoeng Poe Tsjoeng* (Yung Pu Tshung, 1930), demonstram a influência da poesia chinesa.

Grande parte da fama que Slauerhoff possui hoje é graças à sua poesia, gênero no qual não nos estenderemos aqui, pois a salpicaremos ao longo de todo este trabalho. Contudo, sua prosa tem sido cada vez mais reavaliada na Holanda e traduzida no exterior. No Brasil, há apenas um poema de Slauerhoff publicado em formato de livro, provavelmente seu mais conhecido:

DESABRIGO⁷

Só em meus poemas posso residir
Abrigo não me dá nenhum lugar
Pois nunca me atraiu meu próprio lar,
E a tenda a tempestade fez sumir.

Só em meus poemas posso residir
E se eu encontro abrigo num deserto,
Cidade, estepe ou bosque que surgir,
Eu não vou nem me incomodar, é certo.

Vai demorar, mas a noite vai vir,
E a antiga força irá falhar, e em vão

⁷ In: *Poesia Holandesa – do século XIX à atualidade*. Org.: Daniel Dago. Trad.: Daniel Dago e Rubens Chinali. São Paulo: Demônio Negro, 2019.

Rogarei versos doces, com que então
 Eu construía, e à terra que me esconde
 Irei, e lá me curvarei, bem onde
 Meu sepulcro abrirá na escuridão.

Passemos à obra em prosa de Slauerhoff, o nosso foco neste trabalho.

Slauerhoff lançou três livros de contos: *Schuim en asch* (Espuma e cinza, 1930), *Het lente-eiland (Kau-Lung-Seu)* (A ilha-primavera (Kau-Lung-Seu), 1930) e *Verwonderd saam te zijn* (Maravilhado de estar junto, 1987), este publicado postumamente.

Assim como sua poesia, sua prosa tem grande influência dos países e culturas que Slauerhoff conheceu. Em *Schuim en asch*, por exemplo, cada conto se passa em uma localidade: mundo árabe, Moscou, Locarno, Creta, Crimeia, Burgos, Málaga, portos chineses, oceanos, desertos, estepes. Só *Larrios*, por exemplo, passa-se em diversos países, como Espanha, Filipinas, China.

Larrios e *De laatste reis van de Nyborg* (A última viagem do Nyborg) são considerados os melhores contos de Slauerhoff e ambos são frequentemente incluídos em antologias do contos holandês mundo afora; *Larrios* é seu único conto traduzido no Brasil.⁸

Os personagens de sua obra em prosa costumam ser errantes, não têm um lugar fixo, são pessoas em busca de algo, pessoas em crise existencial, geralmente marinheiros ou relacionadas ao trabalho marítimo, e o mar e a navegação têm grande relevância. Muitos contos têm referências autobiográficas, como o supracitado *Larrios*, nome de uma provável amante de Slauerhoff.

Em relação aos romances, originalmente, Slauerhoff tinha a intenção de escrever uma trilogia sobre a China na qual *O reino proibido* (1932) seria o primeiro volume, *Het leven op aarde* (A vida na terra, 1934) o segundo, e haveria um terceiro volume, porém apenas os dois primeiros foram escritos. Tanto *O reino proibido* quanto *Het leven op aarde* podem ser lidos como livros independentes, embora tenham o mesmo protagonista.

Objeto principal deste trabalho, *O reino proibido* tem por tema a vida do poeta português Luís de Camões, desde seu exílio até após a escrita de *Os Lusíadas*, e a de um radiotelegrafista irlandês inomeado. A história de ambos é contada em separado até fundirem-se, mostrando que Camões foi reencarnado no radiotelegrafista irlandês. A

⁸ In: *Contos Holandeses (1839-1939)*. Org. e trad.: Daniel Dago. Porto Alegre: Zouk, 2019.

narrativa alterna-se entre os séculos XVI (Camões) e XX (radiotelegrafista irlandês inominado) e perpassa a história de Portugal, China e, principalmente, Macau. Mais adiante veremos em detalhes esse livro, portanto, por ora, não nos estenderemos sobre ele.

Já *Het leven op aarde* (A vida na terra) abandona por completo a temática sobre Camões e as técnicas modernistas de alterações de séculos e personagens e foca-se no radiotelegrafista irlandês, agora nomeado Cameron. A história gira sobre o submundo chinês dos anos 1920. Acompanhamos Cameron, viciado em ópio, visitando a China profunda, conhecendo o mercado de ópio, a prostituição, o contrabando de armas, a descoberta do petróleo.

Seu terceiro romance, *De opstand van Guadalajara* (A revolta de Guadalajara, 1937), publicado postumamente, não tem nada a ver com a China, mas com a revolução mexicana – a ligação de Slauerhoff com a América Latina será vista mais adiante. Conta a história de El Vidriero, que, graças à ajuda de Tarabana, um padre índio insatisfeito com a situação política local, é elevado à posição de Cristo e libertador do regime.

Slauerhoff também escreveu uma peça de teatro, *Jan Pietersz. Coen* (1931). Trata-se de um homem de mesmo nome, fundador da Batávia, capital das Índias Holandesas (atual Indonésia), e considerado um herói nacional na Holanda. Slauerhoff retrata Coen como inseguro e tirânico, o que bate de frente com a visão que os holandeses, na época, tinham dessa figura histórica. De tão polêmica, a peça nunca foi encenada durante a vida do autor.

Seus escritos de tempos de estudante, poesia e prosa, foram reunidos em *Slauerhoff student auteur* (Slauerhoff estudante ator. Organização de Eep Francken, Geerte van Munster e Arie Pos. 's Gravenhage: Nijgh & Van Ditmar, 1983).

Sua não ficção também foi publicada. *Alleen de havens zijn ons trouw* (Só os portos nos são fiéis. Organização de K. Lekkerkerker. Amsterdã: Nijgh & Van Ditmar, 1992) reúne os textos que Slauerhoff escreveu para jornais sobre suas viagens. Uma miscelânea de gêneros também foi organizada por Arie Pos e Menno Voskuil em *Het heele leven is toch verloren. Gedichten, brieven en essays* (A vida inteira está mesmo perdida. Poemas, cartas e ensaios. Utrecht: Het Literatuurhuis, 2012).

Já suas cartas e diários íntimos estão presentes em:

Dagboek (Diário). Org. de K. Lekkerkerker. Amsterdã: K.Lekkerkerker, 1957.

Brieven aan Hans Feriz (Cartas a Hans Feriz). Org. de Herman Vernout. Amsterdã: De Arbeiderspers, 1984.

Hij droeg de zee en de verte aan zich mee: de briefwisseling Dr. P.H. Ritter Jr. - J.J. Slauerhoff (1930-1936) (Ele carregou consigo o mar e a distância: a correspondência de Dr. PH Riter Jr. - JJ Slauerhoff). Org. de Jan J. van Herpen. Utrecht: HES, 1985.

Laatste brief aan Jan Greshoff (Última carta a Jan Greshoff). Utrecht: De Piratenvlag, 1988.

Van een liefde die vriendschap moest blijven – brieven van J. Slauerhoff aan Heleen Hille Ris Lambers (De um amor que tem de permanecer amizade - cartas de J. Slauerhoff para Heleen Hille Ris Lambers). Seleção de H.C. ten Berge. Amsterdã: Uitgeverij Bas Lubberhuizen, 1992.

Vale a pena falarmos de sua obra tradutória, que também influenciou sua obra própria. Slauerhoff traduziu/adaptou diversas poesias, que foram publicadas misturadas com sua obra própria. Nesse sentido, há traduções de Rúben Darío (1867-1916), fados, ambos em *Soleares*, entre outros.

Slauerhoff traduziu, no total, oito livros de prosa, todos vertidos de suas línguas originais. Na listagem abaixo, há, respectivamente: um argentino, um mexicano, dois espanhóis, um brasileiro, um português, dois franceses:

GUÏRALDES, Ricardo. *Don Segundo Sombra*. Maastricht/Bruxelas: A.A.M.Stols, 1930. Tradução em conjunto com R. Schreuder.

GUZMÁN, Martín Luis. *In de schaduw van den leider* (La sombra del caudillo). Haia: Boucher, 1937. Tradução em conjunto com G.J. Geers.

MIR, Guillermo Hernández. *De hof der oranjeboomen* (El patio de los naranjos). Amsterdã: WB, 1932. Tradução em conjunto com R. Schreuder.

DE LA SERNA, Ramón Gómez. *Dokter hoe is het mogelijk* (El doctor inverosímil, 1935). Amsterdã: P.N. van Kampen & Zoon, 1933.

DE QUEIRÓS, Eça. *De misdaad van Pater Amaro* (O crime do padre Amaro). Amsterdã: Querido, 1932. Tradução em conjunto com R. Schreuder.

SETÚBAL, Paulo. *Johan Maurits van Nassau* (O príncipe de Nassau). Amsterdã: Wereldbibliotheek, 1933. Tradução em conjunto com R. Schreuder.

LAFORGUE, Jules. *Hamlet, of De gevolgen der kinderliefde* (Hamlet ou les suites de la piété filiale). Amsterdã: Moussault Kartons, 1962.

RAUCAT, Thomas. *Twee verhalen* (Dois contos). Zandvoort: Eliance Pers, 1974.

Slauerhoff levava seu trabalho como tradutor de prosa mais a sério do que de poesia. Considerava-se um tradutor profissional, dizia que a tradução era seu ganha pão. Slauerhoff tinha planos de traduzir: a obra de Corbière, Joseph Conrad (*Typhoon*, *Nigger of the Narcissus*, *Almayer's Folly*), Shakespeare (*Macbeth*), Stevenson (*The master of Ballantrae*), José Rivera (*La vorágine*), Gallego, Valle-Inclán, José Mármol (*Amalia*), Unamuno (*Manuel Bueno: Mártir*), Kafka (*Die Verwandlung*), Alarcón (*Tricornio*), e uma antologia de canções folclóricas espanholas. (BOON: 1)

Suas traduções são bastante criticadas pela falta de cuidado e revisão, tanto em sua época quanto hoje. Quando saiu sua tradução de *O crime do padre Amaro*, de Eça de Queirós, Slauerhoff recebeu uma carta furiosa de Marcus de Jong, considerado o principal especialista em língua e literatura portuguesa da Holanda na época, criticando o trabalho. Para espanto de De Jong, Slauerhoff lhe respondeu de maneira bastante amigável, justificando:

Meu conhecimento de português realmente não é muito profundo [...] mas quando apresenta-se a oportunidade de ganhar alguma coisa, o senhor acha que deve-se ser tão ciente dessa questão a ponto de deixar passar essa oportunidade? Infelizmente, não posso me dar ao luxo disso. Aliás, acredito que o leitor médio holandês não se chocará e, além do mais, mesmo em nossa tradução falha, terá uma ideia da criação de Queirós.⁹ (DE JONG in KROON: 122)

Juntamente com R. Schreuder, Slauerhoff é creditado como cotradutor de *O príncipe de Nassau* (1926), do brasileiro Paulo Setúbal (1893-1937), um romance sobre o período holandês no Brasil, mas o próprio Jan disse a um amigo que teve pouco a ver com essa tradução. Aparentemente, só usaram seu nome como um chamariz de vendas e ele desfrutou do dinheiro. (HAZEU 1995: 555).

⁹ Nossa tradução para: “Mijn kennis van het Portugeesch is inderdaad niet diep [...] maar als de gelegenheid zich aanbiedt iets te verdienen, vindt U dat men zoo conscientieus moet zijn, deze gelegenheid voorbij te laten gaan? Ik kan mij de luxe helaas niet veroorloven. Overigens geloof ik dat de gemiddelde Ned. lezer zich niet stooten zal en toch wel, zelfs in onze gebrekkige vertaling, een denkbeeld zal krijgen van Queiroz' schepping.”

RELAÇÃO COM A AMÉRICA LATINA

Apesar da América Latina não ter vínculo direto com *O reino proibido*, mas com o resto da obra de Slauerhoff, sim, optamos por tratar deste tema neste trabalho. A conexão de Slauerhoff com a América Latina é praticamente nula entre estudos slauerhoffianos no exterior,¹⁰ que preferem se concentrar em seu elo com a China ou Portugal, então intencionamos preencher esta lacuna. Por motivos óbvios, privilegamos o Brasil.

O primeiro contato que Slauerhoff teve com a América Latina, em 1928, como médico de bordo do navio *Gelria*, foi em Pernambuco. Passou por Fernando de Noronha, mas não desembarcou lá.



Fernando de Noronha ao fundo. Foto tirada por Slauerhoff.

Foto: KRIJGER 2003: 51

Seus primeiro pensamentos foram:

*“Não gostei muito... [...] Pernambuco lembra a China, então é como uma aquarela barata comparada a um antigo tapete de tecido e bordado com estampa”.*¹¹
(SLAUERHOFF in HAZEU 1995: 325)

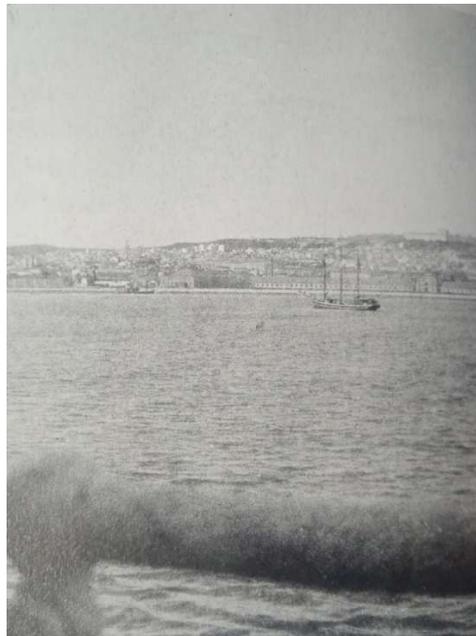
¹⁰ Uma boa exceção é a dissertação de Alejandra Szir, *El yo y el otro femenino en el océano, la ciudad y la pampa - Los escritos de Jan Jacob Slauerhoff sobre Argentina*, defendida na Universiteit Leiden, Holanda, em 2016.

¹¹ Tradução nossa para: ““Dat viel niet mee... [...] houdt in gedachten eens Pernambuco tegen China, dan is het als een goedkope aquarel tegen een zinnijk geweven en geborduurd oud tapijt.”

Mas suas impressões logo mudariam. O povo, em especial as mulheres, chama-lhe a atenção, mas seus comentários, hoje, soam machistas e, ironicamente, xenófobos:

A alemã-brasileira com a cruz no pescoço e o manto vermelho carmim (ela tem uma infinita diversidade de cores: a bolsa verde e o lenço verde grama com que jogava golfe na cobertura e se comovia entediada enquanto sua exuberância acariciava os olhares quentes) provavelmente é uma das maravilhas mais perfeitas da criação que existem no campo feminino. Infelizmente tem uma voz grossa. Ela provavelmente também não tem 'cultura'. Como é difícil ser europeu e desejar que uma bela mulher tenha sensibilidade não só às carícias mas também à 'civilização' que flutua no ar.¹² (SLAUERHOFF in SZIR 2016: 13)

No dia 28 de setembro, uma sexta-feira santa, ele chegou à Bahia.



Bahia. Foto tirada por Slauerhoff.

Foto: KRIJGER 2003: 88

A cidade estava lotada. Ele ficou impressionado:

¹² Tradução nossa para: “De deutsche braziliaansche met het kruis om de hals en het vlamkarmijnroode kleet (zij heeft een oneindige kleurschakeering: het groene jasje met grasgroen dasje waarin zij dekgolf speelde en zich beweeglijk verveelde terwijl haar weelde de heete blikken streefde) is waarschijnlijk een van de volmaakste scheppingswonderen die op vrouwelijk gebied bestaan. Helaas een grove stem. Waarschijnlijk heeft ze ook geen 'cultuur'. Hoe lastig is het Europeaan te zijn en te verlangen dat een schoone vrouw niet alleen gevoeligheid voor aanrakingen maar ook voor dat in de lucht zwevende 'beschaving' bezit.”

Entre eles move-se uma procissão sem fim. Dá para ver apenas cabeças crespas e chifres de latão. Depois os negros com vestimentas brancas, a cruz no pescoço e a loucura da religião no rosto. [...] É uma procissão negra, apesar das vestimentas brancas (muitas das quais parecem ser feitas de papel, o que parece prático, mas profano). Os poucos que saem de seus hábitos castanhos, uma cabeça loira, germânica ou gaulesa, estão irremediavelmente divididos e escassos na multidão negra. Os negros estão em seu apogeu. Muitos já estão em êxtase, pulando, suando, andando de um jeito que dá a impressão de que o Charleston também nascerá neste dia santo. A cada passo, muitos batem com um cajado dourado com guirlandas no chão duro. Outros carregam, altos e largos, estandartes pintando toscamente a vida dos santos. Esperamos muito tempo. Tentar um avanço seria perigoso. Ficamos meio desmaiados e estupefatos, a procissão, a multidão, as igrejas, tudo parece evaporar num calor sufocante, preenchidos pelos instintos das massas e frenesi religioso. Por fim, surgem espaços abertos, os sinos tocam mais baixos, de repente a praça fica deserta. Buscamos uma saída, com medo desse vazio, em uma rua estreita; descansamos em um café de negros, bebemos emudecidos.¹³ (SLAUERHOFF in HAZEU 1995: 326)

Slauerhoff bebeu erva mate, chá doce, e trocou algumas palavras em português. (HAZEU 1995: 326) Também visitou um forte (não fica claro qual).

No dia 1º de outubro a parada era a Baía de Guanabara. Ele viu o Pão de Açúcar, Gávea, Tijuca. Slauerhoff escreveu em seu diário: “O Rio é puro paraíso.”¹⁴ (SLAUERHOFF in HAZEU 1995: 327)

¹³ Tradução nossa para: “Daartusschendoor beweegt zich een eindelooze processie. Alleen kroeskoppen en koperen horens zijn zichtbaar. Dan negers zijn witte koorhemden, het kruis om de hals en de godsdienstwaanzen op het gelaat. [...] Het is een zwarte processie, ondanks de witte koorhemden (waarvan vele van papier vervaardigd schijnen, hetgeen prektisch doch profaan aandoet). De enkelen die uit hun bruine pijen een Germaans of Gallisch blond- of bruinharig hoofd heffen, zijn hopeloos verdeeld en schaars in de negermenigten. De negers beleven hun hoogtijd. Vele zijn al in extase, springen zweten, lopen op een wijze, die de verwazhting wekt dat de charleston ook op deze heilige dag zal worden geboren. Velen stoten bij elke stap een vergulde staf met guirlandes tegen de harde grond. Anderen dragen, hoog en breed, banieren met grove heiligenlevens beschilderd. Wij wachten lang. Een doorbraak te beproven zou gevaarlijk zijn. Wij staan half bezwijmd en verdoofd, de processie, de menigte, de kerken, alles schijnt te verwazen in een sidderend hitte, van massainstincten, godsdienstwaanzen vervuld. Eindelijk, er komen open plekken, de klokken bonzen minder luid, het plein is opeens verlaten. Wij zoeken een uitweg, bang van deze leegte, in een nauwe straat; in en negercafé rustenb, drinken wij sprakeloos.”

¹⁴ Tradução nossa para: “Rio is het reinste paradijs.”



No Corcovado. Slauerhoff é o primeiro da esquerda, de chapéu e calça branca.

Foto: KRIJGER 2003: 54

Então foi para Santos, onde ficou poucas horas. Devido a alguns naufrágios, tiveram que contornar São Sebastião. (HAZEU 1995: 327) Depois seu navio seguiu viagem para Montevidéu e Buenos Aires e retornou ao Brasil, onde passou mais cinco dias, de novo: Santos, Rio, Bahia, Pernambuco.

A passagem pelo Brasil resultou em algumas poesias: *Fernando de Noronha*, *Braziliaansche Kustpassagiers* e *De Havensteden*. Seguem nossas traduções – todas as traduções de poesia neste trabalho são nossas, sem rima nem métrica, e para todas utilizamos a edição SLAUERHOFF 1947. Todas as palavras com asteriscos estão em português, no original. Também corrigimos seus erros de português.

FERNANDO DE NORONHA¹⁵

O dedo de Deus - uma rocha íngreme, roliça -
 Está focado no azul impiedosamente forte.
 Os exilados nesta desordem marrom
 Também são prisioneiros do mar e da luz.

¹⁵ Tradução nossa para: “FERNANDO DE NORONHA De vinger Gods - een steile, plumpe rots/ Staat op 't genaadloos strak azuur gericht./ De ballingen op deze bruine schots/ Zijn ook gevangenen van zee en licht./ Ontsnappingspogingen mislukken steeds./ Het vasteland is duizend mijlen ver;/ Wel zijn drie hunner, vroeger, zeilend er/ Geland, maar als verdorste lijken reeds./ Nooit heb ik in de neevlen van het Noorden -/ Die winters dempen weiden, slooten dicht,/ Waarin wanhopige boeren zich vermoorden./ Door Godsdienst en Geweten streng gericht -/ Bevroed dat er een land van zonneshijn,/ Waar ook de dorste rots bloei moet ontvangen./ Zoo godvergeten desolaat kon zijn/ Dat het naar 't land der wolken doet verlangen./ Een eiland, wel voor eeuwig vastgelopen/ In den staalblauwen harden hemelkring./ Een ballingschap die niets meer heeft te hopen/ Van een aardbeving of omwenteling.”

As tentativas de fuga sempre falham,
 O continente fica a mil milhas de distância;
 Bem, existem três, antigos, que navegaram
 E atracaram, mas já têm corpos ressecados.

Eu nunca estive nas brumas do Norte -
 Esses invernos amortecem as pastagens, fecham totalmente,
 Em que agricultores desesperados se matam,
 Estritamente orientados por Religião e Consciência –

Notou-se que há uma terra de sol,
 Onde quer que a rocha sedenta deva receber floração,
 Tão maldito poderia ser desolado
 Isso te faz desejar a terra das nuvens.

Uma ilha encravada para sempre
 No círculo do céu endurecido do azul aço,
 Um exílio que não tem nada mais a esperar
 De um terremoto ou revolução.

PASSAGEIROS DA COSTA BRASILEIRA¹⁶

Todos os senhores* são ministros,
 Desde esta manhã ou desde ontem,
 Muitos também foram presidentes
 Do continente brasileiro,
 E não têm nenhum tipo de preocupação
 Com o país do passado, as pessoas de amanhã.

Todas as senhoras* são charmosas
 E orgulhosas e pudicas e inacessíveis,
 Mesmo para mim, Genghis Khan e Akbar.
 Um olhar já é altamente indecente
 Entre oito horas e meia-noite;
 Uma ruga franze a testa lisa,
 Quando tentam se aproximar dela.

Mas até uma hesitação é repreensível
 E qualquer atitude é permitida

¹⁶ Tradução nossa para: “BRAZILIAANSCH E KUSTPASSAGIERS Alle señores zijn minister,/ Van hedenmorgen of van gister./ Ook waren velen presidente/ Van 't Braziliaansche continent./ En hebben geen van allen zorgen/ Voor 't land van vroeger, 't volk van morgen./ Alle señoras zijn beoorlijk/ En trotsch en preutsch en ongenaakbaar./ Zelfs voor mij, Dsjengis Khan en Akbar./ Een blik is reeds hoogst onbeoorlijk/ Tusschen acht uur en middernacht./ Een rimpel fronsst het effen voorhoofd./ Wanneer men haar te naadren tracht./ Maar zelfs een aarzeling is laakbaar/ En elke houding is geoorloofd/ In de uren achter middernacht./ Dan wordt het sprankje negerbloed/ Een vuur dat allen doet ontbranden./ Van heete zinsvervoering snikken./ Naar heviger omhelzing hijgen./ In iedre wellusthouding schikken/ En eindlijk liefkoozing afdreigen./ Totdat de zon het dagen doet./ En overdag wordt alle schande/ In dekstoel, luxehut, veranda/ Weer in gebeden afgeboet.”

Nas horas depois da meia-noite.

Então cintila o sangue negro
Um fogo que incendeia tudo,
Soluçando com êxtase quente,
Ansioso por um abraço mais apertado,
Organizado em qualquer posição voluptuosa
E por fim ameaça carícias,
Até o sol brilhar.

E durante o dia tudo se torna uma desgraça
Na espreguiçadeira, cabine de luxo, varanda
Pago em orações novamente.

AS CIDADES PORTUÁRIAS¹⁷

Só os portos nos são fiéis,
Todo o resto no continente
Não nos pertence, amigo nem esposa
Sempre se manteve firme diante do marinheiro.

Muitos têm casa e lareira,
E olham, livre de guarda, na ranhura,
A única coisa que os liga à terra,
Que sempre desejam, embora percam.

Tenho uma casa em cada cidade,
Para uma ancoragem fixa à noite,
Dou o salário que tinha,
Esqueça-a – distancie-se da costa

Nunca penso neles em alto mar,
Mas para as cidades que estão lá
E a quem tomo por amigos;
Somente através deles eu toco a terra.

¹⁷ Tradução nossa para: “DE HAVENSTEDEN Alleen de havens zijn ons trouw./ Al 't andre aan den vasten wal/ Behoort niet bij ons, vriend noch vrouw/ Stond ooit steeds voor den zeeman pal./ Te veel toch hebben huis en haard./ En staren, vrij van wacht, in 't zog./ 't Eenige wat hen verbindt met de aard./ Verlangen steeds, verliezen toch/ Ik heb een home in iedre stad./ Voor 's nachts een vaste ankerplaats./ Ik geef de gage af die 'k had./ Vergeet haar - eens weer buitengaats./ 'k Denk nooit in volle zee aan hen./ Maar aan de steden die daar staan/ En die ik voor mijn vrienden ken;/ Door hen slechts raak ik de aarde aan./ Trotsch voor zijn troebelen stroom Shanghai./ Rio in haar aardsch paradijs./ Reykjavik aan zijn rookige baai./ Hongkong in rotsen blank en grijs./ Port Said, hoofdstad van dief en hoer./ En Yokohama halfverwoest./ Het geel en smoorheet Singapoer./ Wladiwostok in ijs verroest./ Buenos Aires, steenwoestijn/ Van huizen ver de Plata langs./ Bahia Blanca, een witte lijn/ Met torens van petroleumtanks./ Dzijboeti aan den Soedan-rand./ Oven waarin men levend kookt./ Hankou in 't diepste binnenland./ Dat door heel China wordt bestookt./ Perth, Brisbane, vele andre nog./ Die me in gedachten vergezellen./ Terwijl de andren in het zog/ Neerturen en de dagen tellen.”

Orgulhoso de seu fluxo conturbado em Xangai,
Rio em seu paraíso terrestre,
Reykjavik em sua baía enfumaçada,
Hong Kong em rochas brancas e cinzas.

Porto Said, capital do ladrão e da prostituta,
E Yokohama meio destruída,
A amarela e sufocante Singapura,
Vladivostok enferrujada no gelo.

Buenos Aires, deserto de pedra
Das casas distantes ao longo do Plata,
Bahia Blanca, uma linha branca
Com torres de tanques de petróleo.

Djibouti à beira do Sudão,
Forno em que se cozinha vivo.
Hankou no interior mais profundo,
Bombardeado por toda a China.

Perth, Brisbane, muitas outras,
Que me acompanham em pensamento,
Enquanto as outras estão na esfera
Contando as horas e os dias.

Na primeira viagem à América Latina – isto é: Brasil, Argentina e Uruguai –, as cidades de que Slauerhoff mais gostou foram Salvador e Rio. (HAZEU 1995: 329) Ele não voltaria mais ao Brasil. Mas à América Central e América do Sul, sim. Seis anos depois iria a Barbados, Trinidad, Venezuela, Curaçau (de colonização holandesa), Colômbia, Panamá, Costa Rica. No fim da vida, Slauerhoff diria que a Costa Rica era seu lugar favorito da América Latina. Veremos mais algumas de suas impressões dos outros países da América Latina.

Ao sair do Brasil e entrar no Uruguai, onde passou um único dia e praticamente não fez comentários a respeito, Slauerhoff comentou que o Rio de la Plata “*é pior que o Yang-Tse Kiang. O navio tem dificuldade de passar pela lama.*”¹⁸ (SLAUERHOFF in HAZEU 1995: 327)

Se no Brasil Slauerhoff se encantou com o equilíbrio da natureza, na Argentina ficou chocado com o caos da metrópole. Ele notou a quantidade de prostitutas:

Outra soma de multiplicação é esta. Em cada lado de cada cuadro [sic] reside uma mulher, digamos, hospitaleira para cada um, que recebe em média quinze

18

Tradução nossa para: “op erger dan de Yang Tse Kiang. Het schip zwoegt door de modder.”

visitantes de dia e noite. Buenos Aires tem muitos cuadros, [sic] nos quatro cantos. Qual é o resultado da multiplicação em Buenos Aires?¹⁹ (SLAUERHOFF 1992: 55)

Slauerhoff chegou a comparar uma caminhada por Buenos Aires ao *Inferno*, de Dante:

Seria possível convidar Dante para dar um passeio aqui e acrescentar um novo capítulo ao *Inferno*. Mas Dante não era muito bom em aritmética mental e se perderia aqui. E por mais que a Buenos Aires latina se sinta, não há um Virgílio para guiá-lo. E ele não consegue contratar um guia. O óbolo grego não é comum aqui. E os pesos, os pesos, único meio de poder aqui, não são de Dante. E não vou dá-los, embora ele seja o maior poeta da Idade Média. Pois nunca recuperaria meus pesos. Aqui esqueci de ser magnânimo.” [...] “Acham que o espírito infernal que criou Buenos Aires finalmente se cansou.”²⁰ (SLAUERHOFF 1992: 56)

Mas o pampa argentino e a figura do *gaucho* o agradaram bem mais:

Assim como o pescador mercador é considerado a figura nacional da Holanda, o gaucho é o da Argentina. Há muitas semelhanças: ambos usam calças largas, ambos possuem um corredor especial no térreo que os distingue dos mortais comuns. Ambos manuseiam cordas longas; um laço, chamado de luva de osso, e ambos pegam suas presas com a corda, mesmo que seja uma presa 'diferente'.²¹ (SLAUERHOFF 1992: 58)

Interessou-lhe tanto que, anos depois, traduziu *Don Segundo Sombra*, de Ricardo Güiraldes, como podemos ver em seu texto publicado no mesmo ano de sua tradução:

Por fim, o livro de Güiraldes, para permanecer no estilo literário, deveria ser chamado de épico da vida gaúcha. [...] Este livro foi escrito em grande estilo, não tem a composição desajeitada, o caráter tradicional e a descrição da natureza que caracteriza tantos livros famosos na América. Don Segundo Sombra, o herói, merece se tornar um personagem imortal assim como Dom

¹⁹ Tradução nossa para: “Een andere vermenigvuldigsom is deze. Aan elke kant van elk cuadro resideert ene laten we zeggen voor ieder gastvrije vrouw, die per dag en nacht gemiddeld vijftien bezoekers ontvangt. Buenos Aires heeft zoveel cuadro's elk van vier zijden. Wat is de uitkomst van de vermenigvuldiging in Buenos Aires?”.

²⁰ Tradução nossa para: “Men zou Dante uitnodigen hier eens te wandelen en een nieuw hoofdstuk aan *Del Hel* toe te voegen. Maar Dante was niet sterk in het hoofdrekenen en zou hier verdwalen. En hoe Latijns Buenos Aires zich ook voelt, er is geen Vergilius te vinden om hem te Leiden. En een gids kan hij zich niet huren. De Griekse obool is hier niet gangbaar. En de pesos, de pesos, het enige machtsmiddel hier, bezit Dante niet. En ik schiet het hem niet voor, al is hij de grooste dichter der middeleeuwen. Want ik zou mijn peso's nooit terugkrijgen. En ik heb het hier verlerd edelmoedig te zijn.” [...] “Men denkt dat de helse geest die Buenos Aires heeft geschapen, er eindelijk wel genoeg van heeft gekregen”.

²¹ Tradução nossa para: “Zoals de Marker visser de nationale figuur van Holland heet, is de gaucho het van Argentinië. Er bestaat veel overeenkomst: beiden dragen een wijde broek, beiden hebben een bijzondere gang op de begane grond die hen van de gewone stervelingen onderscheidt. Beiden gaan ze ook met lange touwen om; bij deze lasso, bij gene botwant geheten, en beiden vangen ze er hun buit mede, al is de buit dan ‘grondverschillend’.” [...] “

Quixote, como Carmen. Sua simplicidade, sua zombaria silenciosa de tudo que evoca a civilização e a bravura barulhenta, sua arte de equitar, tudo isso o torna simpático ao leitor cansado de Dostoiévski e Gide.²² (SLAUERHOFF 1992: 61)

De acordo com Alejandra Szir, sua tradução de *Don Segundo Sombra* é a primeira feita no mundo.²³

A respeito da Venezuela, Slauerhoff apontou o privilégio que teve devido a sua roupa de marinheiro:

Caracas dá uma recepção calorosa. Quer reparar o que o viajante sofreu em La Guaira. As pessoas são muito educadas. Se você estiver uniformizado, poderá conseguir café grátis e todas as informações que desejar em alguns grandes hotéis. E se pegar um táxi, será imediatamente levado ao que a Venezuela considera como um precioso tesouro nacional: o mausoléu de Simón Bolívar, o libertador. Esse também é o fim. O mausoléu tem algumas linhas curvas: uma cúpula que lembra a Sacré-Cœur ao longe. E o resto é quadrado, como tudo aqui.²⁴ (SLAUERHOFF 1992: 152)

Da Costa Rica, ele diz:

A Costa Rica é um dos poucos países sortudos do planeta em que a tranquilidade e a paz significam pelo menos felicidade, o que não é o caso de muitos indivíduos com mentalidade política e militar que hoje povoam o globo. E os moradores daqui também terão suas brigas familiares e 'dramas passionais'. Mas politicamente o país está feliz. É próspero graças às suas poucas culturas, conheceu guerras e revoluções, mas foi há muito tempo, e no trem de Puerto Limón, o porto, para San José, a capital, ouvi contarem algumas vezes, com orgulho, que a Costa Rica tem mais professores do que soldados. É de se esperar que tenha então muito mais professores, pois o exército parece consistir de apenas algumas centenas de homens e a população é de seiscentos mil pessoas. A Costa Rica também já teve um verdadeiro cruzador como marinha de guerra. A grande casa de ópera de San José é uma cópia em miniatura da de Paris. Isto nos leva a esperar que a Costa Rica seja também um

²² Tradução nossa para: “Het boek van Güiraldes eindelijk zou men om in literaire stijl te blijven, het epos van het gaucholeven moeten noemen. [...] Dit boek is in grote stijl geschreven, het heeft niet het onbeholpene in compositie, het traditionele in karakter- en natuurbeschrijving dat nog zovele in Amerika beroemde boeken kenmerkt. Don Segundo Sombra, de held, verdient een onsterfelijk type te worden evenals Don Quichote, als Carmen. Zijn eenvoud, zijn rustige spot met alles wat naar beschaving en luidruchtige bravoure zweemt, zijn ruitkunst, alles maakt hem de Dostojewski-Gide-moede lezer sympathiek.”

²³ Em *Slauerhoff podría ser un personaje de Borges*. In: *SLAUERHOFF, Jan Jacob. En memoria de mí mismo – nueva antología poética*. Almería: Ravenswood Books Editorial, 2018.

²⁴ Tradução nossa para: “Caracas biedt een warm welkom. Het wil goedmaken wat de reiziger in La Guaira heeft moeten lijden. Men is er zeer beleefd. Als men in uniform is, kan men in sommige grote hotel gratis koffie en alle inlichtingen bekomen die men wenst. En als men een taxi neemt, dan wordt men terstond genacht bij wat Venezuela als kostbare nationale schat bezit: het mausoleum van Simon Bolivar, de bevrijder. Daarmee is het ook afgelopen. Het mausoleum heeft enkele gebogen lijnen: een koepel die heel in de verte aan de Sacré-Cœur doet denken. En de rest is ook vierkant, evenals alles hier.”

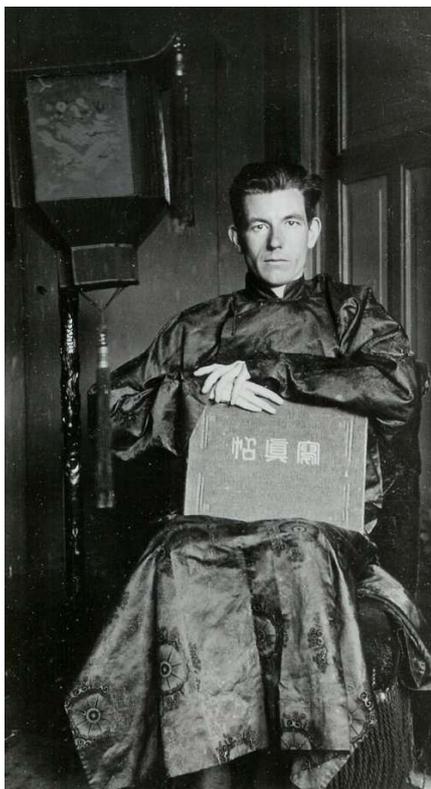
país sul-americano de opereta. Mas isso não é tão ruim.”²⁵ (SLAUERHOFF 1992: 161 e 162)

Slauerhoff também traduziu e escreveu sobre países da América Latina que não visitou. Traduziu dez poemas do nicaraguense Rúben Darío, e o romance *La sombra del caudillo* (1929), do mexicano Martín Luis Guzmán (1887-1976). O interesse de Slauerhoff pela revolução mexicana foi tanto que escreveu um romance sobre o assunto, *De opstand van Guadalajara* (1937).

²⁵ Tradução nossa para: “Costa Rica is een van de weinige gelukkige landen der aarde als rust en vrede tenminste geluk betekenen, wat voor de vele politiek en militairangelegde individuen die tegenwoordig de aarbol bevolken, niet het geval is. En de bewoners hier zullen ook wel hun familietwisten em ‘dramas passionnels’ hebben. Maar in staatkundig zin is het land gelukkig. Het is dank zijn enige cultures welvarend, het heeft oorlogen en revoluties gekend, maar dat is lang geleden, en in de trein van Puerto Limón, de haven, naar San José, de hoofdstad, hoorde ik al een paar maal met trots vertellen, dat Costa Rica meer onderwijzers dan soldaten bezit. He is te hopen, dat het dan véél meer onderwijzers bezit, want het leger schijnt slechts uit een paar honderd man te bestaan en de bevolking is zeshonderdduizend zielen sterk. Costa Rica heeft ook eens als oorlogsmarine een echte kruiser bezetten. De grote opera te San José is een verkleine kopie van de Parijse. Een en ander doet verwachten, dat Costa Rica ook el een Zuidamerikaans operetteland zal zijn. Maar dat valt geducht mee.”

O REINO PROIBIDO

1.1 A ESCRITA DE *O REINO PROIBIDO*



Slauerhoff usando quimono, fim de 1927 ou começo de 1928.

Foto: Literatuurmuseum

Slauerhoff saiu de Hong Kong, onde seu navio, Sui An, estava há algum tempo, e chegou a Macau no último dia de 1926. Sendo sua primeira vez ali, o autor holandês maravilhou-se com o local.

Slauerhoff publicou relatos de suas viagens, incluindo essa a Macau, em um jornal das então Índias Holandesas, atual Indonésia (então colonizada pela Holanda), reunidos postumamente no livro *Alleen de havens zijn ons trouw* (Só os portos nos são fiéis, 1992). Nesses relatos percebe-se que, graças ao que vivenciou em Macau, aos poucos, Slauerhoff vai delineando a base de *O reino proibido* e alguns personagens. Por exemplo, o autor holandês conheceu um radiotelegrafista irlandês e ambos passearam de carro até o cair da noite no farol da Guia. (POS 2003: 132)

Entre as diversas perambulações que fez, houve uma visita à gruta de Camões. Slauerhoff descreve sua chegada até à gruta de maneira ficcional:

Sabe quem foi a primeira pessoa com quem interagi em Macau? Luís de Camões.

Naquela tarde tranquila, onde tudo era descanso de domingo, fui à procura da Gruta ou do Patane, como também é chamada a sua casa.

Não foi fácil encontrá-la, tive que passar por muitas vielas e escadas sinuosas antes de encontrar o lugar onde ele “escreveu”, não digo “viveu” pois eu mesmo conheço muito bem o exílio e sei que o exilado mora em algum lugar a milhares de quilômetros de distância, não onde está seu corpo, apenas seus pensamentos, que encontrava cada vez menos para pensar. Parei desapontado diante de uma cancela, atrás de um jardim e uma casa, ambos com uma falta de estilo e um abandono que me entristeciam. Mesmo assim, entrei pela cancela, dei a volta na casa e ninguém me incomodou, muito menos a garota alegre no porão, atrás de uma janela entreaberta, que fazia as tarefas domésticas.

Passando por uma estufa com janelas quebradas e plantas caídas, subi um caminho estreito até uma rocha coberta de mato e encontrei, bem escondido atrás de uma borda rochosa alta e coberta de mato, simples mas lindamente decorado, o seu belo busto, assentado numa coluna ao centro, e, ao seu redor, gravados em mármore, fragmentos de Tasso, dos Lusíadas, uma saudação de Rienzi, exilado como ele, e uma inscrição chinesa que o homenageia como um sábio ao modo de Confúcio.

Tudo isto desaparece quando o vejo sentado num dos toscos bancos de pedra, reconheço os seus traços emagrecidos e o rosto estreito, alongado pela barba pontiaguda, o traje desbotado mas majestoso. Ainda há um barulho distante vindo da cidade e o farfalhar do vento nas folhas coriáceas, mas só ouço sua voz monótona contando seu sofrimento.” (SLAUERHOFF in BLOK; LEKKERKERKER 1985: 26)²⁶

Já em texto para jornal, sua descrição é ligeiramente diferente:

“Estranhamente, é preciso sair desta atmosfera e passar pelo labirinto acima mencionado para chegar ao monumento, a Gruta de Camões, tão solitário de localizar quanto sua vida entre seus conterrâneos de raça.

²⁶ Tradução nossa para (com fins de legibilidade, tiramos os inúmeros colchetes com correções dos organizadores): “Weet Gij wie de eerste mensch was met wie ik omging in Macao? Luis de Camões. Dien stillen middag waar alles in Zondagsrust lag, ging ik op zoek naar de Grotto of Patane zooals zijn woning ook wel heet. Het was niet gemakkelijk te vinden, vele kronkelstegen en trappen moest ik door, voordat ik de plek vond. waar hij schreef, ik zeg niet leefde, want ik ken zelf de ballingschap te goed en weet dat de balling leeft ergens duizenden mijlen ver, waar zijn lichaam niet is, alleen zijn gedachten, die minder en minder gedachten ontmoetten. Ik stond eindelijk teleurgesteld voor een tuinhek waarachter een tuin en huis beide verwaarloosd en stijlloos mij verdrieten. Toch ging ik het hek maar eens in en liep om het huis heen en niemand stoorde mij, allermint het hupsche meisje dat in souterrain achter een halfopen raam, zich huiselijk bezighield. Voorbij een plantenkas met ingevallen ruiten en omgevallen gewassen ging ik tot een begroeide rots een smal pad op, en vind, goedverborgen achter hoog begroeide rotsrand eenvoudig doch praalvol ingericht, zijn goedgeijkend borstbeeld staat op een zuil in t midden om hem heen in marmer gegrifte fragmenten uit Tasso, uit de Lusíados [sic] een groet van Rienzi balling als hij en een Chineesche inscriptie die hem eert als een wijze naar Confucius hart. Dit alles verdwijnt als ik hem zelf zie zitten op een der ruwsteenen banken, ik herken zijn vermagerde trekken en smal gelaat nog verlengd door de puntbaard, zijn vergane en toch staatsievolle kleedij. Er is nog wel wat ver gerucht van de stad en geruisch van de wind in de leerachtige blaren, maar ik hoor niets dan zijn eentonige stem die zijn lijden verhaalt.”

Um parque abandonado, ladeado por estufas quebradas e uma colina coberta de mato no final. Sobre ela repousam alguns grandes rochedos, no meio deles há uma espécie de câmara aberta, fechada pelas sombras projetadas que pairam o dia todo sobre eles. Que lugar solitário. Dizem que Camões escreveu Os Lusíadas aqui, que escondeu-se aqui. Além disso, ele chegou à terra náufrago, com seu manuscrito erguido para mantê-lo seco.

Isto deve ser uma lenda.

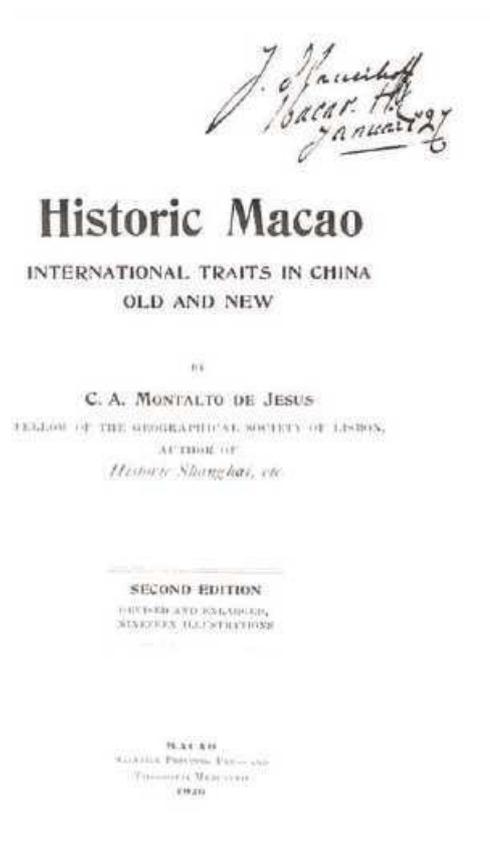
Num pedestal, onde estão gravadas estrofes dos Lusíadas, encontra-se um pequeno busto com barba pontiaguda e gola alta de renda, semelhante a Guilherme I. Jovens chineses vestidos de gala sentam-se em bancos ao redor. Eles não se importam com essa cabeça estranha.

Nas paredes rochosas há lajes de mármore com poemas de Tasso, Quevedo, Browning e outros. Fiz algumas cópias e eles não fizeram nenhum comentário. Você acredita que um artista chinês em Amsterdã poderia, por exemplo, fazer um esboço de Thorbecke na praça com esse nome sem ser incomodado?

Por cortesia, não atrapalho o cúli que dorme no nicho onde está inscrita a queixa e saudação de Rinzi [sic] a Camões (“voyageur, poète et soldat comme lui”), embora o seu corpo esticado e preguiçoso esconda as linhas finais.”²⁷ (SLAUERHOFF 1992: 29)

Em Macau ou Hong Kong, Slauerhoff comprou *Historic Macao* (1902), de C.A. Montalto de Jesus (1863-1927), considerado o primeiro grande livro sobre a história de Macau, que foi-lhe muito útil na construção de seu romance.

²⁷ Tradução nossa para: “Merkwaardigerwijs moet men deze atmosfeer verlaten en door het bovenvermelde doolhof gaan om het monument, de Grotta de Camoës, te bereiken, even eenzaam in ligging als zijn leven onder zijn rasgenoten was. Een verwaarloosd park, geflankeerd door gebroken broei-kassen en aan ‘t einde een begroeide heuvel. Daarop liggen enige grote rotsblokken, een soort kamer in hun midden openlatend, gesloten door de slagschaduw die de hele dag erover hangen. Welk een eenzaam oord. Men verhaalt dat Camoës hier de Lusiade schreef, hier zich schuldhiel. Ook, dat hij als schipbreukeling aan land kwam, zijn manuscript hoog geheven, om het droog te houden. Dit zal een sage zijn. Op een piëdestal, waarin strofen uit de Lusiaden zijn gegrift, staat een klein borstbeeld met puntbaards en hoge kantkraag, genre Willem de Zwijger. Op banken rondom zitten jonge Chinezen in pronkgewaad. Zij storen zich niet aan deze vreemde kop. Op de rots wanden zijn marmeren platen aangebracht met dichtregelen van Tasso, Quevedo, Browning, en anderen. Ik neem enkele kopieën en zijn leveren geen comentaar. Geloof u dat een Chinees in Amsterdam ongemolesteerd bij voorbeeld een schets van Thorbecke op het plein van die naam kon maken? Als tegenbeleefdheid stoor ik de koelie niet die ligt te slapen in de nis, waarin de klacht en groet van Rinzi aan Camoës is gegrift (‘voyageur, poète et soldat comme lui’), al verbergt zijn lui uitgestrekt lijft de slotregelen.”



Folha de rosto onde lê-se: “J. Slauerhoff Macau H.[ong] K.[ong]/Januari 27”.

Foto: POS 2003: 130

Slauerhoff voltou a Macau meses depois. Ele conta que retornou à gruta de Camões em março de 1927 e usufruiu da hospitalidade de um macaense, possivelmente o marido de uma mulher que ele, como médico de bordo, indo de Balikpapan à Hong Kong, tinha assistido num parto complicado. (POS 2003: 133) Em seu diário também há várias impressões de Macau, usadas para crônicas e o supracitado romance.

Para a composição de seu romance, Slauerhoff possuía *A chave dos Lusíadas*, de 1915, um edição dos Lusíadas parafraseada e anotada por José Agostinho de Oliveira – que lhe foi presentada por Constâncio José da Silva, editor do jornal *A Verdade*, de Macau –, e uma tradução francesa de *Os Lusíadas*. (VAN DEN NESTE 2013: 24)

Em 1928 são publicadas suas primeiras poesias sobre Camões, respectivamente, em *Oost Azië* e *Eldorado*:

REGRESSO DE CAMÕES²⁸

A felicidade, esperada por muito tempo, sempre se transforma em tristeza.
Quando vimos o primeiro marco: a serra de Sintra,
Heitor também foi levado para o convés de popa
E escorregou para o mar por baixo do traje verde-avermelhado.

Então, do outro lado do horizonte, veio o azul do Tejo e
As colinas marrons partiram-se vastamente
Como se a pátria abrisse os braços,
Para nos levar de volta ao seu coração.

Nenhuma fogueira ardia em Lisboa.*
Uma bandeira amarela tremulava no velho forte.
Nenhuma flâmula tremulava nas paredes vazias.
A frota foi mantida na corrente, temendo a peste.

Tendo deixado a cidade depois de sete dias,
Acompanhados por ninguém, fomos juntos
Como fantasmas durante o dia por ruas estranhas,
Nenhuma pessoa torcendo, nenhuma mulher acenando na janela.

Na corte ninguém mais sabia nosso nome.
Os novos estados eram pouco conhecidos;
O monarca, governado por mulheres e prelados,
Mantinha frieza até a fundação de Macau, a fama de Goa

Senti-me traído por sete anos de trabalho;
Eu tinha erguido meus Lusíadas
No buraco do navio, caverna e cela, de dia e de noite,
Salvado do fogo e naufrágio como se fosse minha consorte.

Para entregá-lo à pátria:
Mas onde o inimigo jaz nas fronteiras,
Onde a pestilência reina, o terremoto ameaça,
Eles oprimem o povo, constroem mosteiros sobre mosteiros,
Matam hereges, escondem a glória da descoberta,
Existe apenas desprezo pelo épico.

²⁸ Tradução nossa para: “CAMÕES' THUISKOMST Geluk, te lang gehoopt, wendt steeds in leed./ Toen wij 't eerst landmerk: Cintra's heuvels zagen./ Werd Heitor ook naar 't achterdek gedragen/ En gleed in zee van onder 't rood-groen kleed./ Toen kwam, dwars door de kim, de blauwe Taag em/ De bruine heuveln weken, hemelsbreed:/ Of 't vaderland zijn armen opendeed./ Ons weergekeerden aan zijn hart wou dragen./ Uit Lisboa vlamden geen vreugdevuren./ Een gele vlag woei van de oude vest'/ Geen winpels zwierden van de leege muren./ Men hield de vloot op stroom, bevreesd voor pest./ Na zeven dagen in de stad gelaten./ Door niemand vergezeld, gingen wij saam/ Als geesten overdag door vreemde straten./ Geen juichend volk, geen vrouw wuivend aan 't raam./ Aan 't hof wist niemand meer van onzen naam. Men keek nauwelijks de nieuwe staten;/ De vorst, beheerscht door vrouwen en prelaten,/ Bleef koud voor Macao's stichting, Goa's faam/ Ik voelde mij door zeven jaar werk verraden;/ Mijn Lusíade had ik grootgebracht/ In scheepshol, grot en kluis, bij dag en nacht./ Gered uit brand en schipbreuk als mijn gade./ Om haar te schenken aan het vaderland:/ Maar waar de vijand aan de grenzen ligt./ Waar pestilentie heerscht, aardbeving dreigt./ Men 't volk verdrukt, klooster op klooster sticht./ Kettters ombrengt, ontdekkingsroem verzwijgt./ Heeft men slechts hoon veil voor het heldendicht.”

CAMÕES²⁹

Ele passou a juventude num castelo remoto
 E serviu a uma corte irracionalmente frívola e arrogante.
 Ele fugiu, desejando selvagemmente ir a um destino maior,
 Somente para Estados recém-estabelecidos.

Minado por causa de seu silêncio e tiro incerto
 Por comerciantes e soldados;
 A bordo, na fortificação, presa do complô desajeitado
 Que ele não podia aniquilar, apenas odiar impotente.

No entanto, seu sonho se forçou a se realizar:
 Quando ele não foi conquistar terras estrangeiras maravilhosas
 Com uma poderosa armada,

Ele trabalhou no crepúsculo da caverna fria
 - Poeta condenado, andarilho e exilado -
 As pesadas estrofes dos Lusíadas.

(Gruta, Macau)

Também são desse período os poemas sobre Macau, publicados em *Oost Azië*:

CATEDRAL DE SÃO MIGUEL³⁰

A fachada ergue-se como uma parede de pedra
 Para a profunda decadência do santuário
 Varrido da terra; nenhuma coluna
 Resta do antigo esplendor à misericórdia de Deus,

Apenas a lápide cinza ereta,
 Erguendo-se no topo do limiar da escada,
 O espaço aberto dominante, templo do sol
 Até o horizonte sob o firmamento do céu.

²⁹ Tradução nossa para: “CAMÕES Hij sleet zijn jeugd in 't afgelegen slot/ En diende een hof, geestloos wuft en verwaten./ Hij vlood, wild hunkrend naar een grooter lot,/ Alleen naar de pas opgerichte Staten./ Om zijn stilzwijgen en onzeker schot/ Geminacht door kooplieden en soldaten;/ Aan boord, in 't fort ten prooi aan 't plomp complot/ Dat hij niet delgen kon, slechts machtloos haten./ Toch drong zijn droom tot zijn verweezlijking:/ Toen hij geen vreemde wonderlanden ging/ Veroveren met een machtige armade./ Wrocht hij in kille grottenschemering/ - Gedoemd poëet, zwerver en banneling -/ De zware strophen van de Lusiade./ (Grotto, Macao)”

³⁰ Tradução nossa para: “KATHEDRAAL SAN MIGUEL Als een rotsmuur steil rijst de façade/ Voor het diep verval van 't heiligdom/ Wegevaagd van 't aardrijk; geen kolom/ Rest van de oude praal tot Gods genade./ Slechts de grauwe rechtopstaande zerk./ Stijgend op de kim der trappendrempel,/ 't Open ruim beheerschend, zonnetempel/ Tot den einder onder 't koelend zwerk./ Door de raamgaten diep in den muur/ - Heiligen zijn vernietigd met hun ruit -/ Dringt zich nu het levende azuur,/ Vliegen vogels, stralen, in en uit./ De almachtigen in steen gehuld./ De Godsmoeder die de globe torst./ Voor zijn vloot der oceanen vorst./ Hebben in hun heilig ongeduld/ Muren, zuilen achter zich gestort./ Maakten hemelhal en wereldrond./ Eenig waardigen, tot hun achtergrond./ Afziend van de stad tot puin verdord.”

Através dos buracos da janela no fundo da parede
 - Santos foram destruídos com a janela -
 O azul vivo penetra,
 Pássaros voam, raios, entrando e saindo.

O todo-poderoso envolto em pedra,
 A Mãe de Deus que carrega o globo,
 Antes que flutue da soberania do oceano
 Tenha em sua santa impaciência

Paredes, pilares derramados atrás deles,
 Feito o salão do céu e o globo,
 Um tanto digno, ao seu fundo,
 Renunciar a cidade murchando em escombros.

VISTA DE MACAU DO MONTE³¹

O Monte é desmantelado pela madrugada.
 Os picos das montanhas estão expostos acima da escuridão.
 Um barco está inclinado em uma estreita faixa de praia,
 Um jovem ladrão de cavalos foi morto

Uma cidade silenciosa, uma bacia portuária que se tornou areia
 Mas permaneceu funda o suficiente para a frota de juncos.
 A existência nos becos nos mudou?
 Funciona com a mesma certeza que a peste, a fome.

As mulheres sempre dão à luz filhos,
 Velhos exaustos morrem na poeira.
 Os juncos navegam dentro e fora há séculos,
 Um tiro dispara dia e noite à noite.

Então tudo permaneceu como antes:
 Aquele nascer do sol, aquele tiro, aquele recife de vela,
 No esforço incompreensível na miséria...
 Ouço meus passos ressoarem na corte.

³¹ Tradução nossa para: "UITZICHT OP MACAO VAN MONTE AF Monte wordt door den dageraad ontmanteld./ Bergtoppen komen boven 't donker bloot./ Op smalle strandstrook ligt een boot gekanteld./ Brengt men een paardenroover jong ter dood./ Een stad die stil, een havenkom die zand werd/ Maar diep genoeg bleef voor de jonkenvloot./ Is in de stegen het bestaan veranderd?/ Nog even zeker werkt pest, hongersnood./ Steeds brengen vrouwen kindren in het leven./ Doodmoede grijsaards sterven in het stof./ De jonken varen in en uit sinds eeuwen./ Een schot lost dag en nacht des avonds af./ Zoo is toch alles als weleer gebleven:/ Dat zonopgaan, dat schot, dat zeilenreven,/ Het in ellende onbegrijpelijk streven.../ Ik hoor mijn stappen klinken in den hof."/

MANHÃ DE MACAU³²

Onde a noite se afogou,
 Desperta uma lua, amarelada.
 Ilhas, juncos e nuvens
 Fique sobre o reflexo deles

Fica em pé,
 Enquanto o sol está vermelho
 Ondula a névoa para os mortos
 A Santa Macau brilha

E no estreito adormecido
 Ruas furtivas, nos jardins
 Onde através da decadência florida
 Palácios arruinam seu esplendor

Onde para abaixo
 Encantamento a Praia Grande
 Palidamente abraça o atolado
 Abandonada de vez para sempre,

Onde há séculos tão cedo envelhece,
 Ainda a frota pesqueira
 Veleja para a manhã vermelha,
 Com a escuridão à frente.

Abaixo, veja os juncos,
 Velhos e curvados,
 Diante do arco sob os olhos
 Enforcados e afogados

Em 1930 o interesse de Slauerhoff pela China vai crescendo cada vez mais. No começo daquele ano ele se tornou membro da Associação Holanda-China e, após o expediente no consultório em Utrecht, imergia-se nos livros de temática chinesa traduzidos ao alemão ou inglês que Schotman, seu amigo, havia lhe emprestado: *Der Ölhändler und das Freudenmädchen*, de Vincenz Hundhausen; *Rachen des jungen Meh*, de Xi Yin Tang Zhu Ren; a primeira tradução inglesa de *Romance dos três reinos*, de Luo Guanzhong; e *Die drei Sprünge des Wang-lun*, de Alfred Döblin, que Slauerhoff leu três

³² Tradução nossa para: "OCHTEND MACAO Waar de nacht is verdronken./ Waakt nog een maan, oudvergeeld./ Eilanden, jonken en wolken/ Staan over hun spiegelbeeld/ Even rank overeind./ Terwijl de zon in rode/ Rimpels den mist naar het doode/ Heilige Macao onderschijnt/ En in de slapende smalle/ Straten sluipt, in de tuinen/ Waar dwars door 't gebloemte vervallen/ Paleizen hun praal in puinen/ Storten, tot waar beneden/ Bekoorlijk de Praia Grande/ Blank omarmt de verzande/ Voorgoed verlaten reede./ Waar eeuwen lang even vroeg./ Nog thans de visschersvloot/ Uitzeilt voor het morgenrood./ Het donker voor den boeg./ Daaronder zien de jonken,/ Oud en voorovergebogen./ Zich voor den boeg onder de oogen/ Verhangen en verdronken"

vezes. (HAZEU 1995: 427) Também em 1930 é publicada a principal fonte que o autor holandês usou para escrever seu romance: *Das Leiden des Camoes: oder Untergang und Vollendung der portugiesischen Macht*, de Reinhold Schneider (1903-1958), uma biografia romanceada do poeta português.

Aliás, vale a pena usarmos este livro de Schneider como exemplo para mostrarmos o modus operandi de Slauerhoff e suas influências. No livro de Schneider, em alemão, aparece como uma poesia um trecho da correspondência de Camões (Carta II):

*Denn das Land zwar bleibt zurück,
All das andre folgt der Seele.*
(BLOK; LEKKERKERKER 1985: 87)

Schneider não traduziu do português ao alemão, mas retirou a citação da tradução que Wilhelm Storck fez da obra completa de Camões, em seis volumes (*Luis de Camoens. Sämtliche Gedichte*. Paderborn, 1880). Este trecho está no primeiro volume, *Buch der Lieder und Briefe*. Storck dá uma nota: “Também considero esta frase como um par de versos. No original (...) lê-se: Porque, enfim, en la tierra queda, e o mais a alma acompanha.”³³ (BLOK; LEKKERKERKER 1985: 87)

Slauerhoff, não tendo acesso ao original em português, traduziu do alemão ao holandês e deixou em poesia mesmo em *O reino proibido*:

*Wel is 't land voorgoed verlaten,
maar al 't leed vaart mee op 't schip*
(SLAUERHOFF 1932: 77)

Slauerhoff altera ligeiramente o significado da segunda parte, *All das andre folgt der Seele* (todo o resto acompanha a alma), para *maar al 't leed vaart mee op 't schip* (mas todo o sofrimento navega no navio).

Em uma de suas estadas em Lisboa, Slauerhoff conheceu Albino Forjaz de Sampaio (1884-1940), um jornalista, escritor e bibliófilo português. O próprio Slauerhoff falaria sobre Sampaio no livro *Portugal. Ein Reisetagebuch*, de Reinhold Schneider, num trecho originalmente publicado no *Nieuw Arnhemsche Courant*, em 6 de maio de 1933:

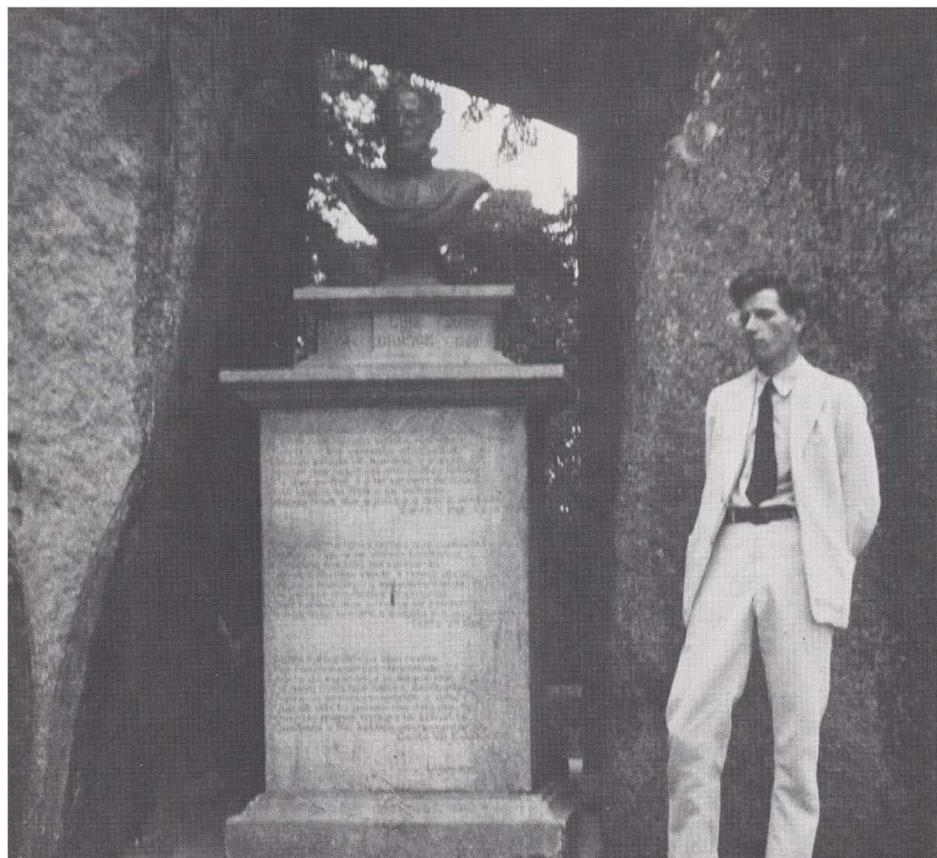
³³ Tradução nossa para: “Ich halte auch diesen Satz für ein Verspaar. Im Original ist (...) zu lesen: Porque, enfim, en la tierra queda, e o mais a alma acompanha.” (N. do T.)

O conhecido publicitário Albino Forjaz de Sampaio escreveu uma obra veementemente chauvinista, *Porque me orgulho de ser português – Waarom ik er trotsch op ben Portugeesch te zijn*, em holandês –, onde enumera tudo o que eles ainda possuem de propriedade nacional e de colônias (e virtudes nacionais). Estas são, de fato, ainda muito extensas, mas totalmente inexploradas ou colônias britânicas disfarçadas. A maioria dos portugueses sabe disso. Um livro como o de Sampaio é como uma criança cantando no escuro.³⁴ (SLAUERHOFF in HAZEU 1995: 550)

Em 1929, Sampaio começou a dirigir a monumental *História da literatura portuguesa ilustrada*, escrita em conjunto com dezenas de colaboradores, que só seria concluída depois de sua morte, em 1942.

No vigésimo quarto fascículo de *História da literatura portuguesa ilustrada*, impresso no final de novembro de 1930, na página 367, dentro da seção dedicada a Camões, há duas fotos de Slauerhoff com as seguintes legendas: “O busto de Camões na Gruta de Macau. Ao lado o Dr. Slauerhoff, médico holandês e autor de várias poesias sobre Camões e um livro (ainda inédito) sobre a vida do poeta no Oriente” e “O Dr. J. Slauerhoff, médico a bordo do *Flandria* e autor de volumes de prosa e verso muito apreciados.” (POS 2003: 126)

³⁴ Tradução nossa para: “De bekende publicist Albino Forjaz de Sampaio schreef een fel chauvinistisch werk, *Porque me orgulho de ser português - Waarom ik er trotsch op ben Portugeesch te zijn* - en somt daarin alles op, wat ze nog bezitten aan nationaal eigendom en aan koloniën (en nationale deugden). Deze zijn inderdaad nog zeer uitgestrekt maar, of geheel ongeëxploiteerd, of verkapte Britsche koloniën. De meeste Portugeezen weten dat zelf ook wel. Een boek als dat van Sampaio is als 't zingen van een kind in 't donker.”



Slauerhoff na gruta de Camões, em Macau.

Foto: Literatuurmuseum

O livro inédito era, claro, *O reino proibido*, que ainda estava sendo elaborado e só seria publicado dois anos depois. Slauerhoff retribuiu a gentileza e dedicou o prólogo de seu romance a Albino Forjaz de Sampaio. O livro em si foi dedicado à D., isto é, Darja Collin, esposa de Slauerhoff na época.

Em abril de 1931 Slauerhoff ainda trabalhava lentamente em *O reino proibido*. (HAZEU 1995: 511) Mas pouco depois o autor passou a trabalhar quase diariamente no romance. Os dois últimos capítulos foram difíceis de escrever, já que ele estava bem doente, como o próprio contou:

Sempre tenho que ficar deitado e está ficando cada vez mais difícil. Escrevo alguma coisa, mas é muito difícil nessa posição. É horrível ficar doente, em especial quando não se sente mais assim. O tempo aqui é muito ruim, o vento é frio, às vezes faz um calor escaldante por algumas horas, depois esfria de novo, também é muito deprimente. Quero ir ao exterior[...].”³⁵
(SLAUERHOFF in HAZEU 1995: 521)

³⁵ Tradução nossa para: “Ik moet nog altijd *liggen* en dat valt mij hoe langer hoe zwaarder. Ik werk iets, maar 't is zoo lastig in liggende houding. Wat is dat ziek zijn toch ellendig, vooral als je 't niet meer zoo voelt. Het weer hier is allerberordst, koud windring, soms een paar uren snikheet, dan weer koud, dat deprimeert ook *erg*. Ik verlang naar buitenland [...]”

Naquele mesmo ano, *O reino proibido* foi publicado em nove capítulos na revista Forum, dirigida pelos amigos pessoais de Slauerhoff: Menno ter Braak (1902-1940), Edgar du Perron (1889-1940), e Maurice Roelants (1895-1966). O dinheiro ganho com a publicação na Forum foi a maior renda de Slauerhoff naquele ano. (HAZEU 1995: 520) A revista, hoje (2024), é considerada a mais importante publicação do modernismo holandês.

Slauerhoff estava ansioso pela publicação em livro de *O reino proibido*, em 1932, pois 1.200 exemplares, um número alto para época, segundo o próprio autor, tinham sido comprados por uma livraria. (HAZEU 1995: 556)

A recepção de *O reino proibido* foi mista, pendendo para negativa, como veremos mais adiante no capítulo sobre a recepção da obra na Holanda na época.

Mas mesmo após a publicação de *O reino proibido*, todos esses temas nunca saíram da cabeça de Slauerhoff. Em seu livro de poemas *Soleares* (1933) há uma seção dedicada ao mundo lusófono, intitulada *Saudade*, em português mesmo, onde o poeta demonstra que assimilou muito bem o “nosso” conceito de saudade.

MACAU MORTA³⁶

A cidade repousa em torno de um canal curvo
No qual outro lado afundou no mar:
A orgulhosa frota que trouxe tesouros,
Agora atropelado por um lixo vergonhoso.

A água onde nenhum navio vai virar,
Foi achatada por uma vazante morta;
Édito eterno fechou silencioso com decadência
E tece uma poderosa e limpa teia invisível.

³⁶ Tradução nossa para: “HET DOODE MACAO De stad rust rondom een gebogen gracht/ Waarvan de overzijde in zee verzonk:/ De trotsche vloot die schatten heeft gebracht,/ Nu overvaren door een schaamle jonk./ Het water, waar geen schip meer wenden zal,/ Werd vlak gestreken door een doode eb:/ Eeuwig edict sloot stilte met verval/ En weeft een machtig, schoon onzichtbaar web./ De holle straten die nog namen dragen/ Van Jezuïeten en conquistadors./ Laten het eindloos leeg verloop der dagen/ Tusschen hun onbewoonde huizen door./ Des avonds valt de schemer scherp en snel/ En laat het licht de stad weer aan haar lot/ Over - door 't duister, van de citadel,/ Valt, als een snik, het doffe avondschoot./ En vrouwen, overdag onzichtbaar levend,/ Heur vormen nog verhullend in de sjaal./ Gaan door het duister, daadlijk weer verevend./ Neerknielen in de holle Kathedraal./ En vrouwen komen uit de nauwe stegen/ De Praia over, aan de lage wering/ Stilstaand, en wachten, zonder te bewegen/ En 't zelf te weten, weerloos een bezwering./ Verwongen boomen vragen aan den wind/ Waarom de zee klaagt aan de steenen ronde,/ De stad met holle vensters staart zich blind/ En wrokt om oude, nooit gewroken wonden./ Een klok slaat knarsend, vèraf - van een toren./ De vrouwen keeren weer gedwee naar huis./ De Praia gaat op de lichtgrens verloren,/ Zwart voor de maan staat scherp het Miguelskruis./ En Azië's oudste kustlicht, ver daarboven:/ Guia, zendt weer zijn stralen in den nacht,/ Trouw als de heilige die niet meer verwacht,/ Maar verder schijnt voor hen die nog gelooven.”

As ruas ocas que ainda carregam nomes
De jesuítas e conquistadores
Deixam o curso vazio sem fim dos dias
Passar através de suas casas desabitadas.

À noite, o crepúsculo cai abrupta e rapidamente
E a luz deixa a cidade ao seu destino novamente
Através da escuridão, da cidadela,
Cai, como um soluço, o tiro monótono da tarde.

E as mulheres, vivendo invisíveis durante o dia,
Suas formas ainda escondidas no xale,
Atravessando a escuridão, realmente igualadas novamente,
Ajoelham-se na oca Catedral.

E as mulheres vêm dos becos estreitos
Do outro lado da Praia,* na barreira baixa
Parado e esperando, sem se mover
E elas mesmo sabendo disso, um encantamento indefeso.

Árvores retorcidas perguntam ao vento
Por que o mar reclama com as pedras redondas,
A cidade com janelas ocas olham cegamente
E guardam rancores por velhas feridas nunca vingadas.

Um relógio toca rangendo, longe - de uma torre.
As mulheres humildemente voltam para casa.
A Praia perde-se na orla da luz,
Preta em frente à lua está a cruz de Miguel.

E a luz costeira mais antiga da Ásia, muito acima:
Guia, envia outra vez seus raios na noite,
Fiel como o santo que não espera mais,
Mas brilha além, para aqueles que ainda acreditam.

COMPANHIA DE MOÇAMBIQUE³⁷

À Companhia de Moçambique
 Pertence a Beira
 E a terra além
 E também a Manga
 E os negros que trabalham lá
 E os arbustos nas beiradas,
 Tudo aqui pertence
 À Companhia de Moçambique.

Também os animais que vivem aqui:
 Não apenas os bois mancos
 Com suas moscas tsé-tsé,
 Pássaros esvoaçantes e insetos invisíveis
 Também.

Está ficando cansativo
 Nomear tudo,
 Mas o que mais há de fazer
 Quando alguém está esperando
 Em um ônibus (também da Companhia)
 Quem não vem
 Ouvindo o rouxinol-pequeno-dos-caniços
 Quem se mantém no meio
 Com sua estranha canção de duas notas
 Entre o rouxinol e o críquete!

(A Companhia de Moçambique não faz nenhuma reclamação sobre isso.)

Também Antonio Menano,
 O famoso cantor de fado
 Por cuja voz sombria e abafada
 Todas as mulheres choram e desmaiam:
 Que aliviou todos os sofrimentos de Portugal,

³⁷ Tradução nossa para: “COMPAGNIE DE MOZAMBIQUE Aan de Compagnie de Mozambique/ Behoort Beira/ En het land daarachter/ En ook Manga/ En de negers die daar werken/ En de heesters in de perken./ Alles hier behoort/ Aan de Compagnie de Mozambique./ Ook de dieren die hier leven:/ Niet alleen de kreupele ossen/ Met hun tsetsevliegen./ Fladderende vogels en onzichtbare insecten/ Eveneens./ 't Wordt vervelend/ Alles op te noemen./ Maar wat zal men anders doen/ Als men zit te wachten/ Op een bus (ook van de Compagnie)/ Die niet komt./ Luisterend naar den karekiet/ Die het midden houdt/ Met zijn vreemd tweetonig lied/ Tusschen nachtegaal en krekel!/ (Hierop maakt de Compagnie de Mozambique Geen aanspraak.)/ Ook Antonio Menano./ De befaamde fadozanger/ Bij wiens donkere befloerste stem/ Alle vrouwen weenen en bezwijmen./ Die al 't leed van Portugal opbeurde./ Ook Menano/ Hoort nu aan de Compagnie de Mozambique./ Acht mijl verder/ Werkt hij op een onderneming;/ Rijk werd hij want ieder wou hem hooren./ Arm werd hij want hij moest spelen en verloor/ En natuurlijk speculeerend in aandelen/ Van de Compagnie de Mozambique./ Nu is hij voor zeven jaar/ Daar verbonden als plantagedokter./ Geeft injecties en beslist/ Of een neger die zich heeft vergist/ Sterk genoeg is voor de geeseling./ Want de reglementen zijn/ Streng en toch humaan/ Bij de Compagnie de Mozambique./ Brengen wij het losgeld niet bijeen./ Dat hij weer van droeve zaligheid kan zingen? Neen./ Ook Menano dronk zich al lang schor/ Aan de whisky die, hier ingevoerd/ Voor verlaagd tarief./ Wordt verstrekt aan de employé's/ Van de Compagnie de Mozambique.”

Menano também
Agora pertence à Companhia de Moçambique.

Oito milhas de distância
Ele trabalha em uma plantação;
Ele ficou rico, pois todos queriam ouvi-lo,
Ficou pobre quando jogou e perdeu
E, claro, especulando em ações
Da Companhia de Moçambique.

Há sete anos ele é
Contratado como um médico de plantação,
Dá injeções e decide
Se um negro que errou
É forte o suficiente para as chicotadas,
Porque as regras são
Rigorosas mas humanas
Na Companhia de Moçambique.

Não cobraremos o resgate,
Para que ele possa cantar de novo sobre a alegria triste?
Não.
Há tempos Menano também bebia até ficar rouco
Com o uísque que aqui é importado
Com taxa reduzida,
E é dado aos funcionários
Da Companhia de Moçambique.

CHEGADA³⁸

Depois de longos dias atormentados pela tempestade
E às vezes tirado da gaiola,
Ainda perplexo com a vida da suave Lisboa,*
Me encontro sentado na praça ensolarada.

Apoiado no canto de uma balaustrada,
Vejo como uma moldura celestial
O navio testado, parado quieto no cais,
A correnteza amarela, a linha colorida da costa.

Lá embaixo as carruagens martelam, guindastes gemem,
Aqui faz silêncio, enquanto apenas os violões
Lenta e tristemente rimbombam um velho fado,

³⁸ Tradução nossa para: “AANKOMST Na lange dagen door den storm geteisterd/ En somtijds uit de kooi gesmakt te zijn./ Door 't leven van 't zacht Lisboa nog verbijsterd./ Vind ik mij zitten op het zonnig plein./ Geleund in de' uithoek van een balustrade./ Zie ik als over hemelsbreed kozijn/ 't Beproefd schip dat klein stilligt aan de kade./ Den gelen stroom, de kleurge oeverlijn./ Beneden karren raatlen, kranen kreunen./ Hier is het stil, terwijl alleen gitaren/ Een oude fado traag en droef opdreunen./ En of karveelen weer den Taag opvaren.”

E como se as caravelas subissem o Tejo novamente.

LISBOA*³⁹

Construções de um branco cinzento,
Casas semiacabadas,
Ruínas sem rastro trituradas,
Pilares que à vista acinzentam.

Escombros em todo lugar
É público o tremor da terra.
Por que armazenar e arrumar?
Abaixo o perigo se encerra.

Palácios estão retalhados,
Estão sem pedaços os muros.
Lisboa* existe no passado,
Mas não descansa, só perdura.

E que cidade assim subsiste
Um fantasma como esta,
Estranha, e fielmente persiste
À chuva de cinzas em festa?

O ENJEITADO*⁴⁰

Me sinto estragado por dentro,
Agora eu sei do que vou morrer:
Nas margens do Tejo.
Nas margens amarelas e inclinadas,
Não há nada mais bonito e triste

³⁹ Tradução nossa para: “LISBOA Een stad van grijswitte gebouwen/ En halfvoltooide huizen,/ Van ruïnes die spoorloos vergruizen/ En zuilen die zichtbaar vergrauwen./ En overall zijn nog de puinen/ Van de aardbeving openbaar./ Waarom zou men bergen en ruimen?/ Onder de aarde dreigt steeds het gevaar./ Paleizen zijn scheef afgesneden./ Van andre ontbreekt een brok muur./ Lisboa bestaat in 't verleden./ Maar 't kent geen rust, enkel duur./ Was het ooit aan een stad gegeven/ Voort te leven als geest,/ Vreemd nu en trouw vroeger gebleven/ Na een aschregen op een feest?”

⁴⁰ Tradução nossa para: “O ENGEITADO Ik voel mij van binnen bederven,/ Nu weet ik waaraan ik zal sterven:/ Aan de oevers van den Taag./ Aan de gele, afhellende oevers,/ Er is niets schooners en droevers,/ En 't bestaan verheven en traag./ Ik bewandel 's middags de prado's/ En 's avonds hoor ik de fado's/ Aanklagen tot diep in den nacht:/ ‘La vida es inmensa tristura’ -/ Ik voel mij al samensnoeren/ Met de kwaal die haar tijd afwacht./ De vrouwen die visch verkoopen/ En de wezens die niets meer hopen/ Dan een douro meer, voor een keer,/ Zij zingen ze even verlaten,/ Door de galmgaten der straten,/ In een stilte zonder verweer./ Een van hen hoorde ik zingen/ En mijn kilte tot droefenis dwingen:/ ‘Ik heb niets tot troost dan mijn klacht./ Het leven kent geen genade,/ Niets heb ik dan mijn fado/ Om te vullen mijn leegen nacht.’ Ik voel mij van binnen bederven,/ Hier heeft het zin om te sterven,/ Waar alles wulpsch zwelgt in smart:/ Lisboa, eens stad der steden,/ Die 't verleden voortsleept in 't heden,/ En ruïnes met roem verwart./ Ik word door dien waan betooverd;/ Ook ik heb ontdekt en veroverd,/ Die later alles verloor,/ Om hier aan den tragen stroom/ Bij het graf van den grootsten droom/ Te sterven: ‘tudo es dor’.”

E a existência é sublime e lenta.

À tarde ando no prado*
E à noite ouço o fado
Reclamações até a calada na noite:
“A vida é imensa tristeza”*
Me sinto atado
Ao mal que espera seu tempo.

As mulheres que vendem peixe
E as criaturas que não esperam mais nada
Do que um douro*, outra vez,
Elas cantam por um momento,
Através das reverberações das ruas,
Em silêncio, sem defesa.

Ouvi uma delas cantar
E forçar minha frieza à tristeza:
“Não tenho nada para confortar além de meu lamento.
A vida não conhece piedade,
Não tenho nada além do meu fado
Para preencher minha noite vazia.”

Me sinto estragado por dentro,
Aqui faz sentido morrer:
Onde tudo se esconde na tristeza:
Lisboa,* outrora cidade das cidades,
Quem arrasta o passado para o presente,
E confunde ruínas com fama.

Estou encantado com essa ilusão;
Também descobri e conquistei,
Que depois perdi tudo,
Para encontrar aqui a corrente lenta
No túmulo do maior sonho
Morrer: "tudo é dor".*

SAUDADE*⁴¹

Eu tenho tantas lembranças
 Como folhas farfalhando nas árvores,
 Como vime murmurando nos córregos,
 Como pássaros cantando no céu azul
 Como música, rumores e farfalhares:
 Tantos e tão disformes que os sonhos

Ainda mais: de todos os círculos do céu
 Como ondas vindas do mar
 E se deparam com amplas praias,
 Mas nunca expulsam um grão de areia.

Eles sussurram juntos
 Selvagens e entusiastas, duros e íntimos;
 Fico louco pelo luxo,
 Esqueço a mim mesmo e me torno outro.

Os tristes sempre ficam mais tristes,
 Agora que sei irrevogavelmente,
 Cada vez mais para as praias na costa
 O mar do sofrimento perpétuo.

Os sortudos também ficam mais tristes,
 Porque eles se foram para sempre:
 Beijos, riqueza, palavras do passado
 São como uma fruta morta em mim.

Eu só tenho lembranças.
 Minha vida se foi há muito tempo.

⁴¹ Tradução nossa para: “SAUDADE Ik heb zooveel herinneringen./ Als blaadren ritslen aan de boomen./ Als rieten ruischen bij de stroomen./ Als vogels het azuur inzingen./ Als lied, geruisch en ritselingen./ Zooveel en vormloozter dan droomen./ Nog meer: uit alle hemelkringen/ Als golven uit de zee aanstroomen/ En over breede stranden komen./ Maar nooit een korrel zand verdringen./ Ze fluistren alle door elkander/ Wild en verteederd, hard en innig;/ Ik word van weelde nog waanzinnig./ Vergeet mijzelf en word een ander./ De droeve worden altijd droever./ Nu ik het onherroepelijk weet./ Steeds weer te stranden aan den oever/ Der zee van 't altijddurend leed./ Ook de gelukkige worden droever./ Want zij zijn voorgoed voorbij./ Kussen, weelden, woorden van vroeger/ Zijn als een doode vrucht in mij./ Ik heb alleen herinneringen./ Mijn leven is al lang voorbij./ Hoe kan een doode dan nog zingen?/ Geen enkel lied leeft meer in mij./ Aan de kusten van de oceanen./ In het oerdonker van de bosschen./ Hoor ik 't groot ruischen nog steeds ontstaan en/ Zich nooit meer tot een stem verlossen.”

FADO⁴²

Sou lento porque estou triste
 Acho tudo vão e venal
 Não conheço maior necessidade na terra
 Do que alguma sombra sob um toldo?

Ou estou triste porque sou lento
 Nunca adentro no vasto mundo
 Conheço apenas a Lisboa* do Tejo
 E lá ninguém sabe que eu existo

Preferia vagar sem rumo pelos becos escuros
 Do pobre circuito da Mouraria*?
 Lá me deparo com muitos como eu,
 Que vivem sem amor, luxúria, esperança...

Também em *Soleares*, Slauerhoff traduziu e adaptou fados, *Vida triste e Fado's*. Para um aprofundamento maior sobre o fado de modo geral na obra de Slauerhoff, que não abordaremos aqui, recomendamos a dissertação de mestrado de Van den Neste, '*O Engeitado*': *The mythology of the outcast in the Portuguese poems of J. Slauerhoff: Fado, Saudade, Lisbon, Macau and Camões in the poetry of J. Slauerhoff*, defendida na Universidade de Lisboa, em 2013.

VIDA TRISTE*⁴³

Condenado a viver triste
 Quem ama demais;
 Meu coração nunca parou
 O amor que dá grande tristeza.

Mais uma vez você procurou em seu peito em vão

⁴² Tradução nossa para: FADO Ben ik traag omdat ik droef ben,/ Alles vergeefs vind en veil,/ Op aarde geen hoogre behoefte ken/ Dan wat schaduw onder een zonnezeil?/ Of ben ik droef omdat ik traag ben,/ Nooit de wijde wereld inga,/ Alleen Lisboa van bij den Taag ken/ En ook daar voor niemand besta./ Liever doelloos in donkere stegen/ Van de armoedige Mouraria loop? Daar kom ik velen als mijzelf tegen/ Die leven zonder liefde, lust, hoop.../

⁴³ Tradução nossa para: "VIDA TRISTE Gedoemd om droevig te leven/ Wordt ieder die te veel liefheeft;/ Nog nooit hield mijn hart het tegen./ De liefde die groot verdriet geeft./ Weer zocht tevergeefs aan jouw borst/ Mijn gemartelde hart zijn rust./ Dat wil troost voor brandenden dorst/ En wordt niet geslecht door lust./ En altijd lijdten en boeten/ Moet men voor iedere daad./ Tot de wellust der laatste zoete/ Liefkoozing in dood vergaat./ Hoe lang men soms kan omhelzen./ Eens is weer de tijd vervloden./ Kan men dan nooit die helsche/ Vervloekte passie dooden?/ Ik weet het, liefde is zonde/ En dus kreeg ik ook mijn straf:/ Ik ben voor eeuwig gebonden/ Aan iemand die nooit om mij gaf./ Wel heeft hij mij veel streelingen/ En liefkoozingen gedaan./ Nooit kon hij mijn liefde bevredigen./ Dat kan zeker niet bestaan./ Ik weet wel, lijdten en boeten/ Moet men voor iedere daad./ Tot de wellust der laatste zoete/ Liefkoozing in dood vergaat./ Hoe lang men soms kan omhelzen./ Eens is weer de tijd vervloden./ Kan men dan nooit die helsche/ Vervloekte passie dooden?/ (Vertaald, anoniem)"

Meu coração torturado está calmo,
 Que quer consolo para sede mais ardente
 E não é saciado pelo desejo.

E sempre sofre e pague
 Por cada ato,
 Até que a sensualidade da última
 E delicada carícia se consuma até a morte

À vezes, quanto tempo se pode abraçar,
 Já que o tempo passou novamente;
 Nunca se poderá matar essa paixão
 Amaldiçoadamente infernal?

Eu sei, amor é pecado
 E também recebi meu castigo:
 Estou ligada para sempre
 A alguém que nunca se importou comigo.

Ele, no entanto, me fez muitos carinhos
 E carícias,
 Ele nunca poderia satisfazer meu amor,
 Isso certamente não pode existir.

E seu que sofro e pago
 Por cada ato,
 Até que a sensualidade da última
 E delicada carícia se consuma até a morte

À vezes, quanto tempo se pode abraçar,
 Já que o tempo passou novamente;
 Nunca se poderá matar essa paixão
 Amaldiçoadamente infernal?

(Traduzido, anônimo)

FADO'S⁴⁴

Palavras de amor
 Somente aqueles que abandonaram o mundo
 Sabem como encontrar as palavras
 Quem não suporta a luz,
 Mas tocando o interior cegamente.

Ai deles! Eles estão vivos

⁴⁴ Tradução nossa para: "FADO'S Liefdewoorden/ Slechts zij die de wereld verzaakten/ Weten de woorden te vinden/ Die 't licht niet kunnen verdragen,/ Maar blindelings 't innerlijk raken./ Wee hen! Zij staan in het leven/ Als blinden in breede straten,/ Maar beklagen nog hen die nooit minden,/ Die zijn ziende maar zonder genade./ Maneschijn/ Het maanlicht strijkt over de bergen/ En dringt door ramen en deuren./ Het weet met vermaan aan de verten/ De doode uren te kleuren./ (Vertaald, anoniem)"

Como cegos em ruas largas,
 Mas quem nunca amou ainda lamenta,
 Eles veem, mas sem piedade.

Luar
 O luar passa pelas montanhas
 E atravessa janelas e portas,
 Admite com advertência às distâncias
 Para colorir as horas mortas.

(Traduzido, anônimo)

Em março de 1935, Slauerhoff publicou na revista *Forum Laaste verschijning van Camoës* (Última aparição de Camões). Edgar du Perron foi enfático ao não classificá-lo como um conto, achava que era um capítulo inédito de *O reino proibido*, ou talvez serviria de prefácio ou posfácio ao romance. (BLOK; LEKKERKERKER 1985: 56) Já os organizadores das obras críticas de Slauerhoff, W. Blok e K. Lekkerkerker, pensavam que o texto era um meio termo entre obras. (BLOK; LEKKERKERKER 1985: 56) De qualquer maneira, Lekkerkerker o incluiu como um conto numa edição póstuma de contos, *Verwonderd saam te zijn* (1987), e nas obras completas de Slauerhoff, na seção *Alle verhalen* (Todos os contos). Por sua indissociação com *O reino proibido*, também traduzimos *Última aparição de Camões*, que consta no anexo.

Postumamente, em 1947, sai *Al dwalend*, uma antologia com poemas até então nunca publicados de Slauerhoff. E lá está o poeta português outra vez:

CAMOËS⁴⁵

Camões quis ser livre, fundiu-se numa corrente,
 Vagou na China, mas escreveu os Lusíadas,
 Toda a sua vida foi possuída pela canção do herói,
 Foi um trabalho árduo e ainda assim misericordioso.

Às vezes fugindo, às vezes preso, às vezes esquecido,
 Traído pela fama no fim da vida,
 Ele morreu na casa da peste, sozinho sem comida.
 Torturas os homens, Musa, nunca satisfeita!

⁴⁵ Tradução nossa para: “CAMOËS Camoës wou vrij zijn, smaadde zich een keten,/ Zwierf in China, maar schreef de Lusiade,/ Zijn leven lang door 't heldenlied bezeten,/ Het was een dwangarbeid en toch genade./ Soms vluchtend, soms gekerkerd, soms vergeten,/ Aan 's levens eind ook door den roem verraden,/ Stierf hij in 't pesthuis, eenzaam zonder eten./ Gij martelt mannen, Muze, nooit verzade!/ Vergeet toch niet dit afschrikwekkend voorbeeld,/ Voordat ge uzelf tot 't zelfde lot veroordeelt./ Het sterkste droombeeld zwicht voor armoe, leed/ 't Is al gebeurd, 't gedicht is al begonnen,/ En voortaan werkt ge of ge tranen zweet,/ Totdat het bloed in de aadren is geronnen.”

Não se esqueça deste exemplo assustador,
Antes de se condenar ao mesmo destino:
A imagem onírica mais forte sucumbe à pobreza, sofrendo

Já aconteceu, o poema já começou,
E a partir de agora trabalhas como se suasse lágrimas,
Até que o sangue coagule nas veias.

Para encerrar, vale a pena fazermos uma brevíssima comparação entre os poemas dedicados à Portugal, Macau e Camões que mostramos neste trabalho com *O reino proibido*.

Embora Slauerhoff cometa diversos erros, nos poemas é possível notar que há uma grande preocupação em usar a língua portuguesa, isto é visível pela quantidade de palavras e pela maneira como elas são usadas. No romance, o uso do português é relativamente baixo, Slauerhoff preocupa-se mais em acertar fatos históricos do a língua em si.

Tanto nos poemas quanto no romance também é notável o uso em português nos nomes das cidades, além de, no romance, os nomes portugueses só serem usados em holandês na parte do inominado radiotelegrafista irlandês (Lissabon em vez de Lisboa, por exemplo).

Nos poemas, tanto Portugal quanto Macau e Camões são vistos por uma ótica mais intimista, e no romance por uma perspectiva mais histórica.

1.2 A RECEPÇÃO NA HOLANDA E NO EXTERIOR

Slauerhoff soube da recepção de *O reino proibido* entre viagens, em outubro de 1932. Seu editor na editora Nijgh en Van Ditmar o mantinha informado das resenhas. Após uma resenha bastante favorável feita por Henri Borel no *Het Vaderland*, que ressaltava como o romance era incomum, citando aspectos da reencarnação, Slauerhoff sugeriu ao seu editor fazer anúncios com citações da resenha em jornais teosóficos. (HAZEU 1995: 567)

Além de textos escritos, o livro também foi comentado entre livreiros. Um livreiro chamado Meyer não entendeu a estrutura do romance e fez piadas que um capítulo não pertencia ao livro e acabou entrando acidentalmente. (HAZEU 1995: 568).

Maar toen het lag ontdekt, leek het verraad – opstellen over het proza van J. Slauerhoff (Mas quando foi descoberto, pareceu uma traição – ensaios sobre a prosa de J. Slauerhoff, 1985), organizado por Dirk Kroon, uma antologia com resenhas de obras de Slauerhoff escritas para jornais e revistas, nos dá uma ideia da recepção do livro. Entre as resenhas dedicadas exclusivamente a *O reino proibido*, destacamos os seguintes trechos, entre positivos e negativos:

Aqui Slauerhoff foi influenciado por outro grande escritor português, Eça de Queirós, cuja obra *O crime do padre Amaro* foi parcialmente traduzida por Slauerhoff neste ano. É um tremendo ataque ao sacerdócio e De Queirós denuncia de forma inusitadamente contundente a decadência moral, a hipocrisia e o modo de vida depravado de grande parte dos padres. As influências deste Zola português são perceptíveis no mais recente romance de Slauerhoff. [...] Slauerhoff é um autor muito moderno dos nossos tempos.⁴⁶ (VAN NOORT in KROON 1985: 65)

Neste livro, Slauerhoff escreve uma prosa mais bem cuidada do que estávamos acostumados até agora, e a composição também é muito mais clara e suave do que em obras anteriores (a história da antiga colônia portuguesa poderia virar um bom filme, isso é um parâmetro para a composição da intriga), mas no sexto capítulo as coisas dão errado [...] é um Conrad bem escrito por si só [...] mas a unidade do livro não se mantém.⁴⁷ (DONKER in KROON 1985: 60)

⁴⁶ Tradução nossa para: “Hier heeft Slauerhoff wel invloed ondervonden van de andere grote Portugese schrijver Eça de Queiroz wiens werk *De misdaad van Pater Amaro* dit jaar mede door Slauerhoff vertaald werd. Het is geweldige aanval op het priesterschap en De Queiroz hekelt op ongemeen scherpe wijze het zedelijk verval, de hiuchelarij en de verdorven levenswijze van 'n groot deel der priesters. Van deze Portugese Zola zijn in Slauerhoff nieuwste roman de invloeden merkbaar. [...] Slauerhoff is wel een zeer modern auteur uit onze tijd.”

⁴⁷ Tradução nossa para: “Slauerhoff schrijft in dit boek een verzorgder proza dan men tot nu van hem gewend was, en ook de compositie is een tijd lang veel duidelijker en gaver dan in vorig werk (van de geschiedenis der oude Portugezenkolonie zou een goede film te maken zijn, dat is een maatstaf voor de compositie der intrige), maar met het zesde hoofdstuk loopt het mis [...] een Conradachtig op zichzelf goed geschreven [...] maar met de eenheid van het boek is het dan gedaan.”

“Um professor que quer deixar claro para seus alunos como não escrever tem que usar este livro como exemplo. É uma pena que uma prosa assim venha à luz nos dias de hoje [...]”⁴⁸ (UYLDERT in KROON 1985: 286)

“[...] é mais uma questão de opinião ou conceito, mas pode-se questionar se o novo livro de Slauerhoff é de fato um romance. Eu diria que não.”⁴⁹ (ROBBERS in KROON 1985: 69)

Esta última, escrita por Herman Robbers, foi a mais pesada, chega a concluir que Slauerhoff não podia ser verdadeiramente chamado de escritor. Dentre as críticas negativas, esta foi a única que Slauerhoff respondeu, via carta:

*“Digo mais, talvez assim o senhor entenda o que é uma composição de uma história de A a Z. O senhor nunca leu, por exemplo, Les faux monnayeurs, de Gide? [...] Acho unfair uma crítica impensada como a sua e temo, portanto, as consequências contraditórias.”*⁵⁰ (SLAUERHOFF in HAZEU 1995: 571)

Em geral, a crítica holandesa da época não entendeu o romance e foi pega de surpresa com tamanha inovação. Aqui, vale a pena entendermos em qual ponto estava o modernismo holandês até então e o porquê desse espanto todo.

Começamos com o motivo talvez mais óbvio. Na época de publicação do romance de Slauerhoff, Camões era praticamente desconhecido na Holanda. Trechos dos *Lusíadas* foram traduzidos e adaptados por poetas holandeses: Rhijnvis Feith (1753-1824) fez uma tentativa em *Ines de Castro - Treurspel* (Amsterdã, Johannes Allart, 1793), e Willem Bilderdijk (1756-1831) em *Het leven en eenige uitgelezen gedichten* (ed. N.H.Th. ten Berge. H.A.M. Roelants, Schiedam 1868). (HAZEU 1995: 769) Bilderdijk, ainda hoje, é um nome bastante conhecido na Holanda.

Até 1932, ano de publicação de *O reino proibido*, só havia uma versão integral dos *Lusíadas* em holandês, *De Lusiade. Heldendicht in X zangen* (tradução em prosa e do francês de Lambertus Pieterszoon Stoppendaal. Middelburg & Amsterdã, 1777).

⁴⁸ Tradução nossa para: “De leraar die zijn leerlingen duidelijk wil maken hoe men niet schrijven moet, kan met vrucht dit boek ter hand nemen. Het is wel beschamend dat dergelijk proza in deze tijd in het licht gegeven kan worden [...]”

⁴⁹ Tradução nossa para: “[...] meer een kwestie van mening of opvatting zou men de vraag kunnen noemen of Slauerhoffs nieuwe boek inderdaad een roman is. Ik zou zeggen van nee.”

⁵⁰ Tradução nossa para: “Nog een woord, misschien verstaat U onder compositie een verhaal van A. tot Z. Hebt U nooit bv. gelezen Les faux monnayeurs van Gide? [...] Een klakkelooze kritiek als van U vind ik unfair en ik vrees dus met contrair gevolg.”

Especulamos que Slauerhoff preferiu lidar com a tradução francesa por ser a mais “próxima” do português, já que a holandesa é uma tradução indireta, ou o autor simplesmente desconhecia essa tradução holandesa, feita 155 anos de seu romance, o que achamos o mais provável.

No tocante ao experimentalismo, vale a pena falarmos do modernismo na Holanda. Os modernistas holandeses – ou seja, Slauerhoff e seus amigos, Edgar du Perron, Simon Vestdijk, Menno Ter Braak – resgataram compatriotas contemporâneos, mas à margem, como Nescio (1882-1961), Carry van Bruggen (1881-1932), e renovaram elogios a Multatuli (1820-1887), para citarmos apenas alguns. Consideravam os dois primeiros como pré-modernistas. Du Perron e Ter Braak, em especial, escrevem muito sobre eles. Du Perron chegou a publicar uma biografia de Multatuli, *De man van Lebak* (O homem de Lebak, 1937), até hoje tida como uma das melhores feitas sobre o autor.

Certamente *Max Havelaar* (1860), a obra-prima de Multatuli, influenciou *O reino proibido*. Ambos têm em comum a estrutura fragmentada e a temática de colonização, embora o romance de Multatuli seja imensamente mais político que o de Slauerhoff e toque em feridas mais profundas e caras aos holandeses. Parte da orelha da edição brasileira, feita por nós e não creditada no livro: “Não é à toa que quando foi publicado, *Max Havelaar* tenha causado um terremoto político e literário, sendo considerado até hoje o principal romance da história da Holanda. Usando o pseudônimo de Multatuli, Eduard Douwes Dekker, um ex-assistente-residente (cargo semelhante ao de vice-governador), denuncia a corrupção e o massacre praticados pelo governo holandês nas então Índias Holandesas, atual Indonésia. Mas não o faz de maneira simples. Batavus Droogstoppel, mercenário corretor de café, recebe uma caixa cheia de manuscritos de um conhecido seu, *Max Havelaar*, e pega um deles para ler, onde Havelaar conta suas experiências como ex-assistente-residente, lutando contra um sistema político corrompido. Misturando diversos gêneros literários – peça de teatro, poemas, cartas, listas, parábolas, contos, notas, documentos – de forma extremamente inovadora e moderna, *Max Havelaar* sempre é comparado a Dom Quixote e Tristram Shandy. [...] *Max Havelaar* provocou intensas reformas na política holandesa – ‘é o livro que matou o colonialismo’, segundo o escritor indonésio Pramoedya Ananta Toer, além de ter virado sinônimo de comércio justo – e foi estudado por intelectuais de diversas áreas, como Freud, Lênin, Mahler, Hermann Hesse.”⁵¹

⁵¹ MULTATULI. *Max Havelaar*. Trad.: Daniel Dago. Intr: Otto Maria Carpeaux. Belo Horizonte: Âyiné, 2019.



Multatuli, outubro de 1853.

Foto: MEULEN 2002: 286

Uma obra bem mais experimental que a de Slauerhoff e resgatada pelos modernistas holandeses é *Eva* (1927), de Carry van Bruggen. O romance, também já traduzido por nós e em vias de ser publicado, é um fluxo de consciência de uma mulher contando sua vida do fim da adolescência até os quarenta anos na Holanda do começo do século XX. Van Bruggen frequentemente é comparada a Virginia Woolf, tendo, inclusive, o mesmo final trágico que a autora inglesa.



Carry van Bruggen

Foto: Literatuurmuseum

Em relação à linguagem, não à forma, a obra de Nescio é a que mais chama a atenção. Nescio, pseudônimo de Jan Hendrik Frederik Grönloh, escreveu apenas contos. Originalmente publicados em revistas em 1911 e 1915 e em formato de livro em 1918, os contos de Nescio, pela primeira vez na literatura holandesa, usam o holandês do dia a dia, das ruas, um linguajar altamente coloquial e bastante difícil de traduzir. Hoje, Nescio é considerado o principal contista holandês do século XX. Nós também já o traduzimos, sua obra está em vias de ser publicada.



Nescio, 28 de julho de 1917
Foto: FRERICHS 2021: 248

Apesar de serem louvados pelos modernistas como pré-modernistas, tanto a obra de Van Bruggen quanto de Nescio só ganhariam fama real depois dos anos 1960, e não exerceram influência sobre Slauerhoff. Neste ponto, vale a pena falarmos da ligação entre os modernistas holandeses e de outros países.

Apesar de também ter escrito ficção, ainda hoje a obra de Ter Braak é mais lembrada pela faceta de crítica literária e, principalmente, de análise política. Seu texto mais importante, *Het nationaalsocialisme als rancuneleer* (O Nacional-Socialismo como doutrina do rancor), escrito em 1937, é considerado o principal ensaio político holandês contra o nazismo. Com a atual ascensão da extrema-direita na Holanda, o ensaio foi reeditado em 2022 por uma grande editora e virou um bestseller. Nós também já traduzimos o livro, que está em vias de ser publicado.

De todos os modernistas, Ter Braak foi o mais influenciado pela cultura alemã. Oswald Spengler e, principalmente, Friedrich Nietzsche, foram seu grande farol. Já no

campo da ficção, Ter Braak debruçou-se bastante sobre a literatura de exilados alemães, como Jakob Wassermann, Alfred Döblin, Klaus e Thomas Mann.

Menno Ter Braak e Thomas Mann trocaram nove cartas, escritas entre agosto de 1937 e maio de 1940, e encontraram-se pessoalmente. A primeira vez, em 1937, Ter Braak visitou Mann em Küsnacht, na Suíça; a segunda vez, em 1939, às vésperas da Segunda Guerra Mundial, Mann foi à Holanda e encontrou Ter Braak diversas vezes. (BRULS 1990: 7 e 8) Após a morte de Ter Braak, em 14 de maio de 1940, Mann escreveu um belo *In Memoriam* sobre o amigo holandês, posteriormente publicado em formato de livro como *In Memoriam Menno ter Braak*.



Katia Mann, Menno Ter Braak, Thomas Mann, em Haia, 19 de julho de 1939

Foto: HANSSEN 2003 (caderno de imagens)

Já Edgar du Perron foi mais influenciado pela França. Nascido numa família aristocrática e de linhagem francesa, Du Perron foi criado nas Índias Orientais Holandesas (atual Indonésia, colonizada pelos holandeses) e mudou-se para a Europa aos vinte e poucos anos, alternando entre Bélgica, França, Holanda.

Sua obra-prima é o monumental *Het land van herkomst* (O país de origem, 1935), romance de quase 600 páginas que atualmente faz a crítica colocar Du Perron no mesmo patamar de Joyce, Woolf, Proust, Svevo (SNOEK 2005: 994), Martin du Gard e Thomas Mann. (KINGSTONE 1984: 48) O romance tem forte influência de *Vida de Henry Brulard* (1890), de Stendhal; dos romances *Les Cahiers d'André Walter* (1891) e *Os falsos moedeiros* (1925), ambos de André Gide (SNOEK 2005: 1079); *A.O. Barnabooth* (1913), de Valery Larbaud – Du Perron se aproximaria pessoalmente do autor francês, um de seus favoritos, e traduziria dois livros seus, *Fermina Márquez* (1911) e *Le pauvre chemisier* (1929) (KUYPERS 1994: 45) [vale lembrar que aqui há uma leve conexão com o Brasil, já que Larbaud manteve contato com Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral e, anos depois, foi traduzido por Carlos Drummond de Andrade] –; e *Max Havelaar*, de Multatuli, seu grande ídolo.

O país de origem, um romance autobiográfico, narra o contato de Arthur Ducroo, o alter ego de Du Perron, com a intelectualidade europeia, alternando entre a infância feliz nas Índias Holandesas e uma juventude estraçalhada na Europa – com todos já prevendo a Segunda Guerra, que aconteceria dali poucos anos –, e apresenta discussões de todos os tipos e usa técnicas literárias similares às de Multatuli. Diversos parentes e amigos reais de Du Perron são protagonistas, apenas têm os nomes trocados, como Ter Braak (“Wijdenes”), Jan Greshoff (“Graaflant”), Pia Pascal (“Viala”), Alexandre Alexeïeff (“Goeraëff”), Adriaan Roland Holst (“Rijckloff”), André Malraux (“Héverlé”), entre muitos outros. A figura de Malraux é proeminente no romance e é possível fazer paralelos entre fatos narrados no livro e acontecimentos verdadeiros da vida de Malraux.

Aliás, vale a pena falarmos da grande amizade entre Malraux e Du Perron. Entre 1932 e 1936, Du Perron morou nos arredores de Paris e encontrava Malraux semanalmente, até duas vezes por semana. (VAN OUDVORST 1980: 27 e 29) Ambos tinham um passado colonial nas costas e falavam intensamente sobre intelectuais, política, o futuro do individualismo e questões matrimoniais. (VAN OUDVORST 1980: 29)

É interessante notar que tanto *A condição humana* (1933), o principal romance de Malraux, quanto *O país de origem* foram escritos no mesmo período – respectivamente,

1927-1933 e 1932-1935 – e ambos os autores foram influenciados um pelo outro no campo das ideias. (VAN OUDVORST 1980: 35) *A condição humana* é dedicado “a Eddy du Perron” e o próprio Du Perron traduziu o livro ao holandês, intitulado *Het menselijk tekort*. De sua parte, Malraux escreveu um prefácio a *Le pays d’origine*, a tradução francesa do livro de Du Perron, publicado pela Gallimard, em 1980. Sem falar que a epígrafe do romance de Du Perron é de... André Malraux.

Edgar du Perron morreu de infarto, em 14 de maio de 1940, logo após ouvir no rádio que a Holanda havia capitulado ao exército alemão. Menno Ter Braak morreu no mesmo dia em que seu grande amigo, suicidou-se ao também saber da rendição das tropas holandesas.



André Malraux e Edgar du Perron, na Bretanha, 1934

Foto: SNOEK 2005: 851

Falaremos brevemente sobre Simon Vestdijk, já que ele será mais citado no próximo capítulo. Um dos grandes poetas holandeses, Adriaan Roland Holst, dizia que

Vestdijk “escreve mais rápido do que Deus consegue ler” (VISSER 1987: 362) e Menno Ter Braak o denominava como “artista diabólico”. (VISSER 1987: 274)

A obra de Vestdijk é gigantesca, mais de 200 livros, entre poesias, contos, ensaios, novelas, romances. Apesar de também ter sido bastante influenciado pela cultura francesa, Vestdijk sofreu influência anglófona, como é possível ver por suas traduções de alguns romances de Arthur Conan Doyle e seu Sherlock Holmes; *O médico e o monstro*, de Robert Louis Stevenson; uma antologia de contos de Joseph Conrad, Daniel Defoe, Herman Melville, Somerset Maugham, Jack London, Rudyard Kipling; além de antologias de Edgar Allan Poe e Emily Dickinson. Embora não o tenha traduzido, James Joyce talvez era seu grande ídolo.

Meneer Visser's hellevaart (Descida do senhor Visser ao inferno, 1936), romance de Vestdijk cujo os primeiros capítulos foram publicados na revista *Forum*, em 1934, foi bastante hostilizado pela crítica holandesa por ser considerado uma cópia de *Ulysses* (1922), de James Joyce. Vários artigos, desde aquela época até hoje, comparam Leopold Bloom ao senhor Visser e Dublin a Lahringen. Ambos os livros se passam em um único dia e usam técnicas literárias similares (inclusive o monólogo interior). Mas a trama é bem diferente. O senhor Visser, que bate na própria esposa, sabe que ela vai denunciá-lo à polícia, então percorre a cidade para matá-la. Ainda hoje, elogia-se a construção de Visser como um sádico, crédito que é dado ao fato de Vestdijk ter sido médico de formação.

O romance que o autor escreve logo em seguida, *Terug tot Ina Damman* (Retorno a Ina Damman) – segundo seu site oficial, *Visser* foi escrito em janeiro/abril de 1934 e *Damman* em maio/junho de 1934, sendo este último publicado em formato de livro nesse mesmo ano –,⁵² de sabor proustiano, é considerado um de seus melhores trabalhos.

Dentro de sua enorme bibliografia, *Descida do senhor Visser ao inferno* é relativamente pouco lembrado hoje (nunca foi traduzido para nenhuma língua), ao passo que outras obras suas permanecem na memória dos leitores, como o já citado *Retorno a Ina Damman*, além de *Else Böhler, Duits dienstmeisje* (Else Böhler, empregada alemã, 1935), *Het vijfde zegel* (O quinto selo, 1937), *De kellner en de levenden* (O garçom e os vivos, 1949), *De koperen tuin* (O jardim de cobre, 1950), este último o próprio Vestdijk considerava o seu melhor romance.

⁵² <https://vestdijk.com/romans-van-vestdijk> (acessado em 02/05/2024)



Menno Ter Braak, Simon Vestdijk, Edgar du Perron, 1939

Foto: eduperron.nl

Em suma, talvez *O reino proibido* tenha causado impacto negativo na crítica de sua época justamente por ter sido o primeiro romance experimental holandês de destaque daquele período. Os outros grandes romances do modernismo holandês, citados acima, só apareceriam alguns anos depois de *O reino proibido*.

O tempo fez bem à obra de Slauerhoff. A recepção contemporânea no exterior é muito mais elogiosa e traça diversos paralelos com outras obras, tanto do século XIX quanto modernistas.

A primeira tradução que *O reino proibido* ganhou no mundo foi para o alemão, no mesmo ano em que foi originalmente publicado em livro, 1932. Albert Vigoleis Thelen (1903-1989), o tradutor do romance e amigo do autor holandês, tentou sem sucesso vender a tradução já pronta para editoras alemãs. A tradução só seria publicada cinquenta anos depois da morte de Slauerhoff e três anos antes da morte de Thelen, em 1986. (GRAVE 2005: 114) Algumas resenhas na imprensa alemã saudaram o romance como “um dos pontos altos da literatura mundial”. (HAZEU 1995: 802)

De acordo com o banco de dados online da Nederlands Letterenfonds (Fundação Holandesa de Letras, órgão do governo holandês), além da tradução citada acima, há as seguintes, em ordem cronológica de publicação: ⁵³

Zabranjeno carstvo. Tradução ao servo-croata de Josip Tabak e Zlatko Gorjan. Zagreb: Naprijed, 1977.

⁵³

<https://nlf.my.salesforce-sites.com/vertalingendatabase/zoeken> (acessado em 22/06/2023)

O reino proibido. Tradução ao português de Portugal de Arie Pos e Patrícia Couto. Lisboa: Teorema, 1997.

Zakázaná ríša. Tradução ao eslovaco de Adam Bžoch. Levice: Európa, 2006.

Jindi (sic). Tradução ao chinês de Min Cheng. Shanghai: Shanghai Literature and Arts Publishing House, 2008.

Le royaume interdit. Tradução ao francês de Daniel Cunin. Belval: Circé, 2009.

Prepovedano kraljestvo. Tradução ao esloveno de Martina Soldo. Ljubljana Modrijan, 2011.

The forbidden kingdom. Tradução ao inglês de Paul Vincent. Londres: Pushkin Press, 2012.

Het verboden rijk (sic). Tradução ao árabe de Mostafa Mahmood Mohamad. Cairo: Afaq Books, 2015.

Забрането кралство [Zabraneto kralstvo]. Tradução ao macedônio (via inglês) de Darko Cvetanoski. Skopje: Makedonika Litera, 2016.

Il regno proibito. Tradução ao italiano de Claudia Di Palermo. Roma: Nutrimenti, 2016.

Забраненото кралство [Zabranenoto kralstvo]. Tradução ao búlgaro de Aneta Dantcheva-Manolova. Sófia: Sluntse, 2019.

Convivemos há anos com esse banco de dados e, infelizmente, ele não é 100% confiável. Portanto, é possível que haja mais traduções de *O reino proibido* que a Letterenfonds não saiba. Há, por exemplo, a edição espanhola, publicada pela Huerga & Fierro Editores, em 2014, que não consta no referido banco de dados.

A co-tradutora de *O reino proibido* em Portugal, Patricia Couto, defendeu sua dissertação de mestrado, ‘*Por mares nunca dantes navegados*’: *Het verboden rijk de Johan* [sic] *Jacob Slauerhoff*, na Universidade de Lisboa, em 1996. Infelizmente, não tivemos acesso a essa pesquisa.

Cees Nooteboom (1933) contou ao biógrafo de Slauerhoff, Wim Hazeu, em 1994, que foi graças à sua lábia que convenceu um editor a publicar a tradução italiana de *O reino proibido*. (HAZEU 1995: 785) Outras duas obras de Slauerhoff já tinham saído na Itália no começo dos anos 1990, *Schuim en asch* e *De opstand van Guadalajara*, ambas pela Iperborea, que desde 1991 até hoje (2024) é a editora de Nooteboom naquele país. Imaginamos que algo deu errado nesse percurso ou foi só uma arrogância de Nooteboom, pois a tradução de *O reino proibido* só sairia na Itália em 2016 e pela Nutrimenti. Infelizmente, não encontramos nenhuma resenha relevante feita na Itália.

Falando em Nootboom, ele costumeiramente é chamado para escrever prefácios para traduções estrangeiras de clássicos holandeses e não foi diferente com Slauerhoff. Seu texto sobre o romance *De opstand van Guadalajara* foi usado tanto na edição alemã quanto italiana do livro. Vale a pena reproduzir o que Nootboom disse sobre Slauerhoff. Usamos aqui o texto original em holandês, publicado na revista *Bzzlletin* (Volume 28. BZZTÔH, Haia, 1998-1999), numa edição dedicada a Slauerhoff:

Às vezes acho que este nômade frísio [Slauerhoff] descendente de Rimbaud e que traduziu Rubén Darío, que escreveu fados e soleares, e que se impregnou dessa especial variante portuguesa provinciana da melancolia, a saudade, era um quinto, e até então secreto, heterônimo de Pessoa, uma sombra holandesa, chinesa, portuguesa, espanhola atrás de Ricardo Reis, Alberto Caeiro e Álvaro de Campos, e atrás do próprio grande títere, cinco senhores dos anos 20 e 30 que no cais em 'Lisboa ao Tejo' passeavam e conversavam sobre Camões, Vasco da Gama e aguardente. (NOOTEBOOM 1998: 6)⁵⁴

O belga Nout van den Neste, aliás, em sua já mencionada dissertação de mestrado, também traça breves paralelos entre Slauerhoff e Fernando Pessoa, notando, inclusive, que parte da obra de ambos foi descoberta e revitalizada postumamente.

Mas voltemos ao *O reino proibido*. No prefácio à edição espanhola desse romance, Antonio Cruz Romero diz:

“Todo en Slauerhoff es extraño, enigmático, raro e imposible... todo en él es superlativo. Acostumbrados a establecer analogías entre los escritores y poetas que conocemos, no existe literato alguno con el que comparar al escritor neerlandés. Él es un tejedor de historias y versos sublimes, un embaucador, un cuentacuentos con el que sentarse junto al fuego de una chimenea en un invierno nevado y leer su frágil prosa, elegante y suave. Lirismo es lo que contiene su literatura con una mezcla imposible entre Bécquer y Conrad, entre Stevenson y Rimbaud, aunque tampoco es posible establecer una similitud; Poe, Trakl, Verlaine, Machado y los poetas chinos, junto a los anteriores darían lugar a un parto literario del que surgiría una criatura parecida a Slauerhoff. (ROMERO 2023)

Numa veia semelhante, Alejandra Szir, que defendeu sua dissertação de mestrado *El yo y el otro femenino en el océano, la ciudad y la pampa - Los escritos de Jan Jacob*

⁵⁴ Tradução nossa para: “Soms denk ik dat deze Friese nomade die van Rimbaud afstamde en Rubén Darío vertaalde, die fado's schreef en soleares, en doortrokken was van die speciale Portugese provincievariant van de melancholie, de saudade, een vijfde, tot nu toe geheim gebleven heteroniem van Pessoa was, een Hollandse, Chinese, Portugese, Spaanse schim achter Ricardo Reis, Alberto Caeiro en Álvaro de Campos, en achter de grote poppenspeler zelf, vijf heren uit de twintiger en dertiger jaren die in 'Lisboa van bij de Taag' langs de kade wandelden en spraken over Camoës, Vasco da Gama en aguardente.”

Slauerhoff sobre Argentina, na Universiteit Leiden, Holanda, em 2016, diz em uma introdução a uma antologia da poesia de Slauerhoff em espanhol:

Creo que nos gusta Slauerhoff porque pertenece a nuestro universo literario. Los mismos libros que él leía y admiraba, son los que leían y admiraban escritores admirados y que nosotros también leemos y admiramos. Hay mucho de Cortázar en algunos de sus cuentos. Slauerhoff, nacido en Frisia, médico de barco, con su nostalgia y vagar por el mundo, podría ser un personaje de Borges. (SZIR 2018: 12)

Sobre *O reino proibido* em si, o tradutor da versão em espanhol do romance, Antonio Cruz Romero, comenta:

“La novela se desarrolla en definitiva como una clásica novela histórica y de aventuras, una novela de barcos y mares a la altura de las de Melville, Conrad o Stevenson [...] La obra de Slauerhoff rezuma de una manera clara los mismos elementos que desprende la prosa de Edgar Allan Poe; el mar y el mal, los vivos y los espectros, lo real y lo irreal y todo atravesado por el enigma. Recurda su novela a *Las aventuras de Arthur Gordon Pym* (1838), en especial en los tramos finales como cuando el radiotelegrafista irlandés se encontra con el espíritu de Camões [...] Reconozco en *El reino prohibido* el claro reflejo de la crítica expresada por Multatuli (1820-1887) en su maravillosa obra *Max Havelaar* (1860) contra los abusos y la política colonial de la época.” (ROMERO 2023)

No posfácio à tradução inglesa de *O reino proibido*, republicado na tradução italiana do mesmo romance, Jane Fenoulhet, professora de língua e literatura holandesa da University College London, diz:

[O reino proibido] It is one of the most vividly written and experimental novels in the Dutch language. Set in both the sixteenth and twentieth centuries, rather like Virginia Woolf’s *Orlando*, its journey through time is accompanied by its central character’s transformation. But whereas *Orlando* is transformed from man to woman in the course of the centuries, Slauerhoff’s character is a twentieth-century ship’s radio operator who “becomes” the sixteenth-century Portuguese poet Camões. In its disregard for the norms of realist fiction, *The Forbidden Kingdom* establishes itself as a modernist novel. The narrative techniques used by Slauerhoff had never been used before in Dutch literature, and some reviewers certainly found them challenging. Slauerhoff does not allow himself to be confined by his readers’ expectations; instead he unsettles them at every turn.” (FENOULHET 2012)

1.3 A RECEPÇÃO NO BRASIL

Antes de entrarmos na recepção da obra de Slauerhoff em si na imprensa brasileira, vale a pena nos determos na recepção da literatura holandesa no Brasil como um todo, até pelo ineditismo, na prática, dessa análise na academia brasileira.⁵⁵

Segundo nosso levantamento publicado originalmente em 2012 no blog *Não gosto de plágio*, da tradutora Denise Bottmann,⁵⁶ e utilizado como base para uma matéria do Suplemento Pernambuco de 2015, tínhamos, até então, pouco mais de oitenta livros escritos em língua holandesa publicados nos Brasil.⁵⁷ Em outro levantamento nosso, feito nove anos depois daquele, utilizando uma gama maior de recursos para pesquisa e outra metodologia, o número pula para cento e oitenta livros de língua holandesa publicados no Brasil até 2021.⁵⁸ Neste mesmo levantamento, percebemos que esse salto deu-se graças a eventos literários, com dois picos de publicação: em 2015 (quatorze livros), devido ao Café Amsterdã, evento criado pela Letterenfonds, e em 2019 (onze livros), devido ao Barco Holandês na Flip, evento criado por nós. Desde o evento de 2015, nunca houve um ano em que no mínimo três livros holandeses foram publicados no Brasil. Portanto, consideramos 2015 como o ano do boom holandês no Brasil e 2019 como o ano de sua consolidação.

Em nosso levantamento bibliográfico mencionado acima, divulgamos que o livro de língua holandesa mais antigo publicado no Brasil é *Minha irmã e eu*, de Dirk van der Heide (tradução do inglês de Leonel Vallandro Rio de Janeiro: Livraria do Globo, 1941) Porém, durante a pesquisa para este trabalho, vimos que na coleção *Biblioteca Internacional de Obras Célebres*, volume XX, sem data, mas muito provavelmente editada na virada dos séculos XIX e XX ou bem no começo do século XX – antes de 1941, com certeza –, há um trecho do romance *Rikke-tikke-tak* (1851), do belga Hendrik Conscience (1812-1883), tido como o pai da literatura em língua holandesa (flamengo)

⁵⁵ Abrimos exceção à dissertação de mestrado de Samanta Lopes Bergé, *Silêncio e (des)solução em Cartas a Posêidon de Cees Nooteboom*, defendida em 2015 na Universidade Federal de Santa Catarina, que dá uma nota de rodapé até extensa sobre este assunto, embora fale mais sobre as publicações em livro que na imprensa.

⁵⁶ <https://naogostodeplagio.blogspot.com/2012/07/holanda-traduzida-no-brasil.html> (acessado em 02/08/23).

⁵⁷ In: Por mares dantes nunca navegados. In *Suplemento Pernambuco*, nº 115. Pernambuco: Cepe editora, 2015.

⁵⁸ <https://www.dropbox.com/s/tmxxs176dux3bz9j/Levantamento-literatura-holandesa-no-Brasil-2021.pdf?dl=0&fbclid=IwAR24CSc1DE-b2En88ewT2Sh9IldTgfcA2btBuO0DIImoZXUr3ip-IpkD-nIA> (acessado em 25/05/2023).

na Bélgica. No volume, o autor é grafado como Henrique [sic] Conscience, seguindo o padrão francófono da época, e não há indicação de quem fez a tradução e nem de qual língua. Na folha de rosto da coleção há uma lista de colaboradores, que varia de volume para volume. Neste volume XX, há colaboração de Maurice Maeterlinck (1862-1949) – grafado como Maurício [sic] Maeterlinck –, belga de expressão francesa, que também sabia holandês, e ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 1911. Imaginamos que Maeterlinck sugeriu editar Conscience. A coleção *Biblioteca Internacional de Obras Célebres* é um mistério editorial, não se sabe quase nada sobre ela, data ou local de publicação, consta apenas “Sociedade Internacional – Lisboa, Rio de Janeiro, São Paulo, Londres, Paris”. Se considerarmos a coleção como brasileira, esta talvez seja a mais antiga publicação em livro de um autor de língua holandesa no Brasil.

Dos anos 1960 até 2023, artigos na imprensa sobre literatura holandesa, basicamente, são atrelados a lançamentos de traduções no mercado editorial. Mas dos anos 1940 até 1960 houve uma série de artigos sem conexões com lançamentos editoriais, eram puramente um meio de análise e reflexão sobre a literatura holandesa. Pesquisas na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional nos permitem encontrar dezenas de artigos desse período, dentre os quais destacamos:

Aspectos da moderna cultura holandesa, escrito por Carlos A. Nascimento e publicado no Jornal do Brasil, 3 de março de 1957. O crítico cita diversos poetas e prosadores, como Adriaan Roland Holst, J.C. Bloem, Martinus Nijnhoff, Ferdinand Bordewijk, Hans Andreus, Gerrit Kouwenaar, Simon Vestdijk.

Em *A literatura holandesa e sua difusão no estrangeiro*, publicado no Correio da Manhã em 1º de setembro de 1957, S.H.I. faz questões muito pertinentes do porquê a literatura holandesa não é conhecida mundo afora, já que sua pintura e arquitetura são. Cita Louis Couperus, Antoon Coolen, Johan Huizinga como grandes nomes daquele país. Simon Vestdijk é citado diversas vezes como exemplo de autor a ser editado.

Otto Maria Carpeaux é um caso à parte, só de sua pena são oito artigos dedicados exclusivamente a autores de língua holandesa, sem contar os artigos em que escritores dos Países Baixos são apenas mencionados. Carpeaux cita diversos autores holandeses e belgas, como Johan Huizinga, Menno Ter Braak, Edgar du Perron, Hendrik Marsman, Joost van den Vondel, Louis Couperus, Herman Gorter, Jacques Perk, Willem Kloos, Albert Verwey, Gerrit Achterberg, Gerard Reve (que cita como Simon van het Reve, pseudônimo inicial de Gerard, e diz ter sido influenciado por Kafka), Fred Polak, Louis Paul Boon, Willem Elsschot, Herman Teirlinck, Paul van Ostaijen, e também faz artigos

em que analisa uma obra do(a) autor(a), como Multatuli (três textos: *Multatuli*, Correio da Manhã, 31 de dezembro de 1944; *A questão Indonésia*, A manhã, 29 de março de 1949; *A fé de Multatuli*, Correio da Manhã, 12 de janeiro de 1957), Arthur van Schendel (*Um prêmio Nobel para a Holanda*, Diário de Pernambuco, 5 de setembro de 1946), Marnix Gijsen (*O marido de Susana*, A manhã, 10 de setembro de 1949), Jan Jacob Slauerhoff (*Camões e Slauerhoff*, Correio da Manhã, 8 de outubro de 1955, veremos sobre este texto mais adiante), Henriette Roland Holst e Willem Frederik Hermans (*A fé perdida*, Diário Carioca, 28 de junho de 1953), e Simon Vestdijk (*Vestdijk*, Correio da Manhã, 25 junho de 1960).

Impressiona que Carpeaux mencione autores hoje completamente esquecidos, como Alfred Kossmann, Adriaan van der Veen, Albert Helman, Onno Zwier van Haren.

Mas talvez a maior preciosidade desses artigos seja a introdução que Carpeaux faz à tradução de Manuel Bandeira de um poema do holandês Dirk Raphaelsz Camphuysen, publicada no Correio da Manhã em 19 de novembro de 1944. A tradução de Bandeira, posteriormente, foi editada em *Poemas traduzidos*.

Um dos artigos de Carpeaux, *A fé de Multatuli*, foi publicado como introdução à primeira tradução brasileira de *Max Havelaar*, a obra-prima de Multatuli, na edição mencionada anteriormente.

Em sua monumental *História da Literatura Ocidental*, além dos nomes já mencionados acima, Carpeaux também cita: Anna Blaman, Jacques Bloem, Ina Boudier-Bakker, P.C Boutens, Lodewijk van Deysse, Marcellus Emants, Jan Hendrik Leopold, Israel Querido, Adriaan Roland Holst, Helene Swarth, Theun de Vries, Willem Bilderdijk.

Simon Vestdijk é, disparado, o autor holandês mais citado na imprensa brasileira (não levamos em conta Anne Frank). Numerosos críticos o citam em diferentes jornais e anos. Carpeaux o menciona diversas vezes em vários artigos, relacionados a holandeses ou não, e até dedica-lhe um exclusivo, o supracitado *Vestdijk*, onde corrobora uma citação feita na *Atlantic Monthly*:

Se um John Lehmann o tivesse editado em inglês, o nome desse batavo seria hoje tão famoso como o de Joyce” (CARPEAUX 1960) e, além de compará-lo a Joyce, também o equipara a Proust e o considera superior a Nabokov: “‘*Terug tot Ina Damman*’ [Retorno a Ina Damman, romance de Vestdijk] deveria ocupar na admiração da nossa época o lugar ilegitimamente ocupado por ‘*Lolita*’. (CARPEAUX 1960)

Um autor também bastante citado em diversos artigos na imprensa é Joost van den Vondel (1587-1679), em especial por Ivan Lins no Correio da Manhã. Neste mesmo jornal, em 28 de fevereiro de 1954, chega a haver um artigo inteiro, assinado por S.H.I., *Tricentenário da tragédia de Lúcifer*, sobre *Lucifer* (1654), a principal peça de Vondel. É de se espantar que o Shakespeare holandês, até hoje (2024) nunca traduzido no Brasil, tenha ganhado tal espaço na imprensa brasileira.

Ao longo da década de 1950, tanto no Correio da Manhã quanto no Jornal do Brasil, houve uma coluna regular – mais de cinquenta textos –, eventualmente assinada por nomes como Henk Kopps ou “um turista”, mas na maioria das vezes assinada por Maria Virtudes Luque ou sem autoria, chamada *A Holanda em cinco minutos*, que tratava de diversos assuntos relacionados àquele país, como política, comércio, história, pinturas, exposições, cidades, canais, moinhos de vento, praias. Entre essas dezenas de textos há quatro que tratam diretamente de autores holandeses: *J. Slauerhoff* (Jornal do Brasil, 12 de setembro de 1954, sem assinatura, veremos sobre isto mais adiante); *Gerrit Achterberg* (Jornal do Brasil, 12 de setembro de 1954, sem assinatura); *Um poeta holandês, Adriaan Roland Holst* (Jornal do Brasil, 11 de julho de 1956, sem assinatura); *O aniversário de Simon Vestdijk* (Correio da Manhã, 10 de janeiro de 1959, sem assinatura).

O texto *Prosadores da Holanda* é um ótimo panorama da literatura holandesa escrito por Francisco Albal. Este artigo saiu originalmente no Jornal do Brasil de 01 de julho de 1956, e foi republicado meses depois no Correio da Manhã, dentro da coluna *A Holanda em cinco minutos*. É uma aula para iniciantes, pois explica as escolas literárias holandesas, citando, neste contexto, uma enorme gama de obras e autores: Albert Verwey, Herman Gorter, Frederik van Eden, Jacobus van Looy, Nico van Suchtelen (hoje esquecido), Arthur van Schendel, Henriette Roland Holst, P.C. Boutens, J.C. Bloem, Pieter Nicolaas van Eyck (hoje esquecido), Geerten Gossaert (hoje esquecido), Jan Greshoff, Jacob Israël de Haan, Aart van der Leeuw, Jan Prins (hoje esquecido), Adriaan Roland Holst, Victor E. van Vriesland, Annie Romein-Verschoor, Jan Walch (hoje esquecido), Jan Romein, Johan Huizinga, Multatuli, Madelon Szekely-Lulofs (hoje esquecida), Beb Vuyk, Edgar du Perron, Albert Helman, Cola Debrot, Henriette van Eyk, A. den Doolaard, Jan de Hartog, Antoon Coolen, Jef Last (hoje esquecido), Maurits Dekker, H.M. van Randwijk, Theun de Vries, Ferdinand Bordewijk (compara-o a Aldous Huxley), Simon Vestdijk.

Mas não foram só artigos sobre literatura holandesa. Indo ainda mais atrás no tempo e saindo desta seara, há um texto escrito por Johan Huizinga, *A civilização da*

Hollanda [sic], no Correio da Manhã de 14 de março de 1937, sem assinatura de quem o traduziu. É um texto relativamente longo, ocupa meia página, e possui fotos de um quadro de Rembrandt, de Amsterdã, e do próprio Huizinga. O artigo fala sobre a relação entre Brasil e Holanda. Talvez seja o texto mais antigo de um autor holandês publicado na imprensa brasileira. Nossa pesquisa para este trabalho acabou fazendo uma descoberta mundial. Totalmente inédito, este artigo de Huizinga foi escrito por encomenda para o jornal brasileiro. Nossa descoberta chegou a aparecer n’O Globo de 28 de julho de 2024, numa longa matéria de página inteira. Nela, Anton van der Lem, a maior autoridade em Huizinga no mundo e curador de seu arquivo na Universidade de Leiden, diz:

“[...] chequei as obras completas e os arquivos de Huizinga e não encontrei qualquer vestígio desse artigo ou de algum texto que possa ser comparado a ele — diz Van der Lem. — Esse artigo é excepcional em comparação com outros que ele publicou na imprensa. É a única prova de que ele tinha algum interesse pela América do Sul. Ele não escreveu nada semelhante sobre a Ásia ou a África.”⁵⁹

Alguns poucos textos ficcionais de autores holandeses também saíram na imprensa brasileira. Louis Couperus teve três contos publicados: *Dois pares de gêmeos* (revista A Cigarra, fevereiro de 1950, texto de introdução assinado por H.S. e tradução não assinada); *A filha do Barba Azul* (Correio da Manhã, 7 de dezembro de 1957, tradução do inglês de Dulce Ortiz Patto); e *O binóculo* (Diário de Notícias, 4 de julho de 1954, tradução do holandês de Daniel Brilhante de Brito e introdução de Paulo Rónai). O próprio Rónai selecionaria o mesmo conto para sua antologia *Mar de histórias*, mas desta vez em tradução do alemão de Rónai e Aurélio Buarque de Holanda.

Sob o título de *Parábolas*, Multatuli teve publicado *A história do cavouqueiro japonês* (trecho do romance *Max Havelaar*), e *Começou assim*, no Diário de Notícias de 10 de abril de 1949, com uma introdução assinada por Páulo Rónai e tradução do alemão de Rónai e Aurélio Buarque de Holanda. A tradução desses textos de Multatuli seriam incluídas posteriormente na antologia *Mar de histórias*. Nesta mesma antologia, aliás, além dos supracitados textos de Multatuli e Couperus, há *Providência*, de Multatuli;

⁵⁹ <https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2024/07/28/tradutor-descobre-texto-desconhecido-de-johan-huizinga-maior-intelectual-holandes-publicado-em-jornal-brasileiro-em-1937.ghtml> (acessado em: 05/09/2024)

Gitje, de Conrad Busken-Huet; *O sr. Jocquier e a sua namorada*, do belga Cyriel Buysse, todos traduzidos do alemão pela mesma dupla.

Haroldo de Campos escreveu sobre Theo van Doesburg em um artigo para o Jornal do Brasil em 07 de julho de 1957, *Theo van Doesburg e a nova poesia*, posteriormente republicado em *O segundo arco-íris branco*. Haroldo também cita Van Doesburg em *Teoria da Poesia Concreta*, no ensaio *Evolução de formas: poesia concreta*. O brasileiro também possuía em sua biblioteca pessoal obras – tanto originais quanto traduções – de poetas de língua holandesa: Paul van Ostaïjen, Herman de Vries, Paul de Vree, Jan G. Elburg, Gust Gils, Armando, Paul Snoek, Hans Sleutelaar, Cornelis Bastiaan Vaandrager, J. Bernlef, Hans Verhagen, Johnny van Doorn.⁶⁰

No Suplemento Dominical do Jornal do Brasil, em 25 de maio de 1958, Mário Faustino analisa a introdução que Van Doesburg fez do movimento Dadá na Holanda e traduz um poema seu, *Volle maan*. O Van Doesburg pintor, aliás, é mencionado diversas vezes em vários periódicos e em anos diferentes acerca de exposições de pinturas do movimento De Stijl, mas não abordaremos isso.

Em 12 de fevereiro de 1959, desta vez no Diário do Paraná, sai uma resenha de S.H.I. sobre Jan Greshoff, *Jan Greshoff aos 70 anos*.

José Roberto Teixeira Leite escreve um longo texto, de uma página inteira, no Jornal do Brasil de 14 de fevereiro de 1959 sobre Paul van Ostaïjen, e até traduz um trecho de seu poema mais conhecido, *Bezette Stad* (Cidade Ocupada).

No Diário do Paraná, em 13 de novembro de 1976, Otto Lara Resende escreveu um artigo sobre Dalton Trevisan que gira em torno de um texto de Rudy Kousbroek, um dos grandes críticos holandeses do século XX, sobre o vampiro de Curitiba, pois *O rei da terra* tinha acabado de ser traduzido na Holanda por August Willemsen, considerado até o hoje o principal tradutor de literatura brasileira em seu país. Uma tradução não assinada da referida crítica de Kousbroek, originalmente publicada na Holanda no NRC Handelsblad, em 9 de abril de 1976, também saiu no próprio Diário do Paraná, em 1977.

Nesta mesma toada enviesada, João Antônio escreveu no Jornal do Brasil, em 24 de outubro 1992, um artigo chamado *O enigma do Cosme Velho*, no qual discorre sobre sua visita à Amsterdã e seu espanto em ver a literatura brasileira ser bem divulgada por lá. No texto, ele menciona as diversas traduções de Machado de Assis feitas por August Willemsen e um ensaio escrito por Willemsen sobre o futebol brasileiro e Garrincha, *God*

⁶⁰ <https://acervoharoldodecampos.phlnet.com.br/cgi-bin/wxis.exe?IsisScript=phl81.xis&cipar=phl81.cip&lang=por> (acessado em: 25/05/2023)

is rond (Deus é redondo), presente no livro *De taal als bril* (A língua como um óculos, 1987).

Na seção Livros & Cia do Jornal do Commercio [sic], em 11 de agosto de 1986, há um texto de quase uma página inteira, sem assinatura, sobre a obra de Paul van Ostayen [sic], contendo uma tradução de um poema seu, também sem assinatura.

Nos anos 1990, Ferdinand Bordewijk também é mencionado algumas vezes na imprensa graças à adaptação cinematográfica ganhadora do Oscar de melhor filme estrangeiro, que concorreu com o brasileiro *O que é isto, companheiro?*. O romance no qual o filme se baseou, *Caráter*, só seria editado pela primeira vez no Brasil décadas depois.⁶¹

Em matéria publicada em janeiro de 1995 no suplemento Folhetim, da Folha de São Paulo, Philippe Humblé e Walter Carlos Costa analisam e traduzem alguns poemas de Paul van Ostayen.

Em 2008, Cees Nooteboom participou de uma das primeiras Flips (Festa Literária Internacional de Paraty) e há diversas matérias de imprensa sobre sua vinda. Por este ter sido o pré-boom holandês no Brasil – como mencionamos anteriormente, consideramos como sendo o real boom os eventos de 2015 (Café Amsterdã), e sua consolidação, em 2019 (Barco Holandês na Flip) –, resolvemos fazer o levantamento dos artigos de imprensa até este ponto.

A recepção da obra de Slauerhoff na imprensa brasileira é mínima, concentra-se basicamente em dois artigos, coincidentemente, publicados quase no mesmo ano: *J. Slauerhoff* (Jornal do Brasil, 12 de setembro de 1954, sem assinatura) e *Camões e Slauerhoff*, de Otto Maria Carpeaux (Correio da Manhã, 8 de outubro de 1955).

Vale a pena colocarmos na íntegra o artigo anônimo do Jornal do Brasil:

A Holanda em cinco minutos – Jan Jacob Slauerhoff

“Meu nome é legião”, Slauerhoff poderia ter dito a respeito de si mesmo, essas palavras do demônio do Evangelho. E, realmente, há algo de demoníaco – no sentido goethiniano da expressão – naquela vida tempestuosa, desfeita aos 37 [sic] anos. Tinha algo de elementar, de irresistível, como uma força da natureza. Nele se encontrará a melancolia de Bloem, a nostalgia de Roland Holst, a preocupação social de Gorter. E, além disso, algo difícil de ser encontrado na Holanda: a inquietude aventureira, o cinismo inteligente, a audácia desesperada e maldita. Slauerhoff acredita ser, e era de fato, ‘o último dos poetas malditos’.

⁶¹ BORDEWIJK, Ferdinand. *Caráter*. Trad.: Daniel Dago. Editora Rua do Sabão. Santo André, 2022.

O poeta era médico na marinha e, como tal, percorreu as cinco partes do mundo, numa jornada que não foi apenas geográfica, mas principalmente espiritual. Em sua personalidade, infinitamente plástica, encontram eco as civilizações, as culturas, os costumes de todos os países.

Slauerhoff vestido de marinheiro, no tombadilho de um navio... Slauerhoff vestido de mandarim, num ambiente chinês requintadamente decorado... Slauerhoff com o albornoz dos árabes, em Argel... Há uma ampla galeria iconográfica, que dá uma ideia muito viva de sua eterna vagabundagem através de climas e culturas. Mudava de navio frequentemente. Uma estranha inquietação o obrigava a transferir-se de um ambiente para o outro. E, onde quer que estivesse, se entregava freneticamente a um amor passageiro, a uma obra de arte, a uma música exótica, a uma ideia original. É daí que provém a fascinação que exerce sobre seus leitores: da maneira com que se entregava sem reservas; uma vida cujo sentido mais profundo não era a aquisição, mas sim a entrega das coisas... Uma ânsia de abraçar todas as coisas, como no caso de uma jovem de um de seus mais sugestivos poemas, que acabava abraçando seus próprios ombros:

Jamais se abre a porta.
A janela é tão alta que só de muito longe se pode ver a terra;
o rio abraça o bosque como uma fita azul;
atravessam os [ilegível] aves
estranhamente rubras
e gazelas esbeltas caminham
sobre a erva...
Ele, porém, não conhece
As manobras da vida
Do outro lado das paredes.
E pensa: - Que esplêndida
Deve ser!
E sente um impulso de abraçá-la.
Porém não encontra mais que o próprio ombro,
Redondo, suave e macio.

Tem-se dito que na obra de Slauerhoff existem poemas imperfeitos, talvez pela excessiva rapidez de sua composição, que deveria prejudicar o rigor formal dos versos. Sabemos, contudo, pelo testemunho de sua esposa, que Slauerhoff trabalhava exaustivamente em suas composições, corrigia muito, não se dava facilmente por satisfeito. Não se deve, contudo, esquecer uma coisa. Há escritores e artistas para os quais cada obra determinada adquire uma independência especialíssima e seu polimento absorve todo o tempo do autor. Há outros, porém, dominados pelo conjunto. Em sua obra, podem ser encontradas imperfeições, mas o que vale é a grandeza do conjunto. Um desses homens é Picasso. Outro, Slauerhoff.

Notável foi também a produção em prosa de Slauerhoff, principalmente suas crônicas marítimas. Há, entre elas, uma verdadeiramente alucinante, escrita por mão de mestre, descrevendo o delírio de um radiotelegrafista de um navio moderno, que se acreditou, de súbito, estar num veleiro, na Idade Média. A alternância do mundo antigo e do moderno reflete bem o próprio espírito do poeta, sua peregrinação pelo mundo e pelo tempo.

Slauerhoff morreu tuberculoso, em Hilversum. Seu último retrato mostra ainda uma fisionomia firme e desafiadora. Somente a morte conseguiu transformar o poeta, apaziguando-o definitivamente. (ANÔNIMO 1954: 2)

Já a crítica de Carpeaux é mais profunda e, em geral, bastante favorável:

A obra [*O reino proibido*] é muito complexa, capaz de desconcertar o leitor desprevenido. Por outro lado, não é provável que venha a ser, tão cedo,

traduzida. E, sendo pouco divulgada no mundo a língua holandesa e desconhecendo-se os formidáveis tesouros de sua literatura, talvez não seja inútil um resumo comentado de “O reino proibido”. (CARPEAUX 1955: 9)

A partir daí, ele dá uma sinopse bastante abrangente do romance e arremata nos parágrafos finais:

Assunto dos mais interessantes seria uma comparação entre a China fantástica de Slauerhoff e aquela outra China fantástica na qual se passam várias novelas e parábolas de Kafka. Mas isto é para outra vez. Agora basta focalizar duas semelhanças: as “Chinas” dos dois escritores contemporâneos são vistas através do sonho e de uma sutil ironia. Realmente, Slauerhoff, homem trágico, nunca deixou de ironizar o mundo e a si próprio. Tinha motivos para isto, e, sobretudo em ‘O reino proibido’. Pois apresenta-se como novo Camões: mas um Camões sem fé cristã nem fé nacional. Não é preciso dizer que o romance é infinitamente inferior aos ‘Lusíadas’. Mas não apenas em valor literário. Sobretudo falta ao panorama das aventuras no “reino proibido” o fundo histórico: o império colonial português e o céu cristão. Mas esse defeito tem, como reversos, uma virtude. Despindo Camões de todos os elementos ideológicos, Slauerhoff descobriu no poeta aquilo que nunca poderia descobrir a historiografia literária oficial dos portugueses nem o romantismo dos estrangeiros: a personalidade de um homem indômito da Renascença. Slauerhoff contribuiu para a melhor compreensão de um aspecto do poeta; e para lhe focalizar a atualidade permanente. (CARPEAUX 1955: 9)

Em relação a Kafka, vale observar que Slauerhoff era fã dele, leu-o no original. O autor holandês chegou a sugerir para fazer a tradução de *A metamorfose*, na época ainda inédito em livro na Holanda. Em carta ao seu editor, disse: “Acredito que algo assim pode ser um grande sucesso. Por favor, informe-se logo sobre o livro. Leia logo *Die Verwandlung*.”⁶² (SLAUERHOFF in HAZEU 1995: 636).

Infelizmente, o editor não deu-lhe a devida importância, apesar das repetidas tentativas de Slauerhoff, que acabou não virando o primeiro tradutor (em formato de livro) de Kafka na Holanda.

Em 2021 o poema *Braziliaansche Kustpassagiers* foi adaptado e gravado como um samba sob o título *Despreocupados* por Maíra Freitas, filha de Martinho da Vila, e a cantora belga Eléonor. Jolan Huygens, filho de Eléonor e que fala português, assistiu a um show de Maíra no Rio e propôs a parceria. *Despreocupados* é uma regravação de *Geen van allen zorgen*, de Eléonor, com o supracitado poema de Slauerhoff quase na íntegra em holandês. *Despreocupados* mistura a letra em português e holandês. Maíra

⁶² Tradução nossa para: “Ik geloof dat zoiets een groot succes kan worden. Graag spoedig hierover bericht. Lees spoedig *Die Verwandlung*.”

Freitas comenta: “O poema fala muito da aristocracia, da burguesia brasileira. É muito atual porque não evoluímos muito nesse sentido de branquitude. A elite hoje não é muito diferente, no século 19, 20. É a mesma há 500 anos, infelizmente.”⁶³

⁶³ <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2021/06/11/poema-holandes-do-inicio-do-seculo-20-sobre-elite-brasileira-vira-samba-na-europa.htm> (acessado em 06/07/2023)

1. 4 A TRADUÇÃO BRASILEIRA

Nos baseamos na edição original de *O reino proibido*, publicada em formato de livro pela Nijgh & Van Ditmar, Roterdã, 1932. Em 1982, Kees Lekkerkerker cuidou de uma edição restaurada do romance e, a partir de então, todas as reedições holandesas baseiam-se nessa versão. As alterações que Lekkerkerker faz são mínimas, em especial de pontuação e atualização ortográfica da língua holandesa, e não têm tanta relevância para a tradução; contudo, também fizemos um leve cotejo com tal versão (*Verzameld Proza*. Roterdã: Nijgh & Van Ditmar, 1990. 4ª edição.). Para a tradução de *Última aparição de Camões* utilizamos a versão publicada em *Alle verhalen* (Roterdã: Nijgh & Van Ditmar, 2003). Nossa tradução de *O reino proibido* foi majoritariamente cotejada com a tradução portuguesa e inglesa, respectivamente:

O reino proibido. Tradução de Arie Pos e Patrícia Couto. Lisboa: Teorema, 1997.

The forbidden kingdom. Tradução de Paul Vincent. Londres: Pushkin Press, 2012.

E em menor escala foi cotejada com a segunda edição da tradução espanhola e alemã (cotejo do alemão feito por Mário Frungillo), respectivamente:

El reino prohibido. Tradução de Antonio Cruz Romero. 2ª ed. Copenhagen: SAGA Egmont, 2023.

Das verbotene Reich. Tradução de Albert Vigoleis Thelen. Stuttgart: Klett-Cotta, 1986.

Embora Slauerhoff fosse famosamente desleixado com a revisão de sua obra própria e tradutória, como ele mesmo admitia, seu conhecimento de português era via espanhol, que sabia bem mais. Portanto, não só em *O reino proibido*, mas na obra própria inteira de Slauerhoff há diversos erros de português, trocas com espanhol ou simplesmente ortografia (hoje) desatualizada.

Listamos abaixo as palavras e frases no original e as respectivas trocas que fizemos em nossa tradução:

Farria = Faria

Mae de Deus – Mãe de Deus

Nostra Dama da Penha = Nossa Senhora da Penha

Luiz = Luís

Camoës = Camões

No Mas Leal = Não há outra mais leal

Praya = Praia

Patio = pátio

Veronica = Verônica

Guimares = Guimarães

Algarvie = Algarve

Juromena = Juromenha

Margado = Morgado

amah = ama

yacente = jacente

duenna = ama

En nome del Rei Nosso Senhor Joao III madou por este letreiro en Fi da muita lealdad = Em nome d'El Rei, Nosso Senhor D. João III mandou por este letreiro em fé da muita lealdade.

Passalaeão = Passaleão

O parágrafo a seguir, no original (SLAUERHOFF 1932: 122) e nossa tradução, simplesmente é pulado na edição portuguesa, mas consta na edição restaurada de Lekkerkerker (SLAUERHOFF 1990: 444):

De kapitein, die mij eerst warm welkom had geheeten, werd al afgemetener en norscher, ging zonder groet voorbij; vaak gingen wij langs elkaar, de eenigen die het bovendek bewoonden.

O capitão, que a princípio me recebeu de maneira calorosa, tornou-se mais comedido e rude, passava sem me cumprimentar, muitas vezes nos cruzávamos, os únicos ocupando o convés superior.

Aliás, “*madou por este letreiro en Fi da muita lealdad*” também foi pulado na tradução portuguesa.

Tanto na edição inglesa quanto na portuguesa trocam, na frase a seguir, Mãe de Deus por São Bento:

Hij had zich zelfs in den orkaan die de Mae de Deus ombracht verheugd.

Ele até se alegrou com o furacão que afundou o Mãe de Deus.

Consta *São Bento* na edição restaurada de Kees Lekkerkerker, que pega o erro de continuação cometido pelo próprio Slauerhoff (SLAUERHOFF 1990: 797).

Nomes de cidades chinesas e de outras nacionalidades também foram grafados de maneira diversa por Slauerhoff, como:

Lian Po = Liampó

Hao King = Haojing

Glenkoo = Glencoe

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBAL, Francisco. *Prosadores da Holanda*. Jornal do Brasil, 01 de julho de 1956.

ANÔNIMO. *A Holanda em cinco minutos – J. Slauerhoff*. Jornal do Brasil, 12 de setembro de 1954.

ANÔNIMO. *A Holanda em cinco minutos – Gerrit Achterberg*. Jornal do Brasil, 12 de setembro de 1954.

ANÔNIMO. *Um poeta holandês, Adriaan Roland Holst*. Jornal do Brasil, 11 de julho de 1956.

ANÔNIMO. *A Holanda em cinco minutos – O aniversário de Simon Vestdijk*. Correio da Manhã, 10 de janeiro de 1959.

ANÔNIMO. *Paul van Ostayen, um revolucionário*. Jornal do Commercio, 11 de agosto de 1986.

ANTÔNIO, João. *O enigma do Cosme Velho*. Jornal do Brasil, 24 de outubro de 1992.

BANDEIRA, Manuel. *Poemas traduzidos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

BLOK, W.; LEKKERKERKER, L. *Het China van Slauerhoff. Aantekeningen en ontwerpen voor de Cameron-romans*. Haia: Nederlands Letterkundig Museum en Documentatiecentrum, 1985.

BOON, Adri. Slauerhoff: vertaler voor het geld of voor de geest?. In: https://www.academia.edu/19634002/Slauerhoff_als_vertaler (acessado em 01/08/23)

BORDEWIJK, Ferdinand. *Caráter*. Trad.: Daniel Dago. Editora Rua do Sabão. Santo André, 2022.

BUSKEN-HUET, Conrad. Gitje. In: *Mar de histórias: antologia do conto mundial: do romantismo ao realismo: volume 4*. Trad. e org.: Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e Paulo Rónai – 5.ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Intro. e not.: Alexei Bueno. 3.ed. Rio de Janeiro: Nove Fronteira, 2018.

CAMPOS, Augusto de., PIGNATARI, Décio., CAMPOS, Haroldo de. *Teoria da poesia concreta: textos críticos e manifestos 1950-1960*. Brasil: Ateliê Editorial, 2006.

CAMPOS, Haroldo de. *Theo van Doesburg e a nova poesia*. Jornal do Brasil, 07 de julho de 1957.

----- . Evolução de formas: poesia concreta. In *Teoria da Poesia Concreta*.

CAMPOS, Priscilla. Por mares dantes nunca navegados. In: *Suplemento Pernambuco, nº 115*. Pernambuco: Cepe editora, 2015.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. 3ed. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.

----- . *Multatuli*. Correio da Manhã, 31 de dezembro de 1944.

----- . *Um prêmio Nobel para a Holanda*. Diário de Pernambuco, 5 de setembro de 1946.

----- . *A questão Indonésia*. A manhã, 29 de março de 1949

----- . *O marido de Susana*. A manhã, 10 de setembro de 1949

----- . *Camões e Slauerhoff*. Correio da Manhã, 8 de outubro de 1955.

----- . *A fé perdida*. Diário Carioca, 28 de junho de 1953.

----- . *A fé de Multatuli*. Correio da Manhã, 12 de janeiro de 1957.

----- . *Vestdijk*. Correio da Manhã, 25 de junho de 1960.

COUPERUS, Louis. *Dois pares de gêmeos*. Revista A Cigarra, fevereiro de 1950.

----- . *O binóculo*. Trad.: do holandês de Daniel Brillhante de Brito. Diário de Notícias, 4 de julho de 1954.

----- . *A filha do Barba Azul*. Trad: do inglês de Dulce Ortiz Patto. Correio da Manhã, 7 de dezembro de 1957.

----- . *O binóculo*. In: *Mar de histórias: antologia do conto mundial: após-guerra: volume 10*. Trad. e org.: Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e Paulo Rónai – 5.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

BUYSSSE, Cyriel. O sr. Jocquier e a sua namorada. In: *Mar de histórias: antologia do conto mundial: o realismo: volume 5*. Trad. e org.: Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e Paulo Rónai – 5.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

BRULS, Willem. *Menno ter Braak en Thomas Mann. Een literaire vriendschap*. Utrecht/Antuérpia: Veen, 1990.

CONSCIENCE, Hendrik. *Rikke-tikke-tak*. Biblioteca Internacional de Obras Célebres, volume XX. Lisboa, Rio de Janeiro, São Paulo, Londres, Paris.

DONKER, Antonie. Het verboden rijk. In: KROON, Dirk (ed.). *Maar toen het lag ontdekt, leek het verraad: Opstellen over het proza van J. Slauerhoff*. 's-Gravenhage: BZZT&H, 1984.

FENOULHET, Jane. Forward. In: SLAUERHOFF, Jan Jacob. *The forbidden kingdom*. Trad.: Paul Vincent. Londres: Pushkin Press, 2012.

“Foto Slauerhoff em sua cabine no navio Tjikembang.” In: Website Literatuurmuseum: <https://literatuurmuseum.nl/nl/ontdek-en-beleef/literatuurlab/online-exposities/slauerhoff/leven-aan-boord?essential=scheepskist#&gid=null&pid=1> (acessado em 08/05/2024)

“Foto Darja e Slauerhoff” In: Website <https://literatuurmuseum.nl/nl/ontdek-en-beleef/literatuurlab/online-exposities/slauerhoff/vrouwen-in-zijn-leven#&gid=1&pid=7> (acessado em 08/05/2024)

“Foto Slauerhoff leito de morte” In: Website https://literatuurmuseum.nl/images/slauerhoff/vroege-dood/image_2.jpg (acessado em 08/05/2024)

“Foto baú Slauerhoff” In: Website <https://literatuurmuseum.nl/nl/ontdek-en-beleef/literatuurlab/online-exposities/slauerhoff/leven-aan-boord?essential=scheepskist#&gid=null&pid=3> (acessado em 08/05/2024)

“Foto Slauerhoff usando quimono” In: Website <https://literatuurmuseum.nl/nl/overzichten/activiteiten-tentoonstellingen/pantheon/j-slauerhoff#&gid=null&pid=5> (acessado em 03/05/2024)

“Foto Slauerhoff na gruta de Camões” In: Website <https://literatuurmuseum.nl/images/slauerhoff/favoriete-reisbestemmingen/intro.jpg> (acessado em 03/05/2024)

“Foto Carry van Bruggen” In: Website Literatuurmuseum: <https://literatuurmuseum.nl/nl/ontdek-en-beleef/literatuurlab/artikelen/als-het-aan-carry-van-bruggen-lag-bestond-het-literatuurmuseum-niet> (acessado em 03/05/2024)

“Foto Menno Ter Braak, Simon Vestdijk, Edgar du Perron” In: Website [eduperron.nl:https://eduperron.nl/albums/album.php?album_id=albumlm&pagenr=5&img=NLMD04_Forum-foto&pageid=documenten](https://eduperron.nl/albums/album.php?album_id=albumlm&pagenr=5&img=NLMD04_Forum-foto&pageid=documenten) (acessado em 03/05/2024)

FRERICHS, Lieneke. *Nescio: leven en werk van J.H.F. Grönloh*. Amsterdã: Van Oorschot, 2021.

GABRIEL, Ruan de Sousa. *Tradutor descobre texto desconhecido de Johan Huizinga, maior intelectual holandês, publicado em jornal brasileiro em 1937*. O Globo,

28 de julho de 2024. In: <https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2024/07/28/tradutor-descobre-texto-desconhecido-de-johan-huizinga-maior-intelectual-holandes-publicado-em-jornal-brasileiro-em-1937.ghtml> (acessado em: 05/09/2024)

GRAVE, Jaap. Thelen und ter Braak in „Het Vaderland“. In: EICKMANS, Heinz; MISSINE, Lut (ORG). *Albert Vigoleis Thelen – Mittler zwischen – Sprachen und Kulturen*. Münster: Waxmann Verlag, 2005.

HANSSEN, Léon. *Menno ter Braak 1902-1940: leven en werk van een polemist*. Amsterdã: Meulenhoff, 2003.

HAZEU, Wim. *Slauerhoff: een biografie*. Amsterdã/Antuérpia: De Arbeiderspers, 1995.

HUIZINGA, Johan. *A civilização da Holanda*. Correio da Manhã, 14 de março de 1937.

DE JONG, Marcus. Slauerhoff en Portugal. In: KROON, Dirk (ed.). *Maar toen het lag ontdekt, leek het verraad: Opstellen over het proza van J. Slauerhoff*. ‘s-Gravenhage: BZZTôH, 1984.

KINGSTONE, Basil. *The figure of André Malraux in Eddy du Perron ‘Het land van herkomst’*. Canadian Journal of Netherlandic Studies, Issue V, ii - Fall/Automne, 1984.

KOUSBROEK, Rudy. *A nossa miséria é incurável*. Diário do Paraná, 30 de janeiro de 1977.

KRIJGER, Etto. *Slauerhoff in zelfbeelden*. Amsterdã/Antuérpia: Atlas, 2003.

KROON, Dirk (ed.). *Maar toen het lag ontdekt, leek het verraad: Opstellen over het proza van J. Slauerhoff*. ‘s-Gravenhage: BZZTôH, 1984.

KUYPERS, Radboud. ‘Na zóóveel vriendschap!’ - Over de ontmoeting tussen Du Perron en Larbaud. In: *Bzzlletin, 23e jaargang nr. 213*. Haia: BZZTôh, 1994.

LEITE, José Roberto Teixeira. *Van Ostaijen, poeta holandês*. Jornal do Brasil de 14 de fevereiro de 1959.

“Levantamento de literatura holandesa de 2012” in: Website Não gosto de plágio. In: <https://naogostodeplagio.blogspot.com/2012/07/holanda-traduzida-no-brasil.html>

“Levantamento de literatura holandesa de 2021” In: <https://www.dropbox.com/s/tmxs176dux3bz9j/Levantamento-literatura-holandesa-no-Brasil-2021.pdf?dl=0&fbclid=IwAR24CSc1DE-b2En88ewT2Sh9IldTgfcA2btBuO0DImoZXUr3ip-IpkD-nIA> (acessado em 02/08/23)

“Lista acervo de Haroldo de Campos” In:
<https://acervoharoldodecampos.phlnet.com.br/cgi-bin/wxis.exe?IsisScript=phl81.xis&cipar=phl81.cip&lang=por> (acessado em 07/08/23)

“Lista de traduções de Jan Jacob Slauerhoff” In: Website Letterenfonds:
<https://nlf.my.salesforce-sites.com/vertalingendatabase/zoeken> acessado em: 27/07/23.

“Lista de indicações de Simon Vestdijk ao Prêmio Nobel de Literatura” In:
 Website Nobel Prize:
https://www.nobelprize.org/nomination/archive/show_people.php?id=9633 (acessado em 02/08/23)

“Lista de livros publicados de Simon Vestdijk” In: Website Simon Vestdijk:
<https://vestdijk.com/romans-van-vestdijk/>

MANN, Thomas. *In Memoriam Menno ter Braak*. Fischer E-Books, 2011.

MEULEN, Dik van der, *Multatuli. Leven en werk van Eduard Douwes Dekker*. Amsterdã: SUN, 2002.

MULTATULI. *Parábolas*. Trad.: do alemão de Paulo Rónai e Aurélio Buarque de Hollanda. Diário de Notícias, 10 de abril de 1949.

----- . A história do cavouqueiro japonês/ Providência/ Começou assim. In: *Mar de histórias: antologia do conto mundial: do romantismo ao realismo: volume 4*. Trad. e org.: Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e Paulo Rónai – 5.ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

----- . *Max Havelaar*. Trad.: Daniel Dago. Intr: Otto Maria Carpeaux. Belo Horizonte: Âyiné, 2019.

NASCIMENTO, Carlos A. *Aspectos da moderna cultura holandesa*. Jornal do Brasil, 3 de março de 1957.

VAN DEN NESTE, Nout. ‘*O Engeitado*’: *The mythology of the outcast in the Portuguese poems of J. Slauerhoff: Fado, Saudade, Lisbon, Macau and Camões in the poetry of J. Slauerhoff*. Tese de mestrado defendida na Universidade de Lisboa, 2013.

NOOTEBOOM, Cees. Slauerhoff in vertaling. Bij de Duitse uitgave van De opstand van Guadalajara. In *Bzzlletin* 258, Sept. 1998: 3-6.

VAN NOORT. B. Het verboden rijk In: KROON, Dirk (ed.). *Maar toen het lag ontdekt, leek het verraad: Opstellen over het proza van J. Slauerhoff*. ‘s-Gravenhage: BZZTôH, 1984.

VAN OSTAIJEN, Paul. Trad.: Philippe Humblé e Walter Carlos Costa. Folhetim, Folha de São Paulo, 1995. In:

<http://www.culturapara.art.br/opoema/paulvanostaijen/ostaijen.htm> (acessado em 07/08/23)

VAN OUDVORST, André. *Eddy du Perron & André Malraux - Een uitnodiging*. In: Bzzlletin, 8e jaargang nr. 74. Haia: BZZTôh,1980.

DU PERRON, Edgar. *Het land van herkomst*. Amsterdã: G.A. van Oorschot, 1962 (4ª edição)

------. *Le pays d'origine*. Tradução de Philippe Noble. Prefácio de André Malraux. Paris: Gallimard, 1980

POS, Arie. Ponto de refúgio e inspiração: Macau na obra do escritor neerlandês Jan Jacob Slauerhoff (1898-1936). In *Revista de Cultura*, 7. Instituto cultural do governo da região administrativa especial de Macau. Macau: 2003.

RESENDE, Otto Lara. *O convicto de Treviso*. Diário do Paraná, 13 de novembro de 1976.

ROBBERS. Herman. Het verboden rijk In: KROON, Dirk (ed.). *Maar toen het lag ontdekt, leek het verraad: Opstellen over het proza van J. Slauerhoff*. 's-Gravenhage: BZZTôH, 1984.

ROMERO, Antonio Cruz. El reino de Slauerhoff y los reinos de la literatura neerlandesa. In: SLAUERHOFF, Jan Jacob. *El reino prohibido*. Copenhagen: SAGA Egmont, 2023.

S.H.I. *Tricentenário da tragédia de Lúcifer*. Correio da Manhã, 28 de fevereiro de 1954.

S.H.I.. *A literatura holandesa e sua difusão no estrangeiro*. Correio da Manhã, 1º de setembro de 1957.

S.H.I. *Jan Greshoff aos 70 anos*. Diário do Paraná, 12 de fevereiro de 1959.

SLAUERHOFF, Jan Jacob. *Het verboden rijk*. Roterdã: Nijgh & Van Ditmar, 1932.

------. *Laatste verschijning van Camoës*. In: *Alle verhalen*. Roterdã: Nijgh & Van Ditmar, 2003.

------. *Verzameld proza*. Organização de K. Lekkerkerker. 4ª edição. Roterdã: Nijgh & Van Ditmar, 1990.

------. *Verzamelde gedichten. Deel 2*. A.A.M. Stols, Haia, 1947. 2ª edição.

------. *Alleen de havens zijn ons trouw*. Org.: K. Lekkerkerker. Roterdã: Nijgh & Van Ditmar, 1992.

-----, *O reino proibido*. Trad.: Patrícia Couto e Arie Pos. Lisboa: Teorema, 1997.

-----, *The forbidden kingdom*. Trad.: Paul Vincent. Londres: Pushkin Press, 2012.

-----, *El reino prohibido*. Trad.: Antonio Cruz Romero. 2ª ed...Copenhagen: SAGA Egmont, 2023.

-----, *Das verbotene Reich*. Trad.: Albert Vigoleis Thelen. Stuttgart: Klett-Cotta, 1986.

-----, Larrios. In *Contos Holandeses (1839-1939)*. Org. e trad.: Daniel Dago. Porto Alegre: Zouk, 2019.

-----, Desabrigo. In: *Poesia Holandesa – do século XIX à atualidade*. Trad.: Daniel Dago e Rubens Chinali. São Paulo: Demônio Negro, 2019.

SNOEK, Kees. *E. du Perron. Het leven van een smalle mens*. AMSTERDÃ: Nijgh & Van Ditmar, 2005.

SZIR, Alejandra. *El yo y el otro femenino en el océano, la ciudad y la pampa - Los escritos de Jan Jacob Slauerhoff sobre Argentina*. Dissertação de mestrado defendida na Universiteit Leiden, Holanda, 2016.

-----, Slauerhoff podría ser un personaje de Borges. In: SLAUERHOFF, Jan Jacob. *En memoria de mí mismo – nueva antología poética*. Almería: Ravenswood Books Editorial, 2018.

UYLDERT, Maurits. Het euvel Gods. In: KROON, Dirk (ed.). *Maar toen het lag ontdekt, leek het verraad: Opstellen over het proza van J. Slauerhoff*. 's-Gravenhage: BZZTôH, 1984.

VESTDIJK, Simon. *Verzamelde romans. Deel 2. Meneer Visser's hellevaart*. Roterdã: Nijgh & Van Ditmar, 1978.

VISSER, Hans: *Simon Vestdijk, een schrijversleven*. Utrecht: Kwadraat, 1987.

ANEXO I

Tradução de *O REINO PROIBIDO*

Para D.

PRÓLOGO

Para Albino Forjaz de Sampaio

I

Em setembro de 1540, quando Liampó já existia há quase dezoito anos, uma embaixada imperial chegou diante do Portão Norte trazendo o nome *Celestial* em sua bandeira, mas não carregando oferendas e vestindo mantos de luto azul claro. O chefe exigiu acesso ao governador Antonio Faria. Como era de noite, foram conduzidos pela cidade à luz de tochas e lanternas até uma pousada e, apesar da impaciência resmungante, apenas na manhã seguinte foram levados até Faria, que, informado de sua chegada e vestimenta, os esperou usando uma armadura, sentado num trono.

O mais velho deu um passo à frente, sem tirar o barrete, e disse com voz moderada: “Liampó será destruída, os portugueses e seus escravos serão torturados até amaldiçoarem o dia em que nasceram, caso seus irmãos do Sul continuem a conquistar Malaca.”

Faria, sem erguer a voz nem o corpo, tirou da mesa ao seu lado um rolo de pergaminho, desdobrou um mapa de Malaca e apontou para uma linha vermelha que cortava o pescoço da península, apontou pela janela para o rio onde os navios içavam suas bandeiras e desenrolavam seus estandartes. Em seguida fez um sinal, um tiro foi disparado, muitos canhões responderam e um júbilo irrompeu na cidade e no rio. No caminho de volta, dentro de liteiras fechadas, os emissários passaram por uma cidade em festa.

No final do ano, uma frota imperial de mais de mil velas apareceu diante do ancoradouro. Era um navio para cada português em Liampó. Espiões relataram a aproximação de um grande exército a três dias de viagem. Faria deixou Liampó sob o governo de Peres Alvadra e, conjuntamente com os trinta navios que estavam no porto, se meteu entre os juncos. Ele ordenou que um canhão de guarnição e uma colubrina fossem montados em seis de seus navios. Estes atiraram suas balas entre os juncos, enquanto sua frota flutuava lentamente em direção ao inimigo. Antes de entrarem em conflito, centenas haviam afundado. Então, de repente, o vento da terra levantou, as pesadas peças de artilharias se chocaram com o mar e em curvas rápidas as caravelas descarregavam contra o inimigo, disparando em todas as direções. Mas, finalmente, dezenas de juncos se prenderam em cada navio, e centenas de guerreiros saltaram sobre o convés dando gritos estridentes, brandindo cimitarras. Granadas vindas dos mastros,

tiros de mosquete da popa e da proa, facas e lanças no convés exterminaram os manchus como enxames de gafanhotos.

À noite, a batalha foi travada à luz de tochas, saveiros armados participavam da luta, e enxames de tubarões, as hienas da batalha naval, disputavam os afogados ensanguentados.

As chamas das tochas já iam se apagando quando um grande clarão irrompeu da terra. Um largo muro vermelho de chamas lentas se ergueu de horizonte a horizonte. Faria, vendo aquilo, ficou em cólera e sinalizou seus navios para o ataque final. Nove alinharam-se ao lado de seu navio, os outros não conseguiram se livrar do emaranhado ou foram esmagados.

Um atrás do outro, atirando incessantemente e atacando o que quer que viesse à frente da proa, cortaram três vezes a frota. O amanhecer, despontando no limiar, encontrou os juncos em fuga, e quatro navios viraram as costas e voltaram para a baía. Mas Liampó já tinha desaparecido, uma fumaça espessa pairava sobre as ruínas silenciosas de paredes desmoronadas e vigas carbonizadas.

Faria foi ao local onde ficava sua cidade. As ruas estavam quase enterradas em escombros, mas ele encontrou seu caminho, varreu os cadáveres com sua espada quando barravam seu caminho, até dois corpos entrelaçados de uma vez só, e finalmente se viu diante das ruínas de sua casa. Ele não ousou passar por cima do parapeito. Atrás dali, sua esposa e seus filhos foram queimados ou... Ele se apoiou na espada e esperou que alguns soldados se aproximassem. “Procurem”, ordenou com voz rouca, “limpem as vigas, abram o porão.”

Ele ficou sentado em um banco de pedra que outrora ficava entre flores e arbustos diante de um pequeno lago. Com o capacete, pegou um pouco de água da piscina e esfriou a cabeça. Carvão e fuligem cobriam seus cabelos, ele não percebeu. Puseram um par de espadas enegrecidas e um jarro de ferro aos seus pés: a única coisa que permaneceu reconhecível.

Então o próprio Faria entrou em sua casa incendiada, carregando uns punhados de cinzas em seu lenço.

À noite, quatro navios, tudo o que restava do primeiro assentamento em Catai, navegaram juntos para o sul.

Ao redor da pequena frota estavam as estrelas, acima delas a lua no céu negro. Na popa do *Mãe de Deus*, Faria e Mendes de Pinto. Ambos olhavam para as velas, para a

esteira, às vezes andavam um pouco de um lado para o outro do convés, depois paravam sem palavras.

Uma lâmpada ardia acima da escada da cabine, o cobre do alçapão e o bronze dos canhões brilhavam, senão, tudo ficaria escuro, escuro sobre os dois solitários, escuro sobre as velas. Mas lentamente o casco escuro surgiu em um crepúsculo verde, que primeiro fez as velas superiores aparecerem, depois ergueu a proa para fora da noite, onde começou um murmúrio baixo, como de pessoas despertas.

Por fim, a figura alta de Faria e o pequenino Mendes também foram iluminadas. “Verde é a cor da esperança”, disse Faria sem convicção. Mas Mendes negou. “É o fogo de santelmo, que significa desastre, morte. O que mais isso significa?” E de repente uma enxurrada de palavras saiu dos lábios do homenzinho silencioso, que não pronunciava uma sílaba há dias, não fazia nada além de correr de um lado para o outro do convés, testando armas, bebendo, bebendo muito. E praguejou em silêncio no entrincheiramento.

Finalmente seu ressentimento encontrou uma saída.

“Tudo, tudo por nada. Vinte anos de luta, solidão, negociações com vilões amarelos, paciência, pedidos de munição, de tropas.

As cartas desdenhosas dos traficantes de Malaca, dos governantes altivos de Goa, que nos perguntam o que procuramos até agora, onde estão as especiarias mais lucrativas de Malaca a serem carregadas. As dolorosas cartas dos prelados perguntando quando Catai finalmente será cristianizada. A do rei perguntando por que sua embaixada não foi melhor recebida em Pequim, por que não trouxe mais presentes.

Eles não querem nada além de manter o que têm, subornar seus inimigos e ocupar suas próprias propriedades.

À margem das riquezas mais fabulosas, constantemente em conflito com os demônios mais astutos e cruéis da face da terra, somos abandonados à própria sorte em um posto insustentável onde desperdiçamos nossas vidas. Agora recebemos a recompensa dos tolos, nossas esposas são torturadas até a morte, nossos filhos queimados ou raptados.

Estamos tão miseráveis como trinta anos atrás, quando embarcamos do Tejo, pobres fidalgos, ainda felizes com a bênção do cardeal e a cavalaria do Rei.

O que nos espera quando voltarmos? A excomunhão por termos nos tornado hereges, a desgraça do Rei, talvez o calabouço. Pense em Colombo, pense em da Gama, em tantos.

Para onde nos dirigir? A obra de nossas mãos durou vinte anos e queimou em uma noite. Vamos para uma ilha indesejada. E por lá esperar a morte. Ou vamos ficar à espreita

de qualquer coisa que veleje a bandeira portuguesa e vamos jogá-la no chão. Não, é melhor fazermos a viagem de volta, vamos bombardear Malaca, Goa e Lisboa,⁶⁴ até que a morte chegue. Por que nascemos e crescemos?”

Suas feições estavam pálidas sob a luz verde, suas mãos quebraram pedaços de madeira e seu corpo se sacudia no entrincheiramento. Até que Faria, lento e deliberado como sempre falava, tentou persuadir seu segundo comandante a entender o seu ponto de vista.

“É tudo verdade. Em Malaca nos receberiam com escárnio e triunfariam sobre nós. Em Goa nos questionariam porque o local não foi mantido. Pois quinhentos soldados e treze navios, metade deles em guerra, ainda são uma força invencível contra o maior império. Em Lisboa⁶⁵ iam nos encarcerar. Não tenho medo, penso como o senhor. Minha vingança continua. Mais uma vez vou desembarcar, lutar, negociar, construir, uma segunda Liampó, mais rica e mais forte que a primeira. Vai ofuscar Malaca, causar inveja a Goa. Então, quando for dispensado do posto para dar lugar a um dos bastardos do rei, erguerei minha própria bandeira e, com minha frota e meu exército, mantereí minha criação ou a destruirei eu mesmo, caso se mostre insustentável.”

Mendes balançou a cabeça tristemente.

“Estamos muito velhos. Vai demorar muito tempo. Devotarei os anos que me restam a minha vingança. Dê-me as cópias das cartas, as súplicas e éditos que escrevemos para reforços, dê-me as respostas altivas e desdenhosas. Serão meu breviário diário. É deles que extrairéi coragem, se sucumbir à dolorosa solidão.”

Faria o viu determinado.

“Saiba que o senhor sempre encontrará meu porto aberto, mesmo que toda a frota portuguesa estivesse no ancoradouro.”

“Não fale assim. Nunca faça isso, pois não realizará seu plano de vingança. Talvez seja eu quem irá ajudá-lo.”

A luz verde se apagou e ambos dormiram um sono inquieto nos bancos da cabine.

E pela manhã Faria deu a ele, que queria seguir seu próprio caminho, um maço de papéis em uma caixa e sua espada de gala.

⁶⁴ Em português, no original. Em holandês é Lissabon. (N. do T.)

⁶⁵ Em português, no original. (N. do T.)

Os navios repousavam. Os saveiros partiam e voltavam. Todos os que quisessem compartilhar o destino de Mendes deveriam embarcar no *Pinta*, o menor dos navios, no qual a bandeira negra já estava hasteada. Quando Faria remou à tarde, encontrou Mendes sombrio ao lado da rampa e o navio bem escassamente tripulado.

Os presentes de despedida foram colocados a bordo; eles ficaram de mãos dadas por um longo tempo. Então um tiro surdo soou e Mendes, no *Pinta*, seguiu seu caminho.

Não houve mais nenhuma notícia dele.

II

Faria navegou para o sul com três navios. No mar entre a terra de Fuquiém e a Ilha Formosa, onde convergem os ventos de toda a Ásia e do oceano, aproximou-se um tufão, a grande tormenta que nasce da união de muitas tormentas, que chicoteia o mar, rasga o céu, comprime o mar e o céu, os retorce e novamente os separa e destrói tudo o que entre os tecidos do ar e da água se aproxima dessa alquimia sobrenatural.

O *Mãe de Deus* conseguiu sinalizar aos outros que Nan Wei seria o ponto de encontro. Então os navios também foram separados por nuvens e neblina, atacados por redemoinhos e maremotos, que os atingiram de todos os lados sob uma chuva furiosa.

Faria ficou parado, amarrado a um mastro, gritando suas ordens, mas ninguém o ouviu. Ele não viu ninguém, não ouviu nada além de um grito de angústia de vez em quando, o guincho de uma vela rasgada em meio ao rangido de fúria e o baque surdo de um canhão perdido no mar. Abaixo dele, na cabine escura e apertada, Dona⁶⁶ Miles, a única mulher sobrevivente de Liampó, estava ajoelhada diante de Nossa Senhora da Penha.⁶⁷ Às vezes ela batia na estátua. Isso não tornava a oração mais intensa? Ela rezou uma noite e um dia. A vida se foi, a oração tomou seu lugar.

Até que as rajadas diminuíram, uma luz entrou pela porta entreaberta e Faria a ergueu. Eles se uniram em uma breve oração e um longo abraço, como se o amor dos que tinham se salvado nunca pudesse terminar, a morte cedesse ao deleite ou a um sol suave, brilhando sobre ondas espumantes, mas curvadas em uma janela redonda aberta.

⁶⁶ Em português, no original. (N. do T.)

⁶⁷ Em português, no original. (N. do T.)

III

O *Mãe de Deus* estava ancorado atrás de uma estreita península há uma semana na frente da baía de Nan Wei. Por fim, o *Coimbra* dobrou a esquina do promontório, com um mastro ainda de pé. O *Rafael* não apareceu mais. Alguns acham que este navio se juntou a Mendes.

Os ocupantes da ruína – o *Coimbra* não era mais nada a não ser isso – pediram para embarcar no grande *Mãe de Deus*. Mas Faria não queria perder outro navio, o *Coimbra*, com seu baixo calado, era indispensável para o reconhecimento costeiro.

A praia árida tinha uma movimentada indústria de construção naval.

O próprio Faria, subindo ao topo para avistar o *Rafael*, descobriu um bambuzal do outro lado. Isso fornecia vergas e cordas.

Nan Wei daria água e sustento. Mas encontrava-se inacessível no interior, atrás de um meandro do riacho, meio cidade, meio frota, cabanas e casas na margem, juncos no riacho tão próximos que uma linha d'água permanecia aberta entre eles. Entre a área de terra e a de água havia um alto palácio cinza com estátuas douradas e pináculos ondulados no telhado, brilhando ao sol, bandeiras coloridas serpenteando nas vigas do portão.

Uma embaixada com poucos presentes deveria ir lá pedir ajuda e provisões.

Faria, sabendo o quanto seria um refém desejável, não se aventurou. Alvarez foi com três homens de Liampó, chineses batizados, e um presente de tecido e vinho. Faria não tinha mais nada. Em carta ele apontou para a amizade que existia entre os dois monarcas, apenas distantes porque o poder de ambos se estendia até tão longe; ele aludiu aos serviços prestados no extermínio dos piratas e ocultou a batalha e a queda de Liampó. Então ele pediu ajuda.

Alvarez voltou depois de quatro dias, sozinho e sem resposta. O mandarim recebeu friamente os presentes, enfureceu-se ao ver uma mancha numa das tapeçarias, leu a carta e ficou mais furioso, louvou o seu imperador como Filho do Céu, menosprezou o monarca de Portugal como um vassalo insignificante, devedor do Império Celestial, por mais longe que Portugal estivesse a oeste. Ele ordenou que eles deixassem a cidade e retirassem seus navios da costa.

O almirante ouviu em silêncio e ordenou que se preparassem para zarpar. Mas não para deixar a costa. À noite, o *Mãe de Deus* e o *Coimbra* ficaram a uma milha a jusante

de Nan Wei e atiraram na metade flutuante da cidade sob o luar. Logo surgiram grandes buracos e, de repente, o monte escuro moveu-se a jusante. Silenciosamente as duas caravelas tomaram o lugar de milhares de juncos e incendiaram a cidade com foguetes. Em vários lugares o fogo se acendeu e depois se alastrou na velocidade da luz com estrondos e silvos, com um desabrochar de cores íntimas de alegria: verde, vermelho, roxo nadavam misturados, atravessados por serpentes de fogo, sóis giratórios, estrelas murchas, dragões cuspidores de fogo e flores monstruosas que brotam rapidamente.

Os portugueses, a princípio horrorizados, interromperam o tiros desnecessários e depois permaneceram espectadores dos tremendos fogos de artifício.

Os segundos em comando lembraram-se do encorajamento de Faria às suas objeções:

“Este não é um combate incerto. É uma celebração luminosa. O povo de Nan Wei nos receberá gloriosamente. Porque é 1º de fevereiro.”

Apenas Faria, pensando em tudo, aproveitaria a véspera do Ano Novo Chinês para o ataque, que, uma vez iniciado, continuou.

Pela manhã, Nan Wei havia desaparecido.

O palácio cinza na parede externa, enegrecido, erguia-se em um deserto de cinzas negras. Liampó ainda era reconhecível; Nan Wei foi apagado como uma lousa preta. O palácio mandarim surgiu esbelto e só.

Desembarcaram: cem soldados e duas colubrinhas que mantinham os telhados e janelas sob fogo rápido, a tripulação do *Mãe de Deus* atirou no portão. À parte, Faria esperava com uma coluna pronta para disparar. Mas depois de uma salva, o portão se abriu.

Uma multidão armada irrompeu pela abertura, uivando e convulsionando, em direção à divisão de desembarque. Poucos alcançaram seu objetivo; em poucos minutos a margem do rio estava repleta de cadáveres coloridos e cabeças com tranças. Então ficou em silêncio. Um poderoso gongo soou dentro do palácio. Faria sabia o que estava por vir e recuou um pouco.

O portão vomitava cada vez mais guerreiros e, finalmente, em meio a uma cavalaria, apareceu o mandarim em trajes de guerra multicoloridos, em uma carruagem, erguendo uma enorme espada larga.

Faria ordenou que o mandarim fosse poupado na debandada. E tudo foi terminado no tempo de vinte orações. Cadáveres cobriram o chão outra vez, cavaleiros dispersos

fugiram ao longe e o mandarim sentou-se em sua biga, cujos cavalos haviam sido baleados.

Faria se aproximou e colocou a ponta da espada no peito, mas encontrou a resistência de metal. Uma suspeita sombria surgiu nele, ele rasgou as vestes com a lâmina e se deparou com um tipo antiquado de armadura peitoral.

Faria a reconheceu. Ele mesmo não tinha visto Peres, o primeiro emissário a Pequim, partir? Nada se sabia sobre ele, a não ser que ele havia sido assassinado no caminho.

Faria ordenou ao chinês que tirasse a armadura manchada. O mandarim apontou para o círculo que se tinha se formado ao redor deles, e Faria, deliberadamente se fazendo de desentendido, acenou para que quatro soldados se aproximassem, e que, sob forte júbilo, fizessem o outro homem sair de sua carapaça roubada. Tremendo, o alto governante, com a parte superior do corpo nua, flácida e gorda, era o centro do desprezo dos demônios estrangeiros. Faria o levou até o rio e ordenou que limpasse a armadura de seu toque, lavasse e escovasse. Então ele convocou seu carrasco, um enorme manchu, que, com lascivos olhos esbugalhados, torturou e matou sua distinta vítima de acordo com todas as regras da arte. Uma nova cerimônia foi realizada.

Faria ergueu bem alto a couraça brilhante, os raios do sol dando-lhe um novo brilho. Ele jurou: “Construirei uma catedral em minha cidade. Esta armadura será a única relíquia. Nenhum osso sagrado irá suplantá-la. A catedral também será uma fortaleza e defenderá a cidade contra ataques e cercos. A couraça ficará pendurada na abóbada de aresta da nave da igreja.”

Pois o carrasco havia terminado seu trabalho, e o cadáver do soberano de Nan Wei estava pendurado na viga do portão de seu palácio.

IV

Longe, ao sul, em uma área solitária, embora a não mais de dois dias de viagem de Cantão e seus milhões, uma pequena península desabitada se projeta para o mar. Em um círculo de rochedos no promontório, entre os pedregulhos, ergue-se um santuário de madeira vermelha rústica, escassamente dourada. Nada de estátuas elegantes e incensários perfumados. Em um nicho está uma estátua de pedra bruta de um grande monstro marinho, cuja boca estilhaçada se abre ameaçadoramente para o semblante plácido da deusa. No teto estão pendurados pequenos juncos e sampanas de madeira rústica. Nos degraus diante do altar, peixes secos.

É o templo de A-Má, a deusa dos tufões. Apenas pescadores e piratas a adoram.

Na ponta extrema da península há outra pedra. Isso é tudo o que foi erguido aqui por mãos humanas. Ninguém sabe mais qual tribo deu à deusa seu templo e local de sacrifício. A pedra ainda tem o nome e o ano de fundação. É um *padrão*:⁶⁸ pedra memorial, como muitas nas costas africana e malabar, que marca o primeiro desembarque, mas nenhum na China. E este não lembra apenas a descoberta, mas também é uma lápide. Lê-se: *Aqui Joaquim Ferreiro desembarcou com o Padre e o Tejo*.⁶⁹ 1527 DC.

Ele tinha um objetivo muito modesto em mente: secar sua carga ao sol, molhada pelos mares transbordantes. Assim, na praia plana e seca, especiarias e tecidos foram colocados ao lado de algumas tendas nas quais ele se hospedou com sua tripulação, enquanto seus navios eram reequipados.

Certa manhã, hordas de guerreiros chineses cercaram as tendas. E um emissário veio exigindo mil moedas de ouro pela violação de seu solo, onde nenhum estrangeiro com olhos arregalados e cachos longos deveria pisar. Ferreiro pagou e partiu com uma carga meio úmida e os navios apressadamente limpos. Ele sabia muito bem que se ficasse, no dia seguinte outro mandarim exigiria o dobro, acabando com todo o lucro de sua desastrosa viagem.

⁶⁸ Em português, no original. (N. do T.)

⁶⁹ Em português, no original. (N. do T.)

Apressadamente mandou erguer um *padrão* anunciando sua demora nesta costa árida. Os chineses deixaram o *padrão* ileso, temendo o espírito que habitava na pedra.

Por doze anos, o rústico memorial ficou sozinho na solitária faixa de terra.

Depois, outro navio encalhou ali, sem carga, a não ser uma dúzia de jesuítas em missão para Pequim. Eles também tinham danos a reparar, foram infligidos pela diarreia. Três deles morreram ali e foram sepultados ao redor do *padrão*, cobertos de lápides rústicas.

E o lugar era amplamente evitado.

Assim, desde muito cedo, existiu no reino proibido um lugar que pertencia a Portugal, através de seus mortos – antes de Faria navegar e desembarcar para fundar a cidade que desejava manter e fortalecer: contra os chineses e para os portugueses.

Parecia possível alcançar esse objetivo secreto, a cidade era inexpugnável; no ponto mais estreito do promontório, um pequeno forte e menos de trezentos homens eram suficientes para conter milhares. Dos lados era protegida por grupos de ilhas e bancos de areia.

Ele construiu alguns fortes e armazéns – as igrejas surgiram naturalmente.

Os navios iam e vinham cada vez mais: Macau ficava a meio caminho entre Malaca e o Japão, numa enseada abrigada. E Liampó havia sido exposta contra o lado tempestuoso do Estreito de Formosa. Mas Faria morreu quando começou a sentir-se forte, e Macau ficou, mesmo nos períodos de fraqueza e decadência: “a mais leal”,⁷⁰ quase a única fiel ao Rei, mesmo quando não havia mais Rei nem Portugal.

Nem Pinto nem Faria se vingaram. E a maneira como outro se vingou posteriormente não é sentida como vingança, mas como aprovação.

⁷⁰ Em português, no original. (N. do T.)

PRIMEIRO CAPÍTULO

I

Lisboa,⁷¹ Agosto de 15..

Deus sabe que eu a evitei o quanto pude. Mas o Rei não sabe. E talvez tivesse sido melhor se fosse ao contrário. Ele também não sabe que foi por culpa dele mesmo que o imperdoável aconteceu. Ela é destinada ao Infante. E embora eu a amasse, meu sangue não se rebelaria. O Infante, como tantos filhos de soberanos, é alguém com quem se pode entrar em contato, sim, até intimamente, sem ser modificado em nada. É como se eles também fossem instituições estatais, não pessoas. Ela, a quem chamo de Diana, poderia se casar com ele, compartilhar seu trono e cama, dar-lhe filhos e ainda continuar sendo Diana.

E quanto a mim? Sentiríamos grandes emoções, ela seria arrastada de uma emoção para outra, depois de alguns anos eu não a amaria mais, pois ela não seria mais a mulher que hoje chamo de Diana e sempre chamarei, não só para não trair seu nome, mas também porque não preciso descrevê-la para mim mesmo, nem me atormentar libertando-a da minha consciência, onde ela vive, enredada no segredo mais obscuro de minha existência, em uma tentativa impotente de fazê-la viver em minha palavra, que pode abranger mundos e mares, mas não sua essência.

Deixe-me conjecturar novamente como teria sido a vida dela. Um retiro na propriedade abandonada onde ela lentamente se transformaria em uma mulher lânguida, perdendo todo o encanto pela maternidade e pela convivência diária; eu, por outro lado, consumido pelo desejo de terras distantes, que não alcançaria, teria rancor dela.

Mas quem pode superar seu desejo com a razão? Apenas aqueles em quem o desejo é como um vento fugaz de primavera. Em mim era abrasador e constante como o vento alísio. Mas eu lutei.

Quando a encontrava, a luta entre a negação e o desejo deixou minha voz incerta, meus olhos vagando, minha atitude vacilante. Então, arrependida e entediada, ela se virava, e os olhos do Infante e de seu pai real brilhavam com triunfo.

Então achei o momento oportuno e fui pedir ao Rei que me desse um navio.

⁷¹ Em português, no original. (N. do T.)

“Talvez mais tarde, quando sua atitude for mais semelhante à de um conquistador do que agora, posso nomeá-lo.”

Ele não temia mais minha concorrência com seu filho. Curvando-me, eu me virei, escondendo minha cólera pela provocação real.

Muito bem. Então não vamos reservar essa atitude para o além-mar, mas vamos assumi-la aqui. Assim quis.

Agora, para reconquistá-la, tive que lutar com uma arma que sabia manejar bem, mas que preferia não usar.

Diana foi contagiada pela moda que nos chegou da Itália (diz o ditado: o vento que sopra da Espanha não traz nada de bom, mas gostaria que acrescentássemos: e o da Itália só traz ruindade), ela fazia poemas e queria que fizessem poemas sobre ela. O que é poesia para um povo que tem mais o que fazer do que lutar com uma métrica indomável, que durante séculos ficou espremido em uma estreita faixa de terra, que lutou com a violência de mouros, espanhóis e mares, cuja língua, por uma estranha reviravolta da natureza, já é bastante cadenciada! Até é chamada de língua das flores!

Que as mulheres, que não têm nada além da tecelagem, alternem isso com bordados na tela da língua e imitem suas companheiras nas inúmeras pequenas cortes italianas, ainda vai. Mas que os homens também se dediquem a esta vã ocupação, quando ainda há tantas terras por conquistar, por descobrir, e os mouros ainda estão aninhados do outro lado, é pior ainda.

Diana então estabeleceu uma corte literária em seu próprio palácio, o Santa Clara. Para atrai-la, era necessário declamar versos.

É verdade que eu nunca tinha aberto a boca (a não ser para bocejar ou responder às perguntas que ela fazia), mas seus grandes olhos verdes estavam sempre fixos em mim. Eu a admirava de longe – ela era linda, uma verdadeira soberana – e abominava os bajuladores rimadores que a cercavam. Eu queria me aproximar dela, tinha que participar daquela moda, reuni meus conhecimentos de poesia, adquiridos ao longo dos anos na propriedade abandonada de meu pai, onde ler, escrever e caçar eram as únicas recreações, e fiz um soneto e algumas redondilhas.

Com isso, fui a Santa Clara na quinta-feira à tarde, após a resposta negativa do Rei.

Meu anúncio de que eu também declamaria versos chamou atenção. Com pressa sarcástica, os bajuladores que a rodeavam cederam espaço para os dois lados, mas Diana permaneceu séria, com os olhos fixos em mim. Fingi falar só para ela, no silêncio não

ouvi minha própria voz. Em seus olhos eu vi o que aconteceu: ela admirou o soneto, mas ficou impressionada com a pressa ousada e a agitação insolente das redondilhas, que expressavam tão bem meus sentimentos apenas por ela, que permaneciam escondidos dos outros. Os outros murmuraram uma aprovação, contra sua própria vontade, somente ela não falou, mas uma hora depois foi passear comigo no jardim de Santa Clara. A lua brilhava estreita, brilhante, mas a luz do dia ainda pendia debaixo da folhagem das alamedas. Os olhos dela eram claros, suaves como a lua, sua proximidade era como o sol, seu seio era a coisa mais suave e sublime.

Nunca mais, desde o contato com minha amada, senti tanto a presença do feminino. Não pensei mais na mitologia, embora eu tivesse dito algo sobre Endimião e Diana, não pensei mais sobre sua alta e minha baixa nobreza.

Éramos como os primeiros seres do paraíso reencontrado, embora caminhássemos lado a lado tranquilamente e com dignidade, pois da janela, sabíamos, o mundo invejoso nos encarava, durante uma hora fomos: Luís, Diana.

E por causa dessa uma hora...

Não, o encadeamento de meus desastres começou depois desta hora, mas não foi consequência dela. Começaram no meu nascimento. Pois já na minha primeira hora na Terra as constelações mais malignas estavam na constelação sobrenatural, não havia nenhuma fada boa para suavizar meu destino. E esse amor também estava ali para me impor sua dificuldade.

Nas vezes seguintes, fui sem versos – não entramos no jardim, mas ficamos juntos no nicho da janela. Os outros homens e mulheres naturalmente nos evitavam enquanto estávamos juntos.

Algumas semanas depois, o Infante empalideceu e os olhos de Diana brilharam quando me aproximei dela. Ela havia me desprezado anteriormente devido à minha hesitação? Não tinha entendido? Não sei mais o que disse a ela, talvez as palavras não tivessem tanta importância, mas o som deve ter sido bom. Eu constantemente a cativava. Já o Infante gaguejava, corava e ria sozinho, para nossa diversão.

A minha conquista neste campo proibido alcançou o que minha boa vontade não conseguiu. Se eu fosse um homem amadurecido naquele mundo, em vez de um rapaz vindo do campo, teria entendido isso antes.

Uma tarde, eu estava no parapeito da janela com Diana; o Infante, no meio da sala, falava amarga e distraidamente com seu camareiro. Uma dama de companhia velha, parada na porta, tentou teimosamente e em vão chamar sua atenção. Ela foi interrompida

naquele jogo quando a porta se abriu de repente. Um escudeiro veio me buscar. O Rei tinha me convocado. Eu o acompanhei.

“Agora podemos realizar o seu desejo. O *Estrela* vai partir. Tem soldados a bordo; o senhor é jovem demais para comandar um navio de guerra, mas com um capitão competente para aconselhá-lo, certamente poderá liderar uma tropa. Está pronto?”

Fingi ponderar, com cabeça e joelhos curvados.

“Então?”, o monarca denunciou sua tensão.

Dei minha resposta apenas quando tinha tudo preparado.

“Agradeço a Vossa Majestade pela atenção e favor. Ainda não possuo as virtudes que, há algum tempo, o senhor considerava indispensáveis para o comando. Além disso, uma questão importante me mantém aqui.”

Parei por um momento, olhando, de minha postura curvada, para cima, e vi a ira surgir no rosto do monarca, despertada por minha audácia.

“Se o senhor quer dizer que...” Ele não conseguia continuar.

“É por causa do meu pai. Ele sente que sua hora se aproxima e me convocou para regularizar a herança. Portanto, devo pedir com muita humildade para me abster do tribunal. Meu pai pode morrer em breve: sou o único herdeiro.”

“Seu pai pode sofrer por muito tempo também.”

“Então eu sou o único que ele vai querer ao lado do leito de morte.”

Menti deliberadamente. Meu pai nunca teve um momento de tranquilidade quando eu estava com ele. O Rei sabia bem disso, mas oficialmente pais e filhos se amam. Prossegui, já que o Rei permanecia sem palavras:

“Portanto, peço novamente a Vossa Majestade para me abster do tribunal. Na segunda-feira um navio subirá o Tejo e nele poderei fazer a maior parte da viagem.”

“Claro que o senhor pode ir. Garanta a seu pai minha afeição real. E depois?”

Ele fez um gesto que dizia algo como: “Quando seu pai estiver morto e enterrado, viver em uma propriedade pobre o entedia...?”

O Infante devia temer muito minha concorrência.

“...Então peço permissão para adquirir as virtudes de cortesão e comandante em sua proximidade.”

“O senhor nunca será comandante. Cortesão já o é em virtude do seu nascimento. Pode ir. Permito que participe da caçada de amanhã. Quando retornar, outro navio estará pronto. Não sei, no entanto, se haverá um destacamento de soldados para o senhor. Mas pode contar com uma carta de recomendação ao vice-rei de Goa.”

Portanto, fui honrosamente expulso de Portugal, com adiamento por causa da doença do meu pai. A audiência acabou. Eu queria beijar a mão do Rei, mas seu rosto ficou roxo, ele não disse nada além de: “Vá... embora!” e apontou convulsivamente para a porta.

Não conseguia concatenar meus pensamentos. Tinha sido um triunfo ou uma derrota? Ganhei o que mais desejava: ir para longe, ou perdi o que mais amava? Em todo caso eu tinha provas de que era temido. Como era agradável incitar, provocar o tirano odioso e arrogante, até que o sangue tivesse estourado as veias em seu cérebro, destruindo o tecido, ferindo ainda mais sua mente medíocre!

Não gostava de Portugal, apesar de ter nascido lá. O país é monótono e melancólico, assim como a vida. Nada floresce e resplandece como na Itália e na França, meu país natal é inferior em tudo, exceto na navegação. No entanto, era doloroso ver como esse soberano rude, com sua mente grosseira e corpo desfigurado, sugava tudo e vagava para sua perdição, tinha tudo em seu poder, usava tudo para seu próprio benefício, agricultura, indústria, navegação mercante. Em sua gula e ganância, ele era igualado apenas por prelados e piratas.

Na noite anterior, bebi com os pajens que faziam a guarda e depois fui para o meu quarto. Eu estava com o coração leve, só pensava na caça. Diana iria comigo, eu lhe faria um sinal e, precedida por um cervo em fuga, ela se desviaria para onde eu estava esperando. Então, depois disso...

A luz caía através de uma fresta de janela, através de uma garrafa de vinho, sobre a mesa preta, sobre minhas mãos que estavam ali, separadas, como se somente elas soubessem o que ia acontecer com esta vida. A mudança havia começado. Logo o suntuoso manto da corte viraria uma armadura rude. Essas mãos mudariam, eu deveria esquecer as coisas, esquecer muitas coisas: como fazer uma dama de companhia se apaixonar apenas pelo olhar, como mostrar desprezo a um rival, colocá-lo nas sombras e, com uma palavra final bem dita, fazê-lo desaparecer do círculo da corte por dias. Esquecer: Portugal, o pequeno país cuja fronteira pode ser alcançada em três dias. E do continente oriental que me esperava, eu não sabia nada além de histórias vagas e do cheiro pungente de especiarias. Seria tão maravilhoso quanto eu pensava? Lembro-me de como imaginava Lisboa,⁷² como uma cidade de palácios dourados, dias ensolarados e noites prateadas. É uma cidade bonita, nada menos, mas, sobretudo, nada mais.

⁷² Em português, no original. (N. do T.)

Clareou e eu fiquei mais sombrio novamente. Pela manhã, o sorriso de Diana me pareceu mais desejável do que uma volta ao mundo. Mas era tarde demais. Eu havia jogado o perigoso jogo de dois grandes interesses da vida, apostando cegamente, jogando com ousadia, e descobri tarde demais que perdi aquilo por que deveria ter lutado freneticamente e ganhei o que era menos caro ao meu coração. De repente, todos os meus pensamentos se voltaram para a caça. Como um cervo, eu a perseguiria até que ela não pudesse mais fugir, até que me implorasse por misericórdia. Eu já sabia onde seria: na fonte onde os animais quebram os juncos para beber e onde o povo não ousa aventurar-se, com medo dos espíritos da água que erguem os braços enevoados e arrastam os intrusos para as profundezas até se afogarem. E eu estaria com ela quando temesse o pior.

II

Mas quando Camões viu Diana no cortejo de caça, inacessível, montada a cavalo, de repente soube que ela não era a presa que ele poderia caçar, mas que ele seria o perseguido, mesmo que fugisse para o outro lado do mundo. Ele trouxe cuidadosamente seu cavalo para perto do dela e pediu que ela se afastasse da companhia e fosse até o poço das fadas e do fantasma. Ela concordou. Por muito tempo ele ficou sentado sozinho esperando em um tronco caído, meio no lago, tirando água com o chapéu. Por fim, ao som de galhos quebrando, um cervo escapou das árvores e logo depois Diana conduziu seu cavalo até onde ele estava sentado; ela colocou o pé em suas mãos entrelaçadas e desceu até ele.

À noite, ela voltou sozinha da caçada, não contou sobre uma torção no tornozelo ou um caminho errado, e ninguém a questionou. Nunca aludiu a este dia numa carta, nunca este dia se tornou página de crônicas, como tantos outros dias em que algo menos importante aconteceu, uma cidade foi incendiada ou uma batalha foi vencida. Em suas memórias, nenhum confessor revelou o que aconteceu. As paredes do mosteiro ao qual ela confiou o seu corpo, abandonado por Camões e negado ao Infante, não guardam o eco que só séculos depois devolve as palavras sussurradas às suas pedras.

Camões deixou as canções de amor de lado: forçou-se a seguir a rígida métrica do rude poema que transformava expedições de pilhagens em feitos heroicos, e, sozinho, na miséria absoluta, sentado em uma rocha queimada pelo Mar Vermelho, lamentou que houvesse perdido, se afastado voluntariamente da felicidade. Talvez *Os Lusíadas* também tenham sido compostos apenas para, aqui e ali, levar uma palavra nas inúmeras estrofes, como as ondas longas e largas levam algumas tábuas com as quais, posteriormente, um naufrago constrói uma casa em costas distantes. Mas ninguém nunca juntou essas palavras: *Os Lusíadas* sobreviveram igual a um o mosteiro: como um resquício de fama e por trás das juntas, no entanto, pelas lacunas e frestas, ainda não se vê a doce e triste vida que se encerrou.

III

Com a paciência de um morto, fiquei sentado esperando no convés do barco que me levaria rio acima. Era um dia sombrio. As muitas cores de Lisboa⁷³ foram obscurecidas por uma névoa que raramente encontra a foz do Tejo. Levou um longo tempo. Constantemente, mais algumas pessoas ou alguns barris cruzavam a prancha. Mas de repente uma larga faixa de água correu entre a corrente e a margem. Vi um cavaleiro partindo, conhecia seu rosto: um mensageiro, ele deveria informar que eu estava são e salvo. Mas quem me impediria de pular na água e alcançar a margem novamente com algumas braçadas? Eu não fiz isso, embora fosse fácil. Mal sabia que, mais tarde, eu daria um salto para nadar uma distância mil vezes maior, não mais pela minha alma, mas para salvar meu corpo e um pedaço de papel.

Quando olhei para cima outra vez, a cidade era um cenário distante, apenas a torre de vigia de Belém ainda se elevava antes e acima das casas. Mais uma vez afundei: os dias após a caçada eram como a costa de basalto ao longo da qual nadei, queria contorná-la para descobrir onde minha vida tinha sido interrompida. Mas não consegui chegar ao local da ruptura.

As velas foram içadas acima da minha cabeça. Ouvi ferro raspando na madeira, cordas rangendo, lona esvoaçando. E então:

“Está sobrecarregado de tristeza, meu filho? Venha a mim, todos os que estão sobrecarregados e oprimidos. Isso foi dito para todos e para o senhor também. Deus me enviou, alivie o fardo de sua consciência.”

Sentei-me e tentei adivinhar o rosto pela voz. A voz era suave e mole, com entonações arrastadas. Imaginava rugas, nariz vermelho e olhos marejados, e meu ressentimento não diminuiu quando vi que havia me enganado. Era um jovem dominicano de rosto jovem e corado e olhinhos míopes por trás dos óculos: um desses animais de rebanho que, seduzidos pela segurança de um terno preto anual e boa comida três vezes ao dia, enchiam os seminários, e ali, além daquelas refeições, mastigavam alguns dogmas e depois sempre estavam prontos para vomitá-los sobre quem quer que estivesse ao seu alcance e parecesse ser seu inferior na fé.

⁷³ Em português, no original. (N. do T.)

Eu não me mexi. Tomando isso por humildade, ele continuou, levantando a voz: “Deus me enviou!” E aproximando-se de mim: “Desiste dos seus erros antes que seja tarde demais!”

Um cheiro de suor entrou pelo meu nariz e isso me fez levantar e responder: “Não é à toa que fundaram uma ordem para lidar com a nobreza, cujos membros talvez sejam puros de alma, mas certamente são puros de corpo e têm mãos bem tratadas. Pertence a eles? Há quanto tempo não toma banho?”

Isso pareceu ser suficiente. Ele recuou, murmurando algo sobre o Malévolo e sobre o corpo a ser negligenciado, fazendo repetidamente o sinal da cruz. À tarde, vi-o conversando animadamente com alguns mercadores; o dia todo eu o observei indo para lá e para cá, ora com um, ora com outro. Eu estava convencido de que ele instigava todos os companheiros de viagem contra mim, mas não me importei, eu tinha uma cabine só para mim, mas ainda dormia em um barco no convés de popa à noite. Não prestei atenção aos outros a bordo; no entanto, não deixei de notar que, furtivamente, muitos me lançaram olhares venenosos. À noite eu via as estrelas, de dia as praias estéreis passando. Na segunda noite também me deitei em meu lugar favorito: no barco pendurado sob a popa; acordei com passos e conversas intercaladas por longos silêncios. Para minha surpresa, ouvi o nome do Rei ser mencionado várias vezes com amargura pela voz predominante da conversa, respondida por um grunhido de aprovação dos outros.

“...Mantenha todos os tributos para si mesmo, explore a colônia, desperdice tudo em guerras e festas, deixe seus súditos perecerem em solo emaciado; ele não dá chance ao empreendedor. Ofereci dar um terço do lucro para o Estado, mas não tive permissão para equipar um navio; por que ele deveria se contentar com um terço? Também argumentei que o Estado poderia equipar vinte vezes mais navios, a fim de navegar para terras distantes, que muitos funcionários corruptos poderiam ser demitidos e que assim resistiria melhor aos ataques de ingleses e espanhóis, que já se tornavam mais descarados, pois um comerciante livre não é um protegido fraco, mas um aliado forte. Assim pleiteei, mas seus ouvidos estavam sob a coroa e seu juízo no orbe.”

Outro grunhido de aprovação. Gostei demais dessa conversa. Desci do barco para o convés. Os dois comerciantes apanhados em flagrante viram em mim o cortesão que os denunciaria ao Rei. O que tinha se calado fez um débil esforço para salvar o outro:

“Perdoe-o, senhor. Fora isso, ele é um bom cidadão, mas sofreu grandes perdas e bebeu demais esta noite.”

Permaneci em silêncio.

“Perdoe-o. Se está em dívida com os judeus...”

Balancei a cabeça.

“Se quer fazê-las, vamos resolvê-las.”

Queria ter cuidado com o poder que havia adquirido de maneira tão inesperada sobre essas duas pessoas, o poder que momentaneamente tinha tido sobre o Rei e que perdi cedo demais; fiquei surpreso ao saber que o velho, que na corte era dominado pela bebida, por seu confessor e seus filhos, podia fechar mares e proibir armadores de equipar navios; também fiquei surpreso com o fato de dois mercadores permitirem-se ser tão controlados por seus medos e simplesmente não negarem o que eu, sozinho, poderia dizer contra eles. Quando era jovem, eu não conhecia o poder da nobreza e, mais tarde, quando o conheci, perdi a nobreza. Então resolvi mandar um embora e ouvir o outro.

“Deixe-o descansar e dormir para curar a embriaguez; amanhã lidarei com ele.”

O culpado quis dizer alguma coisa, mas seu colega o cutucou e ele foi embora, esquecendo-se de cambalear. Então perguntei ao outro:

“Por que não podes navegar? A foz do Tejo não está acorrentada, não é?”

“Não temos tripulação, senhor.”

“Mas muitas vezes ouvi o Rei reclamar das grandes deserções no exército e na marinha.”

O comerciante continuou a dar respostas evasivas, mas quando prometi a ele que não comprometeria sua pessoa, ele me relatou como o comércio das possessões ultramarinas, os navios, tudo, era propriedade do Rei, que seus conselheiros estabeleciam os preços e exigiam que todos os navios fossem inspecionados para ver se não havia comércio próprio a bordo. Tornou-se impossível para os compatriotas fazer qualquer coisa. Em Portugal, um mercador era quase igual a um mouro ou a um judeu. Eu o ouvi com grande satisfação. O espírito de revolta cresceria, acumulando-se como um gás explosivo sob o trono, lançando-o no ar e despedaçando-o.

“Se o senhor ou seu pai tiverem alguma influência”, concluiu o comerciante, “use-a para o bem do comércio e, portanto, da pátria.”

Eu ri para mim mesmo. Era assim que eles falavam, os padres sobre sua igreja, os oficiais sobre o exército e os comerciantes sobre seu comércio: como se fosse sobre o Santíssimo. Agradei-lhe pela informação.

“Seu amigo não sofrerá nenhum mal. Como penitência, tudo o que desejo é que amanhã ele derrube aquele padre e jogue um balde d'água nele.”

O mercador olhou para mim espantado e começou a dizer outra vez que eu poderia estar em dívida.

“Pelo contrário; aquele padre suado é que tem uma dívida comigo e quero ver isso ser saldado. Um pouco de água fresca não lhe fará mal, ele quase não tem contato com ela.”

Na manhã seguinte, os embarcados divertiram-se com algo totalmente inesperado. Um comerciante de boa índole aproximou-se de um padre desavisado lendo o breviário, pegou um balde e o virou de cabeça para baixo. A batina colou em seu corpo, ele foi ridicularizado por todos ali.

E à tarde o navio chegou a Abrantes, dali foram mais seis horas de viagem até ao castelo. Há dois anos eu o havia deixado.

Já era quase noite quando entrei no parque, as árvores com suas sombras eram um monte negro, os cisnes dormiam no lago. Ao redor haviam figuras brancas e silenciosas: eram os deuses e deusas em que eu costumava atirar pedras, eu os odiava porque representavam virtudes e mandamentos. Desde a mais tenra infância resisti à civilização que queriam incutir em mim e que ameaçava me penetrar por todos os lados. Pressenti que ela me tornaria melancólico e sofrido, e me prenderia aos lugares onde ela floresce, esparsamente espalhada pela terra. Assim, meu destino, de vagar leve e descuidado pela terra, seria amargurado pela saudade; depois do amor, esse era o poder que eu mais temia. O cristianismo nunca me dominou; desde muito cedo soube das crueldades que os sarracenos sofreram com esses homens “mansos”; assim, até os dezesseis anos, continuei um garoto que não ia à igreja, que ria do confessor na cara dele, jogava pedras nos criados e arrancava as flores do parque. À noite, frequentemente, eu pulava da janela, vagava pela floresta e surpreendia muitos animais ao estrangulá-los com as mãos.

Num dia de outono choveu torrencialmente; não consegui ficar sentado em casa e me abriguei em um caramanchão na beira do parque. Havia um livro lá. Fiquei sentado ali durante todo o dia chuvoso, mas não olhei para ele. Finalmente o abri, zombando de mim mesmo. O poema me arrebatou e fiquei surpreso ao experimentar uma beatitude que a escuridão me tirou outra vez. Tinha desenvolvido um ponto fraco, do qual me escondia e esperava curar, mas continuei lendo, e finalmente, na calada na noite, escrevi; durante o dia nem eu queria acreditar. Mantive o mesmo ódio por pinturas e esculturas, meu pai ficou imensamente triste com minha percepção bárbara.

Uma tarde, quando estava sentado outra vez no caramanchão, lendo a *Odisseia*, senti sua mão em minha cabeça; olhei-o no rosto: tinha uma expressão feliz.

“Leio porque fala de terras estrangeiras, só por isso.”

Mas seu rosto manteve a mesma expressão; ele tirou algumas folhas do bolso e reconheci minha letra. Enfurecido, eu o empurrei, levantei e fugi. Passei o dia todo como um gato selvagem na floresta, jurando nunca mais escrever. Mas uma semana depois acabei escrevendo. Tentei me consolar: um escultor e um pintor não podem viajar livremente, têm de trabalhar em um ateliê, mas eu, apesar da minha fraqueza, também poderia vagar à toa, pois um pedaço de papel, um pedaço de casca de árvore se fosse necessário, podia ser encontrado em qualquer lugar, caso não pudesse resistir a escrever. Mas eu sabia muito bem que eram falácias, que quem sofre dessa doença sempre anseia por lugares em que a pátria está na alma: Paris, Roma, Ravena. Sem esse mal eu teria encontrado minha pátria em qualquer lugar, tanto no mar quanto no deserto, seria um exilado em qualquer lugar, especialmente em meu próprio país.

Essa parte da minha juventude me veio à mente enquanto passeava pelo parque, passava pelas estátuas silenciosas que permaneciam imperturbáveis nos gramados e debaixo da folhagem.

IV

O pai estava sentado em sua poltrona no vestíbulo. Ele se levantou e mostrou o quanto isso lhe custava, abraçou o filho, depois o manteve à distância e elogiou sua aparência em termos elaborados, mas recebeu apenas uma resposta mal-humorada.

A mesa estava posta para ambos na cavernosa sala de jantar arqueada. Judith não estava lá. À pergunta de Luís, o pai respondeu que ela estava com os pais.

“Logo vai vir outro bastardo?”

Ele assentiu sem olhar para cima. Eles comeram. De vez em quando o pai perguntava sobre a vida na corte, sobre um conhecido, sobre o Rei, e então, hesitante, se seu poema havia progredido. Isso foi o sinal para Luís empurrar a cadeira para trás e irromper em insultos contra o demônio que ainda o atormentava e o tornaria bastante inapto para a ação.

“Por que desde a infância sempre fui rodeado pela vista de estátuas, graciosas e silenciosas, como se essa fosse a atitude a tomar diante da vida? Por que tantos quadros na parede, para que eu pensasse que eram janelas que revelavam um mundo onde tudo era belo, harmonioso e próximo, para que não fosse necessário viajar por estradas perigosas! Se eu tivesse sido criado na floresta, com um machado e um sabre como brinquedos e um jogo fugaz como alvo, eu teria me tornado resiliente e resolutivo: agora apenas reflito e meus atos foram tiros mal apontados a uma realidade vagamente vislumbrada.”

Luís tomou um gole, o velho Camões olhou para ele com silenciosa tristeza.

“Nunca o forcei a escrever poemas. Mas fiquei feliz quando os encontrei.”

“Mas me o senhor me emboscou a *Odisseia* no caramanchão! Eu também sabia que Homero era o cego com o cajado pendurado no vestíbulo, sabia que ele descrevia viagens distantes. Então quis lê-lo, e quando o li fui transportado para longe, e quis tentar fazer a mesma coisa, porque, na época, eu não tinha permissão para viajar. Mas isso iludiu minha vontade de viajar e me embalou para dormir. Agora tenho vinte anos e nunca saí de Portugal.”

“Quer viajar para a Itália e Grécia?”

“Não! Isso nunca. Ficarei viciado para sempre.”

“Por que quer ir embora? Temos um castelo grande e vastas posses. As montanhas também não estão longe. Por que não fica aqui e continua com seus poemas? Acha que as vitórias que se transformam em derrotas, empreendimentos mercantis que primeiro dão lucro e depois dão prejuízo, são mais gloriosas? E todas as viagens só te fazem perceber que a terra é a mesma em qualquer lugar. Em vez disso, tente emular Homero. Portugal será esquecida e o nosso nome sobreviverá.”

“De que adianta o que acontece com meu nome depois? Estou vivo agora e quero o mundo! Além disso, não tenho mais escolha. Tenho que embarcar daqui um mês. Fui exilado.”

“Exilado!”, exclamou o velho. “Agora que me resta um ano de vida? Não vá! Esconda-se aqui!”

“Daqui seis meses estarei em Goa. Agora que não posso ter a mulher que desejo, quero esquecer tudo, minha pátria, minhas origens, mas principalmente a antiguidade, os poemas e aquela mulher.”

“Quem é? Fale! Você a terá, mesmo se eu tiver que viajar até lá.”

“Pode me dar a mulher que em breve será Rainha de Portugal? O rei não sobreviverá ao próximo ataque; o Infante vai se casar logo, pois teme um sequestro.”

O pai recaiu em seu assento; Luís foi para o jardim.

Ele ficou por mais alguns dias. Conversaram pouco, o pai sofria, mas não reclamava mais. Na despedida, pendurou uma relíquia no pescoço do filho e colocou um livro no alforje. Luís voltou a Lisboa numa barça estreita, que escolheu para ser o único passageiro e para evitar dividir as tábuas com padres e comerciantes. Quando a barça fez a curva, ele jogou a relíquia na correnteza. Ele folheou o livro por um tempo. Foi a primeira tentação de sua juventude, hesitou, mas finalmente deixou essa lembrança flutuar com a água.

SEGUNDO CAPÍTULO

I

Macau, ano de 15..

Foi o mês mais quente do ano. A cidade jazia imóvel sob o céu trêmulo, no pátio os pássaros sentavam-se atordoados nos arbustos, o peixinhos dourados boiavam mortos no lago e as folhas murchavam e caíam, como se o outono tivesse chegado e continuasse quente. Os grilos estavam furiosos, como se estivessem sendo assados vivos. No gabinete do Procurador,⁷⁴ os largos ventiladores pendurados no teto eram movidos cada vez mais rapidamente, sem gerar corrente de ar refrescante.

O Procurador estava sentado à mesa com a cabeça nas mãos. Seu gibão pendia de seu assento; ele limpava constantemente o suor da testa, prolongada pela calvície. Não estava trabalhando, esperava com bastante ansiedade a mensagem da atalaia de que a frota de Malaca, já um mês atrasada, que devia trazer-lhes as armas necessárias, provisões e óleo para lamparinas, finalmente se aproximava.

Para piorar ainda mais, foi determinado que na próxima sessão ele deveria empossar seu antigo inimigo, Pedro Velho, o comerciante que controlava o comércio do Japão, como senador.⁷⁵ Eram adversários em tudo. Campos sempre queria se defender dos chineses com armas, Velho queria lutar com artimanhas e suborno. Velho queria a separação de Malaca, que controlava demais seu comércio com o Japão. Lembrando-se do lema de Macau: *Não Há Outra Mais Leal*,⁷⁶ ele respondeu que se Macau se submetesse imediatamente à Coroa, seria mais acatada. Ele continuou a assinalar que Malaca conhecia melhor os seus direitos do que as suas obrigações para com Macau. A chegada tardia da frota, portanto, sempre lhe dava satisfação. Na verdade, Campos estava esperando que a frota tivesse sido retardada por temporais ou atacada, e não tivesse saído tarde demais de Malaca, para ao menos calar a boca rebelde de Velho.

⁷⁴ Neste capítulo inteiro, “Procurador” aparece em português, no original. (N. do T.)

⁷⁵ Em português, no original. (N. do T.)

⁷⁶ Em português, no original. (N. do T.)

Bateram forte. Esperançoso outra vez, gritou que entrassem, mas logo viu que era a reclamação semanal do mandarim de Huangshan. O porteiro trouxe-lhe o rolo de pergaminho.

“Será que os olhos dos bárbaros, pela vontade do Imperador, vice-mandarim de Haojing, não foi capaz de impedir de novo que dois honrados mercadores de Huangshan fossem maltratados e presos? Exigimos sua libertação e indenização de mil taéis.”

Era o que estava escrito com descrições floreadas no rolo. Campos convocou o tesoureiro. “Pague!”, ordenou. Sozinho, ele suspirou que essas humilhações e fundos extorquidos minaram a justiça e arruinaram o tesouro.

Semedo, o mais antigo funcionário subalterno de Macau, foi anunciado. Campos vestiu o gibão e o recebeu, reclamando da frota e da extorsão. Semedo apontou pela janela para a Ilha Verde,⁷⁷ visível por entre as árvores da Praia.⁷⁸

“Ali está a solução. Se bem cultivada, pode dar frutas, legumes, vinho do campo, óleo do campo, tudo, então não precisaremos mais dos traficantes chineses.”

“Não me venha de novo com essa ladainha!”, gritou Campos com raiva. “Não posso ensinar soldados a plantar repolho! E que agricultor português se dispõe a sair de seu país natal para trabalhar numa ilha chinesa? Se o senhor não puder desistir dessa ideia, redija um memorando e archive-o, então pelo menos terei uns anos de descanso. E agora não deixe ninguém entrar, apenas o mensageiro de Guia, se ele vier.”

Assim que Semedo fechou a porta, ele tirou novamente o pesado gibão e serviu-se de vinho de um grande jarro de barro que conservava algum frescor. Ele suspirou com um pouco de prazer dessas grandes tristezas. Mas a porta se abriu outra vez. “O mensageiro. Finalmente!” Ele se virou. Um monge alto e magro estava parado no meio da sala e estendeu-lhe o braço.

“Quem o deixou entrar?”

“Venho e vou quando Deus quiser. E pergunto em nome de Deus: quando finalmente o senhor construirá a igreja para receber nossos crentes? Quando o seminário produzirá nossos missionários?”

Campos ficou furioso por ter sido surpreendido sem o gibão pela batina marrom.

⁷⁷ Em português, no original. (N. do T.)

⁷⁸ Em português, no original. (N. do T.)

“Nunca!”, ele respondeu. “Já temos igrejas o suficientes. Uma em cada rua. São tantas procissões que até tropeço nelas. Sem mais igrejas, sem cânticos, sem mais cortejos. Os chineses riem dos salmos.”

“Lembre-se das últimas palavras de São Xavier: a China será conquistada não pelas armas, mas pela palavra.”

“Eles não entendem a palavra.”

“Dê-nos uma igreja. Os jesuítas têm doze, e nós, os dominicanos que temos mais seguidores, só possuímos duas.”

“Quantas vezes falei que não quero dominicanos aqui? Já me bastam os jesuítas. Mas que lutem uns contra os outros, quanto mais competirem, atijarem, melhor! Assim diminui seu prestígio e exterminarão a si mesmos. Nenhuma igreja, nenhum mosteiro, nenhuma capela, mais nada, mas pode ter a Ilha Verde, não para enchê-la de igrejas, e sim para cultivá-la. Não é verdade que os dominicanos sempre se destacaram na agricultura? Ajude a colônia com grãos e vegetais, depois traga o alimento espiritual.”

“Vossa Graça deveria considerar de que devemos reunir nossas forças para arar as mentes endurecidas dos chineses.”

Mas a paciência de Campos tinha se esgotado. Ele se levantou para enxotar o maçante dominicano porta afora quando a mesma foi aberta e o Capitão Ronquillo entrou, caindo na gargalhada ao ver o Procurador de braços nus, e Belchior de mangas largas, igual a um insulto, um de frente para o outro.

“Dê-lhe sua igreja, Excelência! Ele não para de jeito nenhum. Em breve lhe fará uma serenata com o coro implorando aquela igreja. Isso nos incomodaria ainda mais.”

Belchior olhou com olhos flamejantes para o soldado e para o governador, e apressou-se a sair pela porta, mas virou-se no limiar.

“Vou excomungá-lo se não se curvar à vontade de Deus!”

“Não há nada para excomungar. O Papa deu esse direito apenas aos jesuítas, e somos a autoridade suprema aqui. Encrenqueiros, fanáticos, o senhor e toda a sua ordem! Eu o excomungarei! Dentro de um mês o senhor deixará a colônia. Então vá para o interior da China! Vá! Vá!”

O dominicano desapareceu, deixando-o ofegante e praguejando. Ronquillo olhou-o com escárnio benevolente, cruzou os braços sobre o peito condecorado, olhou brevemente para o espelho no fundo da sala, que lhe mostrou a imagem de um oficial corpulento e bem vestido, criado para conquistar tanto fortalezas quanto mulheres. Ele se espreguiçou, como gostava de fazer, para sentir os músculos tensos. Seu rosto tinha uma

expressão rude; mas ele era bondoso e gentil quando conseguia o que queria, e sempre conseguia, e isso o enchia de uma complacência de natureza mais espiritual. Ele nunca havia experimentado como era quando não conseguia o que queria.

Ele sentia que tinha que animar o Procurador amuado, se aproximou dele e colocou uma mão no ombro.

“Não fique zangado com esses papistas. O senhor sabe que a única arma deles é falar alto. Dê-lhe dez escudos aos pobres a cada vez que ele vier, que ele é obrigado a aceitar. Ele também vai se mostrar ofendido pela insignificância do presente e irá embora.”

“O dominicano é a única coisa. Ainda aguento esse aborrecimento. Não, há muito mais.”

Ele cerrou os punhos e pensou outra vez no Pedro Velho, seu inimigo que teve que fazer juramento, na contínua extorsão chinesa, na frota que era tarde demais, na sua filha que não o obedecia mais e no homem que estava diante dele. Ele o apontou para um assento e perguntou:

“Viu Pilar hoje?”

A testa sem rugas do capitão ficou franzida.

“Sim, eu a vi. Hoje de manhã fui prestar-lhe meus respeitos, na esperança de um olhar bondoso, uma única palavra que me desse coragem. Mas a encontrei ajoelhada diante de Nossa Senhora da Penha; ela nem olhou para cima. “Posso voltar depois de cem *credos*,⁷⁹ Pilar?”, perguntei a ela. “Não,” ela falou apressada e rouca, “ainda tenho que me arrumar.” Ela não falou mais; eu a achei muito estranha e pálida, com um rubor forte e olhos brilhantes, como se tivesse orado a noite inteira. Fui embora e tive que beber três copos de moscatel para afastar o triste pensamento de que nunca me aproximarei dela.”

Foi a vez de Campos consolar.

“Paciência! Ela ainda é jovem, o que são dezessete anos? Não desista de sua concubina, mas juro-lhe que ela será sua antes de fazer dezenove anos.”

Assim, eles tentaram afugentar a inquietação um do outro, o pai e o amante da donzela, que ambos imaginaram que estava tranquila em seus aposentos, quase sem pensamentos, embora orando, mas que vivia em um mundo ao qual não tinham acesso.

⁷⁹ Em português, no original. (N. do T.)

II

Eles foram para casa juntos, o Procurador em seu palanquim, o capitão ao seu lado, em um pequeno mas nobre e robusto cavalo da Birmânia. Em todos os lugares, os macaenses permaneceram de pé e os cumprimentaram respeitosamente. Mas na nova Rua Central tiveram que parar e se curvar. Do portão aberto da catedral, que ficava na praça, cem metros mais acima, saía a retaguarda de uma procissão cujo começo bloqueou o caminho deles. Proferindo insultos, eles arranharam a parede; mas logo uma porta se abriu, um velho os convidou a entrar. Eles adentraram e, de um *pátio*⁸⁰ frio e meio escuro, viram a procissão passando, ambos ficaram zangados que ainda tinham que esperar e foram sobrecarregados por um pressentimento, felizes por não poderem ser vistos, podiam manter o chapéu e desfrutar de uma bebida fresca que o velho logo lhes serviu.

Na rua resplandecentemente iluminada, sobre a qual apenas as sombras estreitas e curtas das árvores eram incomodadas, a procissão passou. Na frente iam os chineses recém-convertidos, em suas vestes azuis, com velas, depois seguiam os cristãos mais velhos: negros de sobrepelizes brancas, de onde suas cabeças projetavam-se estranhamente e seus olhos brancos reviravam-se esbugalhados. Estes últimos, já no auge do êxtase, contorciam-se e batiam as seus bastões no pavimento irregular. Depois vieram meninhas japonesas com cordeirinhos de lã e frases grosseiramente bordadas entre eles. Após um espaço aberto entre seus monges marrons, sob um dossel alto, veio Belchior, segurando a hóstia na caixa de ouro com as mãos levantadas. Os sinos tocavam, pesados e persistentes. Na esquina da rua apareceu Cristo, num hábito curto, arrastando a cruz, descalço, com a cabeça sangrando. Os sinos silenciaram. Tudo se ajoelhou num silêncio repentino. Um leve lamento cantado tornou-se audível. Verônica saiu de uma porta aberta da igreja em uma túnica vermelha, expôs o pescoço, descendo a rua, foi até Cristo, apertou a coroa de espinhos em sua própria cabeça, puxou o véu e limpou o suor e o sangue do rosto sofredor. Um grito duplo ressoou de uma casa fechada: “Pilar! Venha aqui!”, mas ninguém ouviu. Todos estão imersos na oração, todos os olhos estão fixos na figura alquebrada que puxa a cruz sobre as pedras duras e para a jovem que lhe traz o último

⁸⁰ Em português, no original. (N. do T.)

conforto. Eles passam, outra procissão de monges segue, quatro anjos de trombetas concluem a procissão.

Campos e Ronquillo não sabiam qual deles havia impedido o outro de avançar e arrebatado Dona⁸¹ Pilar do poder dos monges para dentro de casa. Um ciúme mais avassalador que a inveja fez com que suas mãos alcançassem a garganta, depois as grades da janela, para sustentar o corpo. A raiva da luxúria divina da qual eles não partilhavam e que brilhava tão poderosamente nos olhos de Verônica deixou-os imóveis. Apenas quando a procissão passou é que eles se recompuseram. O pai estava absorto no sofrimento do amante que desejava como filho.

“Tenho uma sessão no Senado hoje à noite. Vá até ela, torne-a sua, sequestre-a, faça o que quiser. Aqueles monges...” Ele não podia continuar.

Ronquillo apertou-lhe a mão em silêncio, olhando pela primeira vez para um ataque noturno, em que não tinha necessidade de lutar contra perigos do tipo a que estava acostumado. A voz do velho e inesperado anfitrião os assustou. Ele foi um dos primeiros livres-pensadores de Macau, um dos poucos galegos que tinham ido embora de sua pátria. Ele agradeceu a honra que foi dada à sua casa, lamentou o motivo e colocou-se à disposição dele. O Procurador agradeceu-lhe educadamente a sua ajuda quando a autoridade temporal teve de ceder à autoridade eclesiástica e disse que lamentava não poder ficar mais tempo. A liteira e o cavalo apareceram. Continuaram, ambos oprimidos pela mesma preocupação, e Campos por bem mais coisas, invejando Ronquillo. Suas tarefas eram diferentes. Enquanto Ronquillo ia raptar uma mulher amada que, embora ainda o odiasse, um dia seria dele, foi obrigado a empossar um inimigo mortalmente odiado em um cargo que, por sua vez, lhe daria mais poder para realizar seus planos.

⁸¹ Em português, no original. (N. do T.)

III

À tarde, a população de Macau encheu as ruas em grande número. Viam-se portugueses, malaios, japonesas, escravos negros, criados chineses, soldados e muitos monges. Todos deram reverentemente passagem para liteira, tiraram seus chapéus, curvaram-se ou agacharam-se à beira da estrada, conforme o costume de seu país. O Procurador mal os viu, Ronquilho dobrou numa viela, o outro pensou no Velho, que queria conseguir tudo com dinheiro e persuasão, subornar o Vice-Rei de Cantão, subornar os piratas, não se importando com seu prestígio, contanto que o comércio transcorresse imperturbável. Como se esse comércio pudesse existir sem base! Como se uma Macau forte e inexpugnável não fosse do mais alto valor comercial! Ele sentou-se sozinho para a refeição do meio-dia e depois mandou chamar a filha. Ela optou por não sair do quarto. Não houve resposta à sua batida, a porta continuou trancada.

Ele foi ao jardim, a figura dela recuou da janela para o chão da sala, ele apenas viu seu manto vermelho e a faldetta preta. Isso o lembrou da procissão na qual ele, o Procurador, teve que se afastar enquanto sua filha, diante de seus olhos, enxugava o suor da testa de um dos dominicanos disfarçado de Cristo. O suor era a única coisa verdadeira daquele hipócrita! Ele voltou a subir as escadas correndo e bateu na porta.

“Pilar! Tire essa fantasia carnavalesca e abra a porta para seu pai.”

Lá dentro estava silêncio.

“Pilar! Você é minha filha ou uma beata que se relaciona com padres?”

Um alaúde tocava suave, como uma zombaria prateada de suas palavras rudes.

“Se não me obedecer, vou mandar meus soldados arrombarem a porta!”

O som do alaúde emudeceu.

“Então espere, pai, até que eu troque a vestimenta que tanto o ofende por outra.”

“Espero.”

Depois de um instante a porta se abriu, Campos forçou a entrada, foi direto ao lavatório e, ofegante, serviu-se de um copo d'água. Sua filha estava sentada perto da janela com um simples vestido caseiro.

“Quem deu-lhe permissão para andar em cortejos? Há muito tempo sei que você não ama seu pai, que aparece em público com seus inimigos, eu proíbo.”

“Tive uma visão, pai. A frota de Malaca naufragou.”

Ela não contou ter visto mais: um homem que se afastou a nado do naufrágio e lutou para chegar a uma costa negra. Ela sempre via uma mão erguer-se acima das ondas, mesmo nos intervalos em que sua cabeça desaparecia nas ondas, e aquela mão segurava uma vara ou um rolo de pergaminho, ela não conseguia distinguir.

“Não levo suas visões em conta. Sei muito bem em que estufa elas foram cultivadas. Daqui a um mês você vai se casar com o Ronquilho, então elas se afastarão. Você vai me odiar no começo, mas agora já me odeia mesmo, então isso não muda nada. Mas quando tiver filhos, vai me agradecer.”

Por um momento foi como se Pilar tivesse visto o rude Ronquilho e o homem que tinha vislumbrado no sonho lutando; então ela olhou para o pai.

“Quero ter filhos. Mas nunca vou emprestar meu corpo para perpetuar a linhagem inferior de Ronquilho.”

“De que linhagem superior descendia sua mãe amarela, então?”

“De uma que já existia quando Portugal ainda era uma província moura e seus habitantes eram escravos dos maometanos.”

Campos teve de se conter, apoiou-se na mesa com as mãos, o fino tampo de jacarandá rangeu. Ele não cabia neste quarto, era como se um touro tivesse penetrado em um bosque de lírios. Mas logo sua cor voltou ao normal, um sorriso poderoso curvou seus lábios, ele lentamente foi até ela.

“Não me toque. O senhor me acusa de associação com os dominicanos. Me obriga a procurar abrigo, e talvez acabe fazendo o que não queria: entrar para o mosteiro deles.”

“Então, a partir de agora, você é prisioneira de seu pai e da mais alta autoridade de Macau, o Procurador.”

Ele saiu da sala e gritou uma ordem. Pilar ouviu o passo arrastado de dois criados.

“Está sob guarda!”, gritou o Procurador, descendo as escadas. Ela foi até a janela: um lansquenete já estava a postos perto da oliveira. Desanimada, ela deslizou no peitoril da janela.

Depois de algumas horas, ela rastejou até a porta, mas logo foi fechada outra vez. Na madeira escura ela viu de novo, e mais claramente, a face desta noite: em uma parte do mar, fechada por uma camada de nuvens, em ondas monstruosas açotadas por uma chuva pesada, igual ao encontro de um exército de anões com um exército de gigantes, um grande navio cambaleou e afundou, a popa alta por último. Então o homem pulou e nadou pelas águas furiosas, com a mão ainda erguida, até a costa negra e escarpada. E agora ela viu ainda mais: em frente a ela, uma praia amarela em declive, de repente,

parecia empurrada para baixo do nadador, que jazia imóvel; então as nuvens cobriram tudo, a porta se abriu de repente e a atingiu na testa. Ela pulou para trás e voltou para a janela, enquanto um criado trazia um prato. Ela não olhou ao redor, e o criado, sentindo que não estava sendo observado, pegou calmamente uma fivela de prata que estava perto de uma perna da mesa.

Naquela tarde, Campos não pôde descansar depois da refeição. Ele continuou ponderando se havia agido com muita dureza ou longanimidade com sua filha.

“Não assuste muito o pássaro, senão ele vai voar para longe”, ele murmurou. “Será que ela não pode fugir assim?” Ele resolveu colocar soldados nos portões também, mas continuou a temer a força do clero. Ele subiu em sua liteira mais cedo do que de costume; perto do prédio do Senado, o barulho de cascos o tirou de seu devaneio, e imediatamente foi colocado no chão, e viu um cavalo entre os carregadores desnorteados, e nele Ronquilho.

“O que te deu na cabeça para me atropelar no meio da rua?” Campos se esforçou para se levantar da cadeira inclinada, piscando para o sol e erguendo os olhos para Ronquilho, trêmulo de exasperação. Ronquilho desmontou, mandou tirar o cavalo e arrastou consigo o Procurador, que ouviu fascinado as primeiras palavras.

“Na refeição, bebi uma garrafa de vinho amargo de uma safra antiga com Alvarez e Brandão. Alvarez, que tem a garganta sensível, afastou o cálice dizendo: “Parece o vinho que o Velho vai beber na última ceia.”

“Bem, o que eu tenho a ver com isso?”, perguntou o Procurador.

“Tanto quanto quiser. Não quer fazer disso uma questão de vida ou morte esta noite em sua instalação?”

Continuaram conversando. Chegando ao prédio do Senado, Ronquilho montou de novo no cavalo e desceu uma ladeira íngreme. Campos passou pelo portão, curvado como se a última coisa que ouviu tivesse sido um fardo.

TERCEIRO CAPÍTULO

I

Pedro Velho era mais alto e mais calmo que os seus compatriotas. Nasceu no norte do Minho e foi um dos poucos que embarcaram no Porto. Sua aparência parecia ter sido tomada como modelo para o aviso escrito acima de um dos portões de Cantão: *Por este portão não pode entrar quem tem rosto vermelho, olhos azuis, cabelos loiros e barba.* Essas características eram extremamente fortes em Velho, o grande comerciante. No entanto, ele foi um dos poucos que passou pelo portão, o único que viu a grande Guangxi, o primeiro a reconhecer Marco Polo no templo dos trezentos grandes espíritos, em uma das gigantescas estátuas de bronze. Os outros portugueses queriam compensar o que lhes faltava em número de força com bravura e crueldade; eles podem ter prevalecido em bravura, mas em crueldade eram muito inferiores a seus adversários. Velho foi o único que entendeu corretamente que a violência das armas e os feitos heroicos não impressionavam os Celestiais, mas os enchiam de desprezo. Ele conhecia a única arma: presentes dados de tal forma que aceitá-los parecia um favor. Ele manuseou esta arma como um mestre; nunca deu demais, nunca deu de menos, sentindo o quanto um governador merecia, quanto um mandarim, um padre, um espião mereciam. Como resultado, Velho tinha grande parte do abastecimento de seda e chá sob sua supervisão e todo o abastecimento de alimentos, tornando-se o mais rico e poderoso de Macau. Mas seu poder e riqueza dependiam apenas de suas relações com os chineses.

Seus compatriotas o odiavam: seus companheiros de guilda por inveja, os oficiais porque ele queria eliminá-los, o clero porque ele zombava da rivalidade das Ordens e, com sua caridade extravagante, eclipsava o esplendor da caridade eclesiástica e a ridicularizava por sua mesquinhez. Há muito tempo ele tinha sido banido de todos os escritórios, era tolerado com relutância. Finalmente, ele também teve que se tornar Senador. Não podiam prescindir dele agora que o abastecimento de alimentos na colônia tornava-se mais difícil, os chineses sempre fechavam os galpões de estocagem e somente a misteriosa influência de Velho poderia abri-los.

Agora ele estava sentado na janela do canto de seu escritório, uma sala espaçosa com seis janelas voltadas para o mar. Assim, ele podia ver o porto e a Ilha Verde do lado oposto, a catedral de São Paulo, a mais alta, de uma janela do canto, a cidadela do Monte do outro. Assim, ele sempre mudava de panorama e movia-se com facilidade pela sala

em seu manto de seda florido, presente do mesmo governador de Guangdong que outrora ameaçara destruir Macau. Ele era ridicularizado devido a vestimenta; todos os portugueses mantinham suas roupas pesadas e incômodas, mas Velho escondia sua obesidade no pano de seda solto, aguentava melhor o calor, trabalhava mais e não se importava que o ridicularizassem. Trajado desta maneira, ele recebia desde o mais mesquinho mercador chinês até o Ouvidor,⁸² que vinha pedir-lhe conselhos sobre como amenizar um mandarim zangado. Então Velho sentava-se bem esparramado atrás de sua mesa, jogava os braços para o alto, de modo que as mangas largas caíam para trás e revelavam sua carne. Então ele se tornava eloquente e indicava os caminhos para reconquistar a benevolência do irado. O Procurador⁸³ ficava imensamente aborrecido com essas práticas, consideradas humilhantes para a autoridade real.

Uma vez, Velho deu um dote real a uma pobre mulher de cor, o Procurador veio censurá-lo por sua generosidade para com os amarelos e sua falta de sacrifício pela pátria.

“Se entregasses os seus tesouros ao exército, há muito tempo Macau seria independente, livre destas medidas humilhantes, o seu comércio livre, pois poderíamos ter ocupado todo Guangdong e muito mais.” Os olhos do velho soldado brilharam. “Alexandre não conquistou um império mundial com um pequeno exército?”

Velho riu e colocou a mão em um mapa. Ele apontou para um ponto no Reino Celestial e para um ponto distante.

“Esse aqui somos nós.”

Em seguida, acariciando com a mão quase toda a Ásia:

“Aquele lá são eles. Três séculos atrás o imperador Gengis Khan veio para dominar toda a Europa. Era indefesa, mas ele a desdenhou. Ele tinha razão. Algumas cidadelas de cavaleiros renegados e algumas cidades em conflito, isso é um despojo de guerra? E agora o senhor quer enfrentar o maior império da terra com alguns estandartes? E eu contribuiria meu bom dinheiro para isso? Não.”

Campos saiu furioso e quis indiciá-lo. Mas ele não podia fazer um indiciamento sem fazer papel de bobo, então não fez nada.

Agora, naquela noite, Velho seria empossado como membro do Senado. Ninguém veio parabenizá-lo. Desconsiderado na vida pública, rejeitado na vida social, ele

⁸² Neste capítulo inteiro esta palavra consta em português, no original. (N. do T.)

⁸³ Também em português, no original, neste capítulo inteiro. (N. do T.)

permaneceu sozinho dentro de casa. Uns poucos malaios alforriados, uma moça que lhe foi dada pelo mandarim, formavam sua pacata família. Rodeou-se de estátuas de bronzes, porcelanas e telas de laca, consideradas sem valor e feias pelos brancos da época. Ele tratou suas memórias como um pai lida com seus diversos filhos: elas vieram para lhe fazer companhia à noite e fazê-lo rir ou olhar sombriamente para o nada. Frequentemente este lhe voltava:

Há muitos anos um velho apóstolo passou os últimos dias de sua vida com ele, trabalhou doze anos em Shanxi e fez inúmeras conversões, também entre as classes altas, até mesmo entre os literatos. Por fim, ele quis atacar a última fortaleza do paganismo: o culto aos ancestrais. Rapidamente percebeu o crescente ressentimento contra ele, até mesmo entre seus melhores amigos. Ao mesmo tempo, chegou um decreto de Pequim para que nenhuma ordem além da dos jesuítas permanecesse dentro das fronteiras. Passando por um templo à noite, ele foi agarrado, amarrado, jogado em um junco, entregue a um navio espanhol em alto mar e desembarcado meio morto em Macau. Naquela época, os dominicanos ainda não estavam na cidade, os jesuítas consideravam que seu zelo arruinaria a missão. Ele possuía uma carta de recomendação de Schaal para Velho, mas a perdeu. Velho teve pena, mas conversaram sem parar, de tarde e de noite. No entanto, ele sempre conseguia esconder sua exaustão. Uma vez eles falaram sobre a morte. Velho indicou que gostaria de saber com antecedência sua morte.

“Eu me prepararia, organizaria meus negócios, dividiria meus bens e ainda concentraria meus pensamentos nos melhores salvo condutos de outros países, o Bhagavad Gita, os ensinamentos de Confúcio.”

O velho missionário, olhando-o com tristeza, repreendeu-o por seu erro.

“Conhecerá de antemão a sua morte. Se o vinho que o senhor beber é amargo como fel e azedo como vinagre, seu fim está próximo. E então haverá apenas um consolo para o senhor, o Evangelho. Todo o resto é vã especulação pagã.”

Velho quis demonstrar a excelência da doutrina indiana da salvação quando ouviu uma tosse. Ele olhou para trás: o comandante do forte estava parado na porta da sala. Velho não ouviu nada, mas ele disse que tinha sido anunciado e começou a falar sobre um suprimento de comida para a guarnição. Velho tratou do assunto e o padre se afastou. À noite, ele refletiu receosamente sobre a realização de seu desejo; de manhã quis pedir uma retratação, mas o padre morreu naquela mesma noite, há muito esgotado pelas torturas e agruras, talvez também pelas conversas noturnas em que teve de manter-se

firme para defender sua fé contra os amplos ataques de Velho, que lutou com citações de toda a filosofia oriental.

Nos primeiros tempos Velho absteve-se do prazer do vinho, mas depois o experimentou e logo voltou a beber como de costume, às vezes com vaga inquietação no primeiro gole, mas finalmente convencido de que, assim como a água realmente não poderia se transformar em vinho, o vinho poderia se transformar em vinagre em seus lábios.

II

Ronquillo não via a hora de anoitecer. Das muralhas da cidadela, espiava constantemente a casa com seus binóculos. No primeiro crepúsculo viu o Procurador sair de casa; ele esperou mais meia hora e então partiu. Na rua do Bom Jesus, amarrou o cavalo em um jardim abandonado e continuou a pé.

O portão dos fundos estava aberto. Ele saiu da amena luz do entardecer para o frio crepúsculo; o jardim abundante e um tanto selvagem estava cheio de sombras, entre o muro e as árvores estava completamente escuro. Depois de algumas buscas ele encontrou o caminho estreito que levava aos fundos da casa, silenciosa e abandonada, a maioria das janelas estavam fechadas, exceto as três do quarto de Dona⁸⁴ Pilar no terceiro andar.

Ronquillo viu uma escada encostada na árvore, como se algo tivesse sido colhida naquela tarde. À noite a fruta mais alta seria colhida, ele pensou, enquanto subia a escada encostada na oliveira, feliz por ter sido tão fácil para seu corpo pesado. Ele alcançou o galho oposto à sacada. Ali estava Pilar; ele não podia se mover, senão ela o viria. Então ele ficou esperando, sentado no galho, com o pé no degrau mais alto da escada. E Pilar apenas ficou na varanda, olhando para o céu noturno. Seus membros ficaram doloridos e rígidos por causa do assento forçado, pressionado contra a escuridão do tronco, e quanto mais Pilar ficava ali, mais inacessível ela lhe parecia. Ele quase desistiu do plano do rapto. Parecia-lhe tão fácil: colocar Pilar, meio resistindo e meio indefesa com a surpresa em seus braços, em uma liteira, levá-la a bordo da lancha de seu amigo Ramirez, levantar âncora e, em uma viagem de gôndola pela baía, reivindicar o que desejava por súplica ou pela força. Ou melhor, entrar na sala, ficar em frente ao sofá dela e, como se tudo tivesse sido decidido há muito tempo, simplesmente pegá-la nos braços e não deixá-la cair em si até que o irrevogável acontecesse. Mas como ele poderia entrar tão suave e natural? Seus membros já estavam enrijecidos, seu sangue lento, e, em suas roupas pesadas e úmidas, ele se sentia mais como um bandido miserável do que como um amante vitorioso.

De repente ela ergueu os olhos, ele abaixou a cabeça, mas Pilar, com um último olhar para o céu noturno, entrou no quarto. Aquele era o momento. Com dificuldade deslizou do galho que escolheu sobre a sacada; quando a ponta já estava dobrada, ele

⁸⁴ Em português, no original. (N. do T.)

conseguiu se agarrar a tempo nos pilares da balaustrada, mas não sem evitar o barulho. Quando entrou na varanda, o quarto estava escuro, ele só conseguiu distinguir um buquê de flores brancas sobre a mesa. Ele se espremeu e imediatamente estatelou-se no tapete, em uma poça d'água e cacos de vasos que o tinham feito tropeçar.

Levantou-se apressadamente, mas ouviu uma chave girar na porta e uma risada curta. Ele pulou de volta para a sacada, mas o grande galho tinha quebrado. Sem saída! Desesperado e repentinamente morto de cansaço, atirou-se na cama, mas logo se levantou: ficar deitado sozinho era um insulto que fez o sangue subir à cabeça. Ainda sentia a presença de Pilar em todos os lugares, nas vestes penduradas, no espelho em que ela tantas vezes se olhou, nas flores que estavam sobre a mesa.

Ele bateu o punho na mesa. Outro vaso quebrou no tapete; a desordem no quarto o denunciava; amarrou mantas de seda, vestidos, lençóis, não calculou a distância, mas abaixou-se e pendurou-se em duas mangas a uns oito côvados acima do solo. Ele se soltou, caiu com um baque e com um tornozelo machucado mas foi capaz de ir cambaleando e gemendo até onde estava seu cavalo. Lá, ele subiu na sela, pensando que agora ela devia estar longe, talvez tinha procurado abrigo no mosteiro dominicano. Mas lá ela não estava tão segura e invisível quanto pensava. Ele conhecia o ódio do Procurador aos dominicanos, pois ainda esta manhã tinha presenciado a cólera de Campos contra o insolente Belchior. Eles limpariam aquele ninho de vespas, fumegariam, se necessário. Ele cavalgou de volta para a cidadela em um trote curto e teve que ser carregado escada acima, quis tomar vinho, comer pão e ser deixado em paz, ele mesmo enfaixou o tornozelo. A dor piorou. Ficou pensando, ele estava cada vez mais convencido de que Pilar havia fugido para o mosteiro. Ele bebeu muito vinho. Se os dominicanos pudessem ser banidos, o mosteiro também seria derrubado. Tao Hsao, o vice-rei de Cantão, ainda ameaçava matá-los de fome, o velho remédio testado e comprovado, se os seminários e mosteiros, que ele via como fortalezas disfarçadas, não fossem demolidos. Por que não fazer isso agora? Imaginou como seriam derrubadas as paredes externas, depois o edifício principal, como surgiria Pilar, cercada pelas freiras. Imaginou como a agarraria; agarrou-a, mas era a jarra de vinho; ele caiu para trás, e o vinho derramou sobre suas botas no chão.

III

Cautelosamente, Campos subiu as escadas e parou na frente da porta. Ele escutou; nenhum som. Ele considerou brevemente se deveria entrar, mas, se o fizesse, pareceria um cúmplice. Pelo buraco da fechadura, ele viu apenas um vaso sob um fraco luar. Ele desceu novamente, olhou para um jardim cinza e viu o galho quebrado. Então Ronquilho tinha entrado, podia ficar tranquilo: a aliança de ambos foi selada, juntos subjugariam os comerciantes. Quem fundou esta cidade: um comerciante, um padre? Não, foi um soldado. Campos pensou novamente em sua história favorita, a procissão triunfal de Alexandre. Mas naquela época os comerciantes eram guerreiros e os jesuítas ainda não haviam sido inventados. Portanto, ambos deveriam ser exterminados, a qualquer custo e por qualquer meio, como eles mesmos, cada um a seu modo, ensinaram. Então, assim que se livrassem deles, seria implantado um reinado de terror sobre a costa chinesa, uma marcha de dez mil iria direto para Pequim. Era como se tivesse ouvido o que Faria havia dito em seu leito de morte: “Nada de clérigos, nada de comerciantes, senão Macau será rapidamente incendiada, como Liampó, ou lentamente consumida por conflitos. Agricultores e soldados, senão, mais nada. Monopólio do comércio para o Rei. Portugal está muito longe, eles são muito lentos para enviar tropas auxiliares. Poderemos fundar nosso próprio império.”

Essas palavras, como todas as desventuras do antigo defensor, haviam se mesclado ao ser de Campos; às vezes sentia Faria vivendo dentro dele, mas na maioria das vezes, oprimido pelo lento processo das coisas, zombava do que ele mesmo chamava de quimeras heroicas.

Dormiu mal, acordou cedo e esperou que Ronquilho, presunçoso e triunfante, aparecesse, ou Pilar, pálida e chorosa, mas ninguém apareceu. Às seis horas, ele subiu as escadas, espiou pelo buraco da fechadura e novamente não viu nada além dos móveis revirados. Ela tinha se defendido bem, sua filha! Ninguém deveria pensar que uma mulher de sua linhagem se entregaria como um manso cordeiro para sacrifícios. Mas sua impaciência se tornou forte demais. Ele abriu a porta com sua própria chave: viu uma destruição ainda maior, mas um leito vazio. Uma faixa colorida percorria o parapeito da janela; ele se aproximou, juntou cuidadosamente os cobertores e vestidos amarrados e os desamarrou. Mas os vestígios da carga pesada não puderam ser removidos: tudo estava

torcido e rasgado. Enfurecido, ele chutou tudo dentro de um guarda-roupa e enviou um mensageiro ao forte. Ele deveria tê-la raptado, tudo bem, mas por que de uma forma tão louca? A escada rangeu, a porta de fora rimbombou, mas será Ronquilho podia confiar que ele havia removido os criados, ou será que os romances de cavalaria também subiram-lhe à cabeça?

O mensageiro voltou sem nada: o capitão não era acessível a ninguém. Então ele a levou para o forte? Isso era muito desavergonhado! Todos saberiam como o casamento tinha se dado; o que o seu prestígio não tolerava! Campos correu para o forte. Ainda era cedo, ninguém passava pelas ruas. Antes mesmo do despertar da cidade pôde voltar para casa com Pilar, como se viesse da missa matinal.

Ronquilho estava deitado no sofá, com uma atadura grossa na perna, e recebeu-o com um sorriso zangado.

“Foi um fracasso, o pássaro voou, quase me pegou na gaiola.”

“Escapar? Mas por que não esperaste a chegada, para que pudéssemos persegui-la imediatamente?”

“Lembre-se de que a distância da sua casa até o mosteiro dominicano é de apenas cinco minutos a pé.”

“O mosteiro? Acha que ela está lá?”

“Esqueceu daquele disfarce? Acredite, no momento, Pilar está interpretando a Verônica de novo, ou a Maria Egípcia, quem sabe?”

“Então eles vão entregá-la! A autoridade paterna está acima da eclesiástica”.

“Isso acabaria mal para nós. O mosteiro é um santuário reconhecido. E o pai não transferiu prematuramente sua autoridade? A autoridade paterna e do governador não receberia um pontapé mais formidável do que aquele que ramo recebeu da minha bota, com o advento desta história? Não, vamos exterminar o ninho de uma vez e jogá-lo no chão. Seria um benefício! Finalmente nos livraríamos daquela ninhada dominicana, causaríamos problemas para os mercadores e nós seríamos muito bem vistos pelos chineses.”

“Por quê?”

“Para encontrar um pretexto para abolir o mosteiro.”

“Que enigmas são esses?”

“Ouça. O comerciante Lou Yat tem um filho e uma filha que zelosamente caíram sob a influência dos dominicanos. Eles se confessam, vão à igreja, e já podem fazer os sinais da cruz, para grande cólera do ilustre Lou Yat, que imagino ser diácono do templo

de A-Má. Todo o bairro chinês está falando sobre a apostasia de sua prole. Bem, hoje é terça-feira. Na manhã de quinta-feira, Lou Yat vai ser encontrado atrás do balcão com o pescoço cortado, o filho e a filha desaparecerão. O que as autoridades chinesas vão pensar, o que vão exigir? O que a guilda mercantil não pode conceder? O que teríamos o maior prazer em realizar, para a satisfação do mandarinato?"

"Mas realmente não vamos encontrar os filhos de Lou Yat no mosteiro", objetou Campos.

"Eles nunca mais serão encontrados. No entanto, escavações serão feitas no jardim de um mosteiro e cadáveres de crianças serão descobertas, em um estado de decomposição irreconhecível e com os olhos vazados."

"Mas isso é ir longe demais!", gritou Campos. "Com isso desferiríamos um golpe em tudo o que se diz portugueses."

"Nós, não. Pense nas consequências: o clero expulso, o poder dos comerciantes, que desta vez não vai poder apaziguar a questão com dinheiro, reduzido, e o severamente justo Procurador, o exército lutando contra seus próprios padres por causa da justiça, temido e honrado em todos os cantos da China."

"Mas quem cuidará do assassinato da família Lou Yat, para que não sejamos descobertos como os mandantes?"

Ronquilha sorriu.

"Tenho três homens em minha guarnição que conheço o suficiente para serem levados à força todas as potências marítimas. Eles ficarão em silêncio."

"Não vão nos trair?"

"Nunca. Durante o ataque ao mosteiro, no meio da confusão, eu mesmo os perfurarei. Os mortos calam."

Campos rendeu-se. Ele olhou para Ronquilha com respeito e lembrou-se com surpresa que ainda esta manhã não o havia chamado de corajoso, mas de estúpido.

"Aja como achar melhor. Ficarei fora do caso até que os corpos sejam encontrados. Então farei justiça e punirei os culpados."

IV

Era a noite da sessão do Senado, em que Pedro Velho seria empossado. Em sua casa tornada solitária, Campos preparou-se para a dura marcha. Ele teve que se vestir com pouca luz de velas.

A frota de Malaca ainda não havia chegado, então ainda faltava o óleo da lamparina. Portanto, a visão da Pilar parecia ser um reflexo da realidade? A casa do procurador era mais iluminada do que todas as outras; muitas não queimavam mais do que uma vela, mas ele não tinha permissão para desperdiçar. Em sua cabeça, estava ainda mais escuro. Não tinha nem sinal de sua filha, Lou Yat e seus filhos ainda estavam vivos. Quando perguntado a respeito disso, Ronquilho riu maliciosamente e deu respostas evasivas. Ele mesmo havia feito algumas tentativas para descobrir alguma mancha ou transação indigna no passado de Velho, mas Velho era realmente impecável ou muito ágil, não havia nada que pudesse ser um obstáculo à senadoria. À noite tinha que provar se as superstições de Velho realmente seriam mortais. Se isso também falhasse, ele sofreria uma segunda derrota pesada.

Campos olhou por uma janela nos fundos: Macau jazia empilhada nas colinas. Por que os poços de petróleo da Ilha Verde também não foram explorados? Pelo menos tinham luz. Nesta escuridão, um ataque noturno de piratas ou espanhóis podia ser fatal. Campos lembrou outra vez os pleitos de Faria no Senado para uma forte ocupação e colonização da Ilha Verde. Mas Campos sempre considerou os pleitos de Faria como ideias teimosas de um velho patriarcal que achava que ainda era possível estabelecer assentamentos como os descritos na Bíblia.

Agora, no escuro, ele viu que Faria também tinha razão, a ilha estava deserta e insegura. A cidade sempre sofria com a falta de comida, no portão na garganta da península, era necessário fazer uma feira com os chineses da distante Pak Lang, que ficavam longe quando queriam ou o governador de Cantão mandava. Devido ao atraso frequente da frota de Malaca, Macau experimentou obscurecimentos periódicos, menos luzes foram acesas todas as noites. O farol da Guia, que devia indicar o caminho à frota, era o que durava mais tempo, se não desse mais para acender a lamparina, fazia-se grandes fogueiras na entrada da baía. Ainda não havia chegado a esse ponto, mas todos iam dormir mais cedo; a vida noturna era impossível, as pessoas não sabiam ler, conversar umas com

as outras no escuro era muito opressivo. As pessoas dormiam cedo; em poucos meses a taxa de natalidade de Macau cresceria de novo, essa era a única vantagem. Eram dez horas. Um arauto percorria as ruas, precedido por um tambor e uma luz vacilante.

“O Senado⁸⁵ de Macau informa os habitantes que as luzes só devem ser acesas para os doentes e moribundos, que quem ainda tiver óleo deve colocá-lo à disposição do faroleiro. Quem for encontrado em posse de óleo será punido com multa e o cadeia.”

Janelas escuras diminuíram este apelo que não foi ouvido por ninguém. Então ficou quieto e escuro novamente, apenas o farol da Guia brilhava de cima, as ondas se jogavam preguiçosamente no parapeito da Praia. O vento soprava num estandarte do edifício do Senado,⁸⁶ o pano esvoaçava em intervalos. A praça permaneceu vazia até meia-noite. Então figuras em longas capas passaram por ali, entraram por um portão lateral, desceram uma escada e se encontraram no porão, onde algumas lâmpadas estavam acesas. A luz trêmula movia as feições do inanimado, que jazia no centro em um catafalco, os olhos ainda não estavam fechados, o corpo estava embaixo de uma bandeira e um cajado no braço direito, dobrado sobre o peito. Na cabeceira e no fundo da sala havia um homem com a mesma vestimenta. Um após o outro se juntaram ao círculo, que havia se fechado com vinte e quatro. Então o homem na cabeceira falou; ele aparentava ser muito mais velho do que o homem cujo funeral parecia ser o objeto da reunião noturna. Ele estendeu a mão sobre o corpo, sua barba lançou uma sombra e ela se moveu com sua fala.

“Agora que o senhor morreu, Pereira, o último dos pioneiros, cujo qual, se não tivesse vindo à esta cidade à beira do mundo conhecido, longe de nossa pátria, ela não existiria; cidade que fundou sobre as ruínas de outra e sobre os túmulos de sua família. Sentimos como se o pilar mais forte sobre o qual repousa nossa existência tivesse se quebrado, como se tivesse afundado de um lado, sentimos como se estremecesse nossos alicerces. Que cada um se esforce ao máximo, que cada um suplique que Ihe seja transferida uma parte de sua força.”

Ele deu um passo para o lado. Um a um, os senadores passaram pelo cadáver, colocaram as mãos no coração de Pereira e fizeram uma breve oração. Então o mais velho, Guimarães, fechou os olhos do amigo e continuou:

⁸⁵ Em português, no original. (N. do T.)

⁸⁶ Em português, no original. (N. do T.)

“Todos sabemos que quem deve substituir o falecido não possui nenhum de seus atributos e, no entanto, é tão poderoso quanto ele, por qualidades opostas. Sabemos que o sucessor não é respeitado nem por suas virtudes cavalheirescas nem por sua ascendência distinta. Mas lembrem-se de que o bem comum exige que ele, uma vez eleito, seja tratado como um de nós. Ouvidor, traga o novo senador.”

O Ouvidor saiu e voltou com uma figura baixa e corpulenta cuja cabeça estava coberta por um pano que tinha sido jogado. Primeiro ele o conduziu ao redor do cadáver, depois o deixou e disse secamente: “Pegue o bastão das mãos de seu antecessor.”

Velho, deixado ao pé do corpo, ficou contemplativo, como se quisesse sentir em silêncio onde tinha que tatear, depois deu um passo à frente, de repente pegou na direção certa e soltou o bastão do morto. Um murmúrio de aprovação surpreendida percorreu o círculo. Guimarães fez outro breve discurso, novamente apontando a diferença entre o defunto, que tinha sido um grande guerreiro, e seu sucessor, que era um grande comerciante, o que podia ser visto como um símbolo de como os tempos tinha mudado. Implorou-lhe que ele usasse sua grande influência em benefício do corpo do qual agora fazia parte.

Velho respondeu fria e reservadamente. Guimarães fez sinal ao Ouvidor, que baixou uma escotilha na parede, e o copo de vinho tinto, vindo das provisões do navio do *Mãe de Deus*, que todo Senador devia beber na sua iniciação, encontrava-se no ninho, pronto para ser ingerido. Velho foi até lá, bebeu do copo, mas ficou mortalmente pálido, cambaleou e teria caído se o Ouvidor e um Senador não o tivessem segurado e colocado numa cadeira.

Trouxeram-lhe uma caneca de água. Ele bebeu e cuspiu no chão novamente e pareceu desmaiar novamente. Todos o cercaram. Demorou muito até que ele pudesse falar novamente.

“Logo meu corpo estará ali, e meu sucessor tirará o bastão de meu braço enrijecido. Não espere muito para nomeá-lo. Meus dias estão contados. Uma profecia foi feita para mim: quando o vinho que acha ser o mais doce tiver gosto de vinagre, o anjo da morte está à sua porta. E este vinho era amargo como fel.”

Campos respondeu:

“Esperamos que um uma coincidência fatídica tenha estragado o vinho. Talvez a água do mar tenha penetrado neste frasco. No escuro, o mensageiro não podia ver que o vinho estava turvado, mas se quiser se preparar para a morte, mantenha imediatamente o juramento de fazer o máximo que puder pela colônia. Sabemos que tem uma grande

fortuna e não tem filhos, exceto sua filha adotiva; faça seu testamento hoje, garanta um legado para ela e deixe o resto para a colônia.”

Velho havia recobrado os sentidos e o encarava diretamente. Finalmente ele falou:

“Vejo que o senhor está despreocupado, até mesmo hostil ao homem que eu sou. Não terá o meu dinheiro. Está a salvo de sua ganância. Mas mesmo assim quero fazer meu testamento. Escreva,” prosseguiu ao Ouvidor, “Velho lega a sua fortuna a Macau, no dia em que esta se libertar da Coroa de Portugal e passar a fazer parte do império chinês.”

“Percebe, Velho, que está decretando outra sentença de morte? Se não morrer de sua própria morte, podemos fuzilá-lo igual a um rebelde.”

“Dá na mesma. Chama-me de rebelde? Não expresso a última vontade de quem que jaz diante de mim e daquele que desembarcou primeiro aqui, de Faria?”

Campos mandou que ele se calasse; alguns queriam atacá-lo; a calma foi restabelecida com dificuldade e foram discutidos os seguintes pontos de ordem, decisões que tiveram de ser tomadas nesta sessão:

Conceder o pedido dos jesuítas de privar os dominicanos do direito de se estabelecer e se converter; transformar em lei a proposta de cinco senadores de anular as doações e legados feitos às ordens eclesiásticas e de aplicar suas somas em benefício e fortalecimento da própria colônia.

Pedro Velho levantou-se:

“Meus senhores, não participarei de seus trabalhos. Se eu morrer, minhas posses não cairão em suas mãos nem nas mãos da igreja avarenta. Se eu viver, os senhores saberão com quem lidaram.”

Ele deixou o porão do senado. Lá fora estava frio e escuro, uma névoa densa ondulava nas ruas, era como se ele já sentisse a mortalha úmida em seu rosto.

No dia seguinte, Velho fez os preparativos para deixar Macau. Ele alugou um grande junco e o carregou com tudo o que possuía, e não escondeu o fato de que iria morar em Cantão, o que ninguém mais tinha liberdade para fazer. Ele não poderia ter sua casa dentro das muralhas, mas em uma das ilhas do rio das Pérolas.

Os moradores enviaram um pedido ao Senado⁸⁷ para persuadir Velho a ficar. Temia-se que o comércio mudasse se outros seguissem o exemplo de Velho. Muitos senadores também queriam Velho, mesmo que ele fosse odiado, prefeririam tê-lo no meio

⁸⁷ Em português, no original. (N. do T.)

deles do que como vizinho. Se ele continuasse vivo, certamente iria até o fim com os chineses. Mas, depois daquela noite, o Senado⁸⁸ não pôde emitir um pedido de permanência.

Então os próprios cidadãos mais antigos resolveram ir. Velho os recebeu, deu-lhes de beber um bom vinho, que ele mesmo provou de forma demonstrativa, ouviu-os com benevolência e disse-lhes que podia voltar e que não era certo que ficasse em Cantão, talvez fosse mais ao norte. Mas provavelmente ele morreria logo mesmo!

Ele deveria partir na manhã seguinte, um grande junco estava perto da costa. Quando amanheceu, as muitas pessoas que esperavam na Praia viram que o junco havia sido pintado de preto à noite e coberto de flores brancas. Nunca descobriram quem havia pregado essa peça lúgubre.

Velho chegou ao cais com os companheiros, encolheu os ombros, apertou a mão de alguns e deixou-se remar a bordo. As flores foram varridas para a água e o junco, negro como estava, partiu.

Mais tarde soube-se que, depois de três dias em Cantão, Velho havia subido o rio das Pérolas em um estreito barco fluvial. Uma semana depois, o junco passou pelo ancoradouro, atravessou a corrente da maré e desapareceu no mar. A ausência e o destino desconhecido de Velho continuou a ser uma ameaça para Macau. O movimento comercial também não permitiu concluir se ele tinha morrido ou se sua influência se espalharia para o interior.

⁸⁸ Em português, no original. (N. do T.)

QUARTO CAPÍTULO

I

Nos primórdios dos descobrimentos, os navios desciam o Tejo quase despercebidos. Em sua maioria, eles eram ocupados por criminosos, dificilmente encontrava-se um padre de baixo escalão para abençoar seus cascos antes de partir. Os reis geralmente fingiam não saber das viagens: mas um deles navegou por uma certa distância disfarçado. As coisas mudaram quando as primeiras frotas retornaram com ouro e especiarias; no cais foram erguidas longas tribunas para os cortesãos e mulheres pomposas. Pareciam os torneios de antigamente. Apenas agora eles viam o começo da batalha, mas também era muito maior: não pelos cavalos e cavaleiros lutando entre si, mas pelos grandes navios marrons com o Desconhecido. E também tinha mais coisas em jogo, os homens não lutavam mais por uma ou outra questão de honra. Quem conquistava podia comprar um castelo ou um país, isso era melhor que um troféu, uma flor azul, um graal dourado. E o perigo era muito maior, isso era especialmente atraente. Poucos voltavam, em navios quase afundando e não incomodavam suas noivas por muito tempo com os desejos de sua velhice prematura.

Mas quem pensava em naufrágios futuros quando via os navios e nobres ostensivamente decorados? As velas não estavam mais sujas e esfarrapadas como grandes trapos, mas pintadas de um branco imaculado com uma cruz vermelha.

Cardeais em vestimentas roxas abençoaram os navios. Cânticos de mil vozes foram cantados na despedida, mesmo uma hora depois que os navios deixaram a costa e continuaram a zarpar rio acima. As tripulações de criminosos foram substituídas por nobres em busca de fortuna. Mas isso não beneficiou a navegação. Da Gama fez a primeira viagem como um capitão desconhecido, mas seu semblante raivoso estava mais animado do que nunca. Posteriormente, ele virou almirante-mor, teve que usar um uniforme esplêndido ou beijar as mãos das damas, curvar-se ao rei, ajoelhar-se ao cardeal; então ele pensou em sua tripulação inepta, torceu a boca em vinco, mas não era um sorriso, era uma careta de aborrecimento. Desembarcou nas ilhas de Cabo Verde quem ficou com saudade ou enjoado, e que, ao voltar a sentir o chão sob os pés, não quis mais reembarcar, a não ser para, na primeira oportunidade, retornar à casa. Em São Tomé as tripulações diminuíram ainda mais, começou a ter espaço no convés – só então Da Gama sentiu que a cerimônia da despedida havia terminado e a viagem começava. No final de

sua vida, o enorme interesse diminuiu um pouco mais, todos se acostumaram com o ouro entrando e perceberam que isso não tornava o país mais rico, mas sim mais pobre. Agora os nobres sabiam que a fama não era alcançada em uma viagem de lazer, mas em uma perigosa jornada de muitos anos. Apenas os verdadeiros aventureiros e os condenados iam junto. O tipo nobre de criminoso era mais adequado para a profissão de conquistador. A despedida já não era feita com grande pompa. O Rei e a corte não vinham mais. O cardeal também não, mas nas tribunas meio desmoronadas, aqui e ali, havia uma mulher chorando. Um padre comum, de batina cinza, falou apressadamente as orações e do cais salpicava os cascos marrons, a maioria dos quais logo submergiria em água não abençoada, furaria abaixo da linha d'água, seriam crivados de balas ou dilacerados pela explosão de pólvora. Os velhos tempos já haviam mudado, antes mesmo que a raça humana perecesse. Na velhice, Da Gama achou que recuperaria sozinho a turbulenta calma das viagens de descoberta.

Logo ele foi obrigado a se tornar vice-rei das Índias e, antes de morrer, percebeu que os descobridores haviam se tornado saqueadores, que um império português não havia sido estabelecido, que apenas outro império havia sido atacado, que suportava os estrangeiros e seus danos como um elefante suporta um inseto, como uma coceira incomoda em um local inalcançável, mas que não atrapalha em nada em sua vida inerte.

Por que agora, na partida de Fernando Álvares Cabral com uma frota de cinco navios, dos quais só o *São Bento* era mais alto que o muro do cais, metade da corte estava presente outra vez, muitos prelados em regalia, o Rei e o próprio Infante? Para não mostrar ao embaixador espanhol que ainda tinham navios?

Não, o desejo de partir, a ânsia para grandes feitos já estavam diminuindo. Os descobridores desprezados costumavam prestar homenagem à corte. Agora era o contrário. Eles pediram silenciosa e reverentemente: “Não volte de mãos vazias. Está se tornando mais difícil administrar um grande aparato. Não se estabeleça no Oriente. Deixe a pátria desfrutar dos tesouros. Volte.”

Mas a maioria no convés ficou indiferente e não acompanhou os hinos que os cônegos entoavam com voz trêmula e os meninos do coro com vozes estridentes.

Cabral tinha se curvado ao Rei, o prelado tinha borrifado a água benta sobre os conveses e sobre os poucos que tinham se ajoelhado com a cabeça descoberta, as cordas já estavam afrouxadas na proa.

Então algo aconteceu, inesperadamente.

Um velho alto, ninguém sabia de onde, penetrou através da guarda, ficou no espaço aberto entre os navios e a corte e falou – ninguém entendeu e todos ouviram – um insulto que teve o efeito de uma tempestade há muito esperada e finalmente explodida. Todos ficaram enfeitiçados. O sol estava baixo no oeste, num banco de nuvens que bloqueava a foz do Tejo. Sua sombra, junto com a da torre de vigia de Belém, caiu sobre todos. O coro ficou em silêncio, ele falou com os navios, de costas para a corte. A princípio não ouviram nada. Mas o velho, começando calmo e imponente, foi gritando cada vez mais alto... “Não há nada melhor a fazer do que converter e exterminar pagãos que vivem do outro lado do mundo. Passamos muito tempo tirando os mouros do país, mas, antes que percebam, eles voltarão. Estão esperando do outro lado. Eles também podem aprender algo aqui. Há séculos eles procuraram a pedra filosofal. Em vinte anos, transformou o melhor sangue da terra em ouro. Quem ficou mais rico? Aqui, até a corte se apresenta como um mendigo disfarçado.”

Nos navios, murmúrios de aprovação nos navios, em terra, silêncio mortal.

“Que os ingleses e noruegueses, que perecem em sua própria terra de pobreza e umidade, naveguem para o leste. Mas esta terra é fértil e rica, nunca é muito fria nem muito quente. Da Gama e Albuquerque têm túmulos e estátuas. Eles deveriam ter sido enforcados. E também o primeiro a içar a vela de um barco e deixar a costa. Malditos sejam os que buscam o desconhecido, maldito Prometeu, maldito Odisseu.”

Ninguém interveio. Mas no *São Bento* um homem subiu no entrincheiramento e gritou: “Pai, deixe esses clássicos em paz. Vamos embora mesmo assim, não queremos ficar para sempre neste país, por mais bonito que seja.”

Quando o feitiço foi quebrado, todos começaram a falar ao mesmo tempo, as damas de honra riram alto e estridente.

O velho não era mais o profeta ameaçador de penitência, mas um pobre homem sofrido que chegou à beira d'água e gritou: “Luís, não abandone seu pai, não vá. Daqui um ano poderá vender sua herança e fazer o que quiser... então eu vou ter morrido!”

Soldados o arrastaram para longe.

Ninguém a bordo admirava Luís por sua atitude estoica. Um marinheiro o puxou do entrincheiramento com um rosnado.

As manobras começaram. Os oficiais ordenaram aos homens que cantassem e se soltassem. Não teve muito canto. Mas logo os navios estavam longe da costa, e a corte ainda podia ser vista levantando-se das tribunas e voltando para casa. O cais estava vazio antes que eles desaparecessem de vista. Ninguém olhou para trás.

Apenas Luís, que não tinha nada para fazer, olhava fixamente da popa para a terra que desaparecia. Ele confundiu a torre de Belém com seu pai, que continuava de pé. A falsa vergonha o fez cometer um ato covarde. Seu pai morreria em breve, Diana se tornaria rainha e o esqueceria. Ele não tinha intenção de voltar como herói e participar de alguma comédia enfadonha na corte.

Mas será que ele tinha ajustado as contas com o passado?

Os pássaros seguiram o navio por uma certa distância, até a costa virar uma tênue linha marrom. Logo isso acabaria. Mas era como se aqueles de quem ele estava tentando escapar o estivessem seguindo, como se ele continuasse se deparando com eles e logo se sentisse muito oprimido no navio estreito. Será que era esse o horizonte amplo e libertador que a despedida daria?

Seus olhos encheram-se de lágrimas, e a mente encheu-se de versos poéticos. Ele se escondeu na cabine. Para se reconciliar com seu pai, que sempre esteve diante dele como se estivesse em terra, primeiro ameaçador e grande, depois suplicante e fraco, ele começou a escrever: tentou transformar a cena dolorosa em um grande acontecimento profético, mas não conseguiu, ele não conseguia dominar estrofes difíceis, não tinha paciência. Em vez disso, continuou ecoando em sua cabeça:

*Porque, enfim, en la tierra queda,
e o mais a alma acompanha...⁸⁹*

e não conseguiu ir adiante.

Ele voltou ao convés, vazio e reluzindo de umidade ao luar; as costas que ele conhecia, quentes e marrons, deslizavam pálidas à distância. Às vezes, um marinheiro passava sem cumprimentá-lo, empurrando-o para o lado se ele atrapalhasse seu caminho. Ele viu os outros navios pequenos, negros e abandonados no mar. Era como se fossem párias, iguais a ele. Os únicos amigos silenciosos que lhe restavam.

Então lembrou-se que também eram navios, onde o ambiente era ainda mais assustador e pior do que ali. Dormir parecia-lhe ser a única coisa que conseguia fazer, mas também não fazia muito bem.

⁸⁹ Em holandês, no original de Slauerhoff, que substituímos pelo original em português de Camões. Trecho de Carta II. In: CAMÕES, Luís Vaz de. *Obras Completas, Vol. I: Épica e Cartas*. Org.: Maria Vitalina Leal de Matos. Portugal: E-Primatur, 2020. (N. do T.)

II

Na manhã seguinte ele estava no convés novamente, o mar estava vazio. O *São Bento* era o único navio que navegava bem, os outros eram só um pouco mais que destroços aparelhados. Os que sobraram iriam se encontrar perto de Moçambique. Portanto, aqueles amigos distantes também se tinham se perdido.

Na verdade, ele não tinha do que reclamar, navegava no maior navio, onde a comida era boa, pelo menos por enquanto, e gozava de todos os direitos de sua categoria. Sentava-se à mesa do lado direito do capitão, duas vezes por dia inspecionava sua companhia, que ficava ao longo do entrincheiramento, e ocupava uma arejada cabine de estibordo na popa, na qual passava muito tempo, sempre pensando na vida abandonada e muitas vezes se lamentando. Seu desejo pelo Oriente diminuía à medida que ele se aproximava.

O cordame do mastro da mezena corria sobre o entrincheiramento bem em frente à sua cabine. As vinte cordas esticadas paralelas e as finas linhas entrelaçadas eram uma harpa para o vento. Camões escutava com prazer a música crescendo, depois diminuindo, rosnando ou assobiando, mas sem fim.

O movimento do navio – até mesmo o grande *São Bento* galgava as ondas – sempre indo contra a crescente ondulação do oceano, não o fez enjoar, como seus colegas oficiais secretamente esperavam. Ele sonhava muito, porém, já que estava desacostumado com o beliche estreito sob o teto baixo de sua cabine.

Uma manhã estavam diante das ilhas de Cabo Verde – as primeiras pontas de terra encontradas nas viagens hesitantes de descobrimento da Idade Média, sem bússola nem sextante. As ilhas eram o primeiro ancoradouro em uma viagem que os levava cem vezes mais longe. Camões, porém, olhava-as com a sensação de já estar infinitamente longe da pátria, e como se tivesse a última chance de voltar, de escapar do desastre iminente. Teve a mesma sensação de alguns meses atrás, quando partia de Lisboa⁹⁰ subindo o Tejo: abandonar o navio sem ele e saltar para terra. Agora, desejava deixar a frota ir sem ele e desaparecer no interior.

⁹⁰ Em português, no original. (N. do T.)

Ancoraram um dia em Fogo. Ele desembarcou sozinho. A cidade ficava ao lado do quebra-mar. Ele subiu uma encosta de pedregulho cinza escaldante, animado pelo desejo de ver o que havia além. Mesmo assim subiu mais duas serras, depois pôde seguir uma depressão do terreno, uma linha de sombra, e finalmente chegou a um vale, a um roseiral mais exuberante que os do Algarve. Ele passou a tarde nessa solidão perfumada, em grutas de botões e flores entrelaçadas, só pensando: “Seria melhor se eu me matasse aqui”. E quando, apesar disso, ele saiu: “Esta é a última coisa linda que vejo na minha vida.” Ele escalou apressadamente o cume. Na escuridão que caía, desceu a encosta de pedregulhos, ferindo os pés.

Ele meio que esperava torcer o tornozelo e saltou precariamente sobre as pedras. Depois subiu lentamente a última encosta, sentou-se, tentou adormecer, talvez o navio partisse sem ele. Ouviu então vozes, duas pessoas passaram sorrateiramente, Juromenha e Morgado, ambas viviam em grande requinte a bordo, cada dia com um traje diferente, três lacaios... Camões voltou a fugir para bordo, com medo de sua própria covardia.

Faltava muito para o navio partir. O calor do dia persistia na cabine, e a noite toda o navio era carregado com um rumor ribombante.

Ele teve um sonho:

Minha dignidade encolheu: sou um ser inferior entre os homens e devo trabalhar e obedecer por um pequeno salário. No entanto, sou mais poderoso do que na época em que reunia meticulosamente as palavras e as organizava no papel. Agora lanço minhas palavras ao ar; elas percorrem distâncias infinitas, sob uma vibração que desperto descuidadamente com a mão. Elas circunavegam o mundo, caem onde eu desejo – como semente do céu. Por que então não me sinto um Deus, mas um Deus perdido, humilhado entre os homens, a quem devo obedecer?

Ele acordou. O barulho do carregamento havia parado. Ele adormeceu outra vez.

O sonho continuou voltando. Às vezes ele tinha um capuz apertado na cabeça, outras vezes ele sentia como se o navio não fosse mais feito de madeira, mas de ferro ardente e tripulado por criaturas que ele nunca tinha visto na terra, brancas, mas falando outras línguas, usando trajes apropriados e estranhamente justos.

Ele acordou. O carregamento continuou com mais intensidade ainda. A manhã se aproximava, eles ainda não estavam prontos.

De novo aquele sonho... Desta vez muitas pessoas amarelas se amontoavam na cabana estreita, que já estava cheia de objetos estranhos, cada vez mais, tanto que a cabana estava prestes a explodir. Isso não aconteceu, mas ela foi ficando cada vez mais

comprimida. De repente, ela estava sozinha em uma grande planície vazia, como se estivesse prestes a explodir.

Ele acordou. A corrente da âncora foi içada; os cabrestantes cantaram. Ele caiu em um longo sono sem sonhos e só acordou quando o navio estava em alto mar. O roseiral estava lá, atrás das montanhas cinzentas, quase invisível acima do mar.

No dia seguinte, as ordens de embarque lacradas foram abertas na cabine do almirante. A princípio foram as ordens de sempre: fazer escala em Moçambique, levar frutas, escravos se possível, deixar os doentes para trás. Depois as cartas ao governador de Calicute e ao vice-rei de Goa. Geralmente era só isso. Mas desta vez mais algumas cartas saíram da caixa. Cabral e o capitão pareceram contrariados, nenhum dos dois gostava de ler, principalmente ordens. O almirante leu a primeira carta e entregou-a ao capitão, que, preferindo não se esforçar, perguntou o que continha.

“Ainda não acabou em Goa, temos de navegar para Malaca, os atrasados têm de ir diretamente de Moçambique.”

“Há mais a ganhar em Malaca do que em Goa, estamos lá há cinquenta anos, Malaca é rica e a população é fraca.”

“Também não vamos ficar em Malaca, de lá teremos que ir para Macau.”

“Nunca aconteceu antes, que, de repente, um navio tivesse que ir de Lisboa⁹¹ para Macau. É impossível, vamos crescer demais. Em Malaca, temos que ficar secos por pelo menos um mês para raspar o casco.”

“Essas são as ordens. Não podemos ficar mais de uma semana em Malaca.”

“Há algo por trás disso, vamos ler a última carta, talvez esclareça.” Era um decreto com o selo real. Cabral parecia se mexer enquanto lia. Ele passou a mão pela cabeça, deu-a ao capitão e disse: “Leia o senhor mesmo.”

Ele riu e disse: “Bem que eu pensei.” Mas de repente ele perdeu o riso. “Claro que o querem o mais longe possível deles, portanto, em vez de ficarmos em uma boa localização, devemos ir para um canto. Se não formos pegos em um tufão, teremos que entregar tudo o que temos; eles ainda podem usar tudo lá. Chegaremos vazios ao Japão, voltaremos cheio, então ficaremos na mar por um ano e nada vai melhorar, exceto a comissão do frete. E tudo por causa daquele pária. Se estivesse no seu lugar, eu o deixaria em Moçambique.”

“As ordens não são essas. “

⁹¹ Em português, no original. (N. do T.)

“O plano é que ele desapareça, quanto antes melhor.”

Camões foi chamado à cabine. Cabral olhou-o com pena e segurou a carta na mão.

“Isto diz respeito ao senhor, Dom Luís. O Rei quer que o senhor viaje como prisioneiro e sirva como soldado nos confins da Ásia Oriental.”

Camões mirou com um olhar incompreensível.

“Leia.” O almirante entregou-lhe a carta. A vingança do Rei (ou o ciúme do Infante) podia ser lida nas letras bem formadas e nas palavras sóbrias do escriba secreto.

Seguiu-se uma discussão sobre o significado de “prisioneiro”. O almirante queria que Camões ficasse na sua cabine e fosse escoltado ao convés durante a noite, o capitão era de opinião que ele deveria ficar confinado no compartimento de carga, acorrentado até à hora da chegada; afinal, o fato de seu destino ser um soldado fazia dele um prisioneiro comum!

O almirante impôs sua autoridade. Até Moçambique, Camões ficou na sua cabine. Mesmo assim ele viu o porto do portão.

Quatro dias depois, o navio atracou. Todas as bandeiras foram hasteadas a meio mastro. Da popa, com o canto de uma litania e o estrondo de todos os canhões – quase uma centena –, o cadáver do almirante foi lançado nas águas do Oceano Índico. Nesse mesmo dia Luís de Camões foi colocado no fundo do porão, num buraco úmido e fedorento, preparado para amotinados e ladrões. Assim passou a segunda metade da viagem. Ele não viu nada de Goa e Malaca; tudo o que ele percebia daqueles portos era quietude do navio, o barulho que chegava-lhe era abafado.

Essa foi sua gloriosa entrada no Oriente.

Enquanto outros presos faziam gaiolas para pássaros com caroços de frutas e modelos de navios com lascas de madeira, ele passava o tempo forjando estrofes para o poema, que pensava ter abandonado para sempre. Como não viu nada das terras estrangeiras, igual aos outros prisioneiros com ferramentas improvisadas, ele teve que se contentar com a mitologia para colorir e dar coerência à sua história. Relutantemente, ele recorreu a isso. Aos poucos, ele se apegou ao trabalho, a única coisa que o ajudava nas horas lentas.

A travessia de Moçambique para Malaca demorou quase dois meses; os ventos não eram favoráveis. Dois meses! Camões começou a esquecer que foi habitante da terra e livre. Era como se, desde tempos imemoriais, ele tivesse estado agachado na caverna daquele navio, com um papel amassado em seus joelhos doloridos.

III

Ilha Verde.

“Fui libertado três dias depois de deixar o ancoradouro de Malaca. A luz me cegava, a princípio mal conseguia me mover, não estava abatido ou profundamente amargurado, mas resolvido a perseverar, a aproveitar a oportunidade, a não permitir dar ao Rei o prazer de me deixar definhar ingloriamente. Um dia, mesmo que muitos anos depois, eu esperava voltar com um novo título de nobreza concedido pela fortuna. Esperava que ele ainda estivesse sentado em seu trono, velho, decrépito e sem prazer... cheio de doenças, reinando sobre uma terra empobrecida, quando eu aparecesse diante dele com meus companheiros. Nossas cicatrizes seriam tão numerosas que não haveria lugar para condecorações; nossas conquistas ficaram tão para trás que Portugal parecia um país pequenino! Logo após esta última visita, que fizemos como filhos pródigos, impenitentes e ricos, embarcaríamos outra vez, voltaríamos para as terras que havíamos conquistados e onde, rodeados de luxo e amparados pelo poder, morreríamos.

Mas como isso me ajudava quando tinha que subir no mastro com os membros rígidos para ajudar a rizar as velas, bracear as vergas, fazer outros trabalhos duros que eu nunca havia aprendido?

Antes da minha prisão, os conveses e alojamentos estavam cheios de marinheiros. Os que não estavam de plantão atrapalhavam os outros. Quase não havia pessoal o suficiente para manobrar. Até os escravos negros tiveram que ajudar. Será que a doença ou a deserção escassearam tanto a população a ponto de qualquer homem se tornar precioso? Um dos cirurgiões do navio me disse que o escorbuto, principalmente, fez muitas vítimas. O novo almirante era um homem enérgico. Para ganhar tempo, não haviam parado em Madagascar, onde costumavam se abastecer de carne fresca e vegetais para a longa travessia. Os estoques eram insuficientes. Então veio a grande mortalidade: centenas em poucos dias. Muitos navios perderam mais da metade de sua tripulação. Não tinham lona o suficiente para embrulhar os cadáveres, nem balas para afundar os pés, nem tempo para continuar manobrando. Todas as manhãs faziam a limpeza; seis marinheiros, que realizavam o trabalho pelo triplo do salário, arrastavam os corpos para o entre convés e os deslizavam por uma portinhola aberta. A procissão de tubarões que seguia os navios crescia cada vez mais.

Como havia sobrevivido lá embaixo, onde a luz do sol não batia e nenhuma fruta era dada com a refeição? Haveria um acordo tácito entre quem sofreria os desastres e quem não sofreria?

Para manter saudável os que restavam e porque estávamos nos aproximando, todos os dias passaram a distribuir um limão e um pepino. Eu os comia com mais prazer do que as iguarias mais puras de antigamente. Eu gostava da minha liberdade – do vento acima de tudo – e não estava amargurado pelo cansaço, as palmas rachadas, os olhos e gengivas inflamados. Esperava que uma tempestade me libertasse a tempo, pois sabia que, em Macau, a primeira coisa que fariam seria me recolocar na prisão.

Uma vez, enquanto eu esfregava o convés, o capitão passou por mim. Vi com satisfação com ele havia emagrecido. Parei, não me afastei, olhei para ele. Ele fez um movimento em direção à minha garganta, mas pensou melhor, cuspiu no convés e continuou. Ambos tínhamos corrido perigo de morte: ele por minhas mãos gananciosas, eu por uma corda de cânhamo que sempre pendia pronta. Sua covardia o salvou, salvou minha vida também.

Desde Malaca o tempo permanecia calmo. O mar estava menos agitado do que do outro lado da península e muitas vezes parado como um espelho. O vento estava fraco, mas era constante. Um dia navegamos ao longo da costa do Camboja, no dia seguinte o mar estava vazio novamente, e eu sabia que quando surgisse outra costa, no fim da viagem, recomençaria o meu cativeiro. O tempo acalmou, o vento enfraqueceu, o mar parecia estender-se em ondas longas e lentas de preguiça, e o navio temia cada vez mais que uma tempestade pudesse surgir desta traiçoeira calmaria, um pouco antes de chegar na costa onde ao ficava Macau. Quanto mais tempo permanecia calmo, mais as pessoas ficavam temerosas para enfrentar outra tempestade antes da chegada.

Era Páscoa. Foi celebrada uma missa solene; eles andaram com o estandarte sagrado que o Papa havia abençoado. Quem quisesse poderia beijar a bainha da bandeira. A maioria beijou, só para garantir.

Eu estava encostado no corrimão e ao longe vi a linha azulada da costa: Hainan. Mais três dias, se tudo correr bem.

O céu estava tão azul e calmo como aquela costa. Apenas nuvens baixas e leves pareciam apinhar-se em direção a um ponto de encontro em algum lugar bem abaixo do horizonte.

À noite veio a tempestade. Às doze horas, quando minha guarda foi relaxada, ainda estava quieto, mas também completamente escuro e ardente, como se a lua cheia e

um sol se pondo em chamas fossem sufocados na espessa camada de nuvens e no fogo dos corpos celestes ardendo lentamente perto da terra, sem recrudescer. Quase não havia ninguém nos alojamentos, a maioria dormia no convés ou dentro dos canhões, que sempre mantinham algum frescor. Os doentes mortais e moribundos jaziam nas beliches e gritaram por água quando me ouviram. Dei o que encontrei e então desmaiei, desmaiei de angústia, oprimido pelo pressentimento de que logo acordaria e depois não conseguiria dormir por um longo tempo. Deve ter durado pouco, acordei e deitei nas tábuas que separavam o alojamento da proa. Os doentes me agarraram, então de repente o chão virou teto, rolamos pra trás, o alojamento já estava meio cheio de água, me segurei na escada, não a larguei, sacudi tudo de cima de mim e alcancei o convés machucado, arranhado e talvez até infectado.

A imagem na frente da proa, as cruces não adiantavam nada. Quem pensava nisso num vento que, vindo de todos os lados ao mesmo tempo, fechava a boca e jogava tudo o que estava solto no convés, depois sugava tudo de novo, como se a atmosfera estivesse escapando desta parte da terra?

As ondas chegaram a princípio bem lentas e regulares como montanhas em movimento, o navio se moveu sem sobressaltos, do cume ao vale e de vale ao cume, às vezes parando, às vezes quase deitando de lado. Então foi cercado pelas montanhas de água, que desabaram de uma só vez, e acabou ficando submerso.

A princípio, agradei por isso ter acontecido, por ter vivenciado essa violência, pela destruição de um navio que me manteve preso por seis meses, onde roubaram tudo o que possuía, até meu nome e minha roupa, mas cinco minutos depois passou a embriaguez daquela libertação e não fiz nada além de ansiar por paz e sossego, meu pensamento se dissipou.

Quando a tempestade acalmou, ainda dava para ver a costa. O vento havia diminuído novamente, mas as ondas ainda estavam muito acima do casco. À noite, víamos luzes distantes e dispersas piscando e uma grande luz fixa acima: era Macau com seu farol. Fiquei preocupado se ainda acabaríamos em um porto seguro. Abriguei-me em um canto da popa, alguns sobreviventes ainda estavam deitados na grade. Mas o navio não veria mais luz do dia. Por volta das quatro horas, ele foi levantado, jogado em uma orla e caiu para trás, os canhões no porão rolaram de um lado para o outro, alguns dispararam. O *São Bento* afundou rapidamente, arrastando consigo a maior parte da tripulação. Apenas quem tinha pegado uma tábua ou boia a tempo conseguiu se manter

na superfície da água. Flutuei em um barril, que tinha preparado há tempos. Dentro havia alguns biscoitos. E também minha obra.

Amanheceu de novo, desta vez sobre águas vazias. A costa estava longe, a ilha em que havíamos esbarrado havia desaparecido. Comecei a ficar exausto à medida que o barril girava sem parar na água, de modo que eu ficava sempre submerso. Mas a sensação de que ainda não morreria nessa aventura me fez perseverar, e depois de algumas horas percebi claramente que as ondas me empurravam na direção da baía. Já avistava a cidade ao longe, não diferia em nada de um pequeno porto português ou espanhol. Poucos navios estavam à frente, mas havia muitos juncos do tipo que vi antes: proa baixa, popa alta, velas toscas. Via a cidade como um pedaço da minha pátria; preferia ter visto um porto chinês.

Do lado oposto, fechando parcialmente a baía, havia uma ilha comprida, baixa na costa, um pico de montanha no meio, talvez com quinhentos metros de altura. Parecia bastante abandonada; pequenos arbustos aqui e acolá – conseguiria encontrar um abrigo ali? Lentamente, me contorcei para lá com o barril rolante, depois de uma luta sem fim, meio nadando, meio pendurado, cheguei à praia. Vaguei até a terra seca, com meus pertences nos ombros. Havia arbustos na minha frente. Devo ter entrado uns cem de metros, não pude ir mais longe, o sono me dominou.

Acordei em um crepúsculo pálido, que foi ficando cada vez mais escuro, então permaneci imóvel. No meio da noite, saí rastejando dos arbustos até a praia. Mas do outro lado não vi luzes. Tinha neblina? Meus olhos estavam enevoados? Estavam com medo de um ataque? Fiquei cismado que as luzes não estavam mais acesas. Eu também me sentia tão fraco que mal conseguia dar um passo, mas estava preso nesta ilha e decidi explorá-la à noite. Havia um pouco de luar. Comi um pouco dos biscoitos, apesar de estar exausto e a fome ter desaparecido. Compreendi que estava doente e temia que a doença logo assumisse totalmente o controle. Meus ossos doíam, minhas gengivas estavam inchadas e sangrando, o gosto de sangue na minha boca me dava náuseas. Mesmo assim fui embora, cambaleando. Estava mortalmente silencioso, o mar, estava bastante calmo, farfalhava ao longe. Não vi casas em nenhum lugar, não encontrei um caminho. Subi uma encosta leve. De uma mata, ouvi um mugido surdo. Tinha alguma casa nas árvores?

Uma vaca estava em uma armadilha. Desamarrei o bicho, mudei de ideia na hora, amarrei-o de novo e tentei ordenhá-lo. Com um choque lembrei que leite fresco é um remédio para o escorbuto, quase que perdi uma oportunidade! O pouco que engoli – com dificuldade, mal conseguia abrir a boca – me fez bem. Decorei o local onde a criatura

estava e continuei. Cheguei à beira de um campo de plantio comum. Não sabia o que plantavam, mas comi mesmo assim, cru e impuro, procurando me salvar, talvez pegasse uma doença pior ainda.

Então vaguei até que um novo perigo me ameaçou, o de ser visto, pois estava claro de novo. Encontrei uma fenda na rocha e passei o dia dormindo e com câibras. Às vezes eu espiava, mas nunca via um ser humano.

Na noite seguinte, a vaca havia sumido, mas encontrei outro tipo de raízes, melhores, e finalmente encontrei uma casa. Durante o dia seguinte, espiei-a das árvores. Parecia abandonada. À noite entrei, encontrei comida em potes de barro. Queria comê-la, era muito nojento. Somente depois me dei conta do desespero da minha situação: meus companheiros me prenderiam, os chineses não me entenderiam, eu não poderia viver da comida deles. Eu não poderia voltar para o mar. Enquanto ainda estava pensando sobre isso, meus ouvidos começaram a zumbir e desmaiei. Queria me levantar, mas não consegui mais e fiquei no chão de barro esburacado.”

IV

Os camponeses chineses que, ao voltar da colheita, encontraram os bárbaros loiros em sua casa, não os mataram, nem os entregaram. Deixaram que fossem aonde quisessem ir, não os impediam de colher e comer vegetais, de tirar restos de arroz de suas tigelas. Era impossível dizer por seus rostos ou gestos se eles o viam. Para Camões, a negação de sua existência foi ainda mais dolorosa do que inimizade ou prisão. Era como se tivesse caído em outro planeta, cujos habitantes, dotados de outros sentidos, não percebiam sua presença. Através de nada, nem do riso, nem dos gestos, nem da fala, ele conseguia manter contato com o mundo exterior. Era uma solidão mais terrível do que no meio do mar ou no deserto gelado, mais opressiva do que a prisão no porão do navio. Apesar desse tormento mental, aos poucos, recuperou sua força física. Impulsionado pelo instinto, ele se arrastou pela encosta até o topo da ilha. A subida não era íngreme, mas ele ainda estava tão fraco que durou dias. Do lado da cidade, a montanha descia abruptamente, o cume dominando a baía e as redondezas. Apenas agora Luís pôde dar uma olhada no novo mundo.

Apesar de sua miséria, o vasto panorama deu-lhe uma vaga sensação de liberdade. Havia ilhas por todos os cantos da água, o continente podia ser visto à distância, e do outro lado, sobre três colinas, estendia-se a cidade. No topo estava o farol, que continuava brilhando acima da escuridão da cidade; na segunda colina, em uma coroa angular, estava o parapeito da cidadela; na terceira a catedral com uma grande cruz no topo. Abaixo disso, a cidade, edifícios brancos, marrons e cinzas, muitas rochas cinzentas e grupos de árvores no meio. Diante da cidade, os juncos espalhavam-se sobre a água, mesmo quando a frota pesqueira fugia para o Tejo antes de uma tempestade no Atlântico, nunca se via tantos mastros juntos.

Abaixo dele, na ilha, os telhados dos pescadores pareciam selas pontiagudas derrubadas; na praia, bem acima da linha da maré, estavam as sampanas. Luís perscrutou o litoral o mais longe que pôde e, ao fundo, em um bosque, havia o que parecia ser um telhado branco. Isso teve sobre ele o mesmo efeito que uma vela tem sobre um naufrago que flutua no mar: ele quer ir para lá e não se dá conta se pertence a um navio pirata ou um navio amigo. Ele desceu do topo e tentou seguir o caminho mais curto. Mas teve que evitar aldeias e ravinas e, por fim, perdeu completamente o rastro, de modo que teve que

subir ao topo para encontrá-lo outra vez; tentou manter o rumo durante a descida, mas foi em vão de novo.

Perto do cair da noite, cansado demais para continuar ou procurar abrigo, ele cavou uma cova em um campo e se cobriu de bolhas, cansado e febril demais para dormir. Tarde da noite, de longe, um canto fino chegou até ele. Sentou-se para ouvir; devia ser o vento noturno que carregava o som, pois nos intervalos sem vento não era audível. Camões saltou da cova e caminhou contra o vento, parando quando se ele calava, avançando quando se tornava audível. Mas o canto foi ficando cada vez mais fraco, ao mesmo tempo começou a chover, o dia amanheceu e ele se viu de novo no campo cinza. O vento havia mudado; o vento e a chuva também conspiraram contra ele. Ele passou um dia na cova. À noite o canto recomeçou: ele fingiu não ouvir e roeu umas raízes; o som ficou mais alto, rastejou mais fundo; mas persistiu e, por fim, ele ergueu a cabeça. Estava quieto, para que o vento não pudesse enganá-lo; ele se aproximou do som com cautela e se viu caminhando no leito de um riacho. De repente, o som parou outra vez, mas ele continuou a seguir o riacho e chegou a um muro alto. Ele tateou o caminho, mas suas mãos não encontraram nenhuma porta, de repente o chão cedeu e ele ficou com água até os joelhos. Ele foi explorar a parede para o outro lado. Caiu de novo na água, mas descobriu que ela não era tão funda; também a lua nasceu, então ele se aventurou a continuar. Finalmente a parede se curvou para dentro. Ao luar, ele conseguiu ver uma pequena cúpula logo acima da água: um esguio teto arqueado sobre seis pilares finos, nos quais pendiam correntes de flores, que às vezes balançavam ao vento.

Com dificuldade, ele subiu na cúpula e teve que se deitar para recuperar o fôlego. Ao se levantar, viu que suas roupas sujas e molhadas haviam deixado o contorno tosco de seu corpo no mosaico do chão.

Era como se de repente ele visse sua aparência atual num espelho; queria limpar a mancha do chão branco, mas não podia, e, por um momento, a tristeza superou seu humor entorpecido e foi novamente dissipada pelo desejo de continuar.

Uma ponte extremamente estreita havia sido feita sobre três ou quatro pedregulhos até a margem, sem corrimão. Abaixo, as ondas batiam nas pedras. Ele atravessou a ponte cambaleando e encontrou outra parede. No centro havia uma abertura oval gradeada, trepadeiras se enrolavam entre as grades, detrás via-se o verde de um jardim.

Ele balançou as grades uma a uma, elas não se mexeram. Por que queria estar lá, onde poderia ser uma prisão? Afinal, não havia nada mais assustador do que fome e solidão no mundo exterior! Ele escorregou, agarrou-se na grade externa, torceu o

corrimão e caiu no jardim. O portão fechou atrás dele, galhos e cachos de folhas o empurraram para trás, mal havia espaço para ele entre a parede e os arbustos externos, cheiros até então desconhecidos o alarmavam como o pressentimento de uma existência sujeita a condições tão severas que ele jamais poderia viver à altura delas.

QUINTO CAPÍTULO

I

Se a morte pudesse ser invocada através do pensamento tão facilmente quanto o amor, muitos se deitariam todas as noites para nunca mais se levantarem. Mas o corpo é poderoso demais: ao menor movimento, empunhando uma arma, ao despejar de algumas gotas em um copo, ele resiste e mantém sua inércia e seu apego à terra, talvez ainda mais quando está mortalmente doente. Felizmente, o espírito pode se desprender, mesmo que não para sempre, pode atravessar o rio do esquecimento, deixar para trás o sofrimento em outra margem e, com o corpo, não reconhecer mais o que suportou em sua companhia, em seu cativo.

Especialmente quando se acabou de cruzar um oceano, olhando e cheirando apenas água, ar, e madeira podre, e depois fica perplexo com uma tempestade de três dias e semanas de fome e peregrinação. Entre as ervas daninhas ao meu redor, talvez houvessem dez venenos mortais. Eu não os escolhi.

Quando finalmente me levantei, folhas secas e pedaços de terra rolaram de mim, uma nuvem de insetos voou, vermes compridos rastejaram lentamente pelas minhas pernas.

Os parasitas fugiram do corpo meio repousado na cova, mas que não queria mais ser um cadáver. Entre a parede e as árvores havia um caminho estreito e profundo que só podia ser percorrido de lado, e mesmo assim o corpo teve que raspar na parede como se fosse uma cortina de pedra, os galhos com espinhos e farpas rasgaram os restos das minhas roupas, as urtigas provocaram coceira e queimação nas partes da pele que ainda tinham sido poupadas pelos mosquitos.

Após tanta exaustão, finalmente cheguei em um lugar entre as árvores que já tinha sido aberto; troncos de árvores mortas haviam caído, uma rede densa e grossa de trepadeiras, tão alta quanto um homem, atravessava o espaço. Uma alameda se abriu do outro lado.

Eu também me engalfinhei nela. Desci a alameda e me deparei com um edifício com apenas um andar em ruínas, mas feito de pedra. Era a casa de caça onde a conheci. Fora isso, eu não tinha ideia de nada, podia ser verão ou outono, provavelmente era outono, pois eu tremia e estava coberto de orvalho frio.

Lá dentro ficaria aquecido e protegido de insetos, solitário, sem gente por todos os lados, sem o clamor que tinha ouvido nas aldeias da ilha, cujo significado não conseguia entender. A porta estava fechada, mas a janela dos fundos geralmente ficava aberta, como está agora. Diana provavelmente nunca mais voltaria aqui. Melhor assim. Tinha sido renovado por dentro, todos os quartos eram interligados. Antigamente era melhor; quando todos davam para um pátio: então a pessoa sabia onde estava, dava para fechar a porta, escapar caso fosse atacado. Não importava: a rústica cama grande de madeira continuava lá; um jarro de água, verde e malcheirosa, não servia para matar a sede, mas para enxugar as feridas mais ardentes.

Mãos trêmulas retiravam do corpo o que ainda estava agarrado às roupas; um monte de poeira estava no chão. Não tinha sobrado nada do homem que partiu a fim de se cobrir de fama, só restava o corpo emaciado e ferido. Tudo o que remanesceu para encobrir minha vergonha foi um sono mais profundo e mais pesado, que permaneceu em mim quando acordei.

Eu não conseguia me mover. Pelas persianas, fendas de luz caíam transversalmente e paralelas como uma treliça sobre um vulto que se agachava na parede à minha frente, olhando fixamente para mim com olhos verdes estreitos e brilhantes. Havia um cheiro na sala, não de incenso: mais forte e mais inebriante...

Fiquei imóvel horas a fio, não por medo do guarda, mas por medo de abrir uma brecha na parede de silêncio e cair de novo em uma existência que esperava acabar.

As persianas se abriram com uma súbita rajada de vento. No nicho, em vez da estátua de Sebastião, estava um santo que não se parecia com as figuras emaciadas e contorcidas de membros ascéticos e rostos extáticos, mortalmente pálidos e de olhos fundos que até então eu tomava por santos. Isso parecia uma zombaria dos meus velhos conhecidos e do estado em que eu estava.

Levantei-me, então de repente vi Sebastião recuar para a parede da sala, ele parecia ter sofrido muito desde a última vez que o vi, quando estava perto da morte, parecia tê-la deixado bem para trás. Fui até ele, antigamente tinha aversão, agora tinha simpatia. Certamente ele também sentia isso, pois veio em minha direção. Tive medo dele, estendi a mão para cumprimentá-lo ou empurrá-lo de novo, não sei. Era meu próprio vulto, visto em um espelho desgastado. Eu me virei; o santo gordo ainda estava sentado imóvel em seu assento baixo; as pontas dos dedos juntas, mas com uma barriga que se dobrava grossa sobre as coxas, um sorriso gordo na boca, como se zombasse de sua própria santidade, como se tivesse digerido uma refeição pesada e já estivesse ansioso

pela próxima. Os troféus de caça, chifres de alce e peles de ursos e raposas foram levados. Ali pendia um amplo biombo pintado que, pelo que pude ver, representava um velho, careca, de bigodes compridos, montado num cavalo pequeno, e duas figuras curvadas na outra margem de um riacho roxo com um livro na ponta de uma bengala curvada: tudo o que poderia ser transmitido aos que ficaram para trás de sua vida em movimento. Em vez de lanças e espadas pendiam leques e caudas de pavão. Os pesados móveis antigos foram substituídos por esguios e lustrosos objetos lacados, alguns, inclusive, cuja finalidade me era incompreensível. Seria necessário aprender outras atitudes e gestos para conviver com eles.

Em vez de me alegrar com o fato de que o velho mundo, que só me trouxe desastre e tristeza, tenha passado totalmente e para sempre, uma melancolia avassaladora tomou conta de mim, como um mar sobre um navio afundando, como um segundo naufrágio.

Podia jurar que só a cama era igual, e deitei como se fosse uma ilha, a única coisa que restava depois de um dilúvio que tivesse devorado tudo.

Então, estremeçando, tomei consciência da minha nudez. Vi as roupas na frente da cama, peguei-as e as vesti. Ficavam penduravam em dobras largas em mim. Era um uniforme; as insígnias que esperava adquirir antes de minha partida estavam presas às mangas e ombros. Era uma zombaria? O forro áspero machucava minha pele ferida e irritada: esta vestimenta me humilhou mais do que qualquer coisa que pudesse lembrar; joguei fora com raiva. Preferia ficar nu pelo resto da vida do que usar isso. A vida toda, seria muito tempo? Só que havia mais na frente da cama: comida. Devorei. Agarrei o jarro, talvez ainda houvesse borras no fundo; bebi água fresca.

No chão estava outra peça de roupa, uma batina longa e larga. Coloquei-a, achei suportável, mas quase virei um estranho para mim mesmo. Mesmo assim continuei com ela, mas me abaixei pela janela para me reencontrar na floresta. Pelo menos o mundo vegetal não tinha se tornado muito estranho.

Mas agora cheiros pesados e desconhecidos me oprimiam, continuei tropeçando em raízes traiçoeiras, impedido pelo longo traje. Queria descansar, escondido entre as árvores, mas não era mais outono, fazia calor; procurei sombra, a folhagem estava escaldante, o chão parecia quente e vivo por dentro, exércitos de formigas avançavam por todos os lados, grandes formigas vermelhas mordiam, aranhas desciam dos galhos e o zumbido dos mosquitos começava outra vez. Fugi, corri onde quer que houvesse uma clareira, de repente parei diante do portão de novo, puxei as grades para escapar desse paraíso insuportável dos tormentos infernais, embora não visse nada além do mar, esse

outro inferno. Desta vez o portão não se mexeu. Virei-me, entrei em uma alameda, mas de repente minhas pernas cederam, fiquei parado como se tivesse virado um tronco de árvore.

No final da alameda, sob a folhagem de um feixe de luz, como uma Madona em um nicho verde, estava: Diana.

Eu a persegui como uma pantera na natureza. Ela não escaparia de mim, desapareceria outra vez em uma nuvem ou se fundiria com a floresta.

Ela não se moveu; parecia atentamente debruçada sobre alguma coisa, uma flor ou um livro, o que isso importava?

Outro salto: ela se virou, eu cambaleei para trás com a mesma força. Era Diana, mas ela tinha os olhos puxados de uma chinesa.

II

Pilar não dormia desde que seu pai partiu e sua porta passou a ser vigiada. Ela mesma se protegia de um ataque que estava por vir. O homem que deveria impedir sua fuga estava dormindo, ou, se estava acordado, mantinha os olhos fechados. O ouro também é um bom sedativo para dormir. Demorou, mas Pilar também sabia de uma erva que tirava o sono. Mesmo assim, ela ficou aliviada quando finalmente viu o lanceiro sair, e um momento depois viu um corpo volumoso subir na folhagem da árvore. Agora ela tinha um motivo para deixar a casa do pai.

No entanto, ela enrolou, mas de repente uma grande calma tomou conta dela. Ela olhou para o crepúsculo; depois entrou e ouviu o baque surdo na sacada, atravessou o corredor e passou desimpedida pelo guarda que estava sentado com os joelhos encostados na parede.

Tinha acabado de escurecer, ela caminhou ao longo das paredes das casas. Mas antes de chegar no mosteiro ela se virou e entrou no bairro chinês. Toda a população estava na rua. Quando andava pelas ruas de Macau, ela era recebida com respeito e desrespeito em todos os lugares. Aqui ninguém prestou atenção nela. Ela estava usando roupas que teriam provocado a ira de seu pai, muito mais do que a fantasia de Verônica. Lembrou-lhe que ele, o português, tinha sido casado com uma chinesa. Mas ela se sentia bem com as calças largas de seda, a cabaia, o cabelo com franja na testa.

Havia um grande barulho nas ruas estreitas, mas isso a deixou tão calma como se fosse o rumor do mar; fazia-lhe bem depois do silêncio no confinamento da casa. Ela se sentia segura e em casa no meio da multidão, na escuridão através da qual tremeluzia a luz da madeira de resina queimando, entre as casas imundas. Finalmente se viu na casa da babá, que não via há dez anos, que já tinha setenta anos e estava mais enrugada e suja do que antes. Ela foi recebida sem surpresa, deram-lhe um tapete e descansou por dois dias seguidos. Mas ela não podia ficar. Então o filho da ama,⁹² que era tão estúpido quanto a barçaça em que navegava e as lampreias que pescava, trouxe as mulheres à noite.

⁹² Em português, no original, no capítulo inteiro. (N. do T.)

Pilar tinha apenas uma vaga lembrança de um jardim cerrado, uma casinha de madeira que seu pai chamava, geralmente junto com um palavrão, de quinta,⁹³ uma ponte e um telhado de pedra sobre o mar. Muitas vezes ela ficava sozinha com a mãe. A mãe sentava-se em um tapete, bebia chá, olhava para longe e pouco se importava com ela. Às vezes o pai dela também ia para lá, então eles se sentavam em cadeiras, nas salas de madeira quente, com papéis e documentos por todos os lados. Sua mãe não dizia nada, apenas o olhava com pena, até que ele se levantava e ia para o jardim. A mãe deitava-se no tapete, Campos vagava pelo jardim, cortando galhos e pisando em flores. Depois embebedava-se.

Era um momento de alegria para todos quando o saveiro vinha para levá-lo novamente à cidade. Às vezes os dois tinham que ir junto, às vezes a mãe dela recusava e Campos a pegava por debaixo do braço e a colocava numa bela almofada à sua frente. Mas a pequena Pilar gritava e lamentava; então ele a colocava sob um alpendre, ela voltava pela ponte estreita com as pernas trêmulas, às vezes caía na água e era pescada pela ama. O saveiro finalmente remava, sob risos, e eles ficaram para trás em paz.

Eles nunca voltaram para lá desde que ela tinha doze anos, desde a morte de sua mãe, e, tanto na estação quente e quanto fria, sempre ficaram na cidade cálida ou gelada. Campos não desejava voltar ao silêncio, à lembrança do olhar de desdenho e compaixão com que a mulher o fitava, à estranha sensação que tinha quando estava sozinho entre as árvores, como se estivessem cochichando sobre ele, como se todos os tipos de olhos o mirassem. Nem a bebida, nem o canto ajudava contra isso. Ele preferia ficar onde era o primeiro: entre seus conselheiros e oficiais que concordavam com suas palavras.

Campos nunca mais falou sobre a quinta. Talvez tivesse esquecido de sua existência. Em todo caso, não procuraria Pilar ali, não imaginava que, tendo sido educada com todos os mimos possíveis em uma colônia, ela pudesse viver em uma casa de campo abandonada que, com o passar dos anos, tinha virado uma selva.

O pai e o amante enganado olhavam fixamente as grossas paredes do mosteiro e imaginavam Pilar, a fugitiva desobediente, objeto de desejo impotente, conversando solenemente com os padres, caminhando pelas galerias. Ronquilho às vezes era perseguido pela visão de Pilar numa cela caiada, ajoelhada sobre uma cama estreita com um crucifixo em cima, depois ela se despia e o cenário mudava: Pilar ajoelhada diante de um banco em que ele estava sentado, a espada entre os joelhos, o punho igual a uma cruz.

⁹³ Em português, no original, no capítulo inteiro. (N. do T.)

Seus sentidos decepcionados não evocavam a realidade: Pilar vagando por alamedas tranquilas, movendo-se com liberdade e graça como nunca antes, vestida com uma leveza que ele nunca tinha visto.

Para sua grande surpresa, o jardim estava selvagem e meio coberto de mato, mas a casa de madeira não havia sido roubada, os objetos e móveis cobertos de poeira, mas não danificados. A ama poderia dizer a ela que os moradores da ilha consideravam a casa como um templo abandonado, acreditavam que o espírito de sua mãe ainda ia lá e que era habitada por espíritos: continuavam ouvindo vozes. Pilar também ouviu, mas depois de alguns dias ela sabia o que era: o vento uivando pelas fendas escancaradas das paredes e feras aninhando-se invisivelmente sob os arbustos e as relvas crescidas. Ainda havia rumores que ela não sabia explicar, mas não estava preocupada. Ela era mais feliz vivendo ali do que na casa de seu pai, na qual a ira sempre explosiva pairava como uma tempestade ameaçadora, onde dificilmente passava um dia sem que as turbulências de seu escritório invadissem. O pescador trazia suprimentos, a ama a preparava; em poucos dias ela se acostumou com a comida chinesa e a comia como se nunca tivesse conhecido outra coisa. Era como se a cada dia ela se afastasse cada vez mais do pai e se aproximasse da mãe.

O outono se aproximava, o calor era intenso apenas no meio do dia. De manhã e à noite ela podia caminhar muito tempo nas alamedas frescas, vestida como queria. Ela não se perguntava como terminaria. Por que acabaria?

Ela não tinha uma visão clara dos limites e da direção de sua vida, ao contrário de outras mulheres. Ela sabia muito bem que as chinesas, se não fossem deficientes, eram vendidas a um homem que normalmente nunca tinham visto e teriam de servi-lo para o resto da vida. Nunca lhe falaram de outro homem a não ser Ronquilho. Na colônia inteira parecia não haver ninguém que atendesse aos desejos de seu pai: esse ela não queria, desse ela fugiu, outros ela não conhecia, então ela não serviria, não teria filhos. Agora o futuro de sua existência era tão vago quanto as ilhas e costas que via ao longe: talvez ela navegasse por elas, mas não difeririam muito das que conhecia.

Ela tinha uma ideia igualmente vaga de Portugal, o país de onde vieram seu pai e os outros homens poderosos, assim como os dominicanos. Ela tinha ouvido falar que as grandes mulheres de lá viviam como bem entendiam e tinham seus próprios prazeres, sim, que podiam aceitar um homem benevolentemente ou fazê-lo ansiar por anos de acordo com seu coração ou capricho, mas ela não conseguia entender como isso se dava. Ela não conseguia entender como era possível escapar de homens como Ronquilho e seu

pai de outra maneira a não ser fugindo, como ela havia feito. Ela não conseguia acreditar que em algum lugar uma simples recusa bastava para se livrar de seus desejos.

Ela tinha procurado contato com a igreja porque era a única coisa que existia fora da pequena sociedade tosca dos soldados governantes. Se, somente em vez da ordem dominicana, existisse em Macau apenas uma *commedia dell' arte*, ela teria necessariamente recorrido a ela e, em vez de representar Verônica, teria representado Genoveva, Melibea ou Sigismunda. Separada de tudo, agora ela vivia num vazio, no qual uma europeia teria se desesperado e se suicidado em pouco tempo. A metade mongol de sua raça a ajudou, ela deixou o tempo passar com indiferença, não se importou com o rumo que sua existência terrena tomaria. Seu corpo permaneceu vivo, estava bem: tinha comida, mais movimento do que antes, seus olhos tinham as nuvens e o mar para ajudar os dias a passarem, sua pele tinha água fresca, onde podia caminhar sem ser perturbada o tempo todo. Tudo está sujeito à mudança, as rochas imóveis, as idades, o mar agitado, assim como a folha rodopiante e a mariposa, mas ela não sabia de que maneira e quando participaria disso; contanto que seu corpo estivesse em paz, sua alma não sofria.

Os padres haviam falado sobre isso, mas ela não sabia que tinha uma alma, só conhecia o medo físico e agora o bem estar físico. Ela sabia que seu corpo tinha partes mais sensíveis e móveis do que outras; não queria amor, queria ser intocada. Ela gostava de se ver na água, mas não se tocava. Nunca desejou outra pessoa.

Dos chineses ela conhecia, além da mãe e do Hao Ting, que tinha visto algumas vezes sozinho em audiências, apenas os criados. Dos portugueses somente os que governavam pela violência ou que viviam na oração e na aparente humildade. Ambos não tinham os sentimentos que poderiam comovê-la. Mas as figuras que ela não conhecia, os cortesãos e os poetas e os estudiosos de Lisboa⁹⁴ também a teriam deixado indiferente. Ela não entendia que heróis e poetas eram admirados e podiam ser amados por admiração. Que alguém pudesse sofrer de um amor não correspondido e ser infeliz por anos, até mesmo uma vida inteira, parecia-lhe mais estranho do que os rituais complicados de um casamento ou enterro chinês.

E se lhe tivessem dito que ao mesmo tempo em que ela vivia sossegada e completamente só na *quinta* selvagem, um estranho náufrago vagava pela ilha, sofrendo indescritivelmente porque ninguém o entendia, ninguém o olhava ou o acolhia, ela teria ficado admirada e não sentiria pena.

⁹⁴ Em português, no original. (N. do T.)

III

Foi diferente quando ela o viu de maneira inesperada.

Durante o tempo em que viveu na quinta, a ama via-a com um prazer secreto, tornava-se cada vez mais chinesa. Deixou como estava o cabelo que havia penteado com franja na testa, a fim de esconder sua fuga; ela se sentia bem apenas com as roupas que a ama lhe preparava, ela se pintava longa e cuidadosamente, não trazia livros consigo, seus pés – sem terem sido deformados na infância – eram extremamente estreitos e pequenos, trocava somente algumas palavras com a ama sobre comida e roupas, não falava mais sua língua, nem cantava.

Ela mesma quase não via a ama. Eles se revezavam na vigia. Por terra, nenhum ataque poderia acontecer sem ser notado, a área era coberta de mato e cercada por rochedos, do lado do mar avistava-se de longe um barco que se aproximava. Normalmente vigiavam do telhado da casa. O que aconteceria se viessem procurá-las aqui? Havia um poço coberto de trepadeiras, ela poderia se esconder nele. Ela também poderia fugir com a ama para Cantão e tornar-se completamente chinesa, talvez também encontrar Pedro Velho, mais acima no rio das Pérolas, e colocar-se sob sua proteção. Seus pensamentos, aos poucos, foram indo nesse direção.

Então ela encontrou o estranho deitado no quarto não utilizado da casa de madeira. Ela mesma tinha feito a vigília naquela noite, porque a lua estava muito cheia e ela dormia mal nas noites de luar, e porque adorava ver as ondas brilharem e balançarem como um rebanho de animais marinhos sob o luar. E ela não tinha visto ele.

A princípio ela achou que ele tinha morrido. Ele não estava respirando. Não se parecia com os homens que ela conhecia, mas sim com o Cristo jacente⁹⁵ de costelas salientes, a barba rala e pontiaguda e a cor cadavérica e os traços tristes do rosto. Mas ela pensou que ele devia ser um prisioneiro fugitivo ou um soldado desertor.

Ela o deixou ali, ele não acordaria por enquanto, talvez nunca. O estúpido pescador viria amanhã. Ele poderia levá-lo em sua sampana vazia e colocá-lo em algum

⁹⁵ Em português, no original. (N. do T.)

lugar em uma praia deserta, a fim de continuar agonizando, isso se ele ainda não tivesse virado um cadáver. Ela não achou nada de cruel nisso: quantas pessoas foram vistas morrendo na estrada, já cobertas por moscas varejeiras que não podiam mais ser expulsas? Morrer não era nada mais do que uma mudança.

Mas quando amanheceu, ela queria ver seu rosto novamente. Agora tinha uma expressão meio ressentida, meio atraente. Ele não podia ser como os outros. Ela também estava curiosa para ver os olhos dele abertos. Ela mesma colocou comida e água perto do homem, para que ele visse quando acordasse, e deixou o barqueiro ir embora sem ele, mesmo a ama insistindo e apontando os perigos. Ela também não sabia o que fazer com ele: devia ser um refugiado, ele também gostaria de se esconder e poderia ajudar a vigiar; mas também poderia traí-las....

Ela ficou parada, curvou-se sobre uma flor e arrancou as pétalas. Quando se endireitou novamente, ele ficou na frente dela, olhando-a primeiro com alegria, depois com reprovação. Então falou apressadamente, uma enxurrada de palavras que ela não entendeu nem metade: de fato eram as palavras da língua que seu pai falava, mas o som, as frases, tudo era diferente. Pilar fechou os olhos apenas para ouvir a voz, não para ver o homem maltratado e espancado à sua frente, os braços magros saindo das roupas, os olhos sangrentos, os lábios encrostados e escancarados. A voz também era rouca, mas não quebrada, parecia até falar em tom desdenhoso de tudo o que estava além de Macau e dos governavam lá.

Então ela continuou a ouvir. Então a voz voltou a ficar triste, reprovadora e, por fim, porque se repetia, ela entendeu que ele falava dela e a repreendia.

Isso a irritou; ela riu alto, pulou para o lado entre os arbustos e o olhou por entre as folhas. Ele cambaleou, tentou encontrá-la novamente, levou a mão à cabeça, bateu o pé e virou-se de repente. Ele desceu o caminho, mas não foi longe; depois de alguns passos, ele foi mais devagar, procurou um tronco de árvore e apoiou a cabeça nele. Lentamente, Pilar se aproximou e esperou pacientemente que ele olhasse para cima. Ela o tratou como uma criança trata um animal ferido. Mas ele ficou imóvel. Ela fazia os galhos rangerem, cutucava-o, ria. Finalmente ele ergueu os olhos outra vez, agora impotente e silencioso, mas ainda com um olhar amargo de reprovação.

Quando voltou a falar, Pilar admirou-se outra vez; nunca tinha ouvido este tom: a voz do pai era sempre alta e mandona, a de Ronquilho era retumbante e estridente, os monges falavam com untuosidade e cheios de santidade, como se fossem missas falantes. Mas de repente ela entendeu que o estranho estava delirando e a confundiu com alguém

que se parecia com ela, mas tinha olhos diferentes, aparentemente portugueses. Tentou acalmá-lo, mas como ela falava em dialeto macaense, ele quase não a entendia. No entanto, finalmente ele deixou e ela o levou para o quarto em que estava. Chamou a ama, que conhecia uma cura para a febre.

Na manhã seguinte, ele parecia mais calmo e Pilar foi vê-lo de novo. Ao abrir a porta, por um momento sentiu como se estivesse entrando novamente em seu próprio quarto, do qual havia fugido. Ela queria fechar a porta outra vez, mas já era tarde: ele se aproximou dela, ajoelhou-se e pegou sua mão em agradecimento. Ele perguntou quem ela era e, por falta de casa e espada, ofereceu-lhe sua vida. Ela pediu que ele se identificasse primeiro. Ele não se identificou, mas contou que era um nobre português caído em desgraça.

“O senhor é um cavaleiro estranho, que diz tais coisas na cara de uma mulher que conhece a menos de um dia: que seu rosto seria tão bonito quanto o de uma ex-amante se seus olhos fossem diferentes. Não sei o que o senhor viveu em Portugal, talvez a sua cabeça esteja confusa. Digo quem sou: Dona⁹⁶ Pilar e filha do Procurador⁹⁷ de Macau. Já que as portuguesas ainda não se aventuram tão longe da sua pátria, meu pai procurou uma noiva de linhagem chinesa. Então eu tenho os olhos da minha mãe. Ela morreu, meu pai quer me obrigar a casar com um homem que odeio. Não tenho protetores a não ser os dominicanos, e eles mesmos estão sujeitos a perseguições. Então fugi para cá, esperando que ninguém me procurasse aqui. A ama e eu nos revezamos na vigia contra um ataque. Estamos cansadas; o senhor poderia nos ajudar. Acredito que também tema o perigo do outro lado; mantenha os olhos abertos, não pense nos meus, estou aqui apenas para escapar de um homem e não quero outro, não fique me comparando com seu antigo amor ou com uma ilusão, vigie à noite e mantenha-se no seu quarto durante o dia, então pode ficar aqui.”

Camões ficou só, triste por conhecer uma verdade que não deixava esperanças. Ele permaneceu no quarto, ainda um pouco tonto, como se sua existência estivesse prestes a se estilhaçar, a cair em eventos alheios a esta vida. Quando escureceu, a ama entrou, fez sinal para que ele a seguisse e o conduziu até a parede onde deveria vigiar. A velha colocou vinho e frutas perto dele e o deixou sozinho. Ele vigiou atentamente a baía; as

⁹⁶ Em português, no original. (N. do T.)

⁹⁷ Em português, no original. (N. do T.)

velas passavam, mas nunca se aproximavam. A cidade ainda estava escura, apenas o farol brilhava fracamente. No meio da noite ele também se apagou, mas logo depois uma fogueira foi acesa no mesmo lugar, nos rochedos escuros, que continuou queimando a noite toda. Ao amanhecer, antes que ele visse claramente a cidade, a chinesa veio substituí-lo.

IV

Continuou assim por muitos dias e noites. Às vezes, o luar estava tão claro em seus pensamentos, tão calmo, que ele começava a escrever, mas nunca ia muito longe, era como se Diana e Pilar estivessem olhando para ele, cada uma de um lado, com zombaria. Ele fez a vigília talvez doze vezes, a lua estava minguando quando veio uma noite que o vento mudou e soprou da cidade para a ilha. Ele pensou ter ouvido um rumor; a fogueira não estava acesa, mas do outro lado da cidade subiu uma larga coluna de fumaça e lentamente se incendiou. Ele deveria avisar Pilar? Pensando que poderia encontrá-la de olhos fechados, contornou a casa, viu uma pequena luz e abriu as persianas fechadas. Pilar estava nua debaixo de um mosquiteiro, mas não dormia; ela não se assustou com a chegada dele, mas levantou-se silenciosamente e vestiu um casaco.

“Eles já estão chegando?”

“Eles não vão vir aqui.”

“Então por que está me incomodando?”

“Há um grande incêndio na cidade.”

Sem mais palavras, ela foi com ele para a beira-mar. A princípio ela não viu nada; o fogo tinha sido apagado? Camões apontou na direção da fumaça: no mesmo instante o fogo reapareceu, as chamas se espalharam. Pilar agarrou seu braço.

“É o mosteiro. Os dominicanos foram expulsos. Deve ter sido por minha culpa. Vá ao outro lado e veja o que aconteceu.”

“Devo deixá-lo sem proteção?”

“Ninguém virá esta noite, e pode voltar antes do amanhecer.”

Camões pegou a sampana que estava encostada na parede e em uma hora e meia atravessou a baía; o retorno, com o vento favorável, seria mais rápido. Ele forçou o barco em um grupo de juncos para que ficasse escondido e memorizou o local; então ele desembarcou em terra. Todas as ruas estavam vazias; ia apressado, às vezes perdia o rumo, mas revia a fumaça e o fogo subindo por cima das casas.

O mosteiro ficava em uma ampla praça aberta; ambas as alas queimavam, a seção central ainda estava intocada. Diante do pesado portão fechado, ele viu uma cova com terra ao lado, como se tivesse sido cavada recentemente. Um destacamento de tropas mantinha uma multidão chinesa à distância. No grito de luto que se ergueu do meio deles,

ele ouviu o grito de vingança e tortura. Gradualmente, pelas conversas dos colonos que o cercavam, Camões concluiu que os dominicanos eram acusados de um assassinato para fins ritualísticos; dois corpos de crianças foram encontrados no jardim do mosteiro, reconhecidos como filhos de um comerciante chinês. O povo clamava por vingança. Se os dominicanos ficassem impunes, a colônia acabaria. O governo mandou ocupar as entradas do mosteiro; mesmo assim, naquela noite tinha sido incendiado, a multidão esperou que os dominicanos fossem derrotados para descarregar sua ira sobre eles. O ponto era se a fraca ocupação seria forte o suficiente para mantê-la sob controle.

Descuidadamente, Camões fez algumas perguntas sem perceber que todos os portugueses de Macau, até então uns quatrocentos, se conheciam, de modo que ele acabaria chamando a atenção. Perguntaram-lhe novamente quem ele era, mas não soube responder; felizmente ele foi salvo pelo caos. O incêndio também afetou o centro do mosteiro e o portão se abriu. Os soldados formaram um cerco duplo, apontando suas lanças contra a multidão que se aglomerava; alguns foram esfaqueados e caíram gritando enquanto os monges saíam calmamente. O último, um homem alto com cabelos brancos esvoaçantes, queria fechar o portão outra vez, como se para proteger o mosteiro o máximo possível, mas dois homens passaram por entre os soldados e foram até ele.

“Quer queimar minha filha?”, um deles gritou e sacudiu os braços.

“Ela nunca esteve aqui.”

“Onde ela está então?”

“Em segurança. Que Deus a proteja.”

Os soldados cercaram os monges em um cordão triplo e os conduziram até onde três chineses em trajes de juízes supremos aguardavam. Uma ordem de Ronquilho: abriu-se o cordão e deixou-se passar o prior. Parecia que os juízes chineses o estavam interrogando brevemente. Outra ordem de Ronquilho: os soldados recuaram e uma força chinesa cercou os monges e levou-os embora.

Assim, o Procurador⁹⁸ e o Hao Ting concordaram em satisfazer abertamente a vontade do povo, transferindo os monges do poder português para as mãos da justiça chinesa. Para a segurança imediata dos monásticos isso parecia o mais preferível, mas para a preservação de suas vidas era duvidoso. Eles deveriam ficar felizes em morrer sem serem torturados. Mas Campos tinha se justificado com seus compatriotas e seria homenageado por sua severa justiça com o povo chinês. Depois de todos os seus

⁹⁸ Em português, no original. (N. do T.)

infortúnios, ele teve uma boa noite pela segunda vez: nas duas vezes ele destruiu um poderoso adversário, nas duas vezes a esperada presa o havia escapado. Primeiro o Velho, agora os dominicanos. Mas ambas as vezes sua vingança foi satisfeita. O mosteiro foi lentamente incendiado. Livros e papéis foram jogados de uma das janelas: a biblioteca foi salva, pois Campos esperava encontrar papéis comprometedores ou pistas sobre o paradeiro de Pilar.

Enquanto desfrutava do incêndio, Ronquilha correu para o portão, embora bamboleasse muito, e desapareceu no monastério. Ninguém esperava vê-lo novamente, mas ele parecia ser à prova de fogo ou talvez suas botas e armadura o protegessem. Fumegando e exalando um fedor intenso, ele se postou novamente diante de Campos.

“Ela não está aqui. Eles deixaram ela queimando no incêndio.”

Aos poucos, as pessoas voltaram para suas barracas. Era perigoso ficar muito tempo ali e Camões também se afastou, sem perceber que estava sendo seguido. Pensando se contaria tudo a Pilar ou se esconderia que um homem havia entrado no edifício em chamas por causa dela, ele se aproximou do local onde estavam os juncos. Mas tinham zarpado. Camões olhou para o ancoradouro vazio, ele foi agarrado por trás sem resistência. Deixou-se levar: começou a se resignar ao destino, que dali em diante sua vida consistiria apenas em ser transferido de uma prisão para outra.

SEXTO CAPÍTULO

I

No outono de 19... eu vivia meio doente e sem nenhum tostão em um quarto no último andar de um hotel de aldeia. Se o naufrágio do *Trafalgar* não tivesse acontecido, eu poderia ter continuado a ser o que sempre fui: um radiotelegrafista, ou seja, uma criatura que não é nem carne nem peixe, nem marinheiro nem morador do campo, nem oficial nem subalterno. Eu não estava satisfeito com a minha existência, que não era uma existência, dava para se sentir como um cogumelo humano que passa o tempo todo em um cubículo úmido e fedorento, curvado em uma cadeira de escritório desgastada. Mas tinha me resignado a permanecer assim até o fim dos meus dias ou até a aposentadoria, da qual mesmo um homem sóbrio e frugal, como eu me tornei ao longo desses anos de peregrinação sedentária, não pode viver em terra, a menos que seja em algum lugar de exílio. Tudo permaneceu assim; meus dias foram divididos em uma vigília auscultante de seis horas, às vezes sonolenta, às vezes atenta, e seis horas de sono pesado e inquieto.

Os únicos momentos de descanso e prazer: as longas noites de sono em terra, desde o início da noite até o final da manhã e, cerca de uma vez por trimestre, uma a visita ao bordel.

Não, isso não era uma vida boa.

Mas será que a vida de um camponês pobre num vilarejo irlandês, entre o oceano Atlântico de um lado e os prados pantanosos da ilha verde do outro, era?

Naquele vilarejo solitário, minha família e duas outras famílias formaram uma sociedade isolada, na qual eu estava sozinho. O que eu, meio adulto, tinha a ver com meus pais (de palavras escassas e beijos mesquinhos), com meu irmão (um lavrador nato), com minhas irmãs (uma ficou grávida aos dezesseis anos de uma pessoa do outro clã e não tinha mais ligação conosco, a outra era seca e magra, uma leiteira que não parecia uma mulher com seu passo viril e mãos vermelhas)? Se eu tivesse voltado depois de ter passado trinta anos no mar, talvez teria sido aceito junto aos outros e não desprezado como membro da “água-viva negra”. Sim, era assim que minha família e as outras duas se chamavam. Todos tinham cabelos e olhos pretos, eram baixos e corpulentos.

Não éramos irlandeses. Éramos os últimos descendentes da maldita raça celta pagã que tinha vivido aqui antes de Cristo, disse o *parson*. Não, descendentes de Armadas naufragadas, isto é, covardes que não lutaram, mas fugiram pela Escócia, os grandes

galeões sempre navegando à frente dos pequenos e rápidos navios ingleses que os caçavam, disse o professor.

Os antepassados, então, haviam comido o pão da misericórdia naquela costa estéril e haviam sido escravos de servos de poderosos e longínquos fazendeiros ingleses. Contudo, alguns se casaram com as mulheres menos desejáveis do povo da costa, mas as crianças eram parecidas com eles e foram igualmente desprezadas e escravizadas, pequenas, negras e tímidas, e assim permaneceu.

Junto com outros dez sobreviventes, desembarquei em M...e..., o porto mais próximo. Não recebi nenhuma indenização pelos meus pertences perdidos, eu só tinha o dinheiro de emergência costurado na minha camisa, que não era muito. O barulho da cidade portuária, que nem à noite cessava, me atormentava com insônia, e eu sabia que em uma das vielas estreitas havia uma casa onde dava para entrar sem ser visto e se deixar levar pela fumaça, mas senti que, uma vez lá, não seria capaz de voltar à vida, então continuei vivendo às custas das minhas últimas forças.

Uma tarde saí da cidade, fiquei em um vilarejo a três horas de distância, e passei uma noite lá, destruído por todos os demônios que habitavam em mim (o quarto não era mal-assombrado), e não pude continuar no dia seguinte. Eu estava doente e confuso e com febre alta. Felizmente, os bons estalajadeiros cuidaram de mim e, em poucas semanas, consegui me recuperar do entorpecimento.

Não conseguia pensar em me alistar, além de ter desenvolvido uma forte aversão à profissão. Eu não tinha nenhum objetivo a alcançar.

Não pensei em voltar a Glencoe, não mantive correspondência, como fazem muitos marinheiros que gostam de se enganar quando chegam a um porto estrangeiro distante com um pedaço de papel enviado de um lugar onde eles se sentiam em casa, um pedaço de papel no qual as mesmas palavras eram escritas sem coração e atenção, como fórmulas ridículas de uma cerimônia de cordialidade sem fundamento.

Os irlandeses a bordo odiavam os ingleses, mas eu não tinha permissão nem para expressar esse ódio, afinal, eu não era um irlandês de verdade. Mas também não me dava bem com os ingleses, eu era muito menos inglês de verdade. Portanto, ficava sozinho e às vezes tinha apenas uma amizade quase sem palavras com os ribeirinhos do mar Báltico e os pescadores dos fiordes, que muitas vezes acabavam indo no navio inglês quando a pesca estava ruim ou a pobreza do país não permitia equipar navios suficientes.

Sim, se o *Trafalgar* não tivesse encalhado, se aquela falésia não estivesse na sua rota um tanto desviada (aquele navio tinha uma direção ruim e desleixada, um dos navios

mais úmidos que já vi) teria continuado até a minha velhice, então eu teria cochilado, telegrafado, ouvido até ficar surdo, o que nesta profissão geralmente acontece antes dos cinquenta anos.

O naufrágio havia interrompido minha vida neste nível baixo e fácil. O choque teria me permitido dar a volta por cima, estabelecer uma vida própria em terra. Mas me afundei ainda mais, a inércia da minha raça, agravada ao longo dos anos, me arrastou para o ponto mais baixo. Apenas estava curioso para saber onde ficava o ponto mais baixo. E comecei a pensar no como, no porquê e de onde. E esse é um trabalho perigoso para uma pessoa que não está firmemente presa a laços familiares, é preciso navegar sem mapas náuticos e fazer sondagens em costa desconhecida.

Com meu dinheiro de emergência eu poderia morar neste hotel barato por alguns meses se não gastasse mais nada. Foi o que fiz e esperei para ver o que aconteceria se não fizesse mais nada. Naquele hotel, naquele quarto, morei muito tempo. Para o meu corpo, há muitos anos acostumado ao calor, tinha um grande atrativo: uma lareira. Quando o sol pálido se punha, empilhava as toras, acendia o fogo e sentava-me ao lado delas, na pose devota de um adorador do sol que se tornou adorador do fogo. A princípio adormecia, depois as noites se alongavam e experimentei vários tipos de licores. Minhas tentativas foram coroadas com sucesso? Respondo com o silêncio, que não é de “grandeza única”, mas o reconhecimento da derrota ignominiosa.

Não me lembro mais do ano da minha decadência mais profunda, mas deve ter sido no ano do grande terremoto que destruiu grande parte de Lisboa. Lembro-me porque foi isso que me deu a única sensação de alegria que tive na época. Era como a realização de uma vingança que esperava há séculos. Parece absurdo, mas foi assim. Eu gostava de cada notícia nova sobre as diversas mortes e a crescente destruição. Quando ficava escuro demais para ler, pegava o jornal e acariciava as colunas que descreviam a catástrofe até meus dedos ficarem pegajosos com a tinta da impressão. Então jogava o papel na lareira e enquanto ele queimava via casas se contorcendo, torres caindo, pessoas chamuscando. Então estalava e acabava.

Aos poucos fui melhorando. Pela única janela via o sol definhando, as últimas folhas marrons morrendo nos galhos estendidos das faias que gemiam à noite durante o meu sono. Durante o dia, às vezes caminhava pela curva da baía, na esperança de que o sol voltasse a brilhar forte sobre o promontório, mas nunca mais o vi. Eu tinha que me contentar com a lua, que às vezes deslizava acidentalmente por entre as nuvens à noite, então me sentava de novo diante do fogo e adormecia, acordava tremendo no meio da

noite, fitava as brasas brilhantes, cansado demais para me despir, rolava no colchão e continuava dormindo.

Um dia, uma mulher do passado veio até mim. Eu não sabia como ela tinha me encontrado e nunca perguntei. Ela simplesmente ficou ali. Às vezes eu a possuía com os olhos semicerrados, no chão ou no parapeito da janela, como me convinha, mas à noite não adormecia nem um minuto mais tarde por causa dela. O tempo nunca estava bom para sair. Eu sempre ficava lendo um livro sobre a história dos três impérios, pois tinha a vantagem de nunca acabar, porque ao chegar ao fim já se tinha esquecido o começo. A mulher – que estranho! – não sentia que eu vivia no reino das sombras, ela ficava bem satisfeita assim. Às vezes eu dizia que ela podia ir embora, mas ela permanecia.

Numa tarde ventou menos. Caminhei sozinho pela estrada até a grande cidade portuária de onde (há quanto tempo mesmo?) havia fugido. Então sentia que a doença que havia me dominado e me tornado impotente enquanto eu estava em terra, me tinha deixado, mas, estranhamente, não me sentia aliviado, mas muito solitário, como se um amigo de confiança tivesse partido para sempre sem se despedir. Nunca mais o veria no mundo. Isso não me deixava feliz? Mas era como se o vento sussurrasse pelas palmeiras finas, que não pertenciam a esta altitude, tampouco eu, e sussurrasse: “Partiu, partiu...” Fiquei encostado em um tronco durante muito tempo e cheguei em casa na calada da noite. Muito tempo depois, numa tarde, quando o clima e ela quase combinavam em cores: seus cabelos claros tinham a tonalidade da floresta murchas, seus olhos cinzentos eram iguais ao fundo do céu, sua voz não se elevava acima da chuva torrencial – eu escapei. A luz diminuiu e sua presença na sala não passava de uma sombra. Talvez a minha também, e ela não percebeu minha passagem; mas senti que meus poderes eram suficientes para chegar à cidade portuária.

O sol brilhou por um momento acima do horizonte, como se fosse uma vida vã que está prestes a se extinguir e arde pela última vez, como se uma corrente de ar brotasse da sepultura e a acendesse mais uma vez antes de devorá-la. O vento começou a tocar nas palmeiras e as folhas em suas fileiras. Lembrei-me de um paraíso que deixei deliberadamente, um jardim que descia até o mar, um verde eterno no murmúrio eterno, uma morada fresca suficiente para as sóbrias necessidades de um bem-aventurado. O que eu sempre ficava fazendo lá? Agora eu ficaria entediado, pois desde então estou condenado, mas não de acordo com as regras da crença estéril e sem esperança de que foram introduzidas lá nas costas do norte da Irlanda pelos ingleses dominantes (que têm uma vida terrena tão boa que podem imaginar a vida após a morte da maneira mais terrível

que quiserem). A fé dos miseráveis habitantes do litoral privou-os da única coisa que ainda podia dar alguma alegria às suas vidas, ainda que de forma ilusória. No sul e no centro da Irlanda, as pessoas vivem embriagadas e felizes, no Noroeste, sóbrias e miseráveis.

Não, ser condenado significa estar entediado em todos os lugares, exceto nos lugares mais miseráveis. Daí o desejo ardente por regiões polares, desertos e mares sem ilhas.

Caminhei sem pensar. De manhã estive em M...e , andei o dia inteiro pelo cais, à noite dormi atrás de alguns baús, acordei despedaçado, quase decidi voltar para S , onde havia pelo menos uma cama, lareira e silêncio. Mas caminhei outra vez ao longo do cais, um grande navio estava partindo, os guindastes já haviam parado de funcionar, mas as escadas ainda não haviam sido levantadas, um corpo foi levado para terra em uma maca. Avancei e ouvi: “Agora não podem navegar, o rádio tornou-se obrigatório. Não conseguimos ninguém qualificado.”

Rádio? Há quanto tempo não me sentava em uma cabine estreita com um auscultador nos ouvidos e uma chave na mão? Era muito difícil chegar às autoridades com minhas roupas esfarrapadas, mas quando desdobrei alguns papéis do bolso, com cuidado, pois estavam gastos e minha identidade e qualidade haviam sido reveladas, fui bem-vindo e prontamente convocado. Então deixei outra vez a velha existência para trás e me adaptei à anterior. Avançava, ou melhor, retornava, para os reinos abandonados do Extremo Oriente com um desejo no mesmo nível do ódio com o qual eu tinha partido.

Eu fazia meu trabalho de forma medíocre, devagar e às vezes perdia uma indicação importante, uma letra ou um número da cotação da bolsa ou um boletim meteorológico. Naquela época, não era obrigatório acompanhar as notícias, mas mesmo assim o capitão exigia que eu o fizesse. Ele era um desses infelizes que estavam fisicamente no mar mas seus pensamentos estavam em casa e em terra firme, e ele ficava ansioso até mesmo pela notícia mais insignificante. Então eu inventava roubos, efemérides, raptos. Às vezes me dava vontade de inserir fatos e períodos antigos como se fossem novos, como: 1502, circunavegação do Cabo, mas me continha.

O capitão, que a princípio me recebeu de maneira calorosa, tornou-se mais comedido e rude, passava sem me cumprimentar, pois muitas vezes nos cruzávamos, éramos os únicos ocupantes do convés superior.

O calor do Mar Vermelho não me incomodava. O Oceano Índico sem tempestades, ou melhor, quase totalmente sem vento, nesta parte do ano, estendia-se sob

todos os horizontes como uma leve camada de metal cinzento derretido. Mas eu me sentia confortável naqueles espaços quentes e escuros, era como se minha própria existência também tivesse se dissipado. Foi só depois de Colombo que voltei a me sentir oprimido, como se tivesse voltado às rotas antigas, que pensei ter abandonado de vez.

Antes o meu trabalho era medíocre, agora tornava-se decididamente inadequado, parecia que eu era surdo, não, surdo não, mas outros sons continuavam a perpassar pelos sinais que eu tinha de captar; será que se originaram no meu ouvido ou no espaço? Não sei, mas perceberam minhas notícias fictícias e que também eu havia registrado taxas e boletins meteorológicos completamente errados.

Portanto, em Singapura, recebi a oferta de uma passagem de volta em segunda classe, que recusei; com dificuldade consegui obter o reembolso das despesas de meio mês. Com um baú e uma mala, rastejei para o hotel mais barato e quente de Singapura, europeu apenas no nome, onde passei as tardes transpirando sob um mosquiteiro tão rasgado que tinha que olhar em todas as direções para tomar cuidado com os mosquitos. O tempo passava, meu dinheiro acabava, com meus últimos dólares fui a um concerto em que estava com uma vontade louca de ir: um violinista que tinha ouvido nos meus bons tempos em Brighton. Essa extravagância foi minha salvação. Durante o intervalo, esbarrei em um passageiro britânico para quem, contra os regulamentos, mandei um telegrama em código (eu sempre era muito bom em transmitir!). Quis passar por ele dando uma breve saudação. Por experiência própria, eu sabia do grande desprezo que os britânicos têm pelos mestiços – eles sempre me tomavam por um, por causa da minha cor e dos meus olhos – mas pareceu que ele notou como eu estava, veio até a mim e falou comigo. No dia seguinte, ele me ajudou a recuperar minha autoestima, me deixou ficar com ele em um hotel da moda em Singapura e me adiantou um dinheiro para um terno novo. (Sempre resisti, mas é verdade: vestir-se e barbear-se bem levanta mais o moral do que passar uma noite inteira lendo Goethe ou Confúcio, sem falar na Bíblia).

Dois dias depois, consegui um lugar em um pequeno barco costeiro que transportava carga entre os portos de segunda categoria, o que era comum em Nimpó, mas nunca chegava a Xangai ou Manila, as duas metrópoles cobiçadas pelo marinheiro errante e embriagado. Os oficiais tinham se adaptado completamente; exceto o segundo oficial, que colecionava porcelanas e até se dava ao trabalho de gastar seu salário em antiquários em cerâmica sem valor, e o terceiro oficial, que tinha colocado na cabeça encontrar uma virgem e que ia às casas e aos barcos de flores para buscá-la, ninguém jamais pôs os pés em terra. O capitão ia e voltava do escritório de riquixá; durante o dia

os mercadores subiam a bordo com tudo o que um marinheiro precisava, e à noite vinham com suas sampanas para alugar suas filhas. Para a maioria, a costa era um território desconhecido; eles viviam no navio como se fosse em um pequeno asteroide, onde a vida era diferente. As pessoas comiam, bebiam e respiravam, mas quase não falavam ou andavam. Como se o pequeno espaço que restava no convés entre os guindastes e as escotilhas ainda fosse grande demais, todos ficavam amontoados em sua cabine – no inverno ao lado de um aquecedor de parafina, no verão sem ventilador, bebendo grogue quente no frio e no calor, porque a bordo não havia gelo e no calor bebida quente é melhor do que morna. Alguns passavam dias jogando cartas, no começo eu também jogava e bebia, mas desisti logo do jogo pelo motivo válido de que meses antes eu tinha perdido meu salário. Continuei bebendo até o dia em que percebi que minhas mãos tremiam ao operar os aparelhos e o zumbido nos ouvidos quase abafava os sinais.

Então também parei de beber, durante uma semana me senti como um trapo, e tomava café dia e noite. Finalmente me recompus. Também tive que parar de fumar. Mas de que vale a vida se a pessoa não está escravizada a algum vício, especialmente em um navio de ferro imundo, onde não há nada, nem um arbusto, nem um pássaro, algo que evidencie outra vida? Na verdade, zarpar deve ser equivalente a viver em uma intoxicação contínua, todos os outros também seguiam esse código moral, mas eu tinha que manter contato com o mundo exterior, não podia desmaiar, enquanto um timoneiro, desde que tivesse os olhos abertos, podia distinguir luzes e definir linhas de rotas, e um maquinista experiente no serviço nos trópicos que fica 90% do tempo cochilando em seu sofá consegue detectar uma avaria graças a uma pequena irregularidade no estampido dos motores. Bem, talvez eu tenha injusto com esses senhores, mas eles também me fizeram mal, então não peço perdão.

Mas eu tinha roubado um frasquinho com um líquido marrom da farmácia; quando o vazio da vida que levava me deixava tonto, tomava algumas gotas; então uma apatia benéfica tomava conta de mim. Fazia muito bem o meu trabalho. Sentia como se estivesse dentro de uma parede de lã, onde penetravam apenas os sons que eu tinha que ouvir.

Invejava os passageiros da terceira classe que aspiravam o mesmo prazer na forma de leve fumaça; quando eu afundava na apatia, eles flutuavam na leveza. Via nos seus rostos felizes e na indiferença com que morriam quando contraíam cólera ou disenteria.

À noite, às vezes eu via o navio inteiro aberto diante de mim como um favo de abelha de uma colmeia sem tampa. Na ponte, o terceiro timoneiro ficava em um canto e fumando; em sua cabine, o capitão ficava com cotovelos na mesa e um copo na sua frente.

À direita, as cabines dos timoneiros, o primeiro estava dormindo, o segundo estava deitado no sofá, com um livro pornográfico dançando acima dele. À esquerda, as cabines dos maquinistas: o primeiro engenheiro lia a Bíblia, os óculos na ponta do nariz, o segundo tricotava meias ou trançava tapetes, sem saber que revelava sua vocação feminina, que julgava ser bem escondida; o terceiro maquinista de plantão no fundo do navio, na luz esfumada e no cheiro de óleo, sempre enxugava com estopa de limpeza o suor na cabeça já calva. No castelo de proa, os marinheiros, amontoados, dormiam. Na popa, reuniam-se os verificadores de mercadorias, jogavam mah-jong em uma longa mesa baixa. No escuro do entre os conveses, uma multidão apertada, deitada em seus baús e cestas de repolhos e gaiolas, com os membros encaixados uns nos outros, fazendo suas necessidades onde estavam, quase não aguentando seu próprio fedor. Sob as áreas escuras onde ficavam os sacos de açúcar e feijão, os ratos corriam para lá e para cá, as baratas roíam e corroíam a parede; do outro lado o mar era habitado por peixes e moluscos, os cascos eram como nuvens e suas luzes eram como baixas constelações. E ao redor de tudo, a noite e o firmamento. O que um navio à noite tem a ver com o mundo? Mesmo os pensamentos de quem estava a bordo não se focavam mais nisso.

E foi nessa época de desoladora liberdade, quando eu estava afastado da terra, o máximo que havia desejado antes, ou melhor, mais ainda, que comecei a desejar outra vez ter algo ao que me apegar, outra vida, já que a minha não era o suficiente para satisfazer minha alma. Minha vida também não tinha nada para se alimentar, manter e se sustentar; minha descendência era incerta, meus pais eram indiferentes, meu país era hostil. Tinha perdido a amizade do mar, que tanto me fazia bem, antes ouvia o murmúrio do navio como um encorajamento, agora era como um lamento.

Certamente meu egoísmo foi satisfeito ao longo dos anos, eu me libertei do pouco que me prendia. Comecei a ansiar por uma força que se apoderasse de mim; havia pouca esperança de ser uma mulher: onde poderia vê-la? Antigamente eu ficava no convés de passeio, às vezes uma mão esbelta me estendia um telegrama e pela pequena escotilha eu via parte de um rosto doce, um olho, uma orelha, uma mecha de cabelo. Agora só havia mulheres com casacos pretos e calças compridas azul-índigo, um sorriso rude.

Então não era mulher! O que era, então? Uma alma neste estado, a salvo de influências externas, torna-se presa fácil para os demônios que, como saprófitos, querem se nutrir de um ser vivo. Mas não há fantasmas no mar, pelo menos, era no que eu acreditava firmemente. E essa ausência, ou essa fé, me salvou por muito tempo, quando

ansiava pela libertação do meu vazio e não teria rejeitado nem o mais perverso deles. O mar me salvou, sim. Mas eu não era grato ao mar.

SÉTIMO CAPÍTULO

I

A masmorra era profunda, pois ele havia descido inúmeros degraus, mas não sabia onde o subterrâneo tinha começado. Não viu sol nem lua, a noite era negra, o dia era um crepúsculo cinzento. Uma vez a cada vinte e quatro horas, em algum momento da manhã, o guarda trazia-lhe comida e um jarro de água, que, depois de algumas horas, ficava turva e intragável, de modo que depois de algumas vezes começou a bebê-la de uma vez só. Sua contagem do tempo baseava-se na chegada do guarda: um risco na viga, que podia tatear depois. Quando os riscos formaram uma longa escada, ele perguntou ao guarda quando seria sua vez. Este balançou a cabeça. Quando? Primeiro os infanticidas. Depois os desertores.

Então implorou por mais luz. Ele tinha mais uma moeda de ouro e queria dá-la. Mas o guarda recusou e foi embora. Envergonhado e cansado da vida, deitou-se com o rosto virado para a parede. Quando ele olhou para cima, muitas horas depois, um estreito feixe de luz caiu sobre seu rosto, um feixe de água fresca da nascente não poderia ter sido mais revigorante. De onde tinha vindo a luz? Será que o guarda lá em cima tinha removido uma pedra, de modo que a luz encontrou um caminho estreito e reto? Ou o sol ou a lua atingiram uma posição no firmamento onde a luz incidia através de corredores meio desmoronados? Ele achou que foi este último. Então a luz logo desapareceria novamente. Ele queria saborear cada momento, beber. Mas a luz despertou-lhe outro desejo, e ele começou, a princípio meio a contragosto, a escrever, talvez para posteriormente saber, tatear o que foram essas horas de luz, talvez também para se manter acordado enquanto durasse. Então ele se censurava outra vez por não aproveitar puramente a luz, em vez de usá-la para escrever. E ele se sentava e olhava para ela e pensava sobre ela sem se mover. Mas uma grande barata passou por cima de seu pé, poderia apanhá-la agora que estava claro e matá-la; ele foi tomado pelo grande desejo de purificar sua cela. Começou uma caçada, mas havia muitas, cada vez mais baratas surgiam dos cantos da cela. E de repente ficou escuro. Ele se censurou por usar mal a luz divina e resolveu adorá-la sozinho quando ela voltasse. Mas o dia seguinte também alternou entre poesia e caça de bichos.

Doze dias depois do encarceramento, ele teve que subir novamente as escadas e ficou vendado em uma sala, que ainda estava meio escura e onde juízes vestidos de negro estavam sentados atrás de uma mesa verde. O próprio Campos o interrogou.

Afirmou que sofreu um naufrágio, tinha um ferimento na cabeça, não se lembrava do seu nome nem de sua patente e que tinha caminhado de uma parte remota da costa até Macau, cuja luz viu ao longe à noite. Não conseguiram arrancar mais nada dele e logo ele foi levado embora de novo. Ele esperava ser recrutado para as tropas como um soldado comum, então poderia desertar e voltar para a ilha. Mas foi decidido outra coisa. Ele foi reconduzido escada acima, empurrado para a sala do tribunal, e encarou o rosto odiado do capitão, que nunca tinha pensado em revê-lo em terra, sentado ao lado de Campos. “Lembrou do seu nome?”, ele perguntou. “Sei quem fui, Luís Vaz de Camões, mas graças à malevolência dos ressentidos, agora sou um anônimo.”

“Não, pela vontade do Rei. O senhor é perigoso para o estado e culpado de lesa-majestade, deve permanecer preso.”

“Alto”, gritou Campos. “As leis são aplicadas de forma um pouco diferente aqui. Aqui, todo homem vale alguma coisa. Ele vai se alistar.”

“Ele é um desertor.”

Camões tornou-se combativo, incitado pelo capitão.

“Foi uma deserção que, depois de ter sido levado à um trecho remoto da costa, vim andando até Macau com as minhas últimas forças?”

Mas não foi mais longe, pois Campos deixou que o levassem. À noite, ele visitou sua cela. Uma lanterna foi colocada em um canto, a luz vermelha caiu sobre Camões. O próprio Campos ficou no escuro.

“O que viu do outro lado?”

“Chineses, suas casas e seus túmulos. Principalmente este último!”

“Não tinha uma mulher branca escondida em algum lugar? Uma donzela de alto nascimento está desaparecida há três semanas; acredita-se que tenha sido sequestrada pelos chineses. Será uma vantagem para o senhor se puder dizer algo.”

Camões balançou a cabeça.

“Não sabe nada? Deve saber. Caso contrário, o senhor será torturado junto com os dominicanos.”

Camões apontou para a impossibilidade de um naufrago encontrar um prisioneiro de sua raça em um imenso país desconhecido. Pelo contrário, se os chineses a tivessem sequestrado, certamente a teriam escondido dele. Mas Campos não entendeu o motivo, parecia ter herdado da Inquisição, ou sido avisado por instinto de que Camões tinha tido contato com a fugitiva. Seu rosto havia revelado alguma coisa? Alguma coisa dela tinha se agarrado a ele? Ele não a tocou, mas a sentiu mesmo assim. Ele invejava os chineses

por suas feições rígidas, mas ele mesmo não sabia que, devido a todo o sofrimento, suas próprias feições haviam adquirido quase a mesma imobilidade. Ele temia a tortura, sabia que tinha sido valente na guerra, tinha permanecido calmo em um terremoto em Lisboa.⁹⁹ Ele até se alegrou com o furacão que afundou o *São Bento*,¹⁰⁰ mas se encolheu de desgosto com a ideia de se permitir ser torturado sem defesa. Ele imaginou o que faria se realmente não soubesse de nada. Nas primeiras dores provavelmente contaria uma história, ele era criativo o suficiente. Mas agora que ele sabia... Indicar para um lugar o mais distante possível do verdadeiro? Não, agora que sabia, ele tinha que se calar. Tentou reunir resistência ficando imóvel na parede, depois cansando-se com movimentos musculares excessivos, mas seu corpo fraco não aguentava, nem a estreiteza da cela o permitia.

Quando o guarda entrou, ele estava meio atordoado em um canto. Ele deu um pulo, pensando que já viriam apanhá-lo. Mas o guarda, um velho chinês, Kwan-tung, parou na frente dele e estendeu um pouco de pó marrom em uma folha de salgueiro. Camões ficou olhando, sem entender a princípio que aquilo era um pó que tornava a pessoa insensível a todas as dores. Finalmente percebeu, então perguntou a que devia o favor. O vigia deixou claro para ele que achava justo torturar infanticidas, mas não um náufrago, que pertencia ao poder da deusa A-Má, que acalma as tempestades e salva os pescadores, e de quem ele havia sido sacerdote. Não havia mais informações a serem extraídas. Camões pegou o pó. Logo em seguida se sentiu afundando calma e languidamente em uma grande sensação de bem-estar. De repente, um choque de desconfiança percorreu seu corpo. Será que Pilar ouviu falar de seu aprisionamento e, por intermédio de sua ama,¹⁰¹ entregou o veneno nas mãos do guarda, com ordens de torná-lo inofensivo? Por qual outro motivo esse velho mongol seria tão compassivo, contra a natureza dos chineses, que valorizam a tortura como uma obra de arte? Será que Pilar estaria tão ansiosa por segurança que calmamente mandou matá-lo na masmorra? A dor se transformou em ódio, mas também desapareceu repentinamente. Ela não lhe faria nenhum favor, mesmo se o matasse agora? Camões espreguiçou-se, o chão rochoso tornava-se aveludado, o telhado baixo, coberto de teias de aranha, tornou-se um céu

⁹⁹ Em português, no original. (N. do T.)

¹⁰⁰ Na edição original, Slauerhoff comete um erro de continuação, diz *Mãe de Deus* ao invés de *São Bento*. O erro foi corrigido na edição restaurada de Kees Lekkerkerker, o que mantivemos também. (N. do T.)

¹⁰¹ Em português, no original. (N. do T.)

salpicado de estrelas, entre as quais brilhavam também os olhos dela, e tudo se tornou uma luz longínqua. Ele se deixou dormir ou morrer, uma das duas coisas acabaria acontecendo.

II

Era a maior e mais iluminada sala que Camões havia pisado em tempos imemoriais. Os instrumentos de tortura estavam no centro. Ele não entendeu a finalidade de muitos deles. O carrasco e seus ajudantes ficaram em uma postura terrivelmente tensa, como se vigiassem os instrumentos e temessem que pudessem ser retirados dali no último momento.

Ali estavam os dominicanos, acorrentados juntos em um canto, pareciam mais calmos. Como sempre, eles usavam batinas desgrenhadas e sandálias, conversavam baixinho, mas animadamente, como se estivessem envolvidos em um discurso teológico. A maioria era estrábica e semicerravam os olhos uns para os outros, como se confiassem apenas parcialmente uns nos outros. Isso era tão inadequado para a situação em que podiam esperar apenas um pouco de apoio um do outro, e mesmo assim apenas moral, que a princípio Camões não entendeu e pensou que na primeira tormenta eles se trairiam. Um deles também tinha uma voz estridente, que falhava quando sussurrava roucamente. Só mais tarde percebeu sua paz interior deles. Entre eles, um dos juízes gritou: “Silêncio!” E uma vez o capitão, que também estava presente, disse: “Em breve o senhor cantará diferente.”

Os juízes estavam sentados sob a luz que vinha pelas janelas gradeadas sob o teto.

Por trás daquelas janelas, Camões viu passar incontáveis pés: os de feltros macios dos chineses, os de pés de cabra de suas esposas; em um número muito menor os sapatos de couro duro dos soldados e duas ou três botas cor de camurça com longas esporas de prata.

Nunca tinha visto tantos habitantes de Macau. Durou talvez alguns minutos, durante os quais os juízes organizavam processos e pareciam fazer apostas. Ele quase não foi notado.

Então Campos deu o sinal ao carrasco, os ajudantes aproximaram-se dos monges, mas eles caíram de joelhos, o prior fez uma oração com força, mas nenhum ajudante estendeu a mão para eles. Camões se perguntou o que seria mais eficaz contra a tortura, seu pé ou aquela oração. Campos mandou dizer Amém, para começar, e logo os padres pairaram no teto com pesos pesados nas pontas dos pés.

Não havia lugar para Camões ser pendurado e, para passar o tempo, puseram-lhe esmagadores de polegares. Seus tornozelos também foram presos em aparelhos afiados. Houve um silêncio mortal, exceto dos pesos estalando uns nos outros, de vez em quando,

com um som metálico surdo, e de Campos gritando em intervalos regulares: “Confesse, confesse!”

Por fim, um jovem padre começou a gemer baixinho.

“Confesse”, gritou Campos. “Fale a verdade e liberte-se dessas dores e das dez vezes piores que virão. Confesse.”

Os escrivães já mantinham suas penas no papel. Mas o prior o advertiu, falou de Padres da Igreja que tinham sofrido coisas muito piores, implorou-lhe que não perdesse sua salvação por causa de algumas horas de angústia terrena e não traísse sua inocência.

Mas o jovem padre, cada vez mais torturado, sucumbiu, admitindo que os filhos de Lou Yat haviam sido atraídos para o mosteiro. Mas não sabia o que havia acontecido com eles.

“Mas ouviu gemer, não é? Viu alguém enterrando alguma coisa no jardim?”

“Sim, sim”, gritou a vítima, “me solte, eu vi, eles os enterraram. Me solte.”

“Ele está mentindo”, gritou o prior. “Não temos relação com isso, me torturem até eu morrer, nenhuma mentira sairá da minha boca. Ele é um covarde que quer se salvar”.

“Não, ele é inteligente. A evidência é esmagadora, não adianta mais negá-la. Quer revogá-la?”

“Não, não, me soltem, já falei isso!”

Todos foram libertados. Um auto foi lido, mas a maioria não estava ciente de mais nada, encostou-se na parede ou caiu no chão. E Camões estava quase esquecido, também não tinha feito barulho. Campos aproximou-se dele.

“E o senhor, confesse também, assim teríamos tudo o que precisamos saber.”

Mas Camões sorriu, balançou a cabeça e não respondeu. O sangue escorria de seus polegares.

Ele acordou com uma estranha sensação de calor no rosto. Não conseguia entender o que era e continuou deitado, com medo de abrir os olhos. Ao mesmo tempo, sentiu uma dor surda nos polegares e nos tornozelos. Finalmente abriu os olhos com dificuldade. Ele estava deitado em uma cama em um quarto espaçoso e iluminado. Uma cadeira e uma mesa estavam perto de uma janela. Ele caminhou em direção a ela e viu ao longe o mar e algumas ilhas no horizonte. Sob a janela, não encontrou chão. Novamente estava longe da terra, não mais na escuridão abaixo, mas na luz acima.

A água, trazida por outro guarda, era límpida e não estragava se não fosse tomada, a comida era boa. Depois de três dias ele conseguiu se levantar, passou o primeiro dia

olhando para o outro lado do mar nas ilhas distantes, para as quais um navio solitário às vezes cruzava. Também pediu uma explicação ao guarda. Este não respondeu nada. Eles queriam induzi-lo à traição por meio de um bom tratamento? Ou esperavam que o Rei revogasse sua ordem?

Em uma manhã, ele também encontrou seus papéis. Recomeçou o trabalho e, em tranquilidade imperturbável, face a face com o mar, escreveu sobre as aventuras dos navegadores no jardim das Hespérides, onde se alimentavam de frutas e os acariciados esqueciam as agruras de suas andanças.

Certa manhã, todos os seus papéis haviam desaparecido outra vez. Ele pressionou o guarda com perguntas, agarrou-o. Mas este realmente parecia ser surdo e mudo, e pertencia mais ao submundo do que àquele lugar luminoso. Passou um dia com um pressentimento assustado, já não conseguia se conciliar à tranquilidade do mar através do olhar pensativo. Tarde da noite dormiu por várias horas, sentado. E ao acordar, tudo estava diante dele. Mas uma folha do jardim das Hespérides estava enrugada e manchada. Ele queria continuar, mas era como se seu trabalho tivesse rompido, ali, naquele lugar. Uma suspeita ansiosa não o abandonava, não ousava mais pensar em Pilar.

Por fim, ele se atreveu a ler o que tinha escrito. E viu: sem saber, o jardim mitológico começou a se parecer com o do outro lado. Uma fúria contra a poesia, maior do que ele jamais tinha sentido em sua juventude, subiu-lhe pela garganta. Servia apenas para divulgar segredos, para fazer do escritor um traidor de seu próprio íntimo, justamente daquilo que ele mais queria esconder e preferia enterrar sob a terra. Mas não podia ser, Campos não era uma mente tão sutil para ter pensado nisso, nessa possibilidade!

Assim Camões, mais preso do que nunca, ia e vinha entre a janela e a cama, entre a esperança e o medo, entre a angústia e o alívio. E essa tortura, pior do que a que seu corpo já havia sofrido, durou mais seis ou sete dias. Não comia mais, não escrevia mais, olhava o mar pela janela e ansiava pelo esquecimento.

Em uma tarde, entraram com o guarda um oficial subalterno e um servo carregando apetrechos e os puseram ao chão, diante de Camões. O oficial leu uma carta, um mandado. Camões integraria a escolta como soldado, acompanharia a embaixada a Pequim e deixaria Macau naquela mesma tarde. Camões não se mexeu para se preparar. O oficial aconselhou-o a fazê-lo, caso contrário seria levado acorrentado em uma viagem de três dias a Macau. Continuou esperando. Camões se vestiu.

III

Uma tribuna florida havia sido erguida diante do portão que separava a península portuguesa do império chinês. O Senado¹⁰² de Macau e os oficiais superiores e suas mulheres assistiriam dali a embaixada passar. A procissão aproximava-se ao longe, Metelho, chefe da embaixada, estava sentado num palanquim, que pendia nos ombros de oito carregadores. Atrás, a cavalo, quatro emissários acompanhantes. Vinte cúlis estavam carregados de presentes para o imperador. A escolta, que rodearia a embaixada nas áreas perigosas, viria atrás.

A procissão parou em frente à tribuna. Apenas os emissários foram autorizados a se despedir de suas esposas, o que fizeram de maneira rápida e forçada; as mulheres curvaram-se sobre a balaustrada e abraçaram os maridos, que ficariam ausentes por um ano ou para sempre. Isso não durou muito, pois algumas cornetas soaram e todos voltaram ao seus lugares. Campos e Metelho trocaram cumprimentos formais, e este último recebeu ordens seladas. Um padre abençoou os cinco emissários e salpicou água benta sobre os baús de presentes. Os soldados não participavam das cerimônias, de trás podiam ver apenas a tribuna. Camões estava entre eles, olhando fixamente, esforçando-se para não ver nada. Ansiava apenas pelo momento, muitos dias depois, em que estaria fora da atração de Macau, quando tudo estaria acabado para sempre e o vazio amarelo estava à sua frente.

Foi dado o sinal para a partida, todos começaram a se mexer, ele passou de cabeça baixa pela tribuna. Mas, ao passar pela seção intermediária, foi emoção demais para ele, viu Pilar na segunda fila, pálida, de branco, ao lado de Ronquilha, ruivo e gordo, com farda estatal. Eles se entreolharam. Ele queria gritar: “Não te traí”, mas imediatamente sentiu: na verdade, te traí. Ele abaixou a cabeça e deixou tudo como estava. Ele passou.

A primeira marcha o esgotou. Mas cinco dias se passaram antes que o cansaço de seu corpo e a dor de seus pés feridos fossem fortes o suficiente para erradicar a dor em seu cérebro. Depois de vários dias, após ter caminhado para além da fadiga, seu passo tornou-se mais leve, sentiu a atração do desconhecido se abrir diante dele e o

¹⁰²

Em português, no original. (N. do T.)

arrebatamento da longa jornada por um país no qual ninguém de sua raça havia penetrado antes.

Eles marcharam após o início da noite à luz da lua cheia, sob a qual o país se estendia incolor e levemente ondulante. Poucos vilarejos estreitos, bosques de bambu raquíticos e túmulos em ruínas jaziam estranhos e austeros neste vazio. Logo a ordem de marcha se dissolveu: ainda era possível se verem a horas de distância. Mais tarde, quando a população se tornou mais densa, o terreno mais montanhoso, e a segurança ordenava manterem-se unidos, a disciplina já havia afrouxado demais; Metelho não tinha autoridade suficiente sobre os soldados. Muitos sofriam de diarreia, dois dos quatro guias chineses já haviam morrido. Metelho, prevendo o perigo de ficar sem guias no interior desconhecido, profundo e hostil, tentou recrutar novos: em vão; em todos os lugares, a falta de vontade de ir para o desconhecido Norte era tamanha que nem grandes somas de dinheiro despertavam seu desejo. O terceiro guia chinês também adoeceu. Para encontrar o caminho de regresso, pelo menos em caso de emergência, todas as tardes, Metelho mandava erigir uma lápide com a inscrição: “Aqui passou a primeira embaixada portuguesa não tributária.” Com a data e a posição do sol. Era difícil encontrar voluntários para este trabalho quente, Camões sempre era pressionado a fazê-lo. A população não era hostil, antes receosa, mas isso dificultava o contato com eles e a obtenção de alimentos. Quando a procissão acabou, eles cercaram as pedras com pedregulhos para privar as letras de seu poder.

A tropa se desfazia cada vez mais, toda misturada. Apenas Metelho e um erudito jesuíta, que viajavam a fim de permanecer na corte de Pequim e introduzir a religião com os princípios da astronomia, mantiveram suas liteiras lado a lado e conversaram no caminho.

Uma vez por dia Metelho chamava Camões à sua liteira e, mal erguendo a cabeça para o lado, perguntava se tinha alguma queixa. Camões respondia então que, assim como os outros soldados, não se queixava de nada, apenas da comida insuficiente, e, igual a todos os outros, sabia que a culpa não era de Metelho. Então Metelho tentava ser mais íntimo, queria saber alguma coisa do passado de Camões, falava num tom de igual para igual, perguntava-lhe sobre as condições da corte onde tinha estado uns anos antes de Camões. Mas Camões fingia ter se esquecido de tudo. E então Metelho, no mesmo tom altivo com que tinha iniciado a conversa, dizia que ele podia voltar à tropa. Uma vez Metelho ordenou que cantassem para manter o ritmo da marcha. Mas a melodia arrastada das canções folclóricas portuguesas abrandou o ritmo e deixou os homens desanimados e

com saudades da pátria. E os europeus não conseguiam acompanhar os chineses cantando, confusos e cacófonos. Um dia depois desistiram de tentar e seguiram em um silêncio mais opressivo do que antes; o país também estava mais silencioso, nenhum gongo soava como uma tempestade monótona à distância e nunca mais se depararam com um funeral barulhento.

No entanto, os vilarejos cresceram e se tornaram mais numerosos, muitas vezes se fundiam; um dia as casas não tinham mais fim, não dava mais para ver a planície e, finalmente, o último guia chinês que eles contrataram admitiu que haviam chegado a uma cidade que não conhecia o caminho. Atrás das casas viram uma muralha alta e negra, onde deveria estar a cidade murada. Mas como contorná-la? Numa espécie de praça, Metelho mandou parar e se reunir, mas as trombetas foram abafadas por flautas estridentes e uivantes, que soavam no interior das casas. Coelho, chefe da guarda da embaixada, ordenou aos dez mosqueteiros que tinha consigo que disparassem algumas salvas para o ar, esperando que os que ficaram para trás ouvissem e que o povo, que vinha de todos os becos que davam para a praça, forçadamente, fugisse.

Mas de todos os lados as erupções responderam mais ferozmente do que os tiros de canhão, no qual eles pensaram primeiro; em pânico, esconderam-se atrás e dentro dos montes de lixo que transformavam a praça de lama em um terreno acidentado. Mas ninguém foi atingido e, finalmente, eles viram que haviam se sujado por nada e foram ridicularizado perante a população. Milhares de cabeças sorridentes e gritos estridentes mostraram que os medos dos bárbaros brancos haviam sido percebidos e que os fogos de artifício, que nem uma criança de dois anos ligava mais, os aterrorizavam. Furioso, Coelho quis disparar contra a multidão, mas felizmente Metelho parou-o a tempo.

Ficaram amontoados, indecisos: nem Metelho nem Coelho sabiam o que fazer. Camões gritou-lhes que avançassem mesmo assim para as ruas mais largas, depois poderiam tentar refazer a direção com a bússola. Coelho mandou-o calar a boca, mas Metelho apegou-se ao seu conselho: qualquer coisa era melhor do que ficar parado e eles avançarem. Os chineses permitiram que eles saíssem em silêncio, sem tentar cercá-los. Os fogos de artifício também pararam. Eles foram tomados por demônios e sua partida foi o suposto resultado dos sopros das flautas e fogos de artifício e sabe-se lá quantas orações. Todas as janelas e portas estavam fechadas, apenas o cheiro de comida podre e muitos corpos amontoados provavam que não estavam passando por uma cidade morta.

Depois de três horas, chegaram à alta muralha negra que tinham visto ao longe. Ao redor havia um fosso profundo e seco, torres de vigia saltavam da parede lisa a grandes

distâncias em formato semicircular; era como se estivessem diante de um de seus próprios castelos, apenas dez vezes mais alto e infinitamente mais amplo. Pararam perto de um grupo de árvores nuas. Estava faltando doze homens, quatro retornaram durante o dia, um contou que tinha sido torturado, o outro disse que tinha sido atraído por uma mulher e que ela o deixou ir embora apenas depois de possuí-la, e os dois restantes tinham ficado completamente inconscientes.

Na manhã seguinte Metelho quis se separar e dar uma volta pela cidade. Mas o guia chinês o impediu, a cidade era imensamente grande, ele teve que enviar uma embaixada ao mandarim e pedir permissão ao mandarim para atravessar. O guia fez um gesto para uma das torres de vigia, abriram um portão estreito acima da beira do canal. Apenas Coelho e dois soldados tiveram coragem de entrar. Um dos baús foi retirado dos presentes imperiais.

Demorou três dias para que o muro se abrisse novamente e deixasse os mensageiros saírem. A resposta do mandarim foi: a embaixada seria escoltada por Hunan até as margens do lago Dongting, o poder do mandarim não se estendia além disso. Mas primeiro a bandeira com a orgulhosa inscrição teve que ser baixada, não havia países que não fossem tributários e sujeitos ao imperador. Então os bárbaros seriam conduzidos pela cidade, mas eram indignos de contemplar o esplendor da eterna Siang Tan: seriam conduzidos pelas ruas e ao longo dos palácios com os olhos vendados. Caso contrário, eles teriam que contornar as muralhas, o que levaria muitos, muitos dias.

O conselho foi realizado. Por causa do incidente, a hierarquia foi deixada de lado, todos deram sua opinião. A maioria deles, para encurtar o caminho, estava disposta a ceder e se deixar levar pela cidade, embora fosse humilhante. Mas Metelho e Camões e mais alguns persistiram; preferiam ficar fora da cidade do que com os olhos vendados para se render ao poder deles. Uma vez dentro daqueles muros, quem garantiria que sairiam de novo?

A minoria venceu e no dia seguinte, precedidos por quatro guias e seguidos por uma grande tropa de soldados, avançaram lentamente ao longo da muralha. As distâncias entre as torres eram ora meia milha, ora cem metros. A muralha era alta em todos os lugares, mas em um ponto onde havia desabado pela metade, eles tinham uma visão da cidade que se estendia para dentro, até onde a vista alcançava.

A noite chegou, não houve descanso. Os portugueses esperavam retornar à planície ao amanhecer. Lanternas estavam acesas nas torres, o barulho na cidade não morreu nem por uma hora. Ao amanhecer, a perspectiva ainda era a mesma, grupos de

casas espalhadas de um lado, o fosso seco, a muralha, as torres, de outro. Atordoados e desanimados, os portugueses avançavam; um rebanho entre os guias mudos iam à frente e os vigias cem metros atrás. De repente Camões, que agora andava ao lado da liteira de Metelho, parou, deu um grito e apanhou um pano onde tinha amarrado uma pedra. “Alto!” Metelho colocou a cabeça para fora da liteira, depois levantou-se completamente.

“Nunca vamos sair daqui. É como eu pensei. Ontem, ao anoitecer, joguei esta pedra com o pano. Somos constantemente conduzidos pela cidade para nos impressionarmos com seu tamanho. Façam os guias de reféns.”

Os soldados agarraram os guias, a tropa chinesa correu para libertá-los, mas alguns tiros os mantiveram afastados; não houve luta.

Sob ameaça de morte, com um mosquete na orelha, os guias os conduziram para longe da cidade. A bandeira foi desenrolada novamente. Eles não olharam para trás, foram cada vez mais rápido. Eles só puderam descansar à tarde, ninguém conseguia continuar. A cidade, que parecia tão insuperavelmente grande e alta, agora estava baixa e insignificante no horizonte sob o sol poente, uma grande nuvem poderia cobri-la.

Eles marchavam diretamente para o norte, muitas vezes sem estradas, cruzando planícies rochosas quebradas, cruzando arrozais moles, no início sentindo-se bem com os pés feridos, mas logo ficou insuportável, pois a cada passo tinham que puxar os pés para sair do lodo. Finalmente chegaram a um rio estreito, segundo os guias era um braço do Yangtzé, segundo outros terminava no lago Tung Ting, em todo caso dava para segui-lo. Acamparam; enquanto os doentes descansavam, os outros foram procurar barcos. Depois de uma semana voltaram com quatro cascos estreitos, com espaço só para menos da metade. O resto seguiu à pé pelas margens. No início, os barcos avançavam lentamente, por causa das curvas e da correnteza lenta, os pedestres já estavam no acampamento há horas quando chegaram. Mas logo a correnteza ficou mais rápida e reta, os barcos sumiam de vista e, muitas vezes era meio da noite antes que os que estavam em terra os alcançassem. E por fim, numa noite, Camões e os dez soldados que caminhavam não viram os barcos de jeito nenhum, nem mesmo pela manhã. Abandonados à própria sorte, eles ficaram na à beira de uma enorme extensão de água amarela. Não havia sinal do outro lado, nenhum vestígio dos barcos. Eles ficaram esperando. Os barcos tinham atravessado o lago ou virado? Uma vez viram alguma coisa negra ao longe, se aproximando, e, ao anoitecer, um dos soldados nadou em direção àquilo. Era um dos barcos. Perdido ou abandonado?

A discórdia surgiu outra vez. Metade dos soldados embarcou para encontrar a embaixada. Eles não voltaram. Camões sentiu reviver uma ansiedade que julgava morta. Ele estava livre novamente, sozinho no grande reino. Poderia ir aonde quisesse. E ele voltou, acompanhado de alguns outros, para chegar de novo a Macau, ou para morrer na distância da planície desolada.

E chegou o dia em que Camões, sem companheiro, com pouca água e sem comida sobrando, sentou-se diante de uma das pedras que tinha ajudado a erguer no caminho para lá. Ele tinha todo o espaço do céu e da terra para si, ninguém mais veio perturbá-lo e atormentá-lo. Lisboa,¹⁰³ Macau pareciam tão distantes quanto estrelas apagadas, e igualmente longes no passado.

E mesmo assim isto foi outra prisão.

Mas ele não se preocupou, sentou-se em silêncio, encostado na pedra. Quando o sol ficou muito forte ao meio-dia e tornou-se muito perigoso, ele se arrastou até um bambuzal. De lá, ele emboscou um camponês que passava, espancou-o até deixá-lo inconsciente, roubou-lhe o estoque de comida e água e vestiu suas roupas. Fez tudo isso calmamente. Ele tinha vindo para a China como soldado; não ficou comovido pelo fato de seu primeiro ato ali ter sido o de um bandoleiro. Inexpressivamente, ele se dirigiu para o sul. Ao amanhecer, ele olhou para trás outra vez; o bambuzal e a pedra ainda pareciam estar por perto. Ele apressou o passo, não olhou para trás, mas sentiu que logo alguém viria para ocupar seu lugar perto da pedra, que ele mesmo se perderia no deserto.

¹⁰³ Em português, no original. (N. do T.)

OITAVO CAPÍTULO

I

Essa vida continuou assim durante anos, raramente desembarcava, perdi contato com a terra, como tantos outros que navegam. De vez em quando recebia notícias: guerra entre a Bolívia e o Paraguai; um receptor tinha desviado 10.000 libras dos cofres municipais; a terceira filha do conde de Middlesborough e segundo filho de Lord Leverholme tinham se casado. Será que achavam que essas notícias me faziam ficar apegado à vida de lá? Os outros, porém, liam com prazer e falavam sobre isso durante horas.

Havia mais dois lugares onde, de vez em quando, desembarcava. Em Taishan, uma praia amarela se estendia por horas ao longo do mar; uma parede perpendicular de ardósia escondia o interior. Ali, ao longo desta muralha, caminhei por horas, apenas para ficar exausto, apenas para nos dias posteriores encontrar algum conforto ao deitar no banco estreito da cabana. E então havia Dingshan, uma península onde, como em toda a China, as árvores não tinham sido erradicadas. Quem estava lá tinha chegado à uma idade avançada e distribuía luz e sombra suaves sobre os jardins lá embaixo. Andei pelos caminhos desertos, não encontrei ninguém entre os troncos pesados e as urnas funerárias grandes; esqueci minha vida e entrei numa China antiga, ainda bem protegida por suas muralhas, onde nenhum navio trazia estranhos de longe.

No jardim de Tsung El, à beira-d'água, senti um bom chão sob meus pés, no de Ho Kam Yong esqueci o mar, no de Jou Shuan Wang, situado no meio da ilha, devo ter estado antes porque nunca me perdi naquele labirinto, todos os caminhos me eram familiares.

Sim, foi naquele jardim que senti pela primeira vez que já estive aqui antes, quando, um dia, ao invés de me aproximar da casa, virei por um caminho lateral, dei a volta nos fundos, passei por arbustos amontoados e parei diante de uma casa de jardim, cujas janelas estavam embaçadas de verdes. Um vidro estava quebrado, mas isso não tornava o interior mais claro. Fiquei ali. Só tinha que dar mais um passo e o tempo se dividiria, eu seria outra pessoa, com outro rosto, outras mãos, olhos, sangue, ainda seriam eu, mas esquecidos de mim mesmo. Fui envolto pelo medo, como se fosse ficar tonto e pular de uma torre para o chão, que se afastava cada vez mais, me encolhi e andei pelo caminho como se estivesse no convés de um navio afundando. Fugi do jardim, fui direto

para local de desembarque, me deixei ser levado a bordo e só voltei a mim na cabine. Estranho, eu tinha que estar fora da terra para me sentir seguro de novo.

Eu mesmo. Ainda não estou velho e já esqueci como viver. Queria me manter sozinho e entrar em contato com toda a sujeira que o mundo produz.

Sinto-me triste e pegajoso, nunca mais poderei tirar essa precipitação de mim. Será que voltarei a beber da vida sem repugnância e a sentir um vento intocado pela fumaça de um navio apodrecido ou de uma cidade habitada, vindo do mar, do puro, acariciar minha pele? E caminhar por um pinhal apenas com a minha sombra? Deixar que um riacho frio flua ao meu redor, ser instruído pela flores...

Nunca mais. Estou contaminado pelo contato com muitas pessoas que permitiram que suas vidas fossem poluídas e também mancharam a minha, e tolerei a humilhação de sua proximidade. Apenas em outra vida posso me salvar. Ela está me esperando, é disforme como um manto que não é usado há muito tempo, está me esperando para me envolver e me tornar invisível para meus contemporâneos. Mas não ousou largar esta velha vida rasgada. Nesta mesma vida mesmo há outra que pode me salvar. Mas ela me é inatingível. Quando chego em um porto, ela vai embora; quando dou a volta nesta ilha para encontrá-la, ela também dá a volta; quando atravesso a ilha, ela me escapa. Deixe-me pular no barco, remar e viver como eu me tornei, nunca mais como eu era. E em pensar que ela mora lá longe, imperecível e inacessível!

Mas na manhã seguinte estava tudo normal, fiquei deitado no beliche estreito e curto demais, cansado do calor da noite, sonolento do dia anterior, e tomei o café morno que o criado me trouxe.

II

Alguns meses depois, estávamos outra vez diante do Dingshan. Havia um calor opressivo sobre o porto, o mar e a terra, um calor tão avassalador que só persistia na China. Mesmo assim, trabalharam em todas as escotilhas e todos os homens (não havia muitos neste navio) estavam envolvidos com a carga. Eu era o único que não fazia nada, recentemente sempre errava na contagem e as pessoas preferiam fazer sem mim, conforme me disseram só para me provocar. Não fiquei ressentido, mas desta vez preferia ter participado e ficado cansado na escotilha. Era insuportável a bordo. Calor, barulho, fedor, ociosidade me expulsaram do navio, não queria ir à costa, mas a vontade era mais forte do que eu.

Aterrissei na ilha e caminhei. Gostaria de ter sentado em silêncio em uma parede em algum lugar. Mas quando me sentei, senti o chão arder sob meu corpo e o queimando. Tive que andar e fui para onde não queria ir. E aconteceu.

Parei em frente à cabana de pedra para descansar, havia um pouco de frescor. Foi ficando cada vez mais fresco, mais frio, mais escuro e, lá dentro, mais claro até o crepúsculo amarelo. No mais, estava vazio, pensei, ali dentro, até que vi um homem sentado; não conseguia ver seu rosto, vestia roupas usadas séculos atrás. Ele estava sentado e escrevia, e em cima de um baú preto alto havia rolos de pergaminho, que às vezes se moviam para lá e para cá, como pedaços de casca de bétula ou aparas de madeira se movem quando o vento sopra em um canto abandonado da floresta ou em uma oficina negligenciada. Para aquele homem que escrevia, o mundo parecia não existir mais, exceto que às vezes eu via como ele cerrava o punho e parecia sofrer com um calafrio; ele parou por um momento, depois voltou a escrever. O que eu tinha a ver com aquele homem escrevendo? Ah, não, era melhor ir embora, mas então percebi que não era mais eu mesmo. Eu tinha desaparecido. Eu não estava mais lá, nem estava a caminho da praia. Onde eu estava, então? Eu não era aquele homem escrevendo, não era! Eu queria gritar, afugentá-lo como um animal que pula em nosso caminho à noite, mas eu não tinha língua, nem membros, mas mesmo assim o suor pingava no chão, mas não era meu sangue, incolor de tão velho? Eu não estava atrasando a chegada da morte, em breve não seria um monte de pó numa urna de gargalo estreito? Melhor isso do que ser que nem ele, em um destino, em um destino...

Ele se levantou e foi muito lentamente à janela, muito perto da janela; não via seu rosto, mas mais um pouco e ele tocaria o vidro verde, então eu o veria, então ele daria um passo para trás, então eu seria ele. O vidro tilintou, olhei para minha mão ensanguentada. Lá dentro, atrás do vidro quebrado, estava escuro, via apenas uma mão que se movia para cima e para baixo sobre uma folha cinzenta, a outra pendia frouxamente, um olho fitava a mão, ao lado dela uma órbita oca com bordas vermelhas. Consegui escapar, meu corpo se arrastou pelo jardim; então foi como se tivesse chegado ao local de desembarque com um salto... Com lentidão angustiante, a sampana de resgate remou para mais perto, me pegou e me levou a bordo. Vi o navio preto e sujo na água como se fosse o único lugar seguro na terra, o mesmo navio com o qual tinha fugido com desgosto – há quanto tempo, algumas horas? Um pulo na prancha de embarque, um dólar na mão surpresa, a fuga foi bem sucedida!

Mas, ofegando em minha cabine, senti como se uma parte de mim tivesse sido roubada e transmutada, igual a influência e a secreção de um tumor maligno, uma vez fixada, muda o organismo. Eu ainda era o radiotelegrafista que fazia seu trabalho, mandando e recebendo telegramas, que falava com outras pessoas a bordo em termos convencionais, mas já pensava em frases longas e complicadas sobre as consequências do destino, que eu mesmo ainda não conhecia, sobre decepção, exílio, amor por uma mulher, por um país, ambos indignos, ambos longinquamente inatingíveis e, portanto, atraentes.

Que país, que mulher? Não sabia e não queria saber, porque se soubesse disso também... Mas não teria sido libertado desta insuportável existência a bordo de um navio...? Sim, e banido dentro de uma existência ainda mais terrível. Isso não, isso não! Melhor continuar sendo o homem, o ser, sentando em seu cubículo, de quepe na cabeça, que flutua junto com um navio sujo sobre as águas largas, quentes e odiadas.

O trabalho avançava sob as lâmpadas de arco. Uma pequena luz estava acesa na cabine, tudo estava em seu lugar, então aqui não era seguro? Não estava livre? Não tinha lugar ou pessoa em terra pela qual ansiava, eu podia desembarcar onde quisesse. Depois de uma hora, o carregamento parou e todas as luzes se apagaram. No dia seguinte, ao raiar da manhã, o navio partiria. Fiquei deitado entre o silêncio do ferro quente e da madeira, sem dormir. Não aconteceu nada que eu tinha temido, me senti claro e livre, como não me sentia há anos. Tudo ficaria bem, eu ficaria feliz com minha vida, ninguém poderia se meter nela, e então não era ruim, então era melhor do que em qualquer outro lugar na terra. Se ao menos desse para acostumar a cabeça a pensar e o corpo a ansiar pelo

movimento, então tudo bem, então a vida seria boa. Fiquei encantado, acariciei as bordas da beliche, na qual me encaixava muito bem. Flutuei e, no meio da noite, caí em um sono leve e sem sonhos.

Na manhã seguinte, minha euforia de liberdade tinha acabado. Eu era novamente um telegrafista num navio a vapor, *the lowest of the lowest*, minha mão direita estava ruim, de modo que tive que telegrafar com a esquerda, e, em plena luz do dia, enquanto o navio estava longe da costa, eu continuava com medo. Mas passou depois de alguns dias, quando minha mão estava melhor, especialmente quando eu estava determinado a nunca mais desembarcar na China, exceto Hong Kong, o que ainda era possível. Antes, a China só me parecia suja e repulsiva, eu não sabia nada sobre ela, exceto os cúlis, as docas e as zonas portuárias, então de repente vi o que havia além: o país gigantesco com seus infindáveis campos estéreis, que as próprias pessoas tinham que fertilizar para obter alguma colheita, vivendo portanto de seus próprios excrementos; naqueles campos com milhões de sepulturas, as cidades onde a superpopulação crescia, onde o fedor de comida e carcaças competia com a exalação dos doentes vivos; entre eles, os dragões sorridentes e estátuas de ídolos, a deteriorada antiguidade sem fim de tudo aquilo.

Agora que estava longe dessa miséria, tão resignado e sorridente quanto os próprios chineses, podia desprezá-la. Tinha vivenciado que a maior miséria não está em um corpo faminto e mortalmente doente, mas em um espírito torturado. Apegava-me desesperadamente ao que restava da velha vida, para a fortalecer, procurava o convívio com os meus companheiros, os outros marinheiros, como se quisesse me rodear do seu barulho, participava nas suas conversas, bebia com eles.

No começo fui recebido calorosamente no pequeno círculo: como um piedoso na conversão de um crente, os bêbados se alegram com a queda de um moderado. Mas depois começaram a zombar de mim, eu não pertencia mesmo ao meu passado, com o qual me mantinha à distância deles. Não conseguia. É difícil adotar a civilidade, é ainda mais difícil parecer rude quando não se é. Então eles começaram a me evitar. A vida a bordo tornou-se um inferno, mil vezes mais insuportável do que a real, porque ela é pequena.

Mas ficou mil vezes pior quando eu ficava sozinho na cabana à noite. No começo ela só foi encolhendo, ficou cada vez mais estreita, de modo que me sufocava; tornou-se uma cela, que era retirada do navio, toda a base imensamente profunda do continente chinês pressionada contra as paredes. Às vezes eu saía, ia na cabine de rádio, me assustava com os instrumentos, que se tornaram instrumentos de tortura, primitivos e refinados. Escapava de uma cela estreita, como uma bala disparada de um cano, caía em uma

planície aberta, amarela e cruel. Apenas isso. Nada na terra a não ser manchas espalhadas pela planície: pedras imóveis e cinzas, pairando sob o céu, abutres.

De manhã, ao acordar, me sentia cada vez mais sem esperança; viraria uma presa se não pudesse me opor a um ser mais forte, mas o que eu, o mais desenraizado, sem raça de todos os homens, poderia fazer? E também acontecia quando eu estava fazendo a vigia com o fone na cabeça. Sinais que não poderiam ter sido transmitidos de nenhuma estação ficavam infiltravam-se entre minha escuta e os outros sinais. Não me arriscava a soletrar, às vezes vinha alguma coisa que parecia uma palavra, mas felizmente eu só sabia inglês e francês. Duas palavras se formavam com mais frequência, mas consegui esquecê-las. O sonho da cela e da planície piorou.

Depois de três meses em que desembarcamos em Hong Kong, durante todo esse tempo, eu não tinha colocado os pés em terra. Tive que ir ao escritório da empresa. Estava desacostumado a andar, tinha me tornado como os outros: depois de dez passos entrei em um riquixá, sem falar algo ou pedir algo, o cúli me levou até ao bairro do pecado, fiquei meia hora em uma das casas com uma japonesa. Pela primeira vez em meses, um momento de vida. Seria a última? Suavidade, melancolia e o retrogosto amargo e azedo que tudo provocava. No escritório me ofereceram uma vaga em um navio com destino à Inglaterra, o capitão havia declarado que eu sofria de um distúrbio nervoso. Pensei por um minuto e recusei, fingindo que não era nada. Era tarde demais, alguns meses atrás eu teria agarrado aquela chance de resgate, mas agora não mais, não conseguia fugir, a perseguição a grande distância era pior.

Eles me mantiveram no navio. Ele passou duas noites na baía perto da Stonecutters Island. Dormi profundamente e pacificamente, como muitos condenados, na noite anterior. Ainda tinha tempo.

III

À noite, saímos da baía. O tempo estava ruim, espuma e chuva se misturavam na proa, às vezes na ponte. A mancha branca de Waglan parecia um fantasma no escuro, e o som que sempre escapava da boia, produzido durante a partida, em longos intervalos, parecia o de uma vaca sendo abatida. Depois dos rochedos Ling Tin, depois das ilhas Ladrones, estávamos em mar aberto, em plena noite.

Podia ficar deitado por até quatro horas e depois tinha que anotar os boletins meteorológicos. Acordei a tempo, mas era como se tivesse dormido por meses e agora não precisaria mais dormir por tanto tempo, estava tão descansado, tinha tanta certeza de que uma nova vida começaria, embora estivéssemos no meio do mar. Liguei a energia e esperei, com o fone inevitavelmente na cabeça, pelo boletim meteorológico de Xujiahui, onde os jesuítas observam a atmosfera do Mar Amarelo e do Mar da China Meridional e alertam os navios sobre tempestades. Velam pelos navios, como os outros velam pela salvação das almas. Eles têm muitos pecados para reconciliar. Demorou, entretanto li, finalmente os sinais introdutórios, eu estava pronto: *um tufão origina-se no norte de Luzon, move-se em direção a sudoeste, velocidade...*

Senti uma coisa fria na testa. Queria tirá-la, ainda estava absorto em captar os sinais, mas minha mão foi segurada, uma garra apanhou meu pescoço, outra tirou minha mão da chave telegráfica e várias de uma vez só puxaram os fones de ouvido.

Como todas aquelas mãos me tocaram ao mesmo tempo? Olhei para cima por um momento, então minha cabeça foi pressionada para baixo novamente. A cabine de rádio estava cheia de amarelos, nunca ia imaginar que caberia tanta gente; com os brancos não chega nem à metade. Mesmo sem um revólver na têmpera eu não poderia me defender, não poderia me mover, a cabine estava cheia. Eles me amarraram, depois uma parte saiu da cabine, quatro ficaram, um quebrou o dínamo; sabiam o que estavam fazendo. Tive que mostrar-lhes onde estavam os componentes e eles também foram destruídos. Então fui levado. A ponte estava cheia de chineses, o capitão e os oficiais estavam entre eles. Fomos jogados juntos em uma cabine. Alguns ficaram feridos e no começo até conseguiram deitar, mas um a um os maquinistas foram amontoados conosco, de modo que todos tiveram que se levantar novamente.

Não era nada de especial, desde que não houvesse resistência e esperassem em silêncio: o navio foi levado para uma baía rasa até encalhar. Então os ladrões desembarcaram com os objetos de valor, foram em algum lugar entre as montanhas e logo desapareceram. E permaneceram a bordo até que um contratorpedeiro de calado raso viesse e levasse o resto da tripulação, ou uma tempestade acabasse com tudo. Os ladrões não puderam ser apanhados, o navio não pôde ser desencalhado. Essas coisas eram comuns. Se o contratorpedeiro aparecesse rapidamente e as pessoas tivessem guardado seus pertences, alistavam-se calmamente em outro navio. E o seguro cobria os danos da companhia náutica.

Desta vez foi diferente, assustadoramente diferente. Normalmente dez ou vinte homens faziam o roubo, essa quadrilha tinha uns cem, metade dos passageiros. E a maneira como agiram provou que havia *shens* entre eles, como líderes. Das outras vezes, um dos oficiais era forçado a manobrar o navio tendo alguns canos de armas, nos cantos da ponte, apontados para si dos cantos da ponte. Não exigiam um timoneiro. A terceira coisa diferente foi... o tufão, que só eu sabia dele. Se seguissem direto para a costa, iríamos encontrá-lo, pois nos dirigiríamos para ele.

Felizmente, o capitão estava ao meu lado, então pude sussurrar o desastre iminente em seu ouvido sem causar pânico entre os outros. Ele empalideceu, fez sinal para que eu me calasse e esperasse que um dos chineses viesse pedir para falar com o chefe. Durou até de manhã, quando nos trouxeram comida, o que na verdade foi uma zombaria. Não tínhamos as mãos livres, nem espaço para levá-las à boca. A comida foi posta na beira de um armário, para nos incomodar. Tentei indicar que queria falar com o chefe, e com o capitão também, mas eles não nos entenderam.

Felizmente, o comprador¹⁰⁴ chinês também foi preso. Ele deveria fazer parte do complô, mas aparentemente, mesmo neste caso, eles queriam livrar sua cara. Antes disso, o comprador aguentou fome, sede e meio sufocamento conosco, apenas por aparências e, devo dizer, com grande resignação. Portanto, ele ainda estava sob o comando do capitão e traduziu seu pedido.

Quinze minutos depois, eu e o comprador fomos soltos e conduzidos à cabine do capitão. Havia cinco chineses. Na mesa tinha revólveres entre garrafas de uísque. Quatro deles sentaram-se no banco, o quinto sentou-se na cadeira do capitão. Debaixo da máscara preta pendia um bigode grisalho. Ele era muito gordo e mal se movia. Suspeitei que fosse

¹⁰⁴ Em português, no original, neste capítulo inteiro. (N. do T.)

branco. Os chineses questionaram, o comprador traduziu e um quatro retraduziu. Compartilhei o último sinal recebido, avisei que iríamos em direção ao tufão se continuássemos neste curso. O chefe murmurou ininteligivelmente, então fomos agarrados novamente e levados de volta para a cabine-prisão. O comprador sussurrou para mim: “Graças à sua alta sabedoria, ele sabe tudo sobre correntes marítimas e tufão, ele não precisa das máquinas dos ocidentais.”

Bem, pensei, seja o que quiser, espero que ele se envolva nisso com sua sabedoria superior. Mas na verdade esperava que ele se aproveitasse da minha informação, que mudasse de rumo. Estava enganado, mas estou convencido de que ele, e somente ele, percebeu a importância do aviso, mas não foi autorizado a dar ouvidos aos outros, para que sua autoridade não fosse diminuída.

Mas no início a sabedoria do chefe pareceu superar os instrumentos sensíveis de Xujiahui. Durante dois dias navegamos em mar calmo. Ficamos amarrados um pouco mais frouxos, os mais doentes podiam ficar nas duas beliches, podíamos comer. O capitão e o segundo maquinista sofreram mais, porque não nos deram bebida alguma. O capitão, em especial, piorou visivelmente, tremeu, gaguejou e chorou.

Aconteceu na terceira noite, apesar da sabedoria do chefe gordo. Não vimos nada da tempestade. Ninguém podia se deitar e, no entanto, às vezes todos se deitavam uns sobre os outros. Demorou dois dias. Três morreram. O capitão enlouqueceu e mordida; arrancaram-lhe todos os dentes da boca. O restante mal respirava. Se tivesse durado mais algumas horas, todos teriam morrido sufocados. Mas a porta se abriu, já era de manhã, havia menos vento, as ondas ainda batiam alto. Mas rapidamente melhorou. À tarde fomos deitados no convés, jogaram baldes de água em nós até nos levantarmos de novo, depois tivemos que arrastar cadáveres para o entrincheiramento; nós nos recusamos a jogá-los ao mar. Eles ficam lá por horas. Então veio mais uma enorme onda, que se encarregou do trabalho e os levou embora.

Como era possível que no dia seguinte estivesse tão tranquilo? O mar não era mais um corpo de água turbulento, flutuávamos em uma suave névoa azul, junto com algumas ilhas marrons ao nosso lado, algumas nuvens irregulares acima de nós. Não sentíamos mais nossos corpos, a dor e a exaustão foram esquecidas. Era como se o furacão tivesse suspenso a gravidade. Continuamos navegando, as nuvens desapareceram completamente, mas as ilhas já estavam se tornando mais numerosas, à noite elas estavam em bando diante de uma costa baixa e nebulosa. O céu acima parecia o mundo real, entre os quais paredes íngremes de rocha se abriam para mares azuis.

Entre eles, o *Lohcatherine* flutuava como um corpo estranho, um meteoro, lançado sobre um planeta não endurecido, imóvel, mas ainda não solidificado. Então o navio entrou na baía.

Na manhã seguinte, estávamos a cem metros da costa arenosa. Desta vez os ladrões não pareciam satisfeitos em levar dinheiro e objetos de valor. Todas as ferramentas, todos os apetrechos de ferro e latão, equipamentos soltos, provisões, foram desembarcados e arrastados por centenas de cúlis para um grande celeiro mais para o interior. Os saveiros também foram descarregados e puxados para a praia. Tudo indicava que os assaltantes estavam fartos de embarcar como passageiros e queriam equipar os juncos do roubo para si mesmos, como antigamente. Provavelmente, tínhamos tido algum tipo de missão a bordo, eles tinham sido encarregados de obter material.

IV

Quando o *Lochcatherine* foi completamente saqueado e parecia esvaziado devido a um naufrágio, também fomos retirados do navio. Fomos amarrados pelo braço, de dois em dois, e levados para terra escoltados por quatro soldados chineses. Depois o navio foi vaporizado e liberado. Ele balançou sem leme pela baía e logo encalhou, a máquina continuou funcionando por um tempo, então parou bruscamente. O navio formou um novo penhasco na entrada da baía.

Também trouxeram para terra o grande caldeirão de ferro preto no qual a comida para os passageiros do convés era sempre feita. O cozinheiro ficava ocupado preparando uma refeição para nós. Então o comprador distribuía as porções de comida, passávamos por ele em fila. Finalmente tinha tirado a máscara do companheiro de prisão e, sorrindo, nos entregou as tigelas. Ele viu o aspecto cômico da relação inversa com um sentimento quase ocidental. Mas em alguns de nós, a quem ele odiava muito, deu um chute e cuspiu na cara do maquinista.

Tivemos pouco tempo para esvaziar as tigelas de comida. Rapidamente, a pontapés, fomos levantados, vendados e levados embora. Seríamos condenados à morte? Mas por que fomos autorizados a comer? Ou isso era um sinal de refinamento? Caminhamos por horas na incerteza, provavelmente somente alguns sentiram um temor real da morte, alguns talvez também sentiram um desejo de morte. Mas o medo da tortura tomou conta de todos nós, antes disso, ninguém havia sido entorpecido. Quem saísse da fila, por um passo em falso, era imediatamente empurrado para trás, o que provava que uma outra numerosa escolta nos rodeava. Tropeçamos assim por horas, já estava ficando mais quente, o sol brilhava mais forte em nossas cabeças descobertas. Se ao menos tivéssemos amarrado uma venda em nossos crânios, teria sido uma bênção.

De repente, o sol ficou menos quente. Era noite? Não, caminhávamos entre muros altos e ouvíamos e cheirávamos que uma grande multidão de pessoas nos rodeava. Um grito cada vez mais alto, um cheiro de suor, carne cozida e queimada, peixe podre; tínhamos visto isso tantas vezes que sabíamos que estávamos passando por uma cidade chinesa. Primeiro caminhamos por uma estrada larga, depois fomos repetidamente empurrados para virar uma esquina, fomos agarrados por todos os lados e mãos quentes nos apalparam, mãos curiosas, mãos grandes e grosseiras e também pequenas mãos de

crianças, unhas também penetraram em nossa carne sob júbilos estridentes. Às vezes, alguém era puxado para uma janela, esfaqueado com alfinetes longos e empurrado para a frente de novo.

Esse calvário durou horas. Então parou repentinamente. Começamos a nos esbarrar, como os vagões de um trem freado. Ouvimos um estalo alto, um vento forte nos agarrou, os farrapos de nossas roupas esvoaçaram sobre nossos corpos, os cheiros podres nos deixaram. Atrás de nós estava a cidade cheia, à nossa frente devia estar uma vasta planície vazia.

Era como se tivéssemos sido mergulhados em óleo e mercúrio e agora de repente surgíssemos no vácuo, no começo era doloroso, nossa respiração era rápida. Então a maioria reviveu, para alguns a transição foi muito forte e caíram inconscientes; foram necessário muitas coronhadas de espingardas para pô-los de pé. Seguimos em frente novamente, o vento continuou forte, mas o sol queimava tanto quanto e a planície era arenosa, de modo que as solas dos pés queimavam enquanto caminhávamos. As escoltas deviam ser menos numerosas, os empurrões não nos mantinham mais no caminho certo, muitos tropeçavam, caíam de cabeça ou com os braços em pedras pontiagudas e continuavam sangrando, às vezes também caíam em um monte de madeira podre e mole e tocavam em ossadas secas.

Finalmente escureceu, o sol deixou as cabeças chamuscadas em paz, mas a planície continuou quente. Através de uma porta estreita, os guardas conduziram seu rebanho para dentro de um recinto de pedra. As vendas foram retiradas, podíamos ver as estrelas acima de nós. Na beira da parede tinha tigelas de comida, muito altas para serem alcançadas, só depois de uma hora uma mão as alcançou, numa passada rápida, então, aparentemente, o homem que fez isso podia andar. Portanto, a masmorra era um fosso meio afundado; do lado de fora dava para caminhar ao nível do chão e escapar, mas para onde?

Todos se deitaram e dormiram pesadamente e às vezes gemiam. Muitos não conseguiram se levantar no dia seguinte. Foram deixados lá. O dia estava menos quente, o solo mais macio e ondulado. Alguns podiam sentir o cheiro de que estávamos nos aproximando de uma grande extensão de água. Já era meio-dia, entramos para nos refrescar, a sede foi frustrada, a água era salobra, quase salgada. À noite, pararam no meio da planície. Uma masmorra era desnecessária, todos permaneceram onde haviam sido jogados.

Foi a mesma coisa na manhã seguinte, ao amanhecer. Aqueles que ainda podiam ir foram vendados novamente. O solo continuou plano, mas muitos tropeçaram nos próprios pés. Ao meio-dia, quem tinha caído não era despertado com chutes. Dava para se levantar tranquilamente. Era angustiante ser deixado sozinho assim. Consegui arrancar a venda da minha cabeça. Fomos relegados à nossa própria sorte no meio do deserto árido. Ao longe, uma faixa preta movia-se lentamente, como uma lagarta: a escolta chinesa que voltava. Espalhados pela planície, vagavam e faziam círculos, de vez em quando em deles caía e não se levantava mais. Queria gritar para chamar alguns deles, mas minha voz estava presa na garganta seca.

Fui até o mais próximo, tirei-lhe a venda e disse que estávamos livres. Ele não me entendia mais, sentou-se e olhou em volta sem expressão. Eu também me sentei para esperar a morte. Parecia-me horrível, ficar deitado naquela planície e ser comido pelos abutres. Minhas mãos começaram a cavar um cova, mas não foram fundo.

À noite, um vento fresco cruzou a planície, indo para o mar. Passou pelos mortos, esfriou seus corpos e afugentou a morte, que, já em forma de abutre, estava sentada em uma pedra, pronta para começar o trabalho de decomposição.

Mesmo assim, acordei bem cedo, o sol acabava de nascer com a cabeça no horizonte, uma sombra caiu sobre meus pés; vi a pedra de onde ela caiu. Era um pedaço hexagonal de basalto. Parecia ter caracteres escritos ali. Mas eu sabia que os chineses, igual as crianças, têm mania de escrever em tudo. Por que não nesta pedra também? Mas embaixo também vi letras latinas. Então, pelo menos uma vez, pessoas da minha raça estiveram neste deserto. Tiveram energia para esculpir letras em uma pedra. Ninguém faz isso à beira da morte, ou teria sido seu próprio epitáfio? Era uma língua que eu não conseguia ler. As letras estavam quase apagadas.

Era meio-dia, a pedra era um relógio de sol tosco, eu conseguia determinar uma direção, fui indo para o sul. Para voltar novamente a Hong Kong? Eu mal esperava, mas algo me compeliu a ir para o sul. Talvez também porque no momento da partida minha face direita e pescoço feridos ficaram na sombra do lado oeste. Perto da noite do dia seguinte vi um ponto preto no horizonte, fui lá e vi tal pedra outra vez, portanto, eu estava em caminho que já havia sido trilhado. Desejei de me desviar disso. Não tive vontade de pisar em pegadas há muito apagadas. Mas a cem metros de distância havia água em um poço, água salobra e turva, mas não intragável para quem estava com sede há três dias. Bebi e senti sono, mas não queria dormir ali, continuei, mas não podia mais.

Estava com dor sob a calota craniana enegrecida, meu cabelo estava ralo. De todos os europeus, apenas os portugueses aguentam desfrutar impunemente do sol tropical com a cabeça descoberta.

Minha consciência encolheu em minha cabeça quente, como se meu cérebro estivesse sendo fervido e minha vida estivesse saindo pela minha pele rachada. Mas eu queria ser livre. Agora, aqui, no meio do maior reino da terra, longe do mar odiado, eu estava perdido, ninguém mais pensava em mim ou procurava penetrar em minha alma. Um homem não pode viver sem razão, sem desastres, sem vontade e sem afeição. Mas talvez eu tivesse que estar aqui por algum motivo, então continuaria a viver, não importa como. Mas primeiro tinha que dormir em algum local fresco. Mais uma milha: então era isso ou a morte.

Outro túmulo; eu costumava andar ao redor dele, temendo que algo estivesse à minha espreita. Mas agora era diferente, um lugar onde pelo menos tinha sombra e talvez frescor. Circundei-o. Não era um túmulo como tantos outros. Mas ainda preservava a forma uterina. A entrada era pavimentada com lajes de porcelana verdes e azuis, que na vasta aridez pareciam esplendor floral. O túmulo estava quase intacto. Ao redor dele estavam três cavalos de pedra tosca, enterrados na areia até a barriga. Subi na sela de um dos cavalos, pulei de novo, talvez já tivesse enlouquecido; ali no meio do calor branco, do deserto vermelho e amarelo, sentado em um cavalo sob o céu azul claro, como uma criança em um carrossel, era uma boa maneira de fazer isso.

O túmulo me pareceu um lugar de descanso mais adequado. Era bem alto e as pedras escuras e escorregadias da entrada eram convidativas. O mundo tinha me rejeitado. Sem relutância, rastejei para o túmulo. Estava fresco lá dentro, afastei as ossadas secas. No escuro, esbarrei em uma urna funerária. Talvez ainda houvesse alguma coisa lá dentro, sim, umidade, mas não ousei beber, embora minha sede me compelissem.

Ali, não estaria a salvo dos infortúnios que me ameaçavam, igual ao próprio grande reino dentro de muralhas e cadeiras de montanhas, protegido de todas as incursões bárbaras, do presente e das perturbações que irão perturbar e estilhaçar o mundo inteiro no futuro, quando suas forças forem desencadeadas e descenderem sobre o reino? O túmulo era o portão pelo qual saí da minha própria vida e entrei no passado. Ergui a cabeça e olhei pela abertura, meu olhar fixou em uma pedra hexagonal, igual à que tinha visto antes. Tive que deixar novamente o túmulo, o passado profundo e eternamente silencioso ao qual ainda não pertencia, me dirigi para aquela pedra de um passado próximo para escapar do meu próprio tempo.

Dei alguns passos resolutivo, mas o deserto se agitava como um oceano, pensei ter visto um pedaço de madeira flutuando, era um naufrago ou era eu mesmo? Não, eu estava ali, mas me via caminhando ao longe, vindo em minha direção, queria fugir de mim, mas não era possível: os dois – eu já não sabia mais quem eu era – iriam se fundir. Então o vento começou a sussurrar, o céu soltou um longo grito de todos os lados, eu caí e o fantasma também caiu perto.

Acordei em uma luz amarela, não do sol: nunca tinha visto uma lua tão cheia. Tentei encontrar o fio das minhas memórias, mas só me deparei com confusão. Não tínhamos acabado de passar por uma extensão de água maior do que a lagoa estreita aqui – secou tanto assim? Não poderia ter dormido por mais do que alguns dias.

O que tinha acontecido antes que essa jornada de morte pelo deserto começasse? Sempre tinha encontrado um naufrágio, uma tempestade, um ataque de chineses, mas tinha acontecido há muito mais tempo e não tínhamos chineses a bordo. O que veio depois? Cativo, por quê? Uma viagem ao Norte, a Pequim, por quê? Não reconheci as roupas que vestia, nem mesmo as que estavam ao meu lado. Eu tinha sido feito prisioneiro, libertado novamente e essas coisas foram colocadas ao meu lado outra vez?

Quis vesti-las, mas se desfizeram como teias de aranha, caíram algumas moedas, que eu também tinha na prisão, o guarda não quis aceita-las. Mas eu não me lembrava mais nada de uma prisão.

Olhei desesperadamente ao meu redor e procurei, ao longe estava uma pedra que reconheci, fui lentamente em sua direção, era um marco erguido para reconhecer o caminho de volta, mas a inscrição estava quase apagada, li com grande dificuldade: *Em nome d'El Rei, Nosso Senhor D. João III mandou por este letreiro em fé da muita lealdade.*¹⁰⁵

Agarrei-me à pedra, encostei-me nela, e depois de um tempo nesta posição agachada achei que tinha recuperado as forças, e, pela manhã, quando a luz mudou de amarelo para rosa, pude continuar, primeiro bem rápido, depois cada vez mais devagar, como se minhas forças me faltassem de novo, depois mais rápido de medo, e por fim revi, como um farol no mar, uma pedra hexagonal ao longe...

¹⁰⁵ Frase em português, no original. (N. do T.)

NONO CAPÍTULO

I

Em meados do século XIX, quando Macau perdia cada vez mais a sua antiga consciência de poder e jazia no seu promontório, meio esquecida pelo seu próprio país, completamente esquecida pela Europa, imóveis grandes e jardins luxuriantes foram construídos nas encostas íngremes da ilha rochosa de Hong Kong, construídos para os ricos, que mais tarde viveriam das docas e cais lá embaixo, na estreita faixa de praia que circundava a ilha e dos navios que carregavam e descarregavam na espaçosa baía ainda vazia. Macau não se inquietou. De vez em quando aparecia um navio grande, que permanecia longe do porto assoreado. Apenas navios costeiros planos, lorchas estreitas, que eram procuradas como escoltas armadas para ricos mercantes chineses, e um ou outro navio de contrabando.

Macau não se moveu. Os mercadores eram e continuavam ricos. Os outros colonos e os habitantes chineses eram e continuavam pobres. A independência da cidade havia sido nominalmente reconhecida pelo Imperador quatro séculos depois de sua fundação, pois agora era inofensiva, e, apesar dessa liberdade, os mandarins não negociavam como antes, mas ordenavam, e as ordens geralmente eram obedecidas. A casta dominante tornou-se ainda mais rica: o comércio ilícito de ópio e o tráfico de escravos para a América do Sul rendiam mais do que o difícil e honesto comércio do passado. Macau não temia Hong Kong, que comércio poderia surgir em torno de um rochedo cru?

Quase de repente, depois de ter permanecido por cinco anos como uma cidade morta e falida, Hong Kong decolou, a baía ficava lotada, ricos comerciantes chineses da sempre rumorosa cidade de Cantão se estabeleceram na ilha tranquila. Tornou-se um porto livre. Assim como Macau, mas não fazia muita diferença, só perdiam os rendimentos da alfândega.

Continuaram desprezando Hong Kong. Até que houve também um êxodo de muitos comerciantes proeminentes, cujas famílias estavam em Macau há séculos, de quase todos os artesãos e lojistas. A vida em Macau tornou-se quase impossível, não se podia comprar nada, não se podia mandar fazer nada, tudo tinha de vir de Hong Kong. Como um último recurso, introduziram casas de jogos e, agora sim, de vez em quando algumas pessoas de Hong Kong vinham perder a riqueza que haviam ganhado em Macau.

Portugal enviou cada vez mais funcionários para melhorar a situação, tornando-a cada vez mais desesperada. Finalmente, estabeleceu-se uma espécie de equilíbrio, dando a Macau um último e exíguo sopro de vida. Depois, por volta de 1900, estabeleceu-se um serviço regular de barcos a vapor entre Hong Kong e Macau.

Era como se a cidade do futuro desse uma esmola do seu progresso à cidade do passado. Os dois barcos a vapor eram os únicos que ligavam Macau ao mundo exterior. Em seu porto havia apenas algumas barcas bolorentas, um único navio a vapor com uma caixa de engrenagens antiquada e um monitor antiquado. Os funcionários, cujos vencimentos devoravam os últimos rendimentos da infeliz colônia, tiveram de viajar em navios ingleses de Lisboa para Hong Kong e dali se transferir para uma das duas barcaças.

Uma tarde, um homem magro e esfarrapado estava no cais de madeira de onde os navios partiam. A toda hora ele era tropeçado por matilhas de carregadores cúlis ou viajantes apressados, e quase empurrado para a água, mas não se movia mais do que um galho indo para o lado e pulando para trás. Depois de ficar ali boa parte da tarde, o capitão do porto, meio mestiço, mas principalmente chinês, veio e perguntou o que ele estava fazendo ali. O capitão do porto achava que falava um bom inglês, pelo menos estava muito acima do nível do *pidgin*. Mas aquele homem branco, pois era branco sob a sujeira imunda, parecia não entender seu inglês. Depois veio o comissário de bordo, um macaense corpulento e esburacado, que compensava a pequenez do barco em que navegava com cinco galões nas mangas (um a mais que um capitão de um barco postal). Seu boné também tinha uma faixa pesada dourada. Ele também gostava de andar descalço. Esta autoridade assumiu sua posição e perguntou em português o que ele desejava. O funcionário respondeu imediatamente, mas em um inglês simples, o que enfureceu o capitão do porto. Ele achou que não tinha sido considerado digno de uma resposta e começou a explicar ao mendigo que, por mais branco que fosse, não deixava de ser um trapo comparado ao capitão do porto, também chamado de capitão do cais.

O guarda olhou para ele com olhos vagos. Então o comissário, percebendo que o homem o havia entendido bem, quis fazê-lo entender que ele deveria ter uma passagem se quisesse entrar no barco. Se quisesse carregar uma mala, tinha de abordar os passageiros que desciam dos riquixás, mas não dava para um homem branco fazer isso. Por fim, se não quisesse nada, preferia não se agarrar àquela estaca, que atrapalhava a todos, mas sentar-se num banco de parque. Seria até mais fácil. O pária não foi embora. Respondeu, novamente em inglês, à nova fúria do chefe da costa, que devia e iria a Macau, que tinha dinheiro suficiente, mas ninguém o aceitava. Mesmo que o chutassem dez vezes

para fora do navio, na décima primeira vez ele pularia de novo. O comissário queria ver aquele dinheiro pouco comum, e então se deparou com algumas moedas que a princípio lhe pareceram cobre, e já queria devolvê-las com desprezo. Mas quando as olhou mais de perto, pareceu-lhe dinheiro antigo de ouro de Macau, que devia ter visto na casa de seu avô, que tinha coleções de moedas. Ele tinha enlouqueceu com a caça ao tesouro, mas parecia ter encontrado um tesouro! Talvez desse para obter mais informações dele.

“Esse negócio não vale nada. Mas, por três, te darei um lugar na terceira classe.”

“Será que eu, que já fiz parte da grande embaixada que foi para Pequim, terei que sentar na terceira classe?”

“A embaixada não o ajudou. Qual era seu trabalho lá?”

Foi como se o homem tivesse sido reconhecido, pego trapaceando e se encolhesse.

“E não está vestido para viajar na primeira classe. Fale logo, em que tipo de baile de máscaras roubou essas roupas de estado?”

O homem fugiu alguns passos, mas voltou, agarrou-se à estaca como se dependesse dela para sobreviver, pendurou-se nela como se não pudesse mais ficar de pé, como se não tivesse chão sob os pés.

“Por que não está falando na sua própria língua?”, continuou o comissário em inglês. O homem não ouviu, ficou olhando para a água, as lágrimas escorriam pelas bochechas encovadas e ficaram penduradas na barba por fazer.

“Vou te dar uma cabine vazia. Mas não apareça de novo até que todos tenham desembarcado. Entendido?”, gritou o comissário, calculando outra vez para roubar o segredo do tesouro ou o que quer que tivesse com ele. Assentiu e correu em direção à prancha como se fosse sua última chance de se salvar.

O comissário o levou até uma cabine onde havia coletes salva-vidas apodrecidos. A cabine não era aberta há meses. Mas o homem parecia contente por estar sozinho, deu outra moeda ao comissário, deixou-se cair sobre a rolha podre e não se mexeu. Os vermes, que a princípio rastejaram, voltaram gradualmente e marcharam sobre seus pés, depois sobre suas roupas, mas logo a multidão deixou o campo de trabalho.

Depois de uma hora o navio começou a ranger e balançar, ele soltou um suspiro e se levantou. Então a porta se abriu, o gordo comissário parou na soleira, atrás dele um criado com uma bandeja. Ele pediu para ser deixado sozinho. Mas o criado colocou a bandeja a seus pés, o comissário sentou-se à sua frente em outra pilha. “Pegue um *tiffin*,” ele insistiu generosamente. O homem tentou, mas não conseguiu comer.

“Se tiver mais dessas moedas, posso trocá-las. E se quiser jogar Fantan, posso ensinar um sistema que superará os dez por cento do banco.”

O comissário aguardou. Esperava ouvir algo sobre a localização das moedas. Mas o homem à sua frente ficou calado, pegou a jarra de água, esvaziou-a e suspirou.

“Não dá para fazer nada com essas moedas em Macau, se era isso o que estava pensando. As casas de jogos também não querem.”

O homem tirou outro punhado de moedas do bolso.

“Não sei o que é Fantan. Só tenho isso.”

“Mas cadê está o resto? Onde as achou?”

“Oh, longe, longe daqui, ninguém chegará lá. E não tem mais nenhuma.”

O comissário guardou as moedas no bolso, entregou ao homem dez dólares mexicanos e deu o assunto por encerrado. Depois se considerou honesto demais. Sentiu pena?

II

Cedo na manhã seguinte, o *Sui An* contornou a península. Alguns brancos de terno branco caminhavam no convés superior. No convés de baixo, os amarelos lotavam. Macau permanecia imóvel, vendo com maus olhos a chegada do vapor sobre os juncos que proliferam em densas florestas sobre a baía, um grande subúrbio do outro lado da água. O *Sui An* pegou um canal estreito entre eles e atracou em seu cais destruído.

Os brancos desembarcaram primeiro, entraram nas carruagens que os aguardava, inclinaram-se e partiram. Depois a população da terceira classe saiu do navio e andou no cais. E por último ele deixou o navio. O comissário não o viu mais.

Ele andou pela cidade, passou por vários hotéis e acabou em uma velha pousada em uma rua estreita. Conseguiu um quarto por um de seus dólares. Não havia nada além de um *kang* com apoio de cabeça, sem mosquiteiro. A luz entrava por uma janela estreita acima, entre a parede e o teto.

Ele empurrou o apoio de cabeça do *kang* e o substituiu por sua trouxa de roupas, que eram mais quentes, mas mais macias. Ele se esticou e parou de se mover. Um criado trouxe silenciosamente um bule de chá. Ele parecia não estar com sede. Era hora do jantar. Pela janela, um cheiro doce e enjoativo de carne podre e lulas secas entrava junto com o barulho de pratos e o choro de crianças. Ele não se mexeu; nem o calor, nem os insetos, nem o mau cheiro, nem o barulho o incomodavam. O espírito havia deixado o corpo dolorido ali por tanto tempo e tinha saído sozinho para explorar a cidade, que havia começado a morrer há um século e agora quase não existia.

E assim ele facilmente encontrou seu caminho para o passado. Era como se ele descesse a uma mina, vendo as camadas sobrepostas na penumbra. Por fim, chegou o tempo em que foram construídos o castelo e as primeiras catedrais e a Guiana irradiou sua luz sobre a baía para indicar os navios, um vislumbre desconhecido na Ásia. Ele não conseguiu ir mais longe. Viu um desembarque nas profundezas, algumas barracas na praia, túmulos, cabanas de pescadores, um templo de pedra, mas tudo isso permaneceu no crepúsculo e ele voltou. Um dos templos que tinha visto estava pegando fogo, fumaça voava diante das chamas, multidões negras se moviam; ele queria subir mais, não podia, lutou, foi agarrado de todos os lados, acordou na cama dura, encharcado de suor terrível.

O fedor e o barulho eram insuportáveis, ele se mexeu e, quando começou a escurecer, saiu da pousada.

Lá fora, porém, ainda estava claro, e assim ficou durante o tempo em ele vagou pelas ruas estreitas do centro da cidade, evitando o lado do mar. As partes chinesas e portuguesas da cidade fundiam-se continuamente, tão intimamente misturadas quanto o sangue de ambas as raças nas veias dos macaenses. Só a Praia Grande era pura como as três ou quatro velhas famílias que viviam em casarões da periferia.

O vento do mar torcia os salgueiros anões até a beirada e, de vez em quando, jogava um pedaço de espuma sobre a balaustrada. Cúlis descansavam nas pedras às mesmas distâncias. De vez em quando passava uma carruagem. Do outro lado da ilha, onde parecia chover levemente, alguns juncos balançavam.

Sentado entre os cúlis, ele descansou da árdua jornada daquela da tarde. Agora tudo era tão fácil de ver quanto uma velha gravura em cobre. Quando estava completamente escuro, ele quis ir embora. Mas a lua surgiu e a Praia Grande, as casas e telhados voltaram a ficar visíveis, agora coloridas de amarelo dourado, até que uma nuvem interceptou tudo de novo. Isso aconteceu muitas vezes e, em sua memória, os tempos passaram como a maré alta e baixa.

Por fim, depois de uma longa escuridão, ele se levantou e avistou uma cruz negra, que uma catedral na colina se projetava ao céu. Na cidade baixa, continuou a perdê-la de vista, mas persistiu em encontrá-la e, finalmente, de maneira repentina, parou diante de uma ampla escadaria e viu uma ampla fachada com a fachada íngreme da catedral acima dela e, muito ao longe, a cruz negra enterrada no céu noturno cinzento. Subiu devagar a escada, de cabeça baixa, para não pisar em falso: os degraus eram quebradiços e escorregadios. Quando não sentiu mais nenhum degrau, olhou para cima, estava parado na beira do pátio, a frente da igreja estava preta, como uma enorme lápide ereta, nenhuma luz entrava pelos vitrais. Ele sabia que algo horrível escondia-se atrás dessa superfície morta, ele não podia voltar, era como se a escadaria tivesse desabado atrás dele, como um abismo tivesse se aberto atrás dele e ele, tonto, caminhou com passos rápidos em direção à igreja.

Ele ficou na frente da igreja, as janelas eram altas, o portão estava fechado; empilhou algumas pedras, pendurou a parte superior do corpo no parapeito de uma janela e viu que por trás da fachada a igreja havia sido corroída, olhou para o espaço vazio pavimentado com lápides. Abutres sentavam-se nos restos de bancos apodrecidos. Ele entrou, as aves voaram, roçaram perto dele, ele tropeçou em uma pedra e caiu em uma

cadeira de coral apodrecida. Ele se debateu num monte macio de madeira, a poeira tampava seus olhos e nariz. Finalmente ele se levantou, meio engasgado. A igreja, entretanto, havia se reerguido e estava cheia de vultos andando de um lado para o outro, a maioria subindo nos bancos perto das janelas e disparando com mosquetes pesados. Um velho monge estava parado em frente a uma janela, operando um canhão. Uma bala assobiava pela igreja. Ele estava de pé no altar. Um homem com trajas de soldado, mas com uma coroa de cabelo prateado no crânio careca, colocou, em nome de Deus, um rifle velho e pesado em sua mão. Ele ficou na frente de uma janela e passou os dedos pela culatra e o cano enferrujados. Havia balas no parapeito da janela. Ele olhou para baixo, para a encosta da colina em que a igreja foi construída, vultos tentavam subir por ali, mas sempre caíam e, mecanicamente, ele começou a atirar naquele monte de gente. Ele sentiu o choque do pesado mosquete no ombro, mas não ouviu os tiros e viu o fogo cintilar segundos depois.

A luta fantasmagórica durou muitas horas. Por fim, o céu começou a ficar cinza como se fosse de manhã, os defensores pularam pelas janelas, ele também, e repeliram os atacadores. Viu-os de perto, a princípio não entendeu por que lutou contra eles e com os outros, ambos eram igualmente estranhos para ele.

Então viu que aqueles com quem lutou eram de uma raça à qual ele mesmo havia pertencido, mas continuou indiferente; ele poderia muito bem ter se virado e lutado com eles contra os defensores da igreja, mas não o fez.

Ele ficou parado, o mosquete, que queria usar como um bastão, repousou. Um adversário negro confundiu sua calma com medo e pulou em cima dele. Vendo os olhos esbugalhados diante de si e pelo fato de alguém da raça de escravos querer agredi-lo, uma fúria selvagem o levou ao ataque: saltou para trás e derrubou o negro com uma coronhada. Então lançou-se de novo à luta, não estava vendo mais nada, abriu caminho até cair e ficar ali. Sentiu que estava sendo atropelado, mas não sendo arrastado.

III

Na manhã seguinte, o Procurador¹⁰⁶ estava sentado sozinho no quarto mais silencioso e escuro de sua casa, mas até ali ouviu os sinos tocando, e eram muitos, chamando o povo para as igrejas. Missas de ação de graças foram realizadas em todas as igrejas. A ausência do Procurador na catedral seria notada, sua reputação de odiador de padres cresceria novamente. Ele conteve sua raiva, não podia se alegrar com a salvação do cerco precário.

Se não tivesse sido por dois acontecimentos, a vitória de sua pequena guarnição de duzentos homens (o restante estava em uma expedição ao longo da costa lutando com ninhos de piratas) sobre um exército de desembarque de dois mil seria sempre atrelada a seu nome. Mas o tiro certo do padre Antônio, que atingiu o paiol do navio almirante, salvou Macau no momento em que as munições estavam acabando.

E à noite Macau teria caído se um desconhecido não tivesse entrado na briga e liderado um arrebatamento com coragem louca e causado pânico entre os atacadores. O desconhecido tinha ficado inconsciente, levemente ferido, mas eles o tomaram como um herói e o levaram embora.

Teve que visitar o herói no hospital dos dominicanos e foi o primeiro a reconhecê-lo.

A embaixada estava abandonada há anos. Nenhum deles voltou, e uma embaixada posterior, que chegou a Pequim, não teve notícias deles. Portanto, presumiu-se que todos morreram no caminho, de fome ou foram mortos por chineses hostis.

Camões.

Ainda mais perigoso do que quando ele apareceu aqui: se ele pudesse ser apresentado com segurança como um desertor, o povo o louvaria e seria mais difícil frustrar o povo do que o sacerdócio. Ele tinha que ficar inofensivo a todo custo.

Enquanto o Procurador se inclinava sobre ele, contemplando seu rosto mortalmente pálido com aparente pena, rapidamente traçou seu plano. Ordenou que o doente fosse levado para sua casa. Seu próprio médico pessoal cuidaria dele. Foi um

¹⁰⁶ Em português, no original, neste capítulo inteiro. (N. do T.)

cortejo inesperadamente triunfal, ele a cavalo na frente da liteira, mas sabia que a aclamação era para o estranho, cujo corpo jazia sob a lona, e não para ele.

Um dia depois recobrou a consciência. Campos tinha ordenado ao guarda, seu criado mais velho que não sabia português, que o chamasse imediatamente se o doente abrisse os olhos. Com cautela, começou a interrogá-lo.

“Como acabou? Onde foram atacados?”

Pelas primeiras respostas, Campos percebeu, com grande alívio, que Camões devia ter perdido a memória e não sabia mais nada. Extremamente satisfeito, saiu do quarto do doente. Não se incomodaria mais com ele, padre Antônio estava velho e logo morreria. Vez ou outra, ainda notava a hostilidade de Velho quando uma negociação com um governante cantonês de repente era interrompida de forma inexplicável. E às vezes era como se Lisboa tivesse sido esquecido que estava em posse de Macau, às vezes, nenhum navio ou ordem chegava durante um ano inteiro. A cidade se libertou e ficou sozinha a uma grande distância, sem necessidade de rebelião para ser livre.

À noite mandou duas pessoas de confiança alojarem o enfermo na Casa de Misericórdia,¹⁰⁷ com ordens de não cuidarem muito bem dele.

Uns dias depois ele fugiu e logo se espalhou o boato de que o herói do cerco que salvou a cidade havia se tornado um eremita e vivia em uma espécie de gruta rochosa, numa colina fora da cidade. Uma pedra chata sobre duas grandes rochas, formando uma espécie de abrigo, onde havia bastante ar fresco e seco. A princípio o procuravam em busca de cura para doenças, para pedir a imposição de mãos, mas ele nunca atendia e logo foi esquecido, de modo que Campos não precisou intervir.

Ele teve mais duas visitas antes que o esquecimento o engolissem de vez. Padre Antônio, que tinha liderado a defesa de São Paulo, chegou ansioso para fazer dele um herói da fé, um santo, se possível, cujas falas confusas poderiam ser interpretadas como visões. Mas Camões não falou nada e fixou o olhar inexpressivo no padre.

A segunda visita foi Pilar, e, além do pai, ela foi a única que o reconheceu. Ela quase caiu de joelhos quando viu o que havia acontecido com ele. Ele não a reconheceu. Na verdade, ela ficou aliviada. Desde que deu à luz os filhos de Ronquillo, tinha se conformado com o destino que aguardava, agora sabia, quase todas as mulheres, todas as chinesas, e também quase todas as brancas: arranjar um marido que não amavam, que, na melhor das hipóteses, lhes era indiferente, para conceber e criar seus filhos. A profecia de

¹⁰⁷ Em português, no original. (N. do T.)

Campos havia se concretizado: quando os filhos tivessem nascido, as paixões quiméricas desapareceriam naturalmente.

Da túnica ela tirou um maço de pergaminhos e o colocou diante de Camões. Ele pareceu reconhecê-los, acariciou-os como se fossem a pele de alguém que amava. Ela o abraçou gentilmente, sem sentir resposta, e foi embora. Ele ficou sentado escrevendo enquanto a luz entrava pela fenda. Vivia dentro do que escrevia e, assim que saía, sentava-se no escuro e deixava de existir.

Alguns dias depois, Campos o colocou em um navio, o mais antigo e quebrado, que ainda fazia parte da frota.

IV

Caí numa pedra, em algum lugar no interior, acordei num hotel chinês imundo em Macau. Só percebi que estava lá quando saí para a rua. Portanto, eu havia escapado do desastre do *Lochcatherine*. Talvez fosse o único sobrevivente. Como, nunca saberia. Lembrei-me das situações oníricas como se fossem aventuras distantes.

Caminhei pelos becos e pelas estradas, onde só havia juncos, espiei o continente e bebi um copo de cerveja em uma loja. Ali não existiam bares, *free and easies* e outros estabelecimentos onde o marinheiro encontra abrigo em terra. Tinha ouvido falar que em Macau ainda existiam muitos pontos turísticos de tempos antigos, igrejas, monumentos e zoológico, uma gruta onde um poeta tinha vivido e escrito um grande poema sobre as viagens de Vasco da Gama. Mas quem visita esse tipo de lugar? Sentei-me calmamente na loja meio escura e perguntei quando partiria outro barco para Hong Kong, pois percebi que não conseguiria um navio ali. Só no dia seguinte. Então tive que ficar esperando ali mesmo.

Não há mais nada para fazer em Macau. Em casas fechadas com grossas paredes de pedra fuma-se ópio, em outras, abertas dia e noite, cúlis pobres jogam Fantan com dinheiro; também deve ter bordéis. De vez em quando encontra-se um português, a maioria é gordo e desajeitado e não faz nada. Uma vez, vi um cortejo passando. Achei que fossem os fracos e enfermos de um asilo, andando acompanhados. Vendo mais de perto, notei que usavam uniformes, que eram os soldados que tinham que proteger a colônia.

Acabei rindo desdenhosamente, por um momento senti que era, afinal, um inglês, mas perdi o riso. Fiquei a noite toda vagando pelas ruas, talvez foi por causa do cansaço, mas acabei me importando mesmo com o destino desta colônia.

No final da tarde caminhei um pouco pela orla, de onde se tem uma bela vista durante o dia. No escuro, comecei a pensar por que estava ali e o que tudo isso significava. Provavelmente passaria quando eu estivesse de novo a bordo. Tropecei em um cúli adormecido, meio encostado no parapeito, e voei alguns passos. O homem havia se erguido e ficou me olhando. Continuei andando e tentei não pensar.

Voltei para o hotel planejando ficar no quarto, mesmo abafado, até o barco partir para Hong Kong. Mas antes de escurecer eu estava de volta à rua. Estava muito calor lá

dentro e da cozinha vinha uma fumaça nojenta, o grito dos cúlis e das criadas ficava cada vez mais alto. Uma tentativa de tomar banho falhou, embora eu continuasse de sapatos para não escorregar, mas tudo o que tocava estava tão gorduroso e sujo que soltava, meio por nojo, meio porque estava escorregadio, assim como tudo o que queria enfrentar neste maldito país. No entanto, não devo culpar a China, mas não era igual em terra na Europa? Mesmo assim, era diferente: aqui as coisas esvaíam e a miséria era amarela e monótona, na Europa tudo me chocava e era negro e sardônico.

Por causa desses e de outros pensamentos, fiquei a ponto de enlouquecer novamente. Vesti-me de novo às pressas, agora não era mais uma camada de poeira de meses que me envolvia firmemente, como realmente era, mas uma pele velha, que nunca mais poderia arrancar. Fiquei do lado de fora no beco ao lado da pousada e de repente saí correndo, decidi ir jogar Fantan na última noite. Ao sair do beco, quase quebrei as pernas nos eixos de um riquixá que estava parado ali e rolei direto para dentro dele. Já estava quase escuro, mas havia poucas pessoas nas ruas, como de costume ao cair da noite em todas as cidades do Oriente. Também havia pouca luz nas casas, eram pobres demais até para comprar uma vela de sebo. Rapidamente quis sair daquele bairro e dirigi meu cúli sem dizer aonde ele deveria me levar.

Em algum lugar, no centro de uma cidade chinesa, não me lembro qual, é a entrada para o submundo. Há um buraco na rua do lado do rio, basta descer as escadas e entrar no reino dos fantasmas, assim como se desce em Londres para pegar o *underground*. Desce-se trinta degraus e pronto.

O cúli também não pararia em pé em um buraco tão aberto, sabendo que eu não suportaria isso no mundo habitado? E também não estava no mar e, portanto, não tinha para onde ir? Os cúlis do riquixá têm uma grande intuição para adivinhar os desejos de seus passageiros. Mas este apenas me levou até o final da rua e depois parou numa praçinha estreita, com a cabeça suja meio virada para mim. Vi uma casa com uma lanterna e, do lado oposto, um transparente e sujo '*first class Fantan house*', mas queria seguir em frente, estava envergonhado por ter importunado o cúli por uma distância tão curta, ansiava por mudança ou ar livre e exclamei: "*More far, Praia!*" Será que me entendeu? Ele se ergueu novamente da posição meio agachada em que estava, enquanto eu parecia oscilar entre duas lanternas. Os puxadores dali têm muito menos o que fazer e, no entanto, ficam muito mais cansados e ofegantes do que em outros lugares onde trotam por horas no calor do dia, mesmo nas ladeiras.

Ainda estávamos do lado chinês e tínhamos que passar pela alta parte intermediária mista antes que ele pudesse descer do outro lado. Isso foi ainda mais difícil, ele tinha que segurar a mim e ao riquixá com seu peso e força diminutos. Felizmente, as ruas estavam macias e lamacentas. Fiz algumas tentativas de sair, mas então ele recuou, aparentemente, estava com medo de perder a carga. Isso me deu alguma confiança. Enfim, vi uma faixa larga ao luar, no finalzinho da rua, já sentia o frescor.

Um riquixá surgiu da rua lateral e continuou atrás de mim até que mandei o cúli fosse para o lado e deixasse o outro passar. Não gostava de ter ninguém atrás de mim nessa cidadela, onde havia poucos ou nenhum policial. Devia ter começado a me apegar à vida outra vez para me preocupar com isso. O outro riquixá passou, transportava uma mulher inclinada para trás, lânguida ou cansada, seu rostinho moreno projetava-se ligeiramente acima da borda e um braço nu, esguio e sedutor, estava sobre a pintura.

Há anos eu não via uma mulher tão de perto. A boca era pequena e meio aberta, o nariz um pouco largo, como de todas as portuguesas, os olhos castanhos e sedutores, ou me enganei? Não, ela apenas riu, zombeteira ou gentilmente? Como poderia distinguir isso? Em todo caso, ela me observou, então não era de se admirar que eu tenha ficado perturbado e ordenei ao cúli que a seguisse, ele ficou atrás dela e cavalgamos ao luar na ampla Praia. Logo notei que já tinha estado ali, provavelmente quando tinha caminhado na noite anterior, mas os arredores já não me atraíam, estava tenso olhando para a carruagem à minha frente; só conseguia ver o cabelo preto preso no alto. Eu tinha certeza de que ela era magnificamente bonita.

Não se encontrava uma coisa assim em Hong Kong e depois aqui na pobre Macau! Mas era verdade, os portugueses, pelo menos os verdadeiros, e os poucos franceses que ainda deviam viver ali, eram mais exigentes que os colonos ingleses. Ou ela seria de uma família distinta? Mas então andaria sozinha à noite?

Continuávamos trotando e eu não olhava nem à esquerda, onde algumas sampanas e pequenos vapores balançavam na água enluzada, nem à direita, onde de vez em quando outro riquixá ou carroça passava por nós. Pois estava preocupado comigo mesmo e com o que fazer. Levá-la para o lado? Mas seria notado. Esperar até que virasse em uma rua lateral e eu pudesse entrar com ela sem ser visto? Talvez ela mesma não soubesse e um encontro dependia do que eu fizesse, e simplesmente continuei a segui-la. E se ela me escapasse? A vida em terra firme era complicada.

Finalmente havíamos rodado metade da Praia e ainda não tinha acontecido nada, ela logo se viraria ou entraria em algum lugar. Empurrei o cúli no lombo, ele disparou

para frente, de modo que fiquei ao lado dela e percebi imediatamente que havia cometido um erro. Ela se aproximou e me olhou indignada, gaguejei algumas palavras em português para me desculpar, ela acabou rindo; acho que poderia ter me dado bem com ela, afinal. Mas era tarde demais, seu riquixá de repente disparou para o lado, passou por um portão largo e entrou em uma garagem. No fundo avistei um grande prédio branco, que de longe devia ser o mais bonito de Macau. Portanto, ela morava ali.

Como se tivesse batido em uma parede invisível, meu riquixá parou tão de repente que quase fui projetado para fora. Para me livrar de uma vez do cúli, paguei-lhe uma quantia grande, mas isso teve o efeito contrário: ele ficou esperando no portão e com dificuldade consegui afastá-lo um pouco. Parei em frente ao portão, à sombra de um plátano, no final da avenida vi luzes por entre o verde, como se houvesse uma varanda coberta em frente à casa. Não consegui ficar parado e rastejei até lá. Havia cadeiras de balanço agrupadas, ela estava sentada em uma delas, virada para fora, na sua frente havia dois homens, um alto, grisalho e magro, o outro baixo e atarracado de cabelos pretos como carvão, um verdadeiro português. Os três falavam pouco, aparentemente, estavam entediados um com o outro. As cadeiras de balanço subiam e desciam lentamente, um criado apareceu, esperou uma ordem e tornou a desaparecer.

De repente ela me viu de pé, sua expressão alternou de surpresa para indignação e medo, e ela deve ter me delatado nesse momento, pois os dois homens vieram em minha direção, o rapaz gordo gritou comigo, o velho me agarrou; mas não tive muita dificuldade em me afastar.

Eles me deixaram ficar onde estava e começaram uma conversa. Entendi que o jovem estava alertando o velho para ter cuidado. Algum tempo atrás, um fanático missionário presbiteriano escocês assistiu uma procissão sem tirar o chapéu, o que causou uma briga, foi preso, mas teve de ser libertado com humildes desculpas ao governo inglês.

O que não teriam feito se um irlandês católico não tivesse mostrado respeito? Percebia-se como o velho ficou agitado e o outro tentou fazê-lo entender que nada poderia ser feito. Não parava de gritar: “Faria Amaral Passaleão, tudo por nada, humilhação”, e gesticulava descontroladamente. Por cima deles, eu olhei para a mulher e ela me olhou. Era como se o assunto não fosse da nossa conta, esqueci e voltei para ela. Eles me pegaram pelos braços, outro criado se juntou a eles, mas no final todos nós fizemos o mesmo gesto, encostamos os braços no corpo e balançamos a cabeça: não adiantava nada. O velho não conseguiu mais falar, o outro disse: “Nós o libertaremos se o senhor for embora do jardim imediatamente. Vá tomar um drinque.” Ele me deu um dinheiro.

Fiquei ali parado por um momento, mas a companhia entrou e caminhei lentamente pela avenida.

Bem ao lado da casa grande havia um bar meio escuro e miserável, eu tinha que ir para lá. Tentei perder a consciência o mais rápido possível e devo tê-la perdido rápido. Vi que o mesmo cúli estava esperando do lado de fora novamente. Primeiro a fidelidade me comoveu, depois me amargurou, mas um ressentimento mais forte prevaleceu; meus pensamentos mudaram, eu estava determinado a entrar. Afinal, aquele governador era apenas um simples português, e quem era sua filha? Uma mestiça, mais chinesa do que branca. Voltei para o jardim, a casa já estava escura, tudo o que vi foi uma mancha branca fraca. Não era Waglan, por onde o navio teve que passar no meio da noite de neblina? Uma raiz agarrou meu pé, caí de cara na lama preta e fiquei onde estava.

Acordei em meu quartinho no hotel chinês, sem um tostão e machucado, mas muito aliviado, como há anos não me sentia, desde que saí do *Trafalgar*. Como tinha voltado? Talvez tenha sido o mesmo cúli que esperou tão fielmente, no caminho ele deve ter me levado a um corredor escuro, me espancado até ficar inconsciente e me roubado. Bem, ele teve que dar um jeito de ser pago, eu não o culpava.

Mas como eu poderia voltar para Hong Kong sem dinheiro? Fui até o cais, fiquei escondido e subi a bordo com uma multidão de passageiros entre os conveses. O gordo comissário estava perto da escotilha, mas parecia me conhecer, pois fingiu que não me viu. Talvez todos os brancos vindos de Macau, onde perderam a sua fortuna, tenham passagem gratuita de volta às custas do governo português; talvez eu pudesse ter ido de primeira classe. Não arrisquei, fiquei feliz por poder ir junto. Lentamente, o barco deslizou para fora do cais em ruínas, o motor rangeu, o apito do vapor silvou, a multidão de pessoas a bordo e nem terra firme gritou umas às outras.

Lentamente também senti algo me escapando, não teria mais aqueles sonhos, talvez aquela luta noturna tivesse me feito bem. Mas provavelmente eu havia me livrado da maior parte na jornada após o ataque ao *Lochcatherine* e aquela luta foi o toque final. Pensei no meu medo do passado, fiquei espantado e me perguntei: como é possível? Mas de repente fiquei triste, eu mesmo fui libertado, mas outra pessoa que tinha buscado refúgio comigo não o encontrou. Eu tinha chegado tarde?

Talvez tivéssemos substituído um ao outro, eu me tornei ele e ele se tornou eu? Então agora eu era outra pessoa? Mas eu não queria me livrar de mim mesmo? Senti a

velha confusão tomar conta de mim outra vez e afastei os pensamentos como se fossem bactérias que agora eu podia resistir.

Fiquei triste porque Macau foi se afastando lentamente, ficando para trás na sua península. Navegamos ao redor dela, a cidade ficou estreita por um momento, depois vi toda a largura do outro lado outra vez e, entre os muitos prédios marrons, vi um prédio branco. Nunca voltaria lá. Uma espécie de ternura por aquele pobre e velho lugar em ruínas apertava minha garganta. Odiava Hong Kong com seus empórios e depósitos, mansões e mil castelos do mar flutuando ali na ampla baía azul. Gostaria de ter ficado em Macau para sempre, eu me encaixava ali: ninguém se importava comigo mesmo. No entanto, tive que permanecer na vida, nesta em que sempre é preciso se tornar algo para não degenerar.

Tinha acabado, voltei à velha existência a bordo de um navio, mas mais endurecida contra as agruras, o calor, as provocações, determinado a recusar novos encontros com a outra pessoa, a permanecer eu mesmo.

Enquanto Macau ficava atrás de mim e lentamente se distanciava, senti uma coragem triste crescer dentro de mim: bem, eu me tornaria como os outros, mas dali em diante minhas ações não seriam mais inibidas pelo pensamento de que eu estava perdido, mas fortalecidas pela convicção de que eu não tinha mais nada a perder e que o passado tranquilo e podre também não poderia me absorver para escapar da minha própria vida.

Voltava. Mas não ficaria muito tempo em um navio e entraria neste país pelo qual só tive uma viagem por uma estepe árida, alguns dias meio enfadonhos e meio bêbados em uma cidade deserta, depois costeiras, baixas e rochosas, quebradiças e lisas, mas sempre recuando, depois os portos, onde ocorre a troca de secreções entre a Europa e a Ásia, e as pessoas não passam de fermentos para acelerar o processo.

Primeiro procuraria o lugar que mais evitava, porque ser tão cruel com os desamparados e fracos que as pessoas podem morrer pacificamente na rua. Primeiro para Xangai. Dali, perpendicularmente da costa, através das planícies, até onde as montanhas se erguem longe dos nebulosos arrozais, entre os quais os campos de papoulas se estendem como lagos vermelhos.

Se a felicidade pudesse ser encontrada em qualquer lugar da terra, deveria ser lá, na mais antiga sabedoria, na mais sublime natureza e no mais puro prazer. Abençoado no presente, encorajado pelas muitas cicatrizes do passado, pude enfrentar sem medo todos os fantasmas e demônios, sem me deixar absorver por eles, oferecer-lhes hospitalidade sem mudar um fio de cabelo, uma célula.

Eu, que a princípio fui tão fraco e não ousei pisar em seu extremo, penetrarei nesta terra que sempre permaneceu intacta, que não repele, mas resiste; deixa-se vencer na aparência e destrói todos os bárbaros e estrangeiros em seu aperto lânguido, lentamente sufocante e sob a pressão de suas multidões.

Ser um dos milhões que nunca estão conscientes – que alegria –, ou, se isso for inatingível, ser alguém que sabe tudo, que passou por tudo e continua vivendo.

ANEXO II

Tradução de *ÚLTIMA APARIÇÃO DE CAMÕES*

Muitos anos depois de nossos fatídicos encontros, eu ansiava por vê-lo novamente, ele, a quem primeiro reverenciei como um herói, depois como um antigo companheiro cuja desfortuna lamentava, por fim desprezava como um sofredor disposto e, com dificuldade, o havia esquecido.

Agora me ocorreu que deveríamos dizer algo um ao outro.

Procurei-o onde quer que tivesse oportunidade de encontrá-lo; em Cascais, na câmara mortuária do mosteiro de Belém, onde construíram um mausoléu sobre um espaço vazio na terra que representa a sua sepultura, de novo na gruta perto de Macau, sob o dossel rochoso, em diferentes locais da costa chinesa, em orlas íngremes e baías rasas.

Há muito já havia desistido e uma noite dormi em uma pequena estalagem em Kwan-Tung, planejando ir para Lo-Lo; ali, ele veio passar a noite.

Ele parecia diferente de antes, não mais ameaçador e orgulhoso, mas ansioso, suplicante, submisso. Ele tinha perdido um olho, mancava, seu rosto estava coberto de crostas e feridas, provavelmente sua pele também. Ele usava um gibão largo, dobrado na frente sobre o corpo. Ele veio até mim e disse:

“Fiquei assim e não tenho arrependimentos, nem pena de mim. Sofri pela salvação do país, ele não me deu nada em troca, deixou-me morrer de fome. Tirou-me a mulher destinada a mim, fez com que ela se casasse com um príncipe que a contaminou e depois a aprisionou. Não o traí, não causei rebelião, apenas zombei dele em alguns panfletos, mas fora isso não reclamei nem me defendi e aceitei meu destino, assim como o país mais tarde aceitou o seu. Às vezes dispus sua antiga grandeza, junto com a minha, no poema. Isso é tudo o que resta de nós. Agora meu retrato está pendurado em todos os lugares, minha estátua está em muitas praças, peregrinações são feitas onde talvez eu tenha sido enterrado. E continuo vivo, tão doente e maltratado quanto na minha morte. Estou satisfeito.”

“Então o que está fazendo aqui? Fique no país se eles o honram tanto lá e pode viver nele.”

Ele se sentou no banco, eu voltei para o outro lado. Queria me levantar e tentar passar pela porta, mas não consegui.

Ele se sentou do outro lado e ficou brincando com um toco de espada e uma cruz pendurada em seu peito. Um pus espesso escorria das feridas em seu rosto, lentamente, como a gordura de uma vela, em sua gola de renda como um castiçal. Seu olho restante às vezes piscava intensamente e depois apagava outra vez.

“Aqui também é um lugar onde minha memória é honrada e prefiro ficar aqui do que em meu próprio país, que é como uma grande sepultura aberta. Este é um grande cemitério, não há lugar onde não haja túmulos. Mas os vivos levam suas vidas alegres e miseráveis entre eles. Prefiro ficar aqui. Mas agora não posso sair daqui. E queria voltar a Macau.”

“E quer me persuadir a voltar ao passado? Com você? Para mim chega!”

Ele ficou onde estava, não fez nenhuma tentativa de me acolher, fixou o único olho em mim.

“Quanto mais pensa na sua própria salvação, mais miserável fica. Já percebeu isso. Está melhor agora do que em seus navios a vapor, quando jantava com sete pratos?”

“Está melhor mesmo? Deixou que te expulsassem de Lisboa,¹⁰⁸ onde amou de verdade, que foi usado na Índia e na China como soldado raso quando devia ter sido oficial. E ainda assim glorificou o país e o tornou imortal. E o que ele fez quando você voltou? Eu gostaria de saber. Em todo caso, agora você anda por aí eternamente com o rosto cheio de feridas e talvez os fantasmas sintam-se diferente das pessoas, mas provavelmente eles também não achariam bom.”

“Foi uma coincidência. E é verdade: se voltasse ao meu país, não estaria melhor. Mas não é culpa dele. Ele se empobreceu, perdeu suas posses, foi atacado pelos mouros no mar e pela Espanha em suas costas largas, fracas e desprotegidas. E depois veio a epidemia de varíola em Lisboa e, coincidentemente, o meu tempo acabou e tive de morrer desta doença. Nada além de coincidência, essas feridas.

Além disso, eu não era o pior. Damas de companhia e príncipes de sangue tinham feridas tão fortes, profundas e extensas que ninguém as tocava para cuidá-las, e nem para enterrá-los depois de mortos. Jogaram óleo em seus leitos mortais e assim foram queimados. E ainda estou enterrado. E as honras vieram depois. Milhares já passaram pelos locais onde suspeitaram que minha sepultura estava! É melhor ter vivido, ainda que em desastres, do que sempre deixar a vida passar, procurando algo que não existe e não

¹⁰⁸ Em português, no original, neste texto inteiro. (N. do T.)

deixando nada para trás. Os desastres são bons para desviar o olhar, a atenção do terrível que se abre atrás de cada vida.”

“Mas se isso não existe mais, se foi atenuado pela atenção que atraiu, então os desastres não são mais necessários, nem a preservação do passado, nem na China e em lugar nenhum. Então o passado desapareceu como um sonho sombrio, como uma nuvem que pairava sobre o horizonte. Então pode-se respirar, viver na terra enquanto ela durar, sem temer o fim. Então não é mais um começo e os desastres não são mais necessários. Não precisa mais procurá-los, nem evitá-los.”

“Então você se atreveu a viver sem desastres e a ver as profundezas? Não parece muita coisa.”

“Ainda não. Ainda não consigo tirar os olhos de você, quando me viro o passado me ataca. E agora, saia daqui!”

Deslizei pelo banco até ele, que foi saindo lentamente em direção à porta. Ele se encostou no poste e se virou para que eu não pudesse ver seu rosto. Sua figura ainda parecia boa, melhor que seu rosto, ao qual o orgulho ferido e o apelo por compreensão compassiva se combinavam para dar um traço repulsivo. Todos os portugueses aparentam assim e se assemelham. Tentei forçá-lo a sair pela porta.

“Deixe-me viver em seu corpo por alguns momentos e vivenciar a vida na terra que eu mesmo pulei.”

“Nunca. Só me importo com a minha própria salvação. Também já sofri bastante, embora não tenha sido por uma religião ou um país. Felizmente já me livrei disso. Já sofri por mim, quero me esquecer nos outros. Não posso fazer isso se sempre tiver você na minha frente.”

“Então veja como eu vivi”, ele disse.

Logo consegui abrir a porta. Mas não havia corredor, sob a soleira havia um vazio, muito abaixo de um rio, do outro lado havia uma cidade nas montanhas, as casas grandes, brancas e marrons, meio desmoronadas, o rio cheio de navios, um ainda navegando, o sol e o vento batiam nas velas e nos arriéis do convés; os outros estavam parados, meio desmastrados, de um marrom opaco, a madeira encolhida de modo que o casco do navio estava desfigurado, homens de olhar ansioso por toda parte na proa, implorando ao país que os havia enviado e que não os receberia de volta, que negava qualquer conexão com eles, enquanto foram eles que primeiro trouxeram os tesouros e depois as doenças.

Então veio um choque, casas e palácios caíram, uma nuvem imunda pairava sobre a cidade como um grande abutre, mas com as garras ainda retraídas. Então intermináveis

procissões vieram das ruas direto para o rio e caixões caíram em todos os lugares na água. Posteriormente, não eram mais caixões, mas cadáveres envoltos em pano cinza, bem posteriormente, corpos descobertos. Vi os sinos tocando, será que foi alguém que os tocou ou foi o terremoto que os balançou? Foi assim que a cidade se livrou dos residentes excedentes.

Ele me olhou meio reprovador, meio triunfante.

“Isso não poderia ter acontecido nessa cidade”, gritei. “Ela é forte demais, pode matar facilmente milhares de pessoas, mas permanece a mesma. Não quero saber mais nada sobre o passado e de sobre quem se apegou a ele. Deixe-me passar!”

Nunca deixaria meu destino ir embora tão abatido, nunca desperdiçaria minha existência servindo a poderes que parecem grandes no mundo, mas são insignificantes, como se nunca tivessem existido. Agora eu conhecia o exemplo em todo o seu horror. Exaltado, ele tinha visto o florescimento e as convulsões de um pequeno e escasso império, tão devastadores e glorificados em poemas sonoramente pesados, mas tão tolamente vãos quanto o choque de armas e rugidos de canhões. Depois disso, ele teve a covardia de voltar em outra época, aguardando apreço pela fama. E sem vontade, sem resistência, deixou-se morrer de fome, ainda agradecido com a esmola de uma mesada anual insuficiente e as migalhas na mesa dos poucos ricos.

Há muito eu disse adeus ao passado; mais do que em um espaço povoado de fantasmas, vivo no vazio gelado que se formou ao meu redor em meu próprio tempo, como uma atmosfera fina, mas inabalável, que repele qualquer aproximação de outro lugar, onde os sinais de afeição humana desaparecem, como meteoros sibilando antes de atingirem a superfície em que caíram. Mas, para ele, aquele ambiente defensivo que se fechava não era um obstáculo.

Também a ilusão de que existe um país na terra onde se pode aquecer com o seu esplendor, depois de longas viagens a lugares povoados para finalmente chegar aos desabitados, essa ilusão também teve de ser perturbada e a sua visita inesperada ajudou muito.

Esse país não existe.

Felizmente, eu já estava desaparecido e fui capaz de completar meu tempo orbital neste planeta fora de seu território e sem desejo. Conheço um país onde me abaixo, que não pergunta de onde vim, que me agradece por ter vindo, onde o espaço é vazio, o céu é povoado apenas por abutres e a terra apenas por cães e lobos famintos por seres vivos.

Ali a terra agradece e devolve amplas expressões de afeto, o que não se esperaria de sua aridez.